

Maise Caroline Zucco

**VIAGENS E PERMANÊNCIAS DOS FEMINISMOS: O
TRÂNSITO DOS SABERES NO EIXO-SUL DO
CONHECIMENTO
(BRASIL E ARGENTINA 1960-1999)**

Tese submetida ao Programa de Pós
Graduação em História da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Doutora em História.
Profa. Dra. Joana Maria Pedro.

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Zucco, Maise Caroline

Viagens e Permanências dos Feminismos : o trânsito dos saberes no eixo sul do conhecimento (Brasil e Argentina 1960-1999) / Maise Caroline Zucco ; orientadora, Joana Maria Pedro - Florianópolis, SC, 2014.

400 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Estudos feministas. 3. Estudo de gênero. 4. História intelectual. I. Pedro, Joana Maria. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Folha entregue com assinaturas da banca

AGRADECIMENTOS

Por mais que uma tese, com a sua finalidade acadêmica, seja fruto de um investimento pessoal em parceria com nossas orientadoras e orientadores, dedico meus sinceros agradecimentos a algumas pessoas que contribuíram das mais diversas formas para a realização deste trabalho.

Inicialmente gostaria de agradecer todo apoio e orientação, que não se restringe ao período de doutoramento, à professora Joana Maria Pedro. Obrigada por compartilhar seu conhecimento e por ter sido uma incentivadora na continuidade de meus estudos. Aproveito a oportunidade para também agradecer à professora Paola Bacchetta, pela orientação e apoio burocrático durante meu doutorado sanduíche na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Suas contribuições foram de grande importância para a realização desta tese.

Meus agradecimentos às professoras que aceitaram o convite para participação da banca e em especial à professora María Luisa Femenías e Suzana Bornéo Funk pelas contribuições fornecidas durante minha qualificação.

Às/aos colegas do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC e do Laboratório de Estudos de Gênero com as/os quais encontrei parcerias para o aprofundamento dos debates historiográficos e ligados aos estudos feministas e de gênero. Meu especial agradecimento à Soraia Carolina Mello, Claudia Regina Nichnig, Maria Cristina de Oliveira, Gabriela Miranda Marques, Anamaria Marcon Venson, Grazielle Regina Amorim Arraes, Deusa Maria de Sousa com quem pude estreitar ainda mais os laços de amizade, compartilhar angústias e questionamentos sobre a elaboração da tese, além de dividir experiências profissionais. Às amigas Ana Rita Fonteles Duarte e Edma Cristina Alencar de Góis parceiras nos “Fazendos Gêneros” e que sempre terão um espaço em Florianópolis, literalmente.

Agradeço às diversas pessoas dos lugares que atuei durante esses anos de doutoramento como o Centro Educacional Jardim dos Sonhos, as que participaram das duas edições do curso Gênero e Diversidade na Escola, realizado em Santa Catarina, às/os profissionais do Departamento de Metodologia de Ensino em História da UFSC, às/aos professoras/es e bolsistas integrantes do Instituto de Estudos de Gênero e da Revista Estudos Feministas. Agradeço também as pessoas com as quais pude conviver no período em que estive Oakland, em especial à Nazym Shedenova, Maria Di Petrillo, Carly Greenberg, Selina Shieunda Makana e Siva Rama Satyam.

Gostaria ainda de agradecer aos meus amigos familiares ou familiares amigos, Taís Zucco, Cecília Cavalieri, Sergio Luis Schlatter, Carmem Vera Ramos, que estiveram comigo durante todo esse processo. Especial agradecimento aos amigos de discussões intermináveis e divagadoras, além de orientadores informais deste trabalho, Jair Zandoná e Joana Vieira Borges. Sou imensamente agradecida por todo o apoio, carinho e muitas vezes leveza fornecida a essa dura jornada.

Meu grande agradecimento à minha família, importante incentivadora dos meus estudos. Mãe, pai, Maria, Luiz, obrigada pelo afeto, paciência, inspiração e suporte. A lista de contribuições de vocês a este trabalho poderia ser interminável.

Por fim agradeço a Capes, seja pela bolsa de estudos, seja no apoio ao doutorado sanduíche; fomentos sem os quais esta pesquisa seria inviável.

RESUMO

A tese investigou como os estudos feministas e de gênero latino-americanos que viajaram para a Argentina e o Brasil entre os anos de 1960 e 1999. Este trabalho procurou identificar e analisar o que foi produzido e circulou usando esses dois países como recorte. Os objetivos desta pesquisa foram visualizar as fronteiras marcadas pelos contextos geo-históricos da produção, os lugares onde os agentes do conhecimento publicaram seus textos e os mecanismos que promoveram a distribuição desses conhecimentos. Como metodologia foi utilizada a investigação no depósito legal e em quatro periódicos acadêmicos. Na Argentina duas instituições que preservam a herança nacional publicada e torna acessível às gerações presentes e futuras foram investigadas: a Biblioteca Nacional de la República Argentina e La Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina, ambas localizadas em Buenos Aires; e no Brasil a Biblioteca Nacional. Para esta pesquisa foram também investigados quatro periódicos acadêmicos: *Feminaria* e *Mora* na Argentina, e *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas* no Brasil. Esses foram criados no fim da década de 1980, início de 1990, contexto em que os estudos de gênero se estabeleceram dentro das Universidades como conhecimento acadêmico na Argentina e no Brasil. Por fim, esta tese identificou os conhecimentos latino-americanos que viajaram para esses dois países, quais suas características, contextos históricos e as trajetórias dos estudos feministas e de gênero; estabelecendo um exercício epistemológico em torno desse campo de saber que identificou um maior diálogo com o conhecimento produzido em lugares como a Europa e os Estados Unidos do que países latino-americanos, com experiências históricas similares.

Palavras-chave: Estudos Feministas; Estudos de Gênero; História Intelectual; Brasil; Argentina.

ABSTRACT

The thesis investigated how Latin American feminist and gender studies knowledge traveled, in Brazil and Argentina, between the years of 1960 and 1999. This work intended to identify and analyze what was produced and circulated, using these two countries as a historical cutout. The objectives of this research were to visualize the borders marked by the geo-historical contexts of production, the places where the knowledge agents published their texts, and the mechanisms that promoted the distribution of these knowledge. As methodology it used the investigation in legal deposit and four academic journals. In Argentina two institutions preserve the published national literary heritage and make them accessible to present and future generations were researched: the Biblioteca Nacional de la República Argentina, and La Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina, all located in Buenos Aires; and in Brazil the Biblioteca Nacional is responsible for the legal deposit. For this research was also investigates four academic journals: *Feminaria* and *Mora* in Argentina, and *Cadernos Pagu* and *Revista Estudos Feministas* in Brazil. These journals were created at the end of 1980s, beginning of the 1990s, context of gender studies were established inside the University as academic knowledge in Argentina and Brazil. At last this thesis identified what Latin American knowledge traveled to these two countries, analyzed their characteristics, the historical context, and the feminist and gender studies trajectories, establishing an epistemological exercise around that knowledge field recognizing a greater dialogue with the knowledge produced in places like Europe and the United States than Latin American countries with similar historical experiences.

Keywords: Feminist Studies; Gender Studies; Intellectual History; Brazil; Argentina.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABI - Associação Brasileira de Imprensa

AI-1 - Ato Institucional número 1

AI-2 - Ato Institucional número 2

AI-5 - Ato Institucional número 5

AIEM - Área Interdisciplinaria de Estudios de la Mujer ou Área Interdisciplinar de Estudos da Mulher

AL - Alagoas

ALN - Aliança Libertadora Nacional

AMA - Agrupación de Mujeres Argentinas

ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

ARENA - Aliança Renovadora Nacional

ATEM - Asociación de Trabajo y Estudio Sobre la Mujer 25 de noviembre

BA - Bahia

BCNA - Biblioteca do Congresso da Nação Argentina

BN - Biblioteca Nacional do Brasil

BNRA - Biblioteca Nacional da República Argentina

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CE - Ceará

CEDES - Centro de Estudios de Estado y Sociedad

CEM - Centro de Estudios de la Mujer

CEPAL - Comissão Econômica para América Latina

CESMA - Centro de Estudios Sociales de la Mujer Argentina

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CODI - Centro de Operações para a Defesa Interna

CONICET - Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas

CUT - Central Única dos Trabalhadores

DAC - Departamento de Assuntos Culturais
DF - Distrito Federal
DI da Guanabara - Dissidência da Guanabara do PCB
DIMA - Derechos Iguales para la Mujer Argentina
DNDA - Direção Nacional dos Direitos do Autor
DOI - Sistema de Operações Internas
EUA - Estados Unidos da América
FAEP - Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa da UNICAMP
FAP - Montoneros e as Fuerzas Armadas Peronistas
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão do Estado de São Paulo
FGV - Fundação Getúlio Vargas
GO - Goiás
IBCCRIM - Instituto Brasileiro de Ciências Criminais
IFLA - International Federation of Library Associations and Institutions
IEG - Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género
LEGH - Laboratório de Estudos de Género
LGBTTT - Movimentos lesbianos, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros
MASP - Museu de Arte Moderna de São Paulo
MDB - Movimento Democrático Brasileiro
MEC - Ministério da Educação e Cultura
MFPA - Movimento Feminino pela Anistia
MG - Minas Gerais
MLF - Movimento de Liberação Feminista
MLM - Libertação das Mulheres
MR-8 - Movimento Revolucionário 8 de Outubro
MST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra
NACi - Núcleo de Antropologia e Cidadania
NEGUEM - Núcleo de Estudos de Género e Pesquisa sobre a Mulher
NEIM - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher

NEM - Núcleo Acadêmico de Estudos sobre a Mulher
NEMGE - Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero
NEPEM - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher
OAB - Ordem dos Advogados do Brasil
OBAN - Operação Bandeirante
ONGs - Organizações não Governamentais
ONU - Organização das Nações Unidas
PA - Pará
PB - Paraíba
PC do B - Partido Comunista do Brasil
PCB - Partido Comunista Brasileiro
PCBR - Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
PDT - Partido Democrático Trabalhista
PE - Pernambuco
PIEMG - Programa Interdisciplinar de Estudos de Mujer y Género
POLOP - Política Operária
PR - Paraná
PT - Partido dos Trabalhadores
PTB - Partido Trabalhista Brasileiro
PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
REDEFEM - Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas
REDOR - Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero
REF - Revista Estudos Feministas
RJ - Rio de Janeiro
RS - Rio Grande do Sul
SC - Santa Catarina
SCDP - Serviço de Censura e Diversões Públicas
SciELO - Scientific Electronic Library Online
SEAC - Secretaria de Assuntos Culturais
SP - São Paulo

Triple A - Aliança Anticomunista Argentina
UBA - Universidad de Buenos Aires ou Universidade de Buenos Aires
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFA - União Feminista Argentina
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos
UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNESP - Universidade Estadual Paulista
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo
UNR - Universidad Nacional de Rosário
UNSAM - Universidad Nacional de San Martin
USP - Universidade de São Paulo
VAR-Palmares - Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares
VPR - Vanguarda Popular Revolucionária

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	p. 19
2. CAPÍTULO 1 Saberes científicos e os feminismos: historicidade e consolidação no meio acadêmico	p. 35
2.1 FEMINISMOS, GÊNERO E ACADEMIA	p.55
3. CAPÍTULO 2 Argentina e Brasil: viagens no Eixo-Sul	p. 71
3.1 ARGENTINA: O TRÂNSITO ATRAVÉS DAS DÉCADAS	p. 81
3.2 BRASIL: DESCONTINUIDADES NA CIRCULAÇÃO DE SABERES	p. 91
3.3 AS VIAGENS PELO DEPÓSITO LEGAL	p. 106
4. CAPÍTULO 3 Argentina e Brasil: viagens nas páginas dos periódicos	p. 115
4.1 ARGENTINA: DIÁLOGOS ATRAVÉS DAS FRONTEIRAS	p. 124
4.2 BRASIL: MOBILIDADE DOS SABERES	p. 138
5. CAPÍTULO 4 Saberes migrantes: fronteiras dos estudos feministas e de gênero	p. 157
5.1 PERCURSOS DOS SABERES QUE APORTARAM NA ARGENTINA	p.161
5.2 TRAJETÓRIAS DO SABERES LATINO-AMERICANOS NO BRASIL	p.180

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 219
7. REFERÊNCIAS	p. 227
7.1 FONTES	p. 242
8. APÊNDICES	p. 245
8.1 APÊNDICE A Pesquisa realizada na Biblioteca do Congresso da Nação Argentina e na Biblioteca Nacional da República Argentina (1960-1999)	p. 247
8.2 APÊNDICE B Pesquisa realizada na Fundação Biblioteca Nacional (1960- 1999)	p. 277
8.3 APÊNDICE C Livros da busca realizada na Biblioteca Nacional do Brasil sem o registro do ano de publicação	p. 319
8.4 APÊNDICE D Textos de Autoras/es argentinas/os publicados na revista Mora	p. 327
8.5 APÊNDICE E Textos de Autoras/es argentinas/os publicados na revista Feminaria	p. 331
8. 6 APÊNDICE F Textos de Autoras/es estrangeiras/os publicados na Mora	p. 343
8. 7 APÊNDICE G Textos de Autoras/es estrangeiras/os norte-americanas/os e europeias/eus publicados na Feminaria	p. 345
8.8 APÊNDICE H Textos de Autoras/es estrangeiras/os do Eixo-Sul publicados na Feminaria	p. 351

8.9 APÊNDICE I

Textos de Autoras/es brasileiras/os publicados na Revista
Estudos Feministas

p. 354

8.10 APÊNDICE J

Textos de Autoras/es que possuem conexões com o Brasil
publicados na Revista Estudos Feministas

p. 371

8.11 APÊNDICE K

Textos de Autoras/es brasileiras/os publicados em Cadernos
Pagu

p. 373

8.12 APÊNDICE L

Textos de Autoras/es que possuem conexões com o Brasil
publicados no Cadernos Pagu

p. 383

8.13 APÊNDICE M

Textos de Autoras/es estrangeiras/os publicados na Revista
Estudos Feministas

p. 385

8.14 APÊNDICE N

Textos de Autoras/es estrangeiras/os publicados na Cadernos
Pagu

p. 395

1. INTRODUÇÃO

A temática desta tese perpassa as viagens do conhecimento ligado aos estudos feministas e de gênero¹ pelas diferenças geo-históricas, evidenciando as fronteiras, as quais alguns saberes receberam visto e outros permaneceram em seus lugares de origem, analisando as migrações em um Eixo-Sul. Investigando o trânsito de ideias e os elementos históricos que deram suporte a esse trânsito, este trabalho buscou perceber as relações de poder que viabilizaram a circulação dos conhecimentos em um determinado campo², tomando como recorte espacial as produções latino-americanas estrangeiras aos contextos argentinos e brasileiros e que aportaram nesses dois países no período que compreende as décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990. Esses foram períodos em que países latino-americanos vivenciaram ditaduras militares (Brasil 1964-1985; Argentina 1966-1973, 1976-1983; Uruguai 1973-1985, por exemplo), censura aos meios de comunicação, às atividades e produções culturais, foram impossibilitados de organizarem-se publicamente e tiveram seus direitos cerceados em diferentes momentos e segundo especificidades de cada território³. Foram também períodos de redemocratização, a partir da década de 1980, de luta pelos direitos sociais, de defesa da cidadania e ascensão dos movimentos feministas de Segunda Onda⁴. Nesse sentido, muitos desses sujeitos que experienciaram esses contextos da década de 1960 e 1970, que ligados ao campo acadêmico ou à militância, passaram a

¹ Refiro-me aqui ao campo de estudos ligado às temáticas relativas às mulheres, que teve influência dos movimentos feministas, e que nos meios universitários passou a se dedicar tanto às relações entre o feminino e o masculino, às múltiplas identidades e mesmo à historicidade dessas mobilizações sociais. Ao longo do trabalho as características desse campo serão exploradas.

² Ao tratar dos estudos feministas e de gênero como um campo, faço referência ao debate de Pierre Bourdieu sobre o campo intelectual, embora não compreenda esse em oposição às elites ou esteja atenta ao *Habitus*. A esse respeito ver: BOURDIEU, Pierre. Campo de Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe. In: *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

³ Cf. FAUSTO, Boris; DEVOTO, J. Fernando. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1985-2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

⁴ Vera esse respeito: SCHILD, Verónica. Novos Sujeitos de Direito? Os movimentos de mulheres e a construção da cidadania nas “novas democracias”. In: ALVAREZ E. Sonia. DAGNINO, Evelina. ESCOBAR, Arturo. *Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos: Novas Leituras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 149-183.

narrar, investigar e publicar livros e textos sobre estudos ligados às mulheres, aos feminismos e aos estudos de gênero durante os anos 1990.

Ao investigar algumas décadas dessas migrações de ideias e os elementos que deram suporte a esse trânsito, destacando as formas de estabelecimento das fronteiras que transitaram entre um contexto histórico de governos ditatoriais e democráticos, esta tese mapeou as discontinuidades no trânsito desse conhecimento e analisou de forma pontual a circulação desses em um recorte de periódicos da área na última década do século XX; contexto em que os estudos ligados às perspectivas feministas se consolidaram nas instituições de ensino superior na Argentina e no Brasil. Inicialmente a tese atravessa todo o recorte temporal e faz um levantamento quantitativo – a partir do mapeamento através do depósito legal⁵ –, dos livros publicados e comercializados nesses dois países identificando autoras e autores e as origens territoriais dos textos que viajaram em um Eixo-Sul entre os anos de 1960 e 1999. Dessa forma, proponho uma breve reflexão sobre a circulação de conhecimento sobre estudos das mulheres, feminismo e estudos de gênero no Brasil e na Argentina a partir dos números de livros publicados nos próprios países, traduções e livros que circularam em língua materna. Posteriormente estabeleço esse mesmo exercício de levantamento dos artigos publicados nos periódicos argentinos *Feminaria* e *Mora*, e nos periódicos brasileiros *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas* e analiso os textos estrangeiros latino-americanos que aportaram nesses dois territórios⁶ identificando os trabalhos que viajaram e as diferenças de mobilidade em um contexto globalizado.

O desenvolvimento desta proposta de pesquisa foi articulado a partir de minha dissertação de mestrado intitulada *Mulheres e*

⁵ O depósito legal é uma atribuição, que em alguns países é amparada legalmente, em que qualquer material produzido ou comercializado deve ter mais de um exemplar doado a uma instituição nacional reconhecida. Cf.: LARIVIÈRE, Jules. *Legislación sobre Depósito Legal: Directrices. Guidelines for legal deposit legislation.* Disponível em: http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=24108&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html. Acesso em: 13 de maio de 2011.

⁶ Ao longo do trabalho faço uso do termo “território” para abordar os espaços político-geográficos demarcados por fronteiras que determinam contemporaneamente os países. Contudo entendo que essas fronteiras e mesmo a ideia de nação é algo fluído, negociado diante de diferentes conjunturas históricas e elementos culturais.

*Feminismos: as relações de Florianópolis no âmbito nacional*⁷ que teve o intuito de perceber a constituição dos grupos de mulheres e feministas em Florianópolis e a relação com outras localidades brasileiras. Em meio a um recorte histórico similar, identifiquei a existência de uma rede de relações que orientou a formação de grupos de mulheres e feministas na capital catarinense. Nesse cenário, grupos de São Paulo e do Rio de Janeiro, grandes centros urbanos brasileiros na época, foram referência na formação da Associação Profissional de Empregadas Domésticas de Santa Catarina e do núcleo catarinense do Movimento Feminino pela Anistia⁸, ambos sediados em Florianópolis. O Coletivo de Mulheres Amálgama e o Grupo Feminista Vivências – consideradas as únicas formações feministas durante a Segunda Onda na capital catarinense – mantiveram estreito contato com os grupos dessas duas grandes cidades brasileiras, chegando a distribuir o jornal feminista *Mulherio*⁹ na cidade. Acrescido aos grupos de mulheres e feministas, minha pesquisa também investigou o campo da produção de conhecimento catarinense, que havia se reconfigurado durante a década de 1990, com a visibilidade de centros de pesquisa, fenômeno corrido também em outras localidades brasileiras. Essa investigação apresentou diferenças regionais nos textos que procuravam narrar os feminismos no

⁷ ZUCCO, Maise Caroline. *Mulheres, feminismos em Florianópolis e suas relações com outros espaços de poder no território brasileiro*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

⁸ O Movimento Feminino pela Anistia foi criado no Brasil, em 1975, no intuito de lutar pela anistia das/dos perseguidas/dos políticos da Ditadura Militar estabelecida no ano de 1964. Como norma da instituição, fizeram parte de seus quadros apenas mulheres, distribuídas em diversos núcleos pelo país, na busca de familiares desaparecidos. Cf. DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Memórias em disputa e jogos de gênero: o Movimento Feminino pela Anistia no Ceará (1976-1979)*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2009.

⁹ *Mulherio*, ou *O Mulherio*, foi um periódico feminista brasileiro, que circulou entre os anos de 1981 e 1988. Sua sede permaneceu até 1983 na Fundação Carlo Chagas, quando sua edição passou a ser de responsabilidade do Núcleo de Comunicação Mulherio. Cf. NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. *As Organizações Não-Governamentais (ONGs) Feministas Brasileiras. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. ABEP. Caxambú, 2006*. Disponível em: http://maismulheresnopoderbrasil.com.br/pdf/Sociedade/As_Organizacoes_Nao_Governamentais_ONGs_Feministas_Brasileiras.pdf. Data de acesso: 21 de junho de 2011.

Brasil. As produções textuais de profissionais ligadas a instituições sediadas em São Paulo e no Rio de Janeiro assumiam autoridade discursiva para escrever sobre “a história do feminismo” no país. Outro fenômeno identificado foi que a partir de escritas que se propunham a narrar essa história, no singular, os eventos ocorridos predominantemente nas duas localidades constituíram o que foi nomeado como movimentos feministas de Segunda Onda no Brasil.

Essas relações de poder que permearam o recorte local me impulsionaram para reflexões sobre os diálogos entre os saberes feministas em um contexto mais amplo, questionando sobre os possíveis trânsitos na América Latina e como seriam esses fluxos de trabalhos chilenos, bolivianos, mexicanos, por exemplo, para os territórios argentinos e brasileiros. Claudia de Lima Costa possui importantes reflexões teóricas que abordam a migração dos saberes feministas vindas de um Eixo-Norte, e o que circulou em um contexto latino-americano¹⁰. Segundo sua análise, as teorias cruzam fronteiras a partir de um visto que privilegia textos provenientes de grandes centros, pertencentes a autoras e autores brancos, em um contexto de produção do saber de Primeiro e de Terceiro Mundo. Além disso, a autora conclui que a migração de um texto implica uma tradução, que por sua vez é uma traição, que se despolitiza ao aportar em outro contexto. Em *As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução*, a autora ainda aponta para característica presente na representação da produção bibliográfica das “metrópoles” e das “periferias”. Das localidades tomadas como metrópoles é esperada uma produção teórica, enquanto que das supostas periferias se espera a realização de estudos de caso. Para Costa, ocorre um “binarismo perverso” que faz com que exista um conhecimento sólido sobre localidades e comunidades específicas em oposição ao abstracionismo teórico sem origem ou ponto de chegada definidos, formados por uma lógica rizomática¹¹.

¹⁰ Entre esses textos podemos citar: COSTA, Claudia de Lima. As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000. p. 43-48.; COSTA, Claudia de Lima. As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexões do campo. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 11, n. 1, 2003. p. 254-264.; COSTA, Claudia de Lima. O tráfico do gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 11, 1998. p. 134-135.;

¹¹ COSTA, Claudia de Lima. As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000. p. 43-48.

Além de Claudia de Lima Costa, Nora Dominguez, em seu texto *Diálogos del género y como no caerse del mapa*¹² também discute as migrações dos saberes nesse campo, embora seu enfoque seja fazer uma crítica às teorias feministas estadunidenses e europeias que chegam à América Latina sem uma reflexão prévia, propondo, então, um conceito de tradução dinâmico e ativo. Assim, o que a autora sugere é uma discussão que tenha como dimensões territoriais o fluxo de conhecimento do Norte para Sul no que diz respeito ao trânsito de teorias.

Saindo das especificidades do campo dos estudos feministas e de gênero, o conhecimento científico possui uma trajetória que passa pelo seu conceito moderno, que estabeleceu uma seleção dos seus sucessos, apagando a contribuição das controvérsias e dos erros em sua construção. A crise dessa noção passou pela compreensão da impossibilidade de domesticação e previsão dos padrões científicos e, no caso das Ciências Humanas, do reconhecimento de outros saberes que assumiram um lugar de oposição. Tratam-se dos “conhecimentos locais” e da “etnociência” que na subalternidade de sujeitos como “a mulher” e “o selvagem” ampliaram o conceito de ciência para contextos globais e para compreensões multiculturais, superando a colonialidade do saber¹³. A partir da pluralidade o binarismo moderno entre o saber local e o saber global, que faz relação respectivamente com as noções de tradicional e de moderno, são constituídos os questionamentos do conhecimento hegemônico a partir do Sul¹⁴. Esse foi um movimento em que as epistemologias feministas tiveram uma grande contribuição, assinalando a necessidade de mudanças paradigmáticas na construção dos saberes no campo científico¹⁵. Nelly Richard, em *Experiência e representação: o feminino, o latino-americano*, afirma que a teoria é a ferramenta do feminismo para transformar os sistemas dominantes, mas a noção de experiência – defendida pelo feminismo latino-americano –

¹² DOMINGUEZ, Nora. Diálogos del género y como no caerse del mapa. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000. p. 113-126.

¹³ SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. de; NUNES, João Arriscado. Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: SANTOS, B. de S. (org.). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 21-121.

¹⁴ *Ibidem*. p. 33-35.

¹⁵ *Ibidem*. p. 36.

vai contra a “abstração neutralizante do saber”¹⁶. É a partir do conceito de experiência que, segundo a autora, é possível lutar contra a cientificidade do saber objetivo em prol de um lugar específico da enunciação, situado, e que designa processos de atuação. Seria em meio a essas representações e definições do conhecimento científico e dos saberes ligados ao campo dos estudos feministas que trabalhos de autoras e autores latino-americanos viajaram para a Argentina e para o Brasil.

Com base nas esclarecimentos e representações em torno da produção do conhecimento, é possível assinalar duas características: a elaboração de um saber teórico, mais abstrato e que serve de aporte para outras pesquisas; e a elaboração de um saber ligado às especificidades regionais e, de certa forma, à noção de experiência. Entretanto, mesmo compreendendo as especificidades dessas duas formas de conhecimento, utilizo ao longo da tese o termo “ideias” para referir-me a junção dessas duas características. Entre os livros encontrados no depósito legal temos uma vasta produção que passa por diferentes gêneros textuais, entre literatura e textos teóricos. Nesse momento me atenho a um levantamento quantitativo atravessando as décadas de 1960 até o final da década de 1990 para refletir sobre as descontinuidades em meio a essa diversidade. Já em relação à seleção de periódicos enfoco em ensaios, artigos e relatos de experiências pessoais, excluindo dessa análise resenhas, entrevistas, charges. Assim, ao discorrer sobre migrações de ideias faço referência tanto à viagem de um conhecimento teórico quanto aos estudos de especificidades regionais seguindo essas considerações.

Em um contexto globalizado, tal qual o vivenciado pela Argentina e pelo Brasil nos períodos democráticos, os limites territoriais são borrados e os fluxos rompem as fronteiras entre local e global¹⁷. Como problematiza Arjun Appadurai as diversidades locais nessa conjuntura de grande interação negociam suas diferenças ao mesmo tempo em que buscam por pares, que corroborem com suas perspectivas fora de suas fronteiras. São estabelecidos assim os diálogos, que são uma tentativa de consenso conjuntural entre diferenças culturais,

¹⁶ RICHARD, Nelly. Experiência e representação: o feminino, o latino-americano. In: *Intervenções críticas*. Arte, cultura, gênero e política. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p.145.

¹⁷ APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: *Globalization: The Reader*. eds. J. Beynon, D. Dunkerley. New York: Routledge, 2000. p. 92-100.

linguísticas e históricas sem que aja uma concordância ou compreensão absoluta dos lados que negociam¹⁸. Tendo em vista que me atenho a autoras e autores latino-americanos, que não nasceram ou atuam profissionalmente nos países que analiso, portanto estrangeiras/os à lógica de publicações argentinas e brasileiras, esta tese trabalha com saberes que atravessaram territórios. Essas viagens dos saberes feministas e saberes ligados aos estudos de gênero são, como assinala Appadurai, diálogos entre diferenças. Sob outro prisma, como conceitualiza Peter Burke, são também traduções culturais. Independente da tradução entre diferentes idiomas, tendo em vista a predominância do espanhol entre as línguas faladas na América Latina, temos as traduções culturais desses saberes que migraram para diferentes espaços geográficos, alguns deles para diferentes períodos históricos, permeadas por relações de poder¹⁹.

Para a historiografia, a história intelectual permanece um campo complexo, atendendo a interesses e perspectivas históricas diversificadas. Segundo Marco Antônio Lopes, na apresentação do livro *Grandes nomes da história intelectual*²⁰, existem várias formas de realização de uma história intelectual que dizem respeito a perspectivas metodológicas de cada autor. Para além das metodologias esse se tornou um campo que transita entre a história política, social e cultural e que rompeu com o pensamento de um estudo sobre as elites intelectuais, associado às noções positivistas da história²¹. No século XX foi crescente o número de intelectuais devido a abrangência de sua definição que fugiu a uma compreensão clássica, passando a integrar essas análises professoras/es e grupos operários, por exemplo. Esse processo dessacralizou o conceito que foi então abarcado pela história em outros moldes.

Jean-François Sirinelli, que trabalha com os intelectuais como sujeitos políticos, afirma que o meio intelectual constitui um “pequeno mundo estreito” formado por redes de relações pessoais e profissionais em que a geração é um elemento importante. Essa geração discutida pelo autor é configurada pelo compartilhamento de marcos fundadores, experiências, bem como pelo sentimento de pertencimento a um grupo

¹⁸ Ibidem. p. 24.

¹⁹ COSTA, Claudia de Lima. Op. cit. p.188.

²⁰ LOPES, Marco Antônio. *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

²¹ SIRINELLI, Jean-Françoise. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 231-294.

herdeiro de um determinado saber²². Na tese essa geração é composta por mulheres e homens ligadas/os a produção intelectual sobre os estudos feministas, militantes e/ou acadêmicas, herdeiras dos feminismos de Segunda Onda e identificadas/os com os territórios latino-americanos. Como principal característica, esse grupo intelectual que analiso na tese são pessoas sensibilizadas com os feminismos, seja como campo investigativo, seja como movimento social, ou ainda com temas relativos às mulheres e aos estudos de gênero. Conforme o autor, a história intelectual passa pela análise dos textos impressos, pelos quais os intelectuais promovem a circulação de suas produções; pela análise dos conteúdos e sentido dos textos; além de passar pela investigação de elementos dispersos, tais quais as trajetórias desses sujeitos do conhecimento²³. Acrescido a esse elemento essa perspectiva histórica busca percorrer as estruturas de sociabilidade, de difícil apreensão, os itinerários os quais evidenciam os diálogos desses saberes, e debater a relevância desse conhecimento sem estabelecer um juízo de valores, edificando ou desqualificando um determinado conjunto de ideias²⁴. Meu exercício metodológico nesta tese procura atender a essas demandas da história intelectual que, apesar de não possuir propriamente uma problemática norteadora partilhada por pesquisadoras e pesquisadores inseridos nessa perspectiva, questiona neste trabalho a circulação de conhecimentos no Eixo-Sul entre as décadas de 1960 e 1990.

Com um debate interdisciplinar, situo a discussão desta tese em uma intersecção entre História Intelectual e História Cultural²⁵. Contudo, marco aqui a diferença da análise que empreendo com a História das Ideias ligadas à perspectiva da História Intelectual, que procura mapear o sentido do conhecimento na cultura, as concepções de mundo partilhadas traçando mentalidades coletivas²⁶.

²² Ibidem. p. 254-256.

²³ Ibidem. p. 345-346.

²⁴ Ibidem. p. 260-261.

²⁵ Cf. BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008; HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992; PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural*. Porto Alegre: Editora Asterisco, 2008.

²⁶ DARNTON, Robert. História intelectual e cultural. In: DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 204-231.

Além da análise promovida pela historiografia em relação à intelectualidade, a teoria literária tem contribuído para o debate político em torno da produção do conhecimento. Homi Bhabha, em *O Local da Cultura*, aborda as representações diante da produção de saberes²⁷. Para o estudioso, é legítimo transpor para a teoria as relações de exploração e dominação na divisão discursiva entre Primeiro e Terceiro Mundo – caracterizados tanto pelo autor quanto pelas demais bibliografias que trabalham com o tema como Norte e Sul. Não obstante, como ressalta Homi Bhabha, as teorias de dependência e subdesenvolvimento devem ser abandonadas em prol de uma perspectiva pós-colonial, que reconheça a complexidade das fronteiras culturais e políticas²⁸. Dar enfoque às viagens das ideias pressupõe levarmos em conta as questões colonialistas tendo como base as análises realizadas pela teoria da literatura. Contudo, os limites desta pesquisa não estão nas fronteiras Norte/Sul, mas nas especificidades e diversidades desse Sul. Assim, é no discurso do colonizado e nas suas estratégias de resistência que a análise desta tese está centrada, percebendo em qual medida o discurso colonial opera nas “periferias” do conhecimento e quais são as estratégias utilizadas nessa relação²⁹.

Cada encontro colonial, que nesse caso diz respeito às fronteiras internas da América Latina, é diferente. Nesse sentido, Mary Louise Pratt trabalha com a perspectiva de zona de contato, que desloca o debate dos centros hegemônicos para as fronteiras, capturando a relacionalidade em dimensões históricas e sociais³⁰. É com base nesses aportes que esta tese procurou complexificar esse binarismo Norte/Sul na análise das migrações de saberes feministas e de estudos de gênero que viajaram pela a Argentina e pelo Brasil, percebendo os jogos de poder em que essas fronteiras estão imersas e que, por sua vez, estão diretamente relacionados ao trânsito de ideias³¹.

Ao utilizar os termos “Eixo-Norte” e “Eixo-Sul” me baseio em uma divisão geoeconômica mundial, que faz uma separação entre países de Primeiro Mundo (capitalistas economicamente desenvolvidos), de

²⁷ BHABHA, Homi K. *Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p. 43-69.

²⁸ Ibidem. p. 241-242.

²⁹ SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

³⁰ PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato. *Travessia: Revista de Literatura*. Florianópolis, n.38, jan-jun. 1999. p. 12-13.

³¹ ASHCROFT, Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen. *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. London and New York: Routledge, 2005.

Segundo Mundo (países socialistas industrializados) e de Terceiro Mundo (países subdesenvolvidos geralmente associados à América Latina, África e Ásia). Atualmente esses termos caíram em desuso, sendo substituídos por países do Norte, significando países Norte desenvolvidos, e países do Sul, Sul subdesenvolvidos, assim como o uso do termo “Terceiro Mundo” encontra-se substituído por “países emergentes”³². Entretanto, com os novos movimentos sociais que trouxeram as múltiplas identidades para o centro do debate, através de instituições desterritorializadas como as ONGs, essas configurações internacionais não podem mais ser observadas como absolutamente sectárias. O fator econômico, que era considerado preponderante nessa divisão, perde espaço para os sujeitos, assim como para a cultura³³. Nesse sentido, o uso de Eixo-Norte e Eixo-Sul pela tese reconhece a gênese desses termos na divisão econômica, mas os utiliza como ícones das representações tanto econômicas como culturais em torno das territorialidades. O “Sul” possui ainda toda a carga da subordinação em um sistema capitalista mundial, símbolo da expropriação, da desigualdade, da diferenciação, do silenciamento³⁴, o que situa o termo em um processo representativo. Acrescido a esses elementos o uso do “Eixo-Sul” não significou uma compreensão dicotômica dessas terminologias, e conseqüente da simplificação das relações entre esses saberes de forma opositora. Assim, em certa medida, tenho como ponto de partida as representações já narradas a respeito desses saberes e das práticas feministas, as utilizo como elementos representativos que também constitui esse saber, mas considero que essa não é a definição ou resultado último das relações estabelecidas entre os supostos Norte e Sul.

Sob essa perspectiva, o Norte é representado pela Europa e pelos Estados Unidos, e caracterizados como centros teóricos, assim como os países de “Terceiro Mundo”, de modo geral, são considerados o Eixo-Sul na produção do conhecimento. Entretanto, esse Sul, qualificado como colonizado, não é homogêneo e responde a diferentes contextos sociais e políticos.

³² FULGENCIO, Paulo Cesar. *Glossário Vade Macum*: administração pública, ciências contábeis, direito, economia, meio ambiente. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 635.

³³ COSTA, Rogério H.; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A nova desordem mundial*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

³⁴ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente*: Contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2000. p. 341.

Walter Mignolo relata que as teorias viajam em todas as direções, embora em alguns momentos elas não saiam de seus lugares de origem³⁵. O enfoque em torno dessa permanência, chamada pelo autor de “viagem ao subsolo”, suscita algumas questões pertinentes à realização desta pesquisa: “Mas o que acontece quando as teorias viajam através da diferença colonial? Como são transculturadas?”³⁶. Para Stuart Hall, o efeito das fronteiras é algo construído, da mesma forma como os posicionamentos políticos dessas fronteiras não são fixos e não são os mesmos em distintas situações históricas. A fronteira está em seu lugar em uma infinidade de iterações³⁷. Nesse sentido, os textos, autoras e autores que atravessaram contextos para circularem na Argentina e no Brasil estão situados nesse lugar ilimitado de relações, que, nesta tese, são avaliados considerando a reestruturação das fronteiras ao longo das temporalidades.

Além da territorialidade, que marca os saberes desses sujeitos do enunciado, as mulheres que escreveram sobre os feminismos e os estudos de gênero também sofrem as relações de poder de outro território. Como sinaliza Adrienne Rich, elas sofrem as relações não apenas frente aos seus continentes, seus países ou sua casa, mas com a geografia mais próxima delas: a do corpo³⁸. Londa Schiebinger³⁹, embora realizando uma análise essencialista, discorre sobre as diferenças entre as formas femininas e masculinas de fazer ciência. Essa análise acaba destacando uma série de representações em torno da construção do saber que atribuem às mulheres uma atenção a detalhes enquanto aos homens cabe a competitividade e o reducionismo. Avaliando esses elementos, evidencia-se que as ciências, ou a produção do saber, não são campos objetivos e atemporais. Maria Margaret Lopes em seu artigo “*Aventureiras*” nas ciências: refletindo sobre Gênero e

³⁵ MIGNOLO, Walter D. *Op. Cit.*

³⁶ *Ibidem.* p. 240.

³⁷ HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: HALL, S. *Da diáspora, identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 104.

³⁸ RICH, Adrienne. Notas para uma política da localização. In: MACEDO, Ana G. *Gênero, identidade e desejo*. Antologia crítica do feminismo contemporâneo, 1984. p. 15-35.

³⁹ SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru: EDUSC, 2001.

*História das Ciências Naturais no Brasil*⁴⁰, faz um apanhado das preocupações pertinentes a história das ciências que sofreu influência da perspectiva feminista. Para a autora, a objetividade científica e a ideia de um “não lugar” da ciência dizem respeito a pontos de vista idealizados. Todavia, para a autora, “as possíveis expressões do conhecimento são construções sociais, negociadas” e com base nessa perspectiva devem ser abandonadas categorias como veracidade, falseabilidade ou juízo de valores. Com base nesses elementos e a partir da perspectiva de Donna Haraway⁴¹, esta tese busca perceber os “conhecimentos situados”, ou saberes localizados, produzidos a partir da “objetividade feminina” como um elemento das zonas de contato. Não que essas ideias sobre estudos feministas e estudos de gênero tenham sido resultado apenas do trabalho de mulheres, mas esse campo de saber consolidou-se a partir da luta política das mulheres e dessas como objeto investigativo, novamente posicionado na geografia do corpo.

As relações presentes nas fronteiras, aliadas aos contextos históricos, trazem as condições externas que balizam o discurso, termo metodológico importante no desenvolvimento da pesquisa. A partir da perspectiva foucaultiana, foram observadas as relações de poder e os procedimentos utilizados no domínio do discurso feminista, que atendem a uma determinada lógica⁴². Como escreve Roger Chartier em *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, o livro não muda enquanto o mundo muda; o que altera é seu modo de leitura⁴³. Atenho-me assim aos sujeitos autorais, que se encontram na base dos textos e que os produzem, tendo em vista que a eles é atribuída a ilusão de ser origem e fonte do discurso, sendo ainda mais suscetível as relações sociais a que estão inseridos⁴⁴. A convivência em sociedade pressupõe a existência de relações de poder e para compreendermos essas relações nas fronteiras é necessário

⁴⁰ LOPES, Maria M. “Aventureiras” nas ciências: refletindo sobre Gênero e História das Ciências Naturais no Brasil. *Cadernos Pagu*. n.10, 1998. p. 345-368.

⁴¹ HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. Campinas, n.5, 1995. p. 07-41.

⁴² Cf. FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2002.

⁴³ CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. p. 22.

⁴⁴ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso & Leitura*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 77-80.

observarmos as diferenças desses agentes do discurso, os objetivos e a questão instrumental e institucional na produção desse saber⁴⁵.

A partir desses debates, minha proposta de pesquisa foi perceber a circulação de ideias, produzidas no Eixo-Sul, tomando como referência o Brasil e a Argentina, mas considerando as produções estrangeiras a esses dois contextos. Para o desenvolvimento desta tese foi realizado o levantamento nas bibliotecas públicas desses dois países responsáveis pelo depósito legal de obras nacionais, e de obras comercializadas nacionalmente, bem como em quatro periódicos ligados às temáticas feministas e de estudos de gênero. Foram eles: a *Biblioteca Nacional de la República Argentina* (BNRA), a *Biblioteca do Congreso de la Nación Argentina* (BCNA), a Biblioteca Nacional do Brasil (BN), as revista argentinas *Feminaria* e a revista *Mora*, os periódicos brasileiros *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas*. Tomando como ponto de partida essas instituições, foi feito um levantamento de obras que atenderam pelo tema e título ligados ao feminismo e aos estudos de gênero⁴⁶, entre os anos de 1960 e 1999, a fim de demarcar o material que circulou nesses dois países, sejam eles nacionais, traduções, ou edições estrangeiras. O mesmo processo de identificação dos textos migrantes para os dois países foi realizado nos periódicos, apesar da vigência dos mesmos estar restrita às décadas de 1980 e 1990⁴⁷. A pesquisa se desenvolve com base nessas publicações latino-americanas estrangeiras que migraram para o Brasil e para a Argentina entre as décadas de 1960 e 1990, na problematização desse material e na investigação de elementos que compuseram esses diálogos. Interesse-me pelas discontinuidades históricas, pelos processos de circulação desses saberes muito mais do que pelos resultados numéricos obtidos com essa investigação. De certa forma a pequena quantidade de publicações latino-americanas aportando em contextos estrangeiros poderia ser pressuposta frente à série de debates teóricos que ressaltam o suposto "imperialismo do conhecimento" por parte do Eixo-Norte. Contudo, o que quero iluminar com esta pesquisa são as evidências

⁴⁵ FOUCAULT, Michel. "O sujeito e o poder". In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica: Para além do Estruturalismo e da Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 245-246.

⁴⁶ A busca utilizou os termos: "feminismo", "feminismos", "feminista", "feministas", "estudos de gênero", "*estudios de género*", "gênero" e "*género*".

⁴⁷ Em 1988 é lançada a primeira edição da *Feminaria*, da revista *Mora* em 1995, da *Revista Estudos Feministas* em 1992 e dos *Cadernos Pagu* em 1993.

desses trânsitos a partir de um determinado campo de saber, nesse caso ligados aos estudos feministas e de gênero, complexificar esses binarismos representativos e estabelecer um exercício histórico e epistemológico para a compreensão dessas viagens. Assim, por mais que eu faça uso de um aporte bibliográfico interdisciplinar, assumo meu posicionamento enquanto historiadora, metodologicamente embasada no uso de vestígios e no recorte de fontes para a construção de uma narrativa possível sobre as viagens de saberes feministas vindos de outros países latino-americanos que aportaram em territórios argentinos e brasileiros, estrangeiros a esses contextos. Sem um longo distanciamento histórico dos objetos que estudos, esse é também um trabalho de História do Tempo Presente⁴⁸ que investigou as transformações no trânsito de saberes feministas através de décadas e que compõe a produção intelectual latino-americana nesse campo.

Se considerarmos que o conhecimento e as teorias circulam, viabilizados pela sua publicação e distribuição em diferentes conjunturas e sob as especificidades de seus agentes⁴⁹, para além das dimensões globais dessas distribuições, a questão central desta tese está na viagem desse conhecimento pelas diferenças do Eixo-Sul para o Eixo-Sul. Essas viagens de ideias têm relação direta com questões territoriais e políticas e é a partir desse elemento que este trabalho buscou perceber os indícios históricos que possibilitaram algumas ideias cruzarem fronteiras enquanto outras permaneceram em seus lugares de origem.

Para o desenvolvimento da tese, com o propósito de investigar como e quais ideias sobre feminismos e estudos de gênero viajaram para Brasil e Argentina entre as décadas de 1960 e 1990, levando em conta a produção latino-americana do conhecimento, a tese encontra-se dividida em quatro capítulos.

No primeiro, intitulado “Saberes científicos e os feminismos: historicidade e consolidação no meio acadêmico” realizei um histórico tanto na Argentina quanto no Brasil, discutindo as conjunturas que estiveram relacionadas às experiências desses movimentos sociais na Segunda Onda nos dois países. A transição de ditaduras às democracias arregimentaram essas mulheres e homens em uma geração ligada a esse campo de saber que posteriormente iria compor as/os intelectuais

⁴⁸ CHAUVEAU, Agnès. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

⁴⁹ COSTA, Claudia de Lima. As publicações feministas e a política transnacional da tradução. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 11. n. 1, 2003. p. 254-264.

ligadas/os aos estudos das mulheres e estudos de gênero. Ainda nessa parte da tese tratei da trajetória da consolidação desse campo nos ambientes acadêmicos, com a realização de eventos, nas Universidades, em meio aos departamentos, principalmente das áreas de ciências humanas.

Em “Argentina e Brasil: viagens no Eixo-Sul”, segundo capítulo, estabeleci um panorama das publicações feministas, sobre mulheres e estudos de gênero na Argentina e no Brasil identificando a origem territorial dessas obras através do depósito legal. Nesse sentido, realizei uma apresentação do material encontrado na *Biblioteca Nacional de la República Argentina*, na *Biblioteca do Congresso de la Nación Argentina* e na Biblioteca Nacional do Brasil. A partir dessa investigação debati os percursos do mercado editorial; as dificuldades encontradas frente às ditaduras militares e à censura; e as relações estabelecidas com outros lugares de produção de conhecimento, como é o caso dos Estados Unidos e da Europa.

No terceiro capítulo, intitulado “Argentina e Brasil: viagens nas páginas dos periódicos” busquei realizar um levantamento das migrações das ideias feministas tomando como base os seguintes periódicos: *Feminaria*, *Mora*, *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas*. Compreendidos enquanto espaços de sociabilidade intelectual, em que os saberes feministas foram selecionados e divulgados por pares, o capítulo levantou suas autoras e autores, suas nacionalidades e os fluxos migrantes desse campo no intuito de identificar as obras que viajaram e tiveram mobilidade para estabelecer esse trânsito em um contexto globalizado.

Com o título “Saberes migrantes: fronteiras dos estudos feministas e de gênero”, o quarto capítulo analisou as características das ideias que atravessaram fronteiras dentro de um “Eixo-Sul”, representado nesta pesquisa por publicações latino-americanas estrangeiras ao contexto argentino e brasileiro, encontrados nos periódicos trabalhados no capítulo anterior. Nesse sentido investiguei os temas debatidos nesses textos, os referenciais bibliográficos que compuseram esses debates, as recorrências de discussões, os percursos desses sujeitos do enunciado para refletir sobre essa geração de intelectuais latino-americanas/os que circularam em outros contextos.

2. CAPÍTULO 1

Saberes científicos e os feminismos: historicidade e consolidação no meio acadêmico

O período de ressurgimento do feminismo, durante a década de 1960, é caracterizado pela bibliografia que trata sobre o tema em países latino-americanos como a Segunda Onda Feminista. Enquanto a Primeira Onda possui como marca a luta das mulheres pelo direito ao voto, esse segundo momento do feminismo emerge durante o período de repressão e tem como marco a institucionalização do Ano Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas, em 1975⁵⁰.

Embora seja possível relatar a atuação de mulheres em associações de bairros, lutando por creches, formando grupos de consciência, e grupos de caráter feminista, todos anteriores à data estabelecida pela Organização das Nações Unidas (ONU), o ano 1975 é narrado como o contexto em que os movimentos feministas ganharam visibilidade em diversos países. Isso, sobretudo, com a organização dos primeiros eventos na área, mesmo em meio ao contexto de repressão às manifestações públicas. Posteriormente esses encontros, grupos, ou mesmo estudos ligados às problemáticas feministas cresceram consideravelmente com a retomada democrática em países da América Latina.

Diante desse processo, neste capítulo discutiremos as trajetórias dos movimentos feministas tanto no Brasil como na Argentina pensando suas intersecções com o saber acadêmico e a consolidação dos estudos de gênero nas universidades, principalmente nas áreas de ciências humanas, problematizando sua relação com outras localidades produtoras de conhecimento. Dessa forma, essa contextualização procura trazer alguns dos elementos históricos aos quais as publicações ligadas aos estudos feministas, estudos de mulheres e de gênero estiveram inseridos, para no decorrer do trabalho analisarmos a circulação desses saberes através de livros e de periódicos.

⁵⁰ Neste trabalho, a divisão temporal entre Primeira e Segunda Onda Feminista será utilizada tendo em vista a divisão proposta por algumas bibliografias que trabalham com os movimentos feministas. Contudo, entendo que esse marco, que destaca o ano de 1975 como o início da Segunda Onda Feminista, trata-se apenas de uma convenção histórica, uma vez que grupos de reflexão que se autodenominavam feministas foram organizados ainda nos anos 1960.

Entre os anos de 1964 e 1988 as populações dos países do Cone Sul vivenciaram períodos de ditadura militar⁵¹ marcados pela censura, pela impossibilidade de se manifestarem publicamente, ameaçados pela tortura, tendo em vista as especificidades de cada país (Brasil 1964-1985; Argentina 1966-1973, 1976-1983, por exemplo). Nesse mesmo período, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou, na Cidade do México, a Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher e declarou, entre os anos 1976 e 1985, a Década da Mulher. Esse evento fez com que os temas considerados específicos a esse recorte ganhassem visibilidade em todo o mundo, além de promover os movimentos de mulheres, feministas, lesbianos e homossexuais durante a segunda metade da década de 1970. Comparado a outros lugares nos quais os feminismos ditos de Segunda Onda estavam voltados à politização do movimento e à concretização de lutas específicas das mulheres, como é o caso do aborto⁵², o feminismo latino-americano foi marcado pelo engajamento em uma “luta geral”, contra os modelos de “capitalismo selvagem”, associada aos partidos políticos de esquerda – clandestinos ou não –, buscando a participação das mulheres de classes trabalhadoras e pobres na luta pela sobrevivência, conforme debate promovido por Sonia Alvarez⁵³.

Pensando em uma conjuntura histórica mais específica, o feminismo de Segunda Onda argentino está ligado ao período ditatorial que teve início em 1955 e estendendo-se até 1983, em meio a uma série de oscilações democráticas. Após a derrubada de Juan Domingo Perón, foi na figura de Arturo Frondizi – entre os anos de 1958 e 1962 – que a democracia e o peronismo voltaram à cena argentina. Até o ano de 1973,

⁵¹ Apesar de não fazer uso do termo “civil-militar” para referir-me à ditadura, reconheço a participação social durante essa conjuntura. Dessa forma essa perspectiva procura não estabelecer uma dicotomia entre Estado e sociedade civil. Cf. MELO, Demian Bezerra. Ditadura “civil-militar”?: Controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo. *Espaço Plural*. n. 27, 2012. p. 39-53.

⁵² ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 19860-1980. In: DUBY, Georges. PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente*. v. 5. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1995. p. 583-611.

⁵³ ALVAREZ, Sonia E. A “Globalização” dos Feminismos Latino-Americanos: tendências dos anos 90 e desafios para o novo milênio. In: ALVAREZ E. Sonia. DAGNINO, Evelina. ESCOBAR, Arturo. *Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos*: Novas Leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 386-387.

Perón esteve exilado. Contudo, mesmo diante de sua ausência, teve forte influência no cenário político do país mobilizando o movimento operário – principalmente ao término do governo de Frondizi –, alcançou os setores jovens da classe média, intelectuais, classes populares, cada qual com uma leitura particular dos ideais peronistas⁵⁴.

Essas diferentes leituras do peronismo podem ser identificadas inclusive entre os grupos guerrilheiros formados na primeira metade da década de 1960 como, por exemplo, os *Montoneros* e as *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP). O primeiro desses grupos teve grande expressão na Argentina e sua formação se deu a partir da arregimentação de integrantes dentro da Juventude Peronista, com destaque às ideias nacionalistas. Os *Montoneros* estavam alinhados aos ideais militaristas, diferente das FAP, que estavam atentas à situação das classes operárias e do povo de forma geral, o que María Matilde Ollier classifica como um "classismo armado"⁵⁵. É a partir da temática da guerrilha que a mesma autora discorre sobre o projeto revolucionário latino-americano frente às ditaduras instauradas⁵⁶. Para Ollier, a magnitude da proposta de transformação a partir do caráter revolucionário não traz uma imagem exata da Argentina desse período, mas uma necessidade de compartilhamento de experiências políticas latino-americanas, inserindo a Argentina nesse contexto de Terceiro Mundo, que a partir da década de 1960 passa a ser regido por regimes de exceção. Ainda dentro desse argumento, a situação política e ideológica argentina é equiparada a de outros países por alas radicais da Igreja Católica, bem como influenciada pelas correntes ideológicas e concretamente ligadas à Revolução Cubana, propagando o que seria um caráter revolucionário messiânico, que estabeleceu diagnósticos e soluções: "Ao padronizar o sofrimento do Terceiro Mundo, às soluções são padronizadas"⁵⁷. Podemos considerar que esse tipo de discurso corroborou com os ideais ligados a um feminismo reconhecido como de Terceiro Mundo narrado como homogêneo, que partilhou de um mesmo

⁵⁴ FAUSTO, Boris; DEVOTO, J. Fernando. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada* (1985-2002). São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 395-403.

⁵⁵ Entre as organizações formadas nesse período ainda é possível destacar as Forças Armadas Revolucionárias (FAR), as Forças Armadas de Libertação (FAL), e o Exército Revolucionário do Povo, grupo armado formado a partir do Partido Revolucionário dos Trabalhadores.

⁵⁶ OLLIER, María Matilde. *Golpe o revolución: la violencia legitimada - da Argentina 1966-1973*. Cascos: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2005.

⁵⁷ "Al homologar los sufrimientos del Tercer Mundo, homologan las soluciones". Ibidem. p. 335. [tradução livre]

contexto de relações sedimentadas em torno do patriarcado e das experiências em organizações de esquerda no combate às ditaduras.

É a partir das agendas referentes aos movimentos sociais, do engajamento esquerdista em busca da conquista da democracia, das características políticas, dos campos de lutas estabelecidos que as similaridades e as comparações possíveis entre conjunturas históricas de determinados países estabelecem considerações em torno da "esquerda na América Latina", do "feminismo da América Latina", mas que também estabelece "o feminismo de Terceiro Mundo", que segundo essa lógica, torna os contextos políticos, culturais e econômicos em África passíveis de unicidade mesmo frente aos conflitos de um processo de descolonização, muito distinto das experiências democráticas e ditatoriais de países já descolonizados na década de 1960, como a Argentina e o Brasil, por exemplo.

Além de 1962, que afastou Frondizzi, na Argentina os golpes militares ocorreram em anos seguintes: 1966, liderado por Juan Carlos Onganía, colocando Arturo Illia no mando do país em nome do que seria a Revolução Argentina. Nesse período, ainda ocorreram uma série de golpes internos comandados por Marcelo Levingston e Alejandro Agustín Lanusse. O golpe de 1976 depôs a então presidenta María Estela de Perón (Isabelita) e partir dessa data foram instaurados uma série de governos comandados por juntas militares até o ano de 1983.

A forte repressão promovida pela ditadura, que assumiu o poder com um golpe de Estado na Argentina em 1976, teve como promessa o estabelecimento da ordem diante da crise política, da inflação e mesmo da atuação dos grupos guerrilheiros no país. Sob essa justificativa o regime em vigor promoveu um terrorismo de Estado que, com o uso do termo "desaparecidos" atribuído pelo governo, trouxe um significado político e socialmente nulo diante da responsabilidade por esses ocorridos. Segundo estatísticas dos grupos de direitos humanos, esses desaparecidos, que correspondem a pessoas sequestradas, torturadas e mortas pelo regime com a considerável atuação da Aliança Anticomunista Argentina (*Triple A*), chegou a cerca de 30.000 pessoas de diferentes faixas etárias e classes sociais⁵⁸.

Em busca desses "desaparecidos" mulheres passaram a se organizar formando o movimento intitulado *Madres de la Plaza de*

⁵⁸ BIANCHI, Susana. Madres de la Plaza de Mayo. In: GÓMEZ-FERRER, G.; CANO, G.; BARRANCOS, D.; LAVRIN, A. *Historia de las Mujeres en España y América Latina, del siglo XX a los umbrales del XXI*. Madri: Cátedra, 2006. p. 675-699.

Mayo. Essas mulheres faziam uso da identidade materna, evocando os laços familiares e utilizando lenços em suas cabeças, características marcantes convertida em resistência política, seja especificamente na mídia, seja na sociedade de forma geral. Em abril de 1977, frente à falta de informações sobre os familiares, algumas mulheres passaram a se reunir em frente a *Plaza de Mayo* a fim de pressionar as autoridades, solicitando uma audiência para a entrega de uma petição, ato que representou uma iniciativa de Azucena Villaflor de De Vicentci frente ao desaparecimento de um de seus filhos, Néstor, e sua namorada Raquel Mangin. Esse que seria considerado o início das Mães da Praça de Maio arregimentou mulheres na busca por filhas e filhos desaparecidos, sentadas nos bancos da Praça, até seu considerável crescimento, sendo em decorrência desse fato proibidas de permanecerem no local por configurar uma reunião, prática vetada em meio ao estado de sítio. Assim, as rondas das Mães (ou marchas, variando de acordo com a leitura feita por diferentes correntes dentro do grupo) nos arredores da Praça tornaram-se uma prática. O grupo formalizou-se em 1979 e tornou-se internacionalmente visado frente ao apoio de figuras como da atriz Catherine Deneuve e da escritora Simone de Beauvoir, mas que nem por isso deixaram de sofrer repressão frente ao regime. Em janeiro de 1986 o grupo dividiu-se entre a linha fundadora – As Mães da Praça de Maio – e a Associação de Mães da Praça de Maio, lideradas por Hebe Pastor de Bonafini, embasada em ideais socialistas e que mantém a Universidade Popular das Mães da Praça de Maio desde 2000⁵⁹. *Las Abuelas* também fizeram parte desse cenário de busca por familiares, organizadas informalmente desde 1977. Atentas às adoções de crianças durante o período ditatorial, o grupo fornece até hoje ajuda às pessoas que possuem dúvidas em relação às suas filiações por meio da realização de testes de DNA oferecidos pelos hospitais públicos, com os quais puderam montar um banco de dados dos mapas genéticos das famílias com crianças desaparecidas.⁶⁰

Na Argentina, as primeiras organizações feministas foram formadas no contexto do *Cordobazo*, uma manifestação social arregimentada por estudantes e operários frente a uma conjuntura repressora, ocorrida no ano de 1969, na cidade de Córdoba. No intuito de estabelecer o que foi denominado como uma "consciência" – em

⁵⁹ Ibidem. p. 677-698.

⁶⁰ BIANCHI, Susana. Madres de Plaza de Mayo. In: MORANT, Isabel (Dir.). *Historia de las Mujeres en España y América Latina: del siglo XX a los umbrales del XXI*. Madrid: Cátedra, 1994. p. 694-695.

relação à situação econômica de dependência das mulheres, à maternidade, à sexualidade, entre outros temas relativos às experiências particularmente femininas – foram formados os chamados "grupos de reflexão" compostos unicamente por mulheres – majoritariamente da classe média – que buscavam explorar suas experiências pessoais. Esses grupos tiveram como influência os debates teóricos vindos dos Estados Unidos e da Europa em consonância com o que era narrado como necessidades próprias dessa geração de mulheres. Nesse sentido, exploraram o que seriam elementos unificadores dessas experiências, tendo como base para o desenvolvimento dessas atividades reflexivas as traduções e as leituras de produções textuais provenientes desses dois centros, o que Fernanda Gil Lozano caracteriza como “*la cultura de la fotocopia*”⁶¹. Na década de 1960, em meio às reuniões dos grupos de consciência e formado por uma série de integrantes de outras organizações anteriormente existentes, o Movimento de Libertação das Mulheres (MLM) formalizou essa modalidade através da criação de um grupo de reflexão interno, dispersando enquanto organização na década de 1970.⁶²

No mesmo período, foram criados: a União Feminista Argentina (UFA), que após uma crise interna em 1973 perdeu um considerável número de integrantes; o Movimento de Liberação Feminista (MLF), que teve entre suas pioneiras María Elena Oddone, responsável pela edição da revista *Persona* em 1973; e o grupo Nova Mulher, interno à UFA e que discutia textos teóricos europeus e estadunidenses. O *Nueva Mujer*, com um comitê editorial, publicou textos como *Las mujeres dicen basta*⁶³ e *La mitología de la femineidad*⁶⁴. Ainda é possível listar uma série de outras organizações como, por exemplo, a Frente de Luta pela Mulher, que assim como outros grupos se dissolveu com a instauração do regime ditatorial em 1976, retornando ao cenário nacional em 1981 com o nome de Organização Feminista Argentina

⁶¹ LOZANO, Fernanda Gil. Las experiencias de la “segunda ola” del feminismo em Argentina y Uruguay. In: MORANT, Isabel (Dir.). *Historia de las Mujeres en España y América Latina: del siglo XX a los umbrales del XXI*. Madrid: Cátedra, 1994. p. 883-885.

⁶² Idem.

⁶³ *Las mujeres dicen basta* é uma coletânea que entre suas autoras possui Isabel Larguía, Peggy Morton e Mirta Henaud, lançada pela *Nueva Mujer* no início dos anos 1970. Cf.: FAURÉ, Christine (Org.). *Enciclopedia Histórica y Política De Las Mujeres*. Europa y América. Madrid: Akal, 2010. p. 861.

⁶⁴ Folheto lançado pela *Nueva Mujer* de autoria do psicólogo Jorge Gissi. Cf.: Idem.

(OFA); em 1974 foi formado o *Centro de Estudios Sociales de la Mujer Argentina* (CESMA); em 1977 mulheres da Frente de Esquerda Popular e da Corrente Nacional formaram a *Agrupación de Mujeres Argentinas* (AMA); entre outros. Algumas delas não se identificavam com o feminismo e não encontraram nem na figura de uma liderança feminina, muito menos após a série de golpes de Estado, espaço de apoio em meios públicos, embora o protagonismo das mulheres estivesse evidente⁶⁵.

Com o enfraquecimento do regime militar, favorecido pela perda da Guerra das Malvinas, e com a instauração do processo democrático, por meio da vitória de Raúl Alfonsín frente a seu rival peronista, a Argentina, bem como o movimento feminista e de mulheres no país, passaram a uma nova fase. Segundo Claudia Anzorena, o desprestígio dos setores conservadores da sociedade, ligados principalmente à direita política e a Igreja Católica, que tiveram participação no último período ditatorial, assim como o protagonismo das mulheres nesse período de reestabelecimento democrático a partir de 1983, foram elementos favoráveis para o reconhecimento dos direitos antes negados às mulheres⁶⁶. Assim, a década de 1980 foi um momento de valorização dos espaços democráticos, ocupados, no caso dos feminismos, pelas mesmas integrantes dos grupos formados ainda na década de 1970. Abandonando o caráter essencialista, que fez parte das discussões iniciais desses grupos, essas organizações passaram a dispor de crescentes recursos econômicos. Entre as instituições feministas de destaque desse período de transição democrática é possível listar: o *Derechos Iguales para la Mujer Argentina* (DIMA), formado em 1976; o *Centro de Estudios de la Mujer* (CEM) de 1979; as *Amas de Casa del País* (1982); a *Reunión de Mujeres* (1982); a *Conciencia* (1982); a *Asociación Argentina de Mujeres de Carreras Jurídicas* (1982); a *Líbera* (1982), formado a partir de um grupo da Organização Feminista Argentina; a *Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer 25 de noviembre* (ATEM, 1982); o *Lugar de Mujer* (1983); a *Alternativa Feminista*, grupo formado a partir da ruptura com a ATEM, em 1984. Dentre esses grupos alguns integraram a organização *Movimiento*

⁶⁵ Ibidem. p. 886-888.

⁶⁶ ANZORENA, Claudia. De ciudadanas a administradoras. Reflexiones en torno a la relación entre mujeres y Estado en los últimos 25 años en Argentina. In: MIÑOSO, Yuderky Espinosa (coord.). *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*. v.1. Buenos Aires: En la Frontera, 2010. p.97.

Feminista, os quais, de forma geral, possuíam perfis independentes. Sua constituição ocorreu em meio às comemorações do Dia Internacional da Mulher na Argentina, em 1985, e assumiu um caráter radical diante da constituição da *Multisectorial de la Mujer*, criada em 1984, acrescentando aos temas debatidos em encontro realizado no ano seguinte a temática do divórcio⁶⁷.

Já no Brasil, no período em que o feminismo de Segunda Onda está inserido, assim como na Argentina, temos em vigor no país a ditadura militar que foi instaurada em 31 de março 1964. Diferente da Argentina a ditadura não sofreu interrupções até o ano de 1985, data em que o regime governamental democrático voltou a vigorar no país. Com a deposição do presidente João Goulart e com a instauração do Ato Institucional número 1 (AI-1), que decretou a suspensão dos direitos políticos, o general Humberto de Alencar Castello Branco assumiu a presidência do Brasil estabelecendo fortes relações com o governo estadunidense. Gradativamente os direitos da população, durante a regência do regime militar, foram retirados em um processo que tem início com o AI-1; passa pelo AI-2 que acabou com os partidos políticos e a as eleições diretas, vigorando no país apenas o Movimento Democrático Brasileiro (partido conhecido pela sigla MDB) e a Aliança Renovadora Nacional (conhecida como ARENA e diretamente ligada ao governo em vigor); e torna-se mais rígido com a instauração do AI-5 no ano de 1968, que se sobrepôs à Constituição aprovada um ano antes e que instituiu plenos poderes ao governante, podendo esse intervir nos direitos civis e políticos da população, no direito de ir e vir, bem como decidir sobre estados e municípios.⁶⁸

Cristina Scheibe Wolff destaca que a conjuntura de repressão foi um dos elementos que diferencia os contextos ditatoriais em países do Cone Sul. Considerando os dois países analisados, enquanto no final da década de 1960 a repressão no Brasil já havia se institucionalizado – torturando, reprimendo, calando e exilando qualquer manifestação contrária aos militares –, na Argentina a partir de 1973 essas práticas assumem força no país com a atuação de grupos militares e paramilitares a partir da posse de Jorge Rafael Videla. Essa conjuntura fez com que os movimentos feministas e de mulheres também tenham sido experienciados de forma distinta: enquanto no Brasil as comemorações em torno do Ano Internacional da Mulher proporcionaram um espaço de debate, utilizado até mesmo pelas

⁶⁷ LOZANO, Fernanda Gil. Op. Cit. p. 890-891.

⁶⁸ FAUSTO, Boris; DEVOTO, J. Fernando. Op.cit. p. 421-424.

esquerdas políticas, na Argentina as organizações ligadas às mulheres, formadas desde a década de 1960, não obtiveram espaço e 1975 foi um ano marcado pela repressão.⁶⁹

Ainda pensando de forma comparativa os contextos, as ações armadas figuraram em ambos os países e foram compostas, em sua maioria, durante a década de 1960. No Brasil, embora a constituição de grupos armados tenha se dado a partir de 1966, alguns debates ou mesmo movimentos que influenciaram suas formações, foram anteriores. Entre esses é possível citar a Política Operária (POLOP), criada em 1962 que, estabelecendo um posicionamento crítico em relação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi uma formação reformista interna, marginal frente à hegemonia esquerdista da organização, em um período anterior à instauração da ditadura. Esfacelados a partir de 1964, alguns grupos armados foram formados frente à dissidência do PCB, além de uma série de outras organizações. É o caso da DI da Guanabara (ou Dissidência da Guanabara do PCB), contrária à aliança com a burguesia brasileira que, posteriormente, deu origem ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8); da Aliança Libertadora Nacional (ALN), criada em 1967, comandada por Carlos Mariguela, que havia rompido com o PCB; e do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), criado em 1968 a partir de ex-integrantes do Partido. Entre outras organizações ainda é possível mencionar a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), criada em 1968, e a Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares (VAR-Palmares), de 1969⁷⁰.

Na Argentina, como anteriormente descrito, temos a formação dos primeiros grupos armados no início da década de 1960 e o recrudescimento do regime ditatorial a partir de 1973, uma década depois. No Brasil essa formação também tem início na mesma década, mas, principalmente a partir de sua segunda metade. Já o período de maior repressão no país ocorreu a partir do AI-5, muito próximo à conjuntura de formação desses grupos armados. Esses elementos

⁶⁹ WOLFF, Cristina Scheibe. O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: PEDRO, Joana M.; WOLFF, Cristina S. *Gênero, Feminismos e Ditadura no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 140.

⁷⁰ ARAÚJO, Maria Paula. Formas de combate ao regime militar brasileiro: luta armada vs. resistência. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto (et.al.). *Problemas de historia reciente del Cono Sur*. v. II. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010. p. 119-121.

corroboram com os argumentos de historiadoras e historiadores⁷¹ de que a composição desses grupos esteve ligada às influências da Revolução Cubana e da Guerra do Vietnã, por exemplo, gestadas por diversos países, embora essas mobilizações também representem uma resposta direta às demonstrações de força dos regimes militares.

Segundo Elio Gaspari, no intuito de separar os militares e o sistema repressor, encabeçado pelo então regime, foi criado em meados dos anos 1970 o DOI (Destacamento de Operações de Informações) e o CODI (Centro de Operações para a Defesa Interna). De acordo com o mesmo autor, essa separação nunca ocorreu propriamente e, apoiado formalmente pelo presidente da República, o Exército se sobrepôs à sociedade civil, à Marinha e à Aeronáutica no que dizia respeito às atividades de segurança nacional. Herdeiro da estrutura física da Operação Bandeirante (OBAN) – centro de informações e investigações do Exército – o DOI manteve sedes no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, e posteriormente em Curitiba, Belo Horizonte, Salvador Belém e Fortaleza. Responsável pelo desaparecimento, tortura e morte de opositoras e opositores do governo em vigência, representando baixas tanto na VPR quanto na ALN – como, por exemplo, o assassinato de Mariguela – essas instituições, embora com estruturas variadas, tinham formato organizacional que abrangia investigação, informação, análise, busca, apreensão, área administrativa, jurídico e policial.⁷²

Não somente no caso brasileiro, frente à repressão e tortura promovida pelos regimes ditatoriais que se instauraram no Cone Sul, muitas pessoas saíram de seus países de origem em busca de refúgio, sejam forçadas pelo próprio governo ou a partir de iniciativas próprias. Dessa forma, o exílio foi a saída encontrada por mulheres e homens que estavam na clandestinidade ou que queriam fugir do contexto repressor vivenciado em seus países e os diferentes períodos em que as ditaduras foram instauradas propiciaram inicialmente a circulação por países latino-americanos. Até o ano de 1973 o Chile e o Uruguai representaram abrigo àquelas/es que necessitaram sair de seus países e, para as/os brasileiras/os, a Argentina representou uma possibilidade de refúgio até

⁷¹ Ver a esse respeito: FILHO, Daniel Aarão Reis; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (org.). *O golpe e a ditadura militar. 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

⁷² GASPARI, Elio. DOI. In: GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.178-195.

o ano de 1966⁷³. O deslocamento de pessoas permitiu a circulação por diversos países – entre eles os Estados Unidos e os localizados na Europa –, possibilitou o trânsito de leituras e, conseqüentemente, a identificação de pessoas com os movimentos feministas a partir da experiência no exterior, como é o caso da união de exiladas intitulada *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris*, responsável pela publicação do periódico *Nosotras* a partir de 1974⁷⁴.

A ditadura militar no Brasil tomou novos rumos em meio à substituição de Geisel por João Batista Figueiredo no ano de 1978. Antes da posse de Figueiredo foi revogado o AI-5 e após esse evento foi aprovada a Lei da Anistia, em 1979, o que promoveu o retorno de brasileiras e brasileiros exiladas/os em outros países. Esse processo de abertura política, que possui sua genealogia anterior a 1978, foi impulsionado pelas contradições geradas frente às questões de autoridade. Intervenções como a Operação Bandeirantes, em 1969, já evidenciava o paralelismo do aparato repressor diante do Estado. Dessa forma, ocorreu, em certa medida, o rompimento da ordem militar, uma vez que o comando estava nas mãos das pessoas responsáveis pelas políticas violentas e não respondiam mais às hierarquias militares; característica distinta da Argentina, uma vez que havia consonância entre repressão e militarismo. Aliado a esse elemento a participação de instituições ligadas às demandas democráticas também tiveram papel nesse processo de desmantelamento do regime ditatorial, como é o caso da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), e mesmo do MDB, enquanto partido de oposição.

No final da década de 1970 e início dos anos 1980, os movimentos sociais passaram a se organizar formalmente, como no caso do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST); nas organizadas grevistas; na formação de partidos políticos, como o Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); além de fundada a Central Única dos Trabalhadores (CUT)⁷⁵. As greves, em busca de reajustes salariais e as mobilizações de forma geral trouxeram a tona o caráter antissocial do

⁷³ Cf. COSTA, Albertina de Oliveira. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

⁷⁴ PEDRO, Joana Maria. *Nosotras, Nós Mulheres, Nos/Otras, Noidonne - Rede de divulgação feminista dos anos 70 e 80*. In: WOLFF, Cristina Scheibe; FAVERI, Marlene de. RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. *Leituras em Rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Mulheres, 2007. p. 307-328.

⁷⁵ FAUSTO, Boris; DEVOTO, J. Fernando. Op.cit. p. 453-460.

milagre econômico vivenciado durante os anos de ditadura, culminando em um fracasso da política econômica que reverberou durante o período democrático. Em 1982 foram realizadas as eleições para governadores e prefeitos, em 1984 as mobilizações em torno das "Diretas Já" e no ano seguinte eleições indiretas para presidente – com a escolha de Tancredo Neves e a posse do vice José Sarney ante a morte de seu predecessor –, iniciando assim o que seria a retomada do período democrático no Brasil.⁷⁶

Se em relação ao contexto político temos especificidades no que diz respeito aos países, quanto ao movimento feminista podemos destacar semelhanças entre o Brasil e a Argentina. O Movimento Feminino pela Anistia, assim como as Mães da Praça de Maio – ambos caracterizados como movimentos femininos – lutaram pela recuperação de parentes presos e muitas vezes torturados pelo regime militar⁷⁷. Fundado em São Paulo, no ano de 1975, o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) teve início com a união dos familiares e amigos de presos políticos por meio de um abaixo-assinado, acompanhado do Manifesto da Mulher Brasileira, organizado durante as comemorações do Ano Internacional da Mulher declarando o apoio à anistia ampla, geral e irrestrita. Terezinha Zerbini foi uma das grandes lideranças desse movimento, que criou posteriormente o Comitê Brasileiro pela Anistia, e organizou o Congresso Nacional pela Anistia em janeiro de 1979.⁷⁸

Por meio do livro *O que é Feminismo?*⁷⁹, constatamos que apesar das dificuldades de atuação, apresentadas tanto pelo regime militar quanto pela oposição, as mulheres organizaram-se em associações de bairros durante os primeiros anos da ditadura militar em favor de melhores condições sociais. Segundo Lygia Quartim de Moraes, em *A Experiência Feminista dos Anos Setenta*⁸⁰, as reivindicações desses primeiros grupos não estavam centradas em denunciar a condição

⁷⁶ Cf. KRUCINSKI, Bernardo. *O fim da ditadura militar*. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

⁷⁷ TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

⁷⁸ Cf. PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003; TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993; ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

⁷⁹ ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

⁸⁰ MORAES, L. Q. de. Op.cit.

oprimida ou inferiorizada das mulheres diante dos homens, como é o caso do feminismo internacional durante a Segunda Onda. Estudando principalmente as mobilizações que ocorreram nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, a autora relata que os primeiros grupos de mulheres queriam respostas para problemas diretamente relacionados ao seu cotidiano. Os baixos salários, o alto custo de vida e a necessidade de creches para que as trabalhadoras tivessem onde deixar seus filhos foram algumas das reivindicações das mulheres atuantes em suas comunidades. Compostos por clubes de mães e associações de bairros, esses grupos foram as primeiras organizações de mulheres que obtiveram visibilidade social desde a instauração do governo ditatorial.⁸¹

No Brasil temos ainda como primeiras formações os grupos de consciência e, de forma distinta da Argentina, as comemorações do Ano Internacional da Mulher resultaram em manifestações públicas. A conjuntura que impossibilitou essas mobilizações, censurando qualquer ato de oposição ao governo ou mesmo qualquer ameaça moral à sociedade brasileira, foi amena em relação à experiência dos movimentos de mulheres e feministas brasileiros durante esse período. Em decorrência desse evento promovido pela ONU, as reivindicações das mulheres brasileiras encontraram um espaço de debate social diante do regime militar, sendo possível a realização de congressos e a formação de instituições que passaram a debater problemáticas pertinentes a esses grupos. Além disso, a própria esquerda política encontrou em meio a essas comemorações no país um espaço para o debate democrático, como foi o caso da primeira comemoração do dia 8 de março desde a instauração do regime de exceção, realizada em 1976 no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP). O evento reuniu cerca de 300 pessoas convocadas pelo jornal feminista *Brasil Mulher* e pelo Movimento Feminino pela Anistia, além da presença de outros grupos. Entretanto, as pessoas participantes foram majoritariamente homens e a temática do Encontro centrou-se na anistia⁸².

Em relação às possíveis influências do evento promovido pela ONU ainda é possível destacar uma série de congressos e encontros realizados em anos posteriores. Esse é o caso do 1º. Encontro de Mulheres do Rio de Janeiro, do qual foi criado o Centro de Mulheres Brasileiras; no contexto do movimento grevista do ABC Paulista foi realizado o I Congresso da Mulher Metalúrgica em janeiro de 1978, em

⁸¹ Ibidem.

⁸² TELES, Maria Amélia de Almeida. Op. cit. p. 96-99.

São Bernardo do Campo; o Encontro para Diagnóstico da Mulher Paulista, evento este que promoveu a formação do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira; em 1980 foi realizado o II Congresso da Mulher Paulista, com a participação de uma série de partidos políticos, o que ocasionou a cisão entre integrantes de grupos feministas⁸³.

A esquerda que se encontrava na clandestinidade utilizou esse espaço de atuação pública concedido às mulheres para arregimentarem pessoas para causas políticas. Esse fator acarretou um racha entre alguns grupos durante o II Congresso da Mulher Paulista, dividindo as que buscavam "lutas específicas" e mulheres e homens que defendiam "lutas mais gerais" de combate ao regime militar. Eventos como o acima mencionado expuseram as distintas vertentes dos feminismos como as tendências liberais, socialistas, marxistas, além das próprias filiações partidárias. Isso problematiza qualquer unicidade ou homogeneidade dos feminismos desse período, frente às várias perspectivas as quais os grupos estiveram ligados⁸⁴.

Ainda refletindo sobre os encontros, mas em níveis internacionais, esses possibilitaram o diálogo entre integrantes de movimentos de diferentes nacionalidades em um processo de transnacionalização dos discursos e práticas feministas latino-americanas⁸⁵. Refiro-me aqui aos Encontros Feministas Latino-Americanos e do Caribe, que, por exemplo, em sua primeira edição foi realizada em 1981 em Bogotá, na Colômbia; sua segunda edição em 1983 em Lima, no Peru; e em 1985 o terceiro Encontro ocorreu na cidade de Bertioga, no Brasil. As edições da década de 1990 foram marcadas por debates em torno da relação do feminismo com outros movimentos sociais, a globalização, as desigualdades sociais, justiça de gênero, expansão dos feminismos, entre outros. O evento, que ocorre até os dias de hoje, representou, e representa, um espaço de intercâmbio de experiências entre pessoas ligadas a movimentos sociais, identificadas com os debates feministas, provenientes de diversos países,

⁸³ Ibidem. p.100-136.

⁸⁴ MIGUEL, Sônia Malheiros. *Um olhar para dentro: o movimento feminista no Rio de Janeiro*. 1988. 112f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis. (Dissertação orientada por: Ilse Scherer-Warren) 1988.

⁸⁵ ÁLVAREZ, Sonia E. Traduciendo lo global: efectos locales de las lógicas feministas transnacionales. *Mora*. n. 7, 2001. p. 40.

etnias, orientações sexuais e classes sociais⁸⁶. Entre os eventos ainda é possível mencionar os Fóruns de ONG's e as Conferências Mundiais das Mulheres, como a quarta edição, realizada em Pequim, na China, no ano de 1995. Além da formação de redes as militantes locais procuraram contatos transnacionais em relação ao debate de identidades subalternas, o diálogo conjunto na tentativa de expansão dos direitos formais, o que repercutiu nas práticas militantes, mas também nos debates teóricos segundo as leituras de cada contexto⁸⁷. Esses são possíveis espaços de socialização dos sujeitos ligados às questões propostas pelos feminismos, e em certos casos produtores de conhecimento sobre os mesmos.

No final da década de 1970 e durante a década de 1980, os feminismos latino-americanos se expandiram e adotaram vertentes que contestaram as desigualdades entre mulheres e homens buscando transformações sociais, assumiram posturas politizadas debatendo o espaço privado e passaram a contestar dentro de instituições – como é o caso dos partidos políticos – a legitimidade masculina, estendendo esse processo até a década de 1990⁸⁸. Nos períodos em que a democracia voltou ao cenário argentino e brasileiro a pluralidade dos movimentos de mulheres, movimento feminista e suas especificidades diante de questões étnico-raciais e relativas à sexualidade ganharam visibilidade e as narrativas sobre esse período passaram a ser produzidas. São essas pessoas do movimento feminista e do movimento de mulheres das décadas de 1960, até os anos 1980, que narraram esse período, promoveram estudos, buscaram referenciais bibliográficos em outros países e negociaram o que seria a "História" dos movimentos sociais ligados a esse campo de saber.

Joana Maria Pedro discute esses lugares de enunciação nos quais o conceito "feminista" é negociado, além do agenciamento das

⁸⁶ ¿Qué son los Encuentros? In: ALMA, Amanda; LORENZO, Paula. *Mujeres que se Encuentran*. Una recuperación histórica de los Encuentros Nacionales de Mujeres en Argentina (1986-2005). Buenos Aires: Feminaria Editora, 2009. p. 33-38

⁸⁷ ÁLVAREZ, Sonia E. Op.cit. p. 42-44.

⁸⁸ SALDAÑA, Margarita Iglesias. Los desafíos del Cono Sur desde las perspectivas de las mujeres. Democracia o la reinvenición de una democracia latinoamericana. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 61-63.

pessoas consideradas feministas diante de suas trajetórias⁸⁹. Nesse sentido, a "origem" da Segunda Onda no Brasil, fixada a partir da importância atribuída ao Ano Internacional da Mulher, é resultado de uma série de produções acadêmicas que buscaram registrar essa história e devem ser reconhecidas enquanto um processo de construção. Assim, pensando pontualmente no caso brasileiro, que narrativas são essas sobre a história do movimento feminista e de mulheres no país? Quais os espaços ocupados por cada região brasileira nessas narrativas?

Sob diversas perspectivas a bibliografia produzida a partir do período democrático sobre os vários feminismos que atuaram no Brasil aponta para a história do movimento através de uma produção que, em sua grande maioria, trata do país como um todo, sem discorrer sobre as especificidades das diversas localidades ou estados brasileiros. Em textos da década de 1990 como, por exemplo, *Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal*⁹⁰, de Marisa Corrêa, e *Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro*⁹¹, de Cynthia Sarti, podemos destacar essa característica de generalização, que cria uma uniformidade para um movimento diversificado. Outra característica da bibliografia que se propõe a tratar dos movimentos feministas no país é o destaque dado aos grandes centros brasileiros. Em livros como *Breve História do Feminismo no Brasil*⁹² de Maria Amélia de Almeida Telles, *A experiência Feminista nos Anos Setenta*⁹³ de Lygia Quartim de Moraes ou *Uma História do Feminismo no Brasil*⁹⁴ de Céli Regina Jardim Pinto, encontramos muitas informações sobre os grupos de mulheres, grupos feministas e conferências que ocorreram a partir de 1975, sendo que a maioria dos textos que fazem referência de forma abrangente aos movimentos feministas no Brasil trata de eventos ocorridos no estado do Rio de Janeiro e em São Paulo. Destaco ainda

⁸⁹ PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira História*. 2006, v.26, n.52. p. 249-272.

⁹⁰ CORRÊA, Marisa. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Desdobramentos do feminismo. Cadernos Pagu*. n.16, 2001. p.13-29.

⁹¹ SARTI, Cynthia A. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. *Desdobramentos do feminismo. Cadernos Pagu*. n.16, 2001. p.31-48.

⁹² TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993

⁹³ MORAES, Lygia Quartim de. *A experiência Feminista nos Anos Setenta*. Araraquara: UNESP, 1990.

⁹⁴ PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

que embora as formações de Marisa Corrêa e Céli Regina Jardim Pinto tenham sido realizadas na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), ambas, em suas narrativas mantêm o perfil de generalização do movimento ou tomam São Paulo e Rio de Janeiro como foco dessa historiografia⁹⁵.

Pensando sobre o perfil desses sujeitos na produção de saberes sobre a temática, as autoras possuem em sua maior parte formação acadêmica realizada durante os anos de repressão no país, como é o caso de Marisa Corrêa, formada em Jornalismo em 1969; Cynthia Sarti, que se formou em Ciências Sociais em 1977; e Céli Regina Jardim Pinto, graduada em História no ano de 1972⁹⁶. Maria Lygia Quartim de Moraes e Maria Amélia de Almeida Teles, escreveram sobre suas experiências pessoais em meio ao contexto político: a primeira delas estudante de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP) até aos anos de 1966 e exilada política em Paris⁹⁷; e a segunda integrante do PC do B (Partido Comunista do Brasil) no período da guerrilha armada⁹⁸. Outra característica que perpassa os perfis e se refere à autoridade discursiva sobre os movimentos feministas é a ligação com instituições de pesquisa e ensino em nível universitário: Marisa Corrêa como professora do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Cynthia Sarti como livre-docente e professora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Maria Amélia de Almeida Teles como coordenadora-chefe do Núcleo de Pesquisa do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM) e diretora da

⁹⁵ Cf. ADRIÃO, Karla Galvão. *Encontros do feminismo: uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, SC, 2008. e ZUCCO, Maise Caroline. *Mulheres, feminismos em Florianópolis e suas relações com outros espaços de poder no território brasileiro*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

⁹⁶ Ver a esse respeito o site do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 30 dez. 2013.

⁹⁷ MORAES, Maria Lygia Quartim de. O feminismo político do século XX. *Margem Esquerda*, v. 9, 2007. p. 129-143,

⁹⁸ TELES, Maria Amélia de Almeida. Lembranças de um sol sem sol. In: PEDRO, Joana M.; WOLFF, Cristina S. *Gênero, Feminismos e Ditadura no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 284-292.

União de Mulheres de São Paulo; Maria Lygia Quartim de Moraes como professora da UNICAMP; e Céli Regina Jardim Pinto como professora da UFRGS.

Esses são apenas alguns dos exemplos possíveis de narrativas sobre o feminismo que tem tanto na vivência do período quanto na vinculação com espaços de conhecimento elementos de empoderamento e legitimidade dos escritos em questão, que cresceram numericamente de forma considerável a partir da década de 1980 e 1990, conforme veremos no capítulo a seguir. Essa questão remete ao debate em torno do poder-saber⁹⁹ de Michel Foucault, e mesmo à discussão promovida por Joan Scott: "(...) o que poderia ser mais verdadeiro, afinal, do que o relato do próprio sujeito sobre o que ele ou ela vivenciou?"¹⁰⁰. Essa experiência construída segundo as vivências e subjetividades de cada uma dessas pessoas tornou-se, dentro da formação de um determinado campo de conhecimento, o discurso historiográfico legitimado sobre o feminismo e estudos de mulheres. São essas personagens que presenciaram de formas distintas o contexto descrito, com respaldo dentro de instituições de produção de conhecimento, e que se tornaram reconhecidas pelos pares, durante a expansão desse campo de estudos no país, que se tornaram porta-vozes dessa história. Estamos aqui falando de distintos sujeitos e, dessa forma, de distintas experiências em relação aos feminismos que por sua vez constituíram esse espaço de enunciação das trajetórias históricas desses períodos de ditaduras, dos feminismos e mesmo da consolidação desse debate nas esferas acadêmicas.

Esse processo não é propriamente distinto na Argentina. Dora Beatriz Barrancos, ex-militante da juventude peronista, investigadora do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET - Argentina), foi diretora do *Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género da Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires* (UBA) e possui uma série de publicações que tratam do feminismo em seu país, como, por exemplo, *Inclusión/Exclusión. Historia con Mujeres*¹⁰¹, *Mujeres en la sociedad argentina. Una historia*

⁹⁹ FOUCAULT, Michel. Diálogo sobre o saber. In: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos*. Estratégia, Saber-Poder. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 253-266.

¹⁰⁰ SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione L. da.; LAGO, Mara de S.; RAMOS, Tânia R. O. *Falas de Género*: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999. p.25.

¹⁰¹ BARRANCOS, Dora. *Inclusión/Exclusión. Historia con Mujeres*. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

de cinco siglos¹⁰² e *Mujeres, entre la casa y la plaza*¹⁰³. Maria Elena Oddone, liderança do Movimento de Liberação Feminina, escreveu seu livro de memórias intitulado *La pasión por la Libertad*¹⁰⁴. Elizabeth Jelin, após trajetória acadêmica no exterior, retornou à Argentina no ano de 1973 e passou a integrar juntamente com uma série de acadêmicas/os e intelectuais o *Centro de Estudios de Estado y Sociedad* (CEDES), lugar que permitiu estabelecer críticas à ditadura. Posteriormente, integrando o CONICET, tornou-se referência nos estudos ligados à memória, com publicações como *Los trabajos de la memoria*¹⁰⁵. Sara Torres, em conferência registrada no livro *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*¹⁰⁶, fala de sua militância na União Feminista Argentina e da ligação que havia entre academia e movimento social, tendo contribuído para essa historiografia através do periódico *Brujas* – publicação feminista argentina da década de 1980. María Luisa Femenías, assim como Sara Torres, fez parte da UFA tornou-se professora da *Universidad de Buenos Aires* e da *Universidad de La Plata*, possuindo publicações ligadas aos feminismos argentinos da década de 1970. Mirta Henault, também militante da UFA, foi responsável pela publicação do livro *Las mujeres dicen basta*¹⁰⁷, referência no debate feminista; Nora Dominguéz fez parte coordenação inicial da *Área Interdisciplinaria de Estudios de la Mujer* (AIEM), que viria a ser o *Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género* (IEG) da UBA, e possui uma série de produções nesse campo;

¹⁰² BARRANCOS, Dora. *Mujeres en la sociedad argentina*. Una historia de cinco siglos.

Colección Historia. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2007.

¹⁰³ BARRANCOS, Dora. *Mujeres, entre la casa y la plaza*. Colección Nudos de la Historia

Argentina. Buenos Aires: Sudamericana, 2008.

¹⁰⁴ ODDONE, María Elena. *La pasión por la Libertad* – memorias de una feminista. Buenos

Aires: Ediciones Colihue Mimbipa, 2001.

¹⁰⁵ JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. España: Siglo Veintiuno editores, 2001.

¹⁰⁶ Sara Torres. In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa (coord.). *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*. v.1. Buenos Aires: En la Frontera, 2010. p. 291-294.

¹⁰⁷ HENAULT, Mirta. *Las mujeres dicen basta*. Buenos Aires: Nueva Mujer, 1972.

Leonor Calvera, escritora com publicações em diversas áreas, lançou também *El género mujer*¹⁰⁸ e *Mujeres y feminismos en la Argentina*¹⁰⁹.

Aqui, novamente, temos alguns nomes dentre as autoras que figuram no cenário de narrativas históricas e reflexões em torno de temáticas do feminismo na Argentina que mesclam militância e atuação acadêmica¹¹⁰. Essas são algumas características relevantes ao analisarmos a construção de um campo de conhecimento específico na Argentina e no Brasil, bem como ao levantarmos os materiais que circularam nas bibliotecas e nos periódicos desses dois países. É nesse jogo de poder discursivo, permeado por distintas experiências, que se formaram as narrativas sobre os feminismos e suas "ondas" tanto na Argentina como no Brasil, e é dentro da possibilidade de novas/os personagens históricos e novos debates teóricos, visibilizados através de movimentos sociais, que outras narrativas foram e são possíveis em meio ao que foi escrito sobre o movimento de mulheres e movimento feminista nesses dois países latino-americanos.

Clare Hemmings¹¹¹, ao discutir a trajetória da produção feminista em uma perspectiva global, chama a atenção para as características atribuídas a cada década e para as implicações relativas às narrativas hegemônicas ocidentais. São com essas "estórias" de progresso – que compreenderam as trajetórias como algo evolutivo em que a década de 1970 é criticada por seu essencialismo – e de perda – em que esses estudos são despolitizados por uma compreensão binária

¹⁰⁸ CALVERA, Leonor. *El género mujer*. Buenos Aires: Editorial Belgrano, 1982.

¹⁰⁹ CALVERA, Leonor. *Mujer y feminismo en la Argentina*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1990.

¹¹⁰ Sobre a trajetória pessoal e acadêmica das feministas argentina é possível consultar: BORGES, Joana Vieira. *Trajelórias e leituras feministas no Brasil e na Argentina (1960-1980)*. 2013. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013.; VEIGA, Ana Maria. *Cineastas brasileiras em tempos de ditadura: cruzamentos, fugas, especificidades*. 2013. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013.; *Mujeres y Género en América Latina*. Instituto de Estudios Latinoamericanos. *Freire Universität*. Berlim. Disponível em: http://www.lai.fu-berlin.de/es/e-learning/projekte/frauen_konzepte/projektseiten/frauenbereich/index.html.

Acesso em: 29 de dezembro de 2013.

¹¹¹ HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. *Revista Estudos Feministas*. v.17, n.1.. 2009. p. 216-241.

da prática ativista feminista diante da profissionalização teórica nessa área – que a América Latina dialoga construindo o campo de estudos das mulheres e de gênero através de leituras e ressignificações.

2.1 FEMINISMOS, GÊNERO E ACADEMIA

No campo dos estudos históricos nos Estados Unidos, o gênero teve como ponto de partida as políticas feministas da década de 1960, que reivindicaram a incorporação das “heroínas” na historiografia como prova de atuação das mulheres ao longo da história. Havia uma ligação entre a atuação política e a intelectualidade, desenvolvendo explicações sobre a opressão feminina e inspirando a ação feminista. As fundações passaram a estimular a obtenção de títulos de PhDs por mulheres, acreditando que as desigualdades seriam vencidas no meio intelectual com a qualificação das mesmas em uma paridade quantitativa e qualitativa. Entretanto, essas expectativas não foram atendidas. Historiadoras passaram a reivindicar mais recursos para a elaboração de investigações nesse campo de conhecimento e a declarar que seus interesses não estavam abarcados no grande grupo de sua categoria profissional.¹¹²

Foi nesse contexto que emergiu o debate sobre “história das mulheres” em oposição à “história dos homens”, que é o cerne da considerada história oficial. A terminologia “mulheres”, durante a década de 1970, teve como ponto de encontro os interesses identitários e a sexualidade, mas que, em contrapartida, passou a significar uma categoria que levava em conta as diferenças sociais. Frente às tensões nesse campo de pesquisa, que passou a vislumbrar outras narrativas possíveis, reconhecendo as diferenças étnico-raciais, classe e sexualidade, a década de 1980 foi marcada pela incorporação do termo “gênero”, que assumiu as multiplicidades dos sujeitos e teve como proposta investigar as relações sociais e a construção dos indivíduos em suas especificidades.¹¹³

Joan Scott, ao narrar a trajetória do gênero no campo histórico estadunidense, mostra que o termo sofreu críticas. Ligado às teorias pós-estruturalistas, a perspectiva de gênero foi tomada como elitista e

¹¹² SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p.63-95.

¹¹³ Idem.

abstrata, tendo em vista a análise a partir das relações entre mulheres e homens, e não centrada nos indivíduos. Os grupos feministas, que possuíam ideais radicais, apontavam que suas posições eram concretas, práticas e feministas, separando o que é teórico do que é político. Segundo essa linha crítica, existiu um abismo entre as teorizações e os trabalhos acadêmicos que abordam as condições das mulheres em diversas esferas e a política simbolizada pela experiência das mulheres¹¹⁴.

Embora Joan Scott faça um panorama dos estudos de mulheres e dos estudos de gênero na história do Eixo-Norte, essa explanação é importante à América Latina no que tange às terminologias utilizadas em diferentes áreas das Ciências Humanas. A utilização do termo “mulher”, posteriormente “mulheres”, do termo “gênero” e mesmo a retomada de “mulheres” enquanto um conceito contingente, diz respeito a todo um processo de debates teóricos que por meio de reivindicações de sujeitos com identidades outras, não contempladas no discurso homogeneizante de um feminismo ocidental posicionado, levou em consideração elementos como as especificidades do contexto social e temporal dos mesmos, as relações em que estão envolvidos, as subjetividades, etc.

Pensando em um histórico brasileiro, indissociável de um debate internacional, o que esteve em voga durante a década de 1970 nas universidades, foram os “estudos sobre mulher”. Utilizando o termo “mulher”, a proposta do período, dentro dessa área do conhecimento, foi preencher as lacunas dos estudos que por muito tempo priorizaram as figuras masculinas. Assim, denunciar a “condição desfavorecida” das mulheres, muitas vezes oprimidas e exploradas em seu contexto social, foi uma das formas de “repor” um conteúdo pouco expressivo na produção bibliográfica acadêmica da época¹¹⁵. Os estudos de gênero – aqui utilizado como um campo de estudos ligado ao feminismo e que teve nos usos de diversas terminologias teóricas o embate político diante de uma na narrativa oficial, eminentemente masculina – seguem, em partes, o mesmo movimento dos Estados Unidos, diferenciando-se na organização institucional. Referência para as acadêmicas no Brasil, as estudiosas estadunidenses passaram a se agrupar em torno da temática, e, fugindo às hierarquias, foram criados cursos específicos dentro das instituições de ensino superior. A proposta, a partir dessa organização

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ HEILBORN, Maria Luiza. *SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil*. In: MICELI, S. Op. cit., p.4.

institucional foi incentivar as reflexões em torno das experiências das mulheres e promover os ideais feministas¹¹⁶. Segundo Maria Luiza Heilborn e Bila Sorj, no caso dos Estados Unidos, houve a fuga dos embates acadêmicos dentro de áreas de conhecimento – como Ciências Sociais, Antropologia, História, etc. – com a criação de cursos de estudos das mulheres e de gênero, com ênfase na proposta feminista¹¹⁷.

Foi a partir da década de 1980 que a utilização do termo “mulher” passou a ser substituído, gradativamente pelo termo “gênero”. Essa nova perspectiva de abordagem eliminou o determinismo biológico enraizado na utilização de termos como “sexo” ou “diferença sexual”, considerando a construção cultural e social. Com a proposta de gênero, os homens assumiram espaço nesse campo de estudos, já que este não se pautava no enfoque dos indivíduos femininos, mas sim nas condições sociais e nas relações estabelecidas entre eles¹¹⁸. O conceito de gênero veio das reflexões realizadas no exterior e foi apropriado e traduzido para o contexto brasileiro. Como os termos “feminismo” e “teorias feministas” possuíam um cunho radical foi através da utilização da terminologia “estudos de gênero” que as acadêmicas brasileiras puderam manter as formalidades exigidas pelas instituições científicas, conquistando um espaço seguro dentro desse meio, além de um lugar de sofisticação teórica dentro do “gueto” que representava os “estudos da mulher”¹¹⁹.

Esses estudos foram impulsionados pela Fundação Ford, que, desde a década de 1970, percebeu, no Brasil, um campo para o

¹¹⁶ BOXER, Marilyn, J. “For and About Women: the theory and practice of women’s studies in the United State”, In: KEOHANE, N. O.; ROSALDO, M. Z e GELPI, B., *Feminist Theory. A critique of ideology*. The University of Chicago Press, 1982. Apud.: HEILBORN, Maria Luiza. SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, S. Op. cit. p. 2.

¹¹⁷ HEILBORN, Maria Luiza. SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999. Disponível na Biblioteca Digital CLAM: <http://sistema.clam.org.br/biblioteca/?q=node/102> Acesso em: 13 mar. 2008. p. 3-4.

¹¹⁷ LOBO, Elisabeth de Souza. Os Usos do Gênero. Relações Sociais de Gênero/Relações de Sexo. *Revista do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero*. Depto. de Sociologia - FFLCH - USP, São Paulo, 1989.

¹¹⁸ HEILBORN, Maria Luiza. SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, S. Op. cit.p.4.

¹¹⁹ COSTA, Claudia de Lima. O tráfico do gênero. *Cadernos Pagu*. no. 11, 1998. p. 134-135.

desenvolvimento de pesquisas que atendesse aos seus interesses. Com o objetivo de proporcionar uma intervenção nas políticas públicas e nas desigualdades sociais, a Fundação buscou investir nesse campo de pesquisa, tendo em vista a importância das mulheres na modernização dos países latino-americanos. Para essa instituição, os feminismos que efervesciam na América Latina durante essa década mostravam-se como um grande aliado na formação de novos modelos de feminilidade. A partir da criação de novos valores para a vida das mulheres – como a realização profissional –, a importância da maternidade seria desconstruída, atendendo aos objetivos de controle populacional.¹²⁰

Dentre as instituições de pesquisa no Brasil, a Fundação Carlos Chagas foi a que recebeu o encargo de administrar os financiamentos disponibilizados pela Fundação Ford, devido à sua estrutura institucional consolidada no país, e a partir do recebimento dos recursos, passou a fornecer bolsas para o desenvolvimento de pesquisas em determinadas áreas. Esse foi um dos grandes impulsionadores das investigações realizadas sobre os estudos das mulheres, e mesmo, posteriormente, os estudos de gênero, que representavam na época um campo ainda muito incipiente dentro das instituições universitárias.

O interesse dentro da Fundação Carlos Chagas pelos estudos de gênero surgiu por volta de 1970, com a criação de um grupo informal nomeado Coletivo de Pesquisa sobre a Mulher. A partir da experiência desse grupo, Carmem Barroso e outras pesquisadoras da instituição elaboraram a proposta do Programa de Estudos sobre a Mulher, Educação e Trabalho, em 1978, contando com recursos da Fundação Ford. Posteriormente, surgiram outros projetos, fazendo com que a Fundação Carlos Chagas recebesse uma das quantias mais consideráveis da Fundação Ford para investimento nesse campo. O Programa de Relações de Gênero na Sociedade Brasileira, realizado entre os anos de 1978 e 1998, selecionou projetos de pesquisa, realizou seminários com bolsistas e eventos para avaliação da área no país, formando uma comunidade em torno desse campo de saber.¹²¹

Iniciou-se assim, um movimento de expansão das pesquisas nessa área do conhecimento, em meio ao debate feminista da Segunda Onda

¹²⁰ HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, S. Op. cit. p.5-6.

¹²¹ SORJ, Bila. Estudos de Gênero: a construção de um novo campo de pesquisa no país. In: COSTA, Albertina de O.; MARTINS, Ângela M.; FRANCO, Maria Laura P.B. (Org.) *Uma História para Contar: A Pesquisa na Fundação Carlos Chagas*. São Paulo: Annablume, 2004. p.120

no Brasil e ao incentivo promovido pelos recursos internacionais. Núcleos enfocando os estudos sobre mulheres e os estudos de gênero passaram a ser criados nas instituições de ensino, formando espaços de debate dentro de áreas do conhecimento que já possuíam cursos superiores. Esse movimento, teve início durante a década de 1980 e continua até hoje com a formação de novos núcleos em diferentes universidades do Brasil.

Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), foi formado, em 1980, o Núcleo Acadêmico de Estudos sobre a Mulher (NEM). Fundado e coordenado por Fanny Tabak, o NEM é considerado o primeiro grupo de estudos sobre o tema no país. Na Universidade Federal de Bahia foi criado, em 1983, o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), que em 1995 tornou-se órgão suplementar. Possuindo mestrado e doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, o NEIM, no ano de 2009, criou o curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, iniciativa pioneira no Brasil. Em 1985, foi formado, na Universidade de São Paulo, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, que, três anos após mudou de nome, passando a ser chamado Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE), existente até os dias de hoje. No final da década de 1980, formou-se o Grupo de Trabalho em Gênero da Universidade Federal de Pernambuco, associado ao Instituto PAPAI. Na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) foi fundado o Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, em 1993. Em 1995, na Universidade Federal do Rio Grande Sul, criou-se o Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACi), ligado ao Programa de Pós-Graduação desta área de pesquisa, e, no início dos anos 2000, surge o Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal do Paraná.

Florianópolis, que durante a década de 1960 e 1970 não era considerada uma capital referência no movimento de mulheres e movimento feminista, nem mesmo possuía muitos estudos sobre esses grupos locais, durante a década de 1980 e 1990 passa a assumir uma representatividade nacional, sendo hoje considerado um centro de referência nesses estudos.

Atualmente, a Universidade Federal de Santa Catarina é sede da Revista *Estudos Feministas*, periódico reconhecido internacionalmente, que faz parte do Instituto de Estudos de Gênero, formado por pesquisadoras vinculadas a universidades catarinenses. Entre os grupos que desenvolvem pesquisas e agregam investigadoras e investigadores sobre o tema no estado ainda é possível elencar o Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH – UFSC); o Núcleo de Identidades

de Gênero e Subjetividades (NIGS – UFSC) e o Laboratório de Estudos de Gênero e Família (LABGEF) sediado na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Aqui constam alguns exemplos dentre a vasta lista de grupos de pesquisa que trabalham com questões relativas às mulheres e com os estudos de gênero com sedes em espaços acadêmicos. Além dos já mencionados, é possível encontrar uma listagem desses núcleos através do setor grupos de pesquisa do *website* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Os eventos da área também fazem parte dessa trajetória de consolidação dos estudos de mulheres e de gênero no campo acadêmico. A Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas (REDEFEM) foi criada em 1994 e é responsável por uma trajetória de eventos que reúnem pesquisadoras e pesquisadores de diversas áreas. Como resultado da união de profissionais nos estudos de gênero no estado de Santa Catarina é possível destacar a realização de eventos, como o Encontro de Estudos sobre a Mulher, 3º. Encontro Nacional de Mulher e Literatura, além do Fazendo Gênero. O Encontro Nacional Mulher e Literatura, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foi a base para o Fazendo Gênero, que teve sua primeira edição no ano de 1994, contando com cerca de 100 participantes, mas que em sua nona edição, no ano de 2010, com o considerável aumento de recursos financeiros disponíveis, contou com cerca de quatro mil inscrições¹²².

Marcela Narí, no periódico *Feminaria* número 14 de 1995, descreveu que nas décadas de 1960 e 1970 os estudos das mulheres e posteriormente a categoria de gênero foram introduzidos na Argentina em áreas como a Psicologia, Sociologia e Demografia, e que, embora de alguma forma as mulheres fossem consideradas pela historiografia em anos anteriores, essa inclusão ocorreu através de narrativas de "grandes personagens históricas". Avaliado como um campo marginal, segundo julgamento estabelecido no ano de 1995, para a autora o movimento teórico argentino teria que inicialmente investigar a trajetória de luta durante os anos de ditadura e questionar sobre as desigualdades de gênero em contextos de repressão e suas influências na

¹²² Sobre o Fazendo Gênero: Fazendo Gênero. *Instituto de Estudos de Gênero*. Acesso em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/>. Acesso em: 29 de dezembro de 2013; ZUCCO, Maise Caroline. *Mulheres, feminismos em Florianópolis e suas relações com outros espaços de poder no território brasileiro*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

contemporaneidade dando sentido aos referenciais teóricos estadunidenses e provenientes da Europa Ocidental a partir das experiências vividas, para que fosse estabelecida uma releitura da historiografia mais ampla.¹²³

Em relação à descrição dos referenciais bibliográficos reflexivos, que se tornaram aportes em torno de propostas feministas acadêmicas, encontramos similaridades nas narrativas argentinas e brasileiras. July Cháneton, uruguaia naturalizada argentina, professora da Universidade de Buenos Aires e licenciada em Letras, no livro *Género, poder y discursos sociales* escreve sobre a trajetória do campo disciplinar elencando que os primeiros movimentos nas áreas universitárias surgiram nos Estados Unidos, na década de 1960, com a denominação de *Women's Studies* ou ainda *Feminist Studies*. Discute sobre a importância da figura de Betty Friedan através de seu livro *La mística femenina* e da origem teórica do termo que passa a embasar os estudos de gênero com a crítica à dicotomia natureza/cultura. Escreve também sobre a importância dos referenciais teóricos de Gayle Rubin; de Sheila Rowbotham, esta última para o feminismo radical marxista; de Kate Millet e o livro *Política sexual*; e de Simone de Beauvoir, com *Le deuxième sexe (El Segundo Sexo)*, tradução argentina de Pablo Palant), que reapareceria como livro emblemático dos movimentos da década de 1960 e 1970 por conta da desconstrução do caráter de natureza autoevidente do feminino e do masculino¹²⁴. Nesse referencial, que retomo no capítulo seguinte, é possível observar a recorrência de um retorno ao feminismo estadunidense e europeu ao discorrer sobre os processos teóricos e reflexão sobre esses estudos em meios acadêmicos, ocorrido também no Brasil, conforme narrativa traçada anteriormente neste capítulo.

Como um adendo a essa questão, que será explorado na próxima parte da tese, em relação à bibliografia acima mencionada, Joana Maria Pedro e Joana Vieira Borges – respectivamente, em projetos de pesquisa¹²⁵ e em tese de doutorado – com base em uma série de

¹²³ NARÍ, Marcela M. A. ¿Hacemos tabla rasa de la historia de las mujeres? *Feminaria*. Ano VIII. n. 14, 1995. p. 19-20.

¹²⁴ CHÁNETON, July. *Género, poder y discurso sociales*. Buenos Aires: Eudeba, 2009. p.17-43.

¹²⁵ Joana Maria Pedro, sob a coordenação de projetos de pesquisa com o apoio de estudantes e professoras integrantes do LEGH, estabeleceu um vasto banco de dados de entrevistas com feministas argentinas e brasileiras, além de produções bibliográficas com base nesse material. São esses projetos: “Revoluções do Gênero: apropriações e identificações com o feminismo (1964-

entrevistas realizadas pelo Laboratório de Estudos de Gênero (LEGH) da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentam a recorrência de menções a determinadas autoras por pessoas que se identificaram com o feminismo e/ou mesmo possuíam atuação em áreas acadêmicas dentro dos estudos de gênero no sentido de dar legitimidade, seja à associação com o movimento, seja em relação ao alinhamento teórico. Essas entrevistas, que abarcam tanto a Argentina quanto o Brasil, estabeleceram um alinhamento das experiências, como militantes e como pesquisadoras, e reforçaram "origens" desse campo de conhecimento em determinadas localidades de produção do saber.

Os primeiros investimentos na área dos estudos feministas na Argentina são narrados a partir do final da década de 1980, inclusive no texto de Marcela Narí citado anteriormente. A conquista dos espaços nas universidades argentinas teria ocorrido a partir da pressão exercida por acadêmicas ligadas a investigações de cunho feminista, além da possibilidade de exploração de outras temáticas favorecida pela abertura democrática no país¹²⁶. No entanto, narrativas sobre as mulheres em contexto argentino, segundo Dora Barrancos, estiveram presentes anteriormente, em trabalhos percussores, o que não significou necessariamente a propagação de ideais ligados ao feminismo: não reivindicaram sobre a visibilidade das mulheres na historiografia, não refletiram sobre a ressonância das diferenças entre os sexos, e não procuraram alterar os significados patriarcais nas disciplinas¹²⁷. Textos do início do século XX como os de Mercedes Pujato Crespo¹²⁸ e Ada

1985)", "Os feminismos e os movimentos sociais de resistência às ditaduras no Cone Sul: uma história comparativa (1960-1980)", "Feminismos e movimentos de resistência às ditaduras no Cone Sul (1960-1989)", "Movimento de Mulheres e Feminismos em tempos de ditadura militar no Cone Sul (1964-1989)" e "Do feminismo ao gênero - circulação de teorias e apropriações no Cone Sul (1960-2008)".

¹²⁶ GARRIDO, Hilda Beatriz. La historia de las mujeres y los estudios de género en la Universidad Nacional de Tucumán. Archivo Histórico de la Universidad Nacional de Tucumán. Disponível em: http://www.archivo.unt.edu.ar/attachments/059_garrido2.pdf. Acesso em: 20 de novembro de 2013.

¹²⁷ BARRANCOS, Dora. Historia, historiografía y género. Notas para la memoria de sus vínculos en la Argentina. *Revista de Historia Social y de las Mentalidades*. Año VIII, v. 1/2, 2004. p. 36.

¹²⁸ CRESPO, Mercedes Pujato. *La historia de las revistas femeninas y mujeres intelectuales que le dieron vida*. Buenos Aires, Primer Congreso Patriótico de Mujeres, 1910.

Elflein¹²⁹ trazem personagens históricas femininas, num exercício de "resgate". Elvira López, com a tese de doutorado *El Movimiento Feminista*¹³⁰, atravessa a história da Grécia à contemporaneidade a fim de estabelecer uma narrativa histórica sobre o feminismo. Esses são alguns dos exemplos dessas primeiras produções que antecederiam a perspectiva da História Social, importante na trajetória desses estudos no que diz respeito ao trabalho das mulheres fora do âmbito doméstico, e da influência de Michel Foucault e da História Cultural, caminho teórico similar ao brasileiro¹³¹.

Dentro das instituições é possível identificar a arrematada de pesquisas ligadas ao campo dos estudos de mulheres e de gênero nas universidades através da formação de grupos de pesquisa, da produção de publicações na área e mesmo da criação de redes específicas destinadas a esse campo. Em 1993, na *Universidad Nacional de Rosario* (UNR) foi criado o mestrado em estudos de gênero, dentro da área de Humanidades e Artes que, segundo site da instituição, é intitulado *El poder y la sociedad desde la problemática del género*¹³². Outro programa de pós-graduação criado recentemente na Argentina está concentrado à área de *Estudios de la Familia*¹³³ que encontra-se sediado na *Escuela de Humanidades* da *Universidad Nacional de San Martín* (UNSAM) sob a coordenação de Mónica Tarducci. É conveniente destacar que em entrevista concedida por Mónica Tarducci no ano de 2011¹³⁴ para ilustrar uma reportagem¹³⁵ que tratava dos pioneirismos do

¹²⁹ ELFLEIN, Ada. *Del pasado*. Cuentos, episodios, narraciones de la vida argentina. Buenos Aires, La Plata, Martín García, 1910.

¹³⁰ LÓPEZ, Elvira. *El movimiento feminista*. Primeiros trazos del feminismo en Argentina. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2009.

¹³¹ Ibidem. p.35-65.

¹³² A esse respeito consultar a página da instituição de ensino superior: <http://www.unr.edu.ar/posgrados/>.

¹³³ Informações sobre o Programa no website da instituição: Carrera. Oferta. *Universidad de San Martín*. Disponível em: http://www.unsam.edu.ar/oferta/carreras/_print_carrera.asp?id=113. Acesso em: 19 de novembro de 2013.

¹³⁴ La Dra. Tarducci habla sobre la Maestría en Género de la UNR. *Universidad Nacional de Rosario* (website) Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=5j5vs-nmlqM>. Acesso em: 19 de novembro de 2013.

¹³⁵ ARRABAL, Victoria. Nuestra Universidad precursora en estudios de género. *Universidad Nacional de Rosario* (website). Rosario, 10 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.unr.edu.ar/noticia/3526/nuestra-universidad-precursora-en-estudios-de-genero/>. Acesso em: 19 de novembro de 2013.

Mestrado na UNSAM, publicada no *website* da Universidade, a professora aborda de forma rápida que no ano de 1986, em um congresso de antropologia organizou-se a primeira mesa sobre a temática relativa às mulheres. Na ocasião, foi necessário chamar uma pesquisadora do exterior, uma vez que não havia pessoas dedicadas à área no país na época.

Em relação aos grupos formados a partir de instituições de ensino superior, o *Centro de Investigaciones María Saleme de Burnichon* foi constituído no ano de 1987, como uma unidade acadêmica da Faculdade de Filosofia e Humanidades da *Universidad Nacional de Córdoba*. O grupo buscava realizar investigações nas áreas de História, Filosofias, Letras, Artes e Ciências Sociais e convergiam no que diz respeito ao interesse de pesquisa ligado às temáticas relativas às mulheres. A partir dele seria criado o *Programa Interdisciplinario de Estudios de Mujer y Género* (PIEMG), com Doutorado em estudos de gênero, passando a organizar desde os anos 2000 uma série de eventos ligados à área¹³⁶. No ano de 1990, na *Universidad Nacional de Luján*, dentro do Centro de Ciências sociais da instituição estatal, foi criada a *Área Interdisciplinaria de Estudios de la Mujer* e, posteriormente a especialização em *Estudios de las Mujeres y de Género*¹³⁷. Na *Facultad de Filosofia y Letras* da *Universidad Nacional de Tucumán* foi constituído o *Centro de Estudios Históricos Interdisciplinarios sobre las Mujeres* em 4 de novembro de 1991, buscando atender junto aos estudos de gênero a área acadêmica do noroeste da Argentina, publicando, desde 2004, o periódico *Temas de Mujeres*¹³⁸. Na *Universidad de Buenos Aires*, em 1992 foi formado o *Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género* no intuito de coordenar estudos e pesquisas que tivessem como temática as mulheres. Contando com a participação de profissionais de diferentes áreas de conhecimento dentro da Universidade no ano de 1997 foi criado o *Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género* e

¹³⁶ Programa Interdisciplinario de Estudios de Mujer y Género. Programa Interdisciplinario de Estudios de Mujer y Género. Disponível em: <http://www.ffyh.unc.edu.ar/piemg/organizacion.html> . Acesso em: 19 de novembro de 2013.

¹³⁷ Ver a esse respeito no Site da área e da especialização, respectivamente: <http://www.gloobal.net/iepala/gloobal/fichas/ficha.php?id=10932&entidad=Agentes&html=1> e <http://www.unlu.edu.ar/carp-emg.html>. Acesso em: 19 de novembro de 2013.

¹³⁸ Informações na página do Centro: http://www.filo.unt.edu.ar/centinti/cehim/cehim_his.htm. Acesso em: 19 de novembro de 2013.

desde 2012 é possível obter o título de doutorado em Filosofia e Letras na área de Estudos de Gênero na UBA.

Em 25 de outubro de 1993 através de uma resolução da *Universidad Nacional de La Pampa* foi constituído o *Instituto Interdisciplinario de Estudios de la Mujer* a partir de pesquisadoras das áreas de Ciências Sociais, História, Sociologia, Ciências da Educação e Geografia, integrando a Faculdade de Ciências Humanas¹³⁹. O documento de implementação do programa *Género, Sociedad y Universidad*, a *Universidad Nacional del Litoral* afirma seu comprometimento com a área e a descreve como cada vez mais institucionalizada, seja na Argentina como no exterior. Menciona também que embora o Programa tenha sido criado recentemente, desde 1992 funciona na Faculdade de Humanidades e Ciências o *Centro de Investigaciones Históricas Sociales sobre las Mujeres*¹⁴⁰.

Os eventos também representaram um importante elemento de difusão dos estudos dentro do meio acadêmico da Argentina. Em 1990 foi realizada a *I Jornada Nacional de Historia de la Mujer* na *Universidad Nacional de Luján*. A segunda e terceira edições do evento ocorreram em Buenos Aires e na *Universidad de Rosario*, respectivamente; a quarta na *Universidad Nacional de Tucumán* explorando discussões em torno de "*Temas de Mujeres. Perspectiva de Género*", no ano de 1996. A quinta Jornada foi realizada em Santa Rosa, na *Universidad Nacional la Pampa*; e a sexta edição, em 2000, na UBA com a temática "*Voces en conflicto, espacios de disputa*". Essa última edição aconteceu conjuntamente ao *Primer Congreso Iberoamericano de Estudios de Género*, ocorrendo a partir de então conjuntamente à Jornada, em suas edições seguintes.¹⁴¹

¹³⁹ Interdisciplinario de Estudios de la Mujer. *Universidad Nacional de La Pampa*. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.fchst.unlpam.edu.ar/investigacion/institutos/instituto_interdisciplinario_de_estudios_de_la_mujer/. Acesso em: 19 de novembro de 2013.

¹⁴⁰ Programa Género, Sociedad y Universidad. *Universidad Nacional del Litoral*. Disponível em: <http://www.unl.edu.ar/articles/download/632>. Acesso em: 19 de novembro de 2013.

¹⁴¹ Essas informações estão disponíveis nas referências bibliográficas do texto de Dora Barrancos (Historia, historiografía y género. Notas para la memoria de sus vínculos en la Argentina. *Revista de Historia Social y de las Mentalidades*. Año VIII, Vol. 1/2, 2004. Santiago do Chile) e em documento do *Centro de Documentación*,

Diana Maffía, política e filósofa argentina, narra que a incorporação massiva dos estudos de mulheres e estudos de gênero ocorreu principalmente a partir da década de 1990, afirmando que havia encontros interdisciplinares durante as décadas de 1980 e 1990, mas que não estavam sendo realizadas pesquisas nesse campo. Para ela, os anos 90 foram o momento de subversão intelectual na Argentina, pois a partir dessa data foram criadas redes nacionais e passou a ocorrer a participação das universidades das províncias nessas discussões¹⁴². Entretanto, o fato dos estudos de mulheres e de gênero estarem difundidos nas instituições não garantiu propriamente a consolidação sem um processo de disputas internas em meio aos departamentos e suas grandes áreas de conhecimento.

Na década de 1990, alguns espaços haviam sido ganhos nas universidades argentinas e as atividades acadêmicas eram divididas entre os trabalhos em institutos e as pesquisas no campo dos estudos das mulheres, sendo estes considerados, "na melhor das hipóteses, como exótico", segundo Marcela Narí. Para a historiadora argentina esse movimento estabeleceu graves contradições ocorrendo uma divisão entre o que seria a produção profissional – aqui marcada pelo desenvolvimento de trabalhos dentro de áreas específicas de Ciências Humanas, por exemplo – e pesquisas realizadas em torno dos estudos das mulheres. No contexto argentino, a autoridade discursiva em torno dos estudos ligados ao feminismo era conquistada, conforme explanação realizada em 1994, apenas após o prestígio de sua obra e a consolidação dessa/desse profissional dentro de sua formação disciplinar; o que ao mesmo tempo proporcionava legitimidade e levava a um lugar marginal da produção de conhecimento.¹⁴³

No Brasil, as pesquisadoras e pesquisadores permaneceram nas instituições de ensino e, a partir delas, formaram grupos de estudos com o intuito de obter o reconhecimento dentro de seus campos, com a

Información y Análisis: IX Jornada Nacional de Historia de las Mujeres. IV Congreso Iberoamericano de Estudios de Género. Centro de Documentación, Información y Análisis. Dirección de Servicios de Investigación y Análisis. Subdirección de Política Exterior. Cidade do México, 2008. Disponível em: <http://www.diputados.gob.mx/cedia/sia/spe/SPE-CI-A-13-08.pdf> . Acesso em: 23 de novembro de 2013.

¹⁴² MAFFÍA, Diana. MIÑOSO, Yuderlys Espinosa (coord.). *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*. Buenos Aires: En la Frontera, 2010. p.289-290.

¹⁴³ NARÍ, Marcela M. A. *Relaciones peligrosas: Universidad y Estudios de la Mujer. Feminaria..* Ano VII, n. 12, 2004. p.15-17.

formação de laboratórios, grupos de estudo e pesquisa específicos para o desenvolvimento da temática¹⁴⁴. Esse movimento, ocorrido no Brasil, não garantiu o reconhecimento e legitimidade dos pares em relação a essa produção nos primeiros anos de incorporação às universidades – em que os "estudos de mulheres" estavam sendo realizados –, mas também não atingiu o mesmo patamar com a utilização da terminologia teórica "gênero". Como destaca Elisabeth de Souza Lobo, as relações de gênero são relações de poder, no qual a produção de conhecimento nesse campo também não está isenta. O diálogo com as instituições, com as editoras e a busca por captação de recursos colocaram essa área de pesquisa, recente em relação a outras, em posições que variam de acordo com os interesses de mercado¹⁴⁵, políticos e sociais.

Mesmo em meio aos anos 2000, período em que a demanda feminista e as políticas públicas ligadas aos movimentos lesbianos, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros (LGBTTT) passam a receber suporte financeiro tanto como movimento social quanto como área de investigação, ainda foi possível perceber a relação dispare dentro do meio acadêmico. Como salientou Maria Margaret Lopes e Adriana Piscitelli – ambas integrantes da editoria dos *Cadernos Pagu* – em artigo do ano de 2004, que aborda a situação das revistas científicas nos estudos de gênero, dentro das instituições ainda existia fatores que desfavoreciam essa área do conhecimento diante de linhas de pesquisas já consolidadas:

(...) se algumas publicações estão classificadas nos níveis mais elevados concedidos aos periódicos nacionais, no Brasil, acho que muitas concordarão com a idéia [sic.] de que o impacto e a legitimidade acadêmica obtida por publicar, por exemplo, na Revista Brasileira de Ciências Sociais não é análogo ao de publicar na REF ou nos Cadernos PAGU.¹⁴⁶

¹⁴⁴ HEILBORN, Maria Luiza. SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999. Disponível na Biblioteca Digital CLAM: <http://sistema.clam.org.br/biblioteca/?q=node/102> Acesso em: 13 de março de 2008. p. 3-4.

¹⁴⁵ LOBO, Elisabeth de Souza. Os Usos do Gênero. Relações Sociais de Gênero/Relações de Sexo. *Revista do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero*. Depto. de Sociologia - FFLCH - USP, São Paulo, 1989. p. 84.

¹⁴⁶ LOPES, Maria Margaret. PISCITELLI, Adriana. Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de gênero: um olhar desde as “margens”.

Em outras palavras, mesmo que dentro do ciclo acadêmico interdisciplinar dos estudos de gênero essas duas publicações possuam grande relevância, segundo a discussão, é em função das grandes publicações de áreas específicas que esse campo do conhecimento fica marginalizado. Dentro das trajetórias dos estudos de mulheres e estudos de gênero as hierarquias acadêmicas das instituições de ensino relegaram esse campo de conhecimento como um saber inferiorizado, embora no contexto da fala de Maria Margaret Lopes e Adriana Piscitelli os recursos financeiros tenham crescido consideravelmente, dando visibilidade aos estudos e eventos dentro dessa área.

Para além dessas relações de poder as quais os estudos de gênero na Argentina e no Brasil estão submetidos, outro elemento é importante na cartografia identitária desse conhecimento: a localização. Situado na América Latina, o Brasil faz parte de uma produção de conhecimento localizado fora dos grandes centros teóricos do feminismo, como é o caso dos Estados Unidos e da França. Nesse Eixo-Norte/Sul da produção do conhecimento, conforme destaca Claudia de Lima Costa, existe uma representação que atribui aos centros metropolitanos o desenvolvimento de teorias, enquanto as “periferias” ficariam restritas aos estudos de caso¹⁴⁷. Há, nesse sistema, uma lógica que atribui à América Latina um espaço de pouco prestígio na produção do conhecimento. A “geografia do poder cultural” inscreve nessa produção a marca da subordinação exercida pelo contexto acadêmico-metropolitano organizado através do ciclo internacional de encontros e publicações¹⁴⁸. Entretanto, a produção de conhecimento nessas localidades está em constante diálogo com as metrópoles, através das viagens teóricas, que, com os vistos da “periferia”, passaram e passam a ser sediadas em outros contextos¹⁴⁹. Essa é uma negociação em que as bibliografias de outros centros são elencadas segundo a relevância atribuída por seus pares, consideradas referência nos debates de

Revista Estudos Feministas. v.12, n. especial, 2004. p. 118. O artigo se refere à *Revista Estudos Feministas* (REF) e ao *Cadernos PAGU* como exemplos de publicações referência nos estudos de gênero no Brasil.

¹⁴⁷ COSTA, C. de L. Op.cit. 2000. p. 43-48.

¹⁴⁸ RICHARD, Nelly. Experiência e representação: o feminino, o latino-americano. In: *Intervenções críticas*. Arte, cultura, gênero e política. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 142-155.

¹⁴⁹ COSTA, Claudia de Lima. As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexões do campo. *Revista Estudos Feministas*. v.11, n.1, 2003. p. 254-264.

determinados países, e por isso são traduzidas, reeditadas e tornam-se aporte para pesquisas nesse campo de saber. Dentro dessa perspectiva, esta tese procurou reconhecer esse material que transitou e de certa forma continua a transitar na Argentina e no Brasil, e que compõem essa biblioteca feminista.

Esse entrecruzamento entre o que é conhecimento nacional e o que é internacional, o crescente acesso a determinados espaços fora de seus países – fenômeno de certa forma impulsionado pela experiência do exílio, por formações acadêmicas ou atuações profissionais –, e a possibilidade de circulação de pessoas por outros territórios, são característica de um processo de globalização que além de provocar efeitos em diversas instâncias mundiais da sociedade, tem na produção de conhecimento argentina e brasileira suas influências. A globalização teve sua trajetória a partir de termos como "internacional" e "relações internacionais", que apresentaram grande ascensão a partir da década de 1980 em um molde de importância atribuída às organizações territoriais e ao imperialismo europeu. Sua gradativa propagação está associada à cooperação internacional dos Estados-nação, à economia global, e ao sistema de comunicação global em uma ordem militar mundial. A complexidade desse processo estabelece perspectivas positivas e negativas de análise dessa conjuntura que podem ser associadas a esse período de formação do campo acadêmico ligado ao feminismo. De forma positiva, o acesso à tecnologia, ao conhecimento/informação, aos serviços, ao comércio traz benefícios às comunidades locais, promovendo seu desenvolvimento. Por outro lado, isso ocorre sob a liderança de formas dominantes de organização, em um sistema de soberania do "Primeiro Mundo" sobre o "Terceiro Mundo", submetidos ao/ e por meio do capital global¹⁵⁰. Trazendo o debate para o objeto de análise, se por um lado passamos a ter acesso às diversas produções em períodos cada vez menores de tempo, além da possibilidade de uma gama variada de referenciais, por outro o capital intelectual encontra-se hierarquizado e situado em determinados espaços hegemônicos.

Em debate sobre o contexto chileno pós-ditadura militar, Nelly Richard aborda as relações de poder que estão presentes no conhecimento e destaca o papel da História Cultural como crítica dos modelos hegemônicos de saber, uma vez que propõem reflexões de

¹⁵⁰ Globalization. In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *Pos-Colonial Studies. The Keys Concepts*. London/New York: Routledge, 2000. p. 110-111.

temas antes não debatidos¹⁵¹. Essa, segundo uma série de autoras do campo, foi uma importante contribuição dos estudos feministas produzidos na década de 1990¹⁵² influenciados por um debate teórico pós-estruturalista e pós-moderno, mas também pelo debate pós-colonial produzido pelas *color women* do Terceiro Mundo¹⁵³. Nesse sentido, a trajetória da formação desse campo de conhecimento atravessou as identidades desses diferentes sujeitos que passaram a ser identificados em meio às suas diversidades, dentro dessa perspectiva teórica, o que representou uma contribuição dos estudos de gênero para o debate realizado pelas Ciências Humanas.

É em meio a esse momento histórico, de instauração das ditaduras militares no Brasil e na Argentina, que derivou em um feminismo ligado às políticas de esquerda, a circulação de pessoas por países do Cone Sul, e que encontrou na democracia abertura para esse debate, que foi estabelecido um campo de produção de saberes ligado aos estudos das mulheres e estudos de gênero. Essa conjuntura, explorada nessa parte da tese, serve como referencial para a análise do trânsito desses saberes, que imigraram para a Argentina e o Brasil, tomando como fonte livros registrados através do depósito legal de cada país. Nesse sentido, a análise realizada no capítulo seguinte teve por objetivo abranger às décadas de 1960, 1970 e 1980, em que os feminismos e as questões relativas às mulheres ganharam visibilidade e começaram a ser incorporadas às instituições de ensino, até o final da década de 1990, quando os estudos feministas passam a se integrar às pesquisas acadêmicas em um contexto democrático.

¹⁵¹ MOREIRA, Alberto; RICHARD, Nelly. *Pensar en/la pos dictadura*. Chile: Editorial Cuarto Propio, 2001. p. 19-21.

¹⁵² Cf. HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. vol.17, n.1. *Revista Estudos Feministas*. 2009. p. 216-241; ANDERMAHR, Sonya; LOVELL, Terry; WOLKOWITZ, Carol. *Gender and Feminism. A Concise Glossary of Feminist Theory*. New York: Oxford University Press, 1997. p. xvii-xxii.

¹⁵³ SHOHAT, Ella. Area Studies, Gender Studies and the Cartographies of Knowledge. *Social Text*. 72, 20(3), 2002. p. 71.

3. CAPÍTULO 2

Argentina e Brasil: viagens no Eixo-Sul

Diante do intento de analisar as viagens das ideias em um Eixo-Sul da produção do conhecimento sobre o feminismo e os estudos de gênero, este capítulo procurou mapear as publicações sobre o tema a partir de edições lançadas entre os anos de 1960 e 1999, identificando os livros que chegaram à Argentina e ao Brasil por meio do depósito legal.

Em 2003 a Revista *Estudos Feministas* lançou um dossiê temático intitulado *Dossiê Publicações Feministas Brasileiras: compartilhando experiências* no qual autoras e autores realizaram uma avaliação da produção de saberes no campo dos estudos de gênero com as práticas políticas e os interesses dos movimentos sociais. Luiza Bairros, no Relatório da 3ª Sessão do I Encontro Brasileiro de Publicações Feministas, apresenta a possível incompatibilidade entre o que foi publicado e as necessidades informativas de militantes e do público em geral¹⁵⁴. Sônia Malheiros Miguel atenta para as tensões entre a academia e militância tendo como base as publicações¹⁵⁵, enquanto Maria Juracy Filgueiras Toneli faz uma reflexão sobre as publicações de ONGs (Organizações não Governamentais) tendo em vista os órgãos financiadores e as possibilidades apresentadas pelas páginas na Internet¹⁵⁶. O que encontramos nesse dossiê são considerações críticas sobre as publicações feministas e de gênero, principalmente da década de 1990, realizando um balanço do foi concretizado, o qual também estabelece propostas para o aprimoramento dessas publicações e reconhece a importância da circulação desse saber.

Nesse dossiê, encontramos o texto de Jacira Melo¹⁵⁷ em que é discutida a comunicabilidade das publicações feministas e a necessidade de um tratamento editorial para que atendam aos interesses das leitoras e

¹⁵⁴ BAIRROS, Luiza. Relatório da 3ª Sessão do I Encontro Brasileiro de Publicações Feministas. *Revista Estudos Feministas*. v. 11, n. 1, 2003. p. 303.

¹⁵⁵ MIGUEL, Sônia Malheiros. Publicando nas ONGs feministas: entre a academia e a militância. *Revista Estudos Feministas*. v. 11, n. 1, 2003. p. 271-283.

¹⁵⁶ TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Publicações Feministas sediadas em ONGs: limites, alcances e possibilidades. *Revista Estudos Feministas*. v. 11, n. 1, 2003. p. 266.

¹⁵⁷ MELO, Jacira. Publicar é uma ação política. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 11, n. 1, 2003. p. 298-301.

leitores. Em meio a esse debate, a autora relata que um grande número de publicações feministas resultou de eventos, oficinas, projetos de pesquisa que encontram no livro uma forma de dar visibilidade ao trabalho realizado, sendo pequeno o número de publicações em que a obra em si é o objeto central da ação política. Para Jacira Melo “(...) é preciso analisar a produção de publicações como uma ação política direta, de disseminação de idéias [sic.], propostas, questões e conceitos, e não apenas como mais um instrumento de divulgação para um público mais amplo dos trabalhos desenvolvidos pela organização”¹⁵⁸.

É a partir dessa perspectiva que este capítulo pretende traçar um panorama das publicações na área dos estudos feministas na Argentina e no Brasil identificando autoras e autores que circularam nesses países e as origens territoriais dos escritos que viajaram em um Eixo-Sul. Nesse sentido, jornais, revistas e publicações referentes a eventos não fazem parte do levantamento deste capítulo, dedicado a livros com temáticas feministas e de estudos de gênero lançadas entre os anos de 1960 e 1999. Essa metodologia acaba por agrupar diferentes gêneros literários, mas, especificamente nesta parte da tese, me atenho a um exercício de investigação quantitativa do que foi comercializado nos dois países.

Para estabelecer o questionamento que norteia este capítulo, bem como a tese, uma série de perguntas foi elaborada para, em certa medida, complementar os objetivos do trabalho. Nesse sentido, quantitativamente qual é o volume de publicações, dentro da temática proposta pela pesquisa, nacionais e internacionais dos dois países estudados? Quais dessas obras mantêm a edição de origem, apenas migrando para esses países, e quais passam por um processo de editoração e tradução na Argentina e no Brasil?

A busca por respostas a essas questões significou percorrer um pouco dos regimentos editoriais argentinos e brasileiros, bem como remontar o percurso e recorte feito para a elaboração da tese, que tem seu início no estudo a respeito do depósito legal. Segundo definição da UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*), o depósito legal é uma obrigação, estabelecida por lei, no qual toda a entidade, pública ou privada, e toda a pessoa que produza qualquer tipo de documentação, reproduzida de forma múltipla, deve depositar um ou mais exemplares em uma instituição nacional reconhecida¹⁵⁹. Através do programa “*Memory of the World*” a

¹⁵⁸ Ibidem. p. 298.

¹⁵⁹ LARIVIÈRE, Jules. *Legislación sobre Depósito Legal: Directrices. Guidelines for legal deposit legislation.* Disponível em:

UNESCO vem considerando a importância da preservação da informação, contudo, é por meio da IFLA (*International Federation of Library Associations and Institutions*) que o depósito legal é definido¹⁶⁰.

Remontando um histórico sobre o tema, as primeiras diretrizes sobre o depósito legal surgiram a partir do Congresso Internacional de Bibliografia Nacional, realizado em 1977 em Paris, e teve como resultado a série de propostas organizadas no documento “Diretrizes para Depósito Legal Legislação”, produzido em 1988 por Jean Lunn. Essas diretrizes foram reavaliadas apenas no ano de 1996, como resultado da Conferência de Diretores de Bibliotecas Nacionais realizada em Pequim, passando a incluir o depósito legal também para as publicações eletrônicas. Em 1998 foi realizado mais um evento, o Congresso Internacional sobre Serviços Bibliográficos Nacionais em Copenhague, e em 2000, Jules Larivière publica “Diretrizes para o Depósito Legal Legislação”, que se encontra disponível para consulta do site da UNESCO. Dessa forma, a partir da elaboração desses documentos buscou-se estabelecer diretrizes para os países que não possuíam uma legislação que assegurasse o depósito legal e mesmo as que tivessem interesse em atualizar suas leis.¹⁶¹

Embora haja instituições internacionais que estabeleçam normas e procedimentos para o depósito legal cada país regulamenta essa prática de forma particular, determinando a instituição na qual os exemplares devem ser depositados para consulta pública e o número a ser doado, que pode variar de uma a quinze cópias da obra, como é o caso do Chile. Esse depósito pode ser considerado ainda mais variável se analisarmos as especificidades legais que regem essa doação. Em países como Canadá e Nigéria as leis que incidem sobre o depósito legal estão

http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=24108&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html. Acesso em: 13 de maio de 2011. p. 03.

¹⁶⁰ URIBE, Richard; STEENKIST, Robert Max. El depósito legal en los países de Latinoamérica en 2005: Su vigencia y normatividad. Estadísticas comparativas. *Centro Regional para el Fomento del Libro en América y Caribe*. Disponível em: http://www.cerlalc.org/secciones/libro_desarrollo/Deposito_Legal.pdf. Data de acesso: 13 de maio de 2011. p. 04.

¹⁶¹ BAZÁN, Claudia. B. Visibility of International Recommendations for Legal Deposito of Publications in National Legislations. *International Federation of Library Associations and Institutions*. Disponível em: http://archive.ifla.org/VII/s1/pub/legal_deposit_2004-e.pdf. Data de acesso: 16 de maio de 2011. p. 01.

vinculadas às disposições legais sobre as bibliotecas nacionais; nos Estados Unidos e Grã-Bretanha está ligada aos direitos de autoria; e o modelo mais adotado no mundo é o estabelecimento de uma lei específica para o depósito legal. Apenas na Holanda não há a obrigatoriedade de doação, ocorrendo de forma voluntária, o que nem por isso tornou o sistema de depósito legal no país insatisfatório.¹⁶²

No Brasil, as disposições jurídicas regem especificamente o depósito legal através da Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004. Na lei, além da exigência da doação de um ou mais exemplares produzidos nacionalmente, qualquer obra estrangeira que trazer alguma indicação do editor ou da instituição que irá comercializá-la no Brasil deve ser doada, sendo de responsabilidade dos impressores essa atividade com a certificação das autoras e autores bem como das pessoas responsáveis pela editoração no prazo de trinta dias após a publicação da obra. O não cumprimento dessa lei dentro do período estipulado pode acarretar o pagamento de multa de até cem vezes o valor da obra no mercado e a apreensão das obras a fim de cumprir a finalidade do depósito legal, constituindo uma infração. Todo o material coletado através desse dispositivo fica salvaguardado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que disponibiliza sua consulta para pesquisas e é receptora dos valores correspondentes às multas pagas pela não realização do depósito legal. Outro ponto importante da lei é a sua distinção do registro de obras intelectuais e dos beneficiados com a concessão dos direitos, que dizem respeito a uma lei específica que assegura os direitos de autoria.

Mesmo que estejamos dando destaque à lei de 2004, em vigor atualmente, o governo imperial, desde 1822, deu início à contribuição legal. Com o Decreto número 1.825 de 20 de dezembro de 1907 foi estabelecida a obrigatoriedade de uma cópia de livros, inclusive de fotografias, doadas pelos administradores de tipografias. Com o Projeto de Lei número 5.529, que substituiu a lei anteriormente citada, passou a ser exigida a doação de dois exemplares, sendo também de responsabilidades das gráficas oficiais o depósito. Já o Substitutivo do Projeto de lei 5.529, retira a obrigatoriedade de doação das instituições oficiais e acrescenta três exemplares para doação¹⁶³.

Considerando a avaliação da eficácia do depósito legal no Brasil, em 1989, Vera Lúcia Maia Lellis levanta uma série de números que apontam para uma contribuição das editoras comerciais de 86,48%

¹⁶² URIBE, Richard; STEENKIST, Robert Max. Op. cit. p. 08.

¹⁶³ LELLIS, Vera Lúcia Maia. Controle da produção editorial brasileira. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 2, n. 17, jul-dez. 1989. p. 205-218.

de sua produção entre os anos de 1980 e 1987, contra apenas 13,52% das editoras oficiais¹⁶⁴. Uma segunda avaliação mais atualizada do sistema brasileiro realizada por Luciana Grings e Stela Pacheco em 2010 destaca as limitações dessa arrecadação diante do pequeno número de pessoas para o controle de doações na Biblioteca Nacional – que recebe por volta de 150 exemplares por dia –, a dificuldade de cobrança das pequenas editoras, da divulgação das leis que determinam essa doação e mesmo dos altos custos de postagens no país¹⁶⁵.

Em um ranking do depósito legal tomando como base vinte países de todos os continentes, estabelecido em 2004 pela pesquisadora Claudia B. Bazán, o Brasil foi classificado na décima primeira colocação com o cumprimento de 55,4% do depósito legal, tendo uma arrecadação considerada média¹⁶⁶. Já o depósito legal argentino ficou na décima nona posição com 36,3% de arrecadação de obras, ficando na frente apenas do Panamá.¹⁶⁷

Essa distinção numérica pode ser caracterizada pelas diferenças quanto às leis que definem o depósito legal. Enquanto no Brasil a doação de livros para a Biblioteca Nacional possui uma lei específica que torna o seu não cumprimento um ato infracionário, na Argentina a lei que abrange o depósito legal encontra-se nas entrelinhas da lei que define o direito de autoria. Três exemplares das obras completas argentinas devem ser entregues ao Registro Nacional de Propriedade Intelectual pelas/os responsáveis pela edição no prazo de até três meses após a publicação, salvo no caso de edições de luxo com tiragem menor a cem exemplares, onde é necessária a doação de apenas um exemplar. No caso de obras impressas no exterior em parceria com editores da Argentina é necessária a doação dos mesmos três exemplares com o prazo iniciado a partir de sua venda no país. Assim como no Brasil, a punição está associada ao pagamento de uma multa, que no caso argentino é de dez vezes o valor do livro no mercado, sendo de responsabilidade das editoras e editores a doação da obra. É também de

¹⁶⁴ *Ibidem*. p. 212.

¹⁶⁵ GRINGS, Luciana. PACHECO, Stela. A Biblioteca Nacional e o Controle Bibliográfico Nacional: situação atual e perspectivas futuras. *InCID: R. Ci. Inf. e Doc.* Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, jul-dez. 2010. p. 84.

¹⁶⁶ Segundo a autora do artigo que estabelece essa classificação, a seleção dos países ocorreu na tentativa de buscar as características gerais de diferentes legislações que regem o depósito legal, além de localidades que estejam em conformidade com as recomendações internacionais.

¹⁶⁷ BÁZAN, Claudia. B. *Op. cit.* p. 03.

responsabilidade de toda instituição oficial, comercial ou pessoa física que receba recurso do Tesouro Argentino o depósito de exemplares na Biblioteca Nacional do Congresso, cumprindo os prazos descritos na referida lei. Outro elemento estabelecido pelo documento é de que com a criação do Cadastro Nacional de Propriedade Intelectual o Instituto de Depósito Legal passaria a depender dessa instituição. Mas, enquanto não é aprovada a lei orçamentária que viabiliza essa vinculação, o depósito é de responsabilidade da Biblioteca Nacional Argentina sediada na cidade de Buenos Aires.

Enquanto no Brasil podemos considerar todo o depósito legal centralizado na Biblioteca Nacional sediada no Rio de Janeiro, na Argentina os exemplares doados estão, teoricamente, fragmentados em três diferentes instituições: no Registro Nacional de Propriedade Intelectual, também conhecido como Direção Nacional dos Direitos do Autor (DNDA); na Biblioteca do Congresso da Nação Argentina e na Biblioteca Nacional da República Argentina. Nesse sentido, a análise feita pela pesquisadora da área de biblioteconomia e colaboradora da Biblioteca Nacional de Buenos Aires, Claudia B. Bazán é de que a instituição argentina não possui uma bibliografia nacional, devido a ineficácia de coletar todo o material produzido no país, e ainda aponta uma série de problemas enfrentados pela mesma que incluem a ausência de uma lei específica que assegure de forma mais efetiva o depósito legal¹⁶⁸.

Observando os dois países encontramos um projeto que, mais do que estabelecer um espaço físico de concentração da produção escrita e artística, busca registrar e salvaguardar o aspecto histórico da produção nacional e internacional que circula e circulou no país. É um meio de construir uma coleção nacional e preservar o seu patrimônio cultural nacional para a posteridade a fim de cumprir o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos que rege pelo estabelecimento da liberdade de opinião e de expressão além do direito de procurar, receber e compartilhar informações através de qualquer meio, como escreve Fernanda Maria Campos da Biblioteca Nacional de Portugal, sediada em Lisboa¹⁶⁹. Contudo, como observamos nas análises

¹⁶⁸ BAZÁN, Claudia. Legal deposit and the collection of national publications in Argentina. *IFLA Journal*. v. 29, n. 3, 2003. p. 227-230.

¹⁶⁹ CAMPOS, Fernanda Maria. Gestão de Coleções e Depósito Legal: Princípios e boas práticas. *Conferência Internacional Comemorativa do Bicentenário da Biblioteca Pública de Évora*. Disponível em:

feitas sobre o depósito legal, esse projeto sofre uma série de dificuldades e não consegue ser absolutamente eficaz por inúmeros fatores que passam desde a questão legal a problemas administrativos e de ordem prática. Assim, o depósito legal, tal qual descrito pelo documento da UNESCO, é mais um projeto ideal do que uma reunião de todo o material produzido tanto na Argentina quanto no Brasil.

Ressalto aqui que a data de tombamento dos materiais depositados nas bibliotecas, que em muitos casos corresponde a anos após a publicação do material por conta do tempo hábil para registro e disponibilização aos seus públicos, não foi considerada. Isso porque meu interesse não está diretamente relacionado às instituições que investigo, mas as comercializações dos livros em territórios argentinos e brasileiros e no peso social dessas bibliotecas em relação ao cuidado com esse material. Dessa forma, minha preocupação é em relação aos anos dessas edições que corresponde ao período em que o material possivelmente passou a ser vendido.

Embora seja impossível coletar em sua totalidade as publicações feministas, a busca desta pesquisa ficou centrada nas instituições argentinas e brasileiras responsáveis pelo depósito legal nos dois países. Essa escolha ocorreu, pois após contato com algumas editoras foi constatado que muitas não possuem seus catálogos antigos para consulta de forma sistematizada. Soma-se a isso a dificuldade de identificação de editoras voltada para a temática dos estudos feministas e mesmo de gênero dentro das associações editoriais. Destaco que uma investigação a partir das editoras nacionais também não contemplaria as edições estrangeiras comercializadas no país. Ou seja, mesmo diante das limitações que uma investigação por esses meios possa ter, o depósito legal se apresentou como o campo mais frutífero de mapeamento dos itinerários das ideias que circularam na Argentina e no Brasil em um determinado campo de conhecimento. Para que esses sujeitos produtores de saber fossem identificados, bem como o percurso desse conhecimento por diferentes territorialidades, no caso brasileiro a pesquisa ficou restrita à Biblioteca Nacional e no caso argentino à Biblioteca Nacional e à Biblioteca do Congresso, utilizando para a consulta as páginas das instituições na Internet, além dos sistemas de consulta que as mesmas disponibilizam em suas sedes. A Direção

Nacional dos Direitos do Autor não permaneceu entre as instituições pesquisadas devido à inviabilidade de acesso a seus arquivos¹⁷⁰.

Outro recorte adotado para o desenvolvimento desta pesquisa está relacionado às opções de busca nas bibliotecas online. Após a análise de alguns dados coletados foi possível concluir que a temática “mulher” e “mulheres” (assim como “*mujer*” e “*mujeres*”) abrangiam um grande número de publicação que não estavam ligadas aos estudos feministas e aos estudos de gênero, se tratando de textos literários, religiosos ou manuais de conduta moral feminina. Como exemplos dessa busca podemos citar o livro *A mulher feliz*, de Seicho Taniguchi, editado em São Paulo no ano de 1995, que é um texto ligado à Seicho-No-Ie¹⁷¹ do Brasil; e *A mulher marcada*, romance de Charlotte Lamb editado em São Paulo em 1999.

O termo “mulher” foi problematizado pelo campo de estudos ligado ao feminismo levando em conta a suposta contradição entre os termos sexo e gênero. A adoção do “gênero”, em certa medida estabeleceu a associação de que “a natureza está para a cultura, assim como o sexo está para o gênero”¹⁷², definindo o gênero a partir da cultura. Contudo, o termo não representou propriamente a substituição do “sexo”, mas um meio pelo qual esse seria questionado, além de um lugar no qual o gênero seria construído¹⁷³. Anterior a esse período, por volta da década de 1960 e 1970, nos meios universitários internacionais foi constituído um campo de pesquisa que redefiniu a experiência das

¹⁷⁰ Além da não disponibilidade do catálogo em formato online para consulta, diferente de todas as outras instituições pesquisadas, estabeleci contato com Inés García Holgado, assessora legal da DNDA (Direção Nacional dos Direitos do Autor), que informou a impossibilidade de consulta in loco, pois a instituição não possui uma biblioteca e não disponibiliza os exemplares recebidos. Segundo Inés, a finalidade dos exemplares entregues é de registros e prova jurídica no caso da necessidade de comparação devido à acusação de plágio. Além disso, a DNDA solicita quatro exemplares para registro dos direitos autorais dos livros, dos quais um é encaminhado à Biblioteca Nacional, um para Biblioteca do Congresso, um para o Arquivo Geral da Nação e o quarto fica na sede da DNDA, considerado uma prova judicial. Sendo assim, acredita-se que o espólio disponível na Direção Nacional também se encontra tanto na Biblioteca do Congresso quanto na Biblioteca Nacional argentina.

¹⁷¹ Filosofia/religiosidade de origem japonesa.

¹⁷² FEMENÍAS, María Luisa. *El género del multiculturalismo*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007. p. 90.

¹⁷³ Cf. NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*. v. 8, n. 2, 2000. p. 09-41.

mulheres nos espaços privados e públicos com enfoque nas dimensões políticas das relações sociais. Esse foi o *Women's Studies* ou ainda o *Feminist Studies* que no contexto estadunidense sofreu influência dos movimentos sociais, como o *Women's Lib*¹⁷⁴; que teve nos referenciais de Betty Friedan e Simone de Beauvoir importantes bases bibliográficas; e que na figura Robert Stoller¹⁷⁵ trouxe o alicerce do conceito gênero, com a introdução ao termo "identidade genérica"¹⁷⁶. A década de 1970 ainda foi marcada por debates como os de Gaile Rubin, em tono do sistema sexo/gênero, de Michel Foucault, com questões sobre a construção social do corpo, e de Sheila Rowbotham, que problematizou o patriarcado, termo muito utilizado pelas feministas radicais marxistas e socialistas e que diz respeito à opressão histórica das mulheres estabelecida nas relações de poder familiares¹⁷⁷.

Na década de 1980 as diversidades étnico-raciais e as diversidades sexuais, aliadas ao debate de gênero, uniram-se aos interesses dos movimentos sociais. Em um contexto territorial ao qual a pesquisa se detém, os estudos de gênero – que se desenvolveram no final da década de 1980 bem como posteriormente, durante a década de 1990 – estiveram embasados em uma perspectiva desconstrutivista, examinando e desmontando discursos, embora não desenvolvendo de forma restrita a metodologia proposta por Jacques Derrida¹⁷⁸. Essa perspectiva desestabilizou algumas noções modernas como as ligadas ao universalismo dos sujeitos, reconhecendo identidades outras, que se tornaram tanto alvo de investigação como também sujeitos da narrativa¹⁷⁹: as mulheres de Terceiro Mundo, as mulheres indígenas, negras, lesbianas, etc. Entretanto, o debate desconstrutivista ocupa um lugar ambíguo: se por um lado no exercício crítico desestruturou os

¹⁷⁴ *Women's Lib* ou *Women's Liberation* diz respeito a uma série de reivindicações ligadas ao movimento feminista estadunidense durante a década de 1960 e 1970.

¹⁷⁵ Psicopatologista que estudou a transexualidade, na primeira metade da década de 1960, estabelecendo distinções entre o sexo, por sua vez genético, e o gênero, vinculado à sociologia e psicologia.

¹⁷⁶ CHÁNETON, July. *Gênero, poder y discursos sociales*. Buenos Aires: Eudeba, 2009. p. 26-30.

¹⁷⁷ *Ibidem*. p. 30-32.

¹⁷⁸ PSCITELLI, Adriana. As viagens das teorias no embate entre práticas acadêmicas, feminismos globais e ativismos locais. In: MORAES, Lygia Quartim de. (Org.). *Gênero nas fronteiras do Sul*. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero-UNICAMP, 2005. p. 145-147.

¹⁷⁹ *Ibidem*. p. 148-149.

discursos hegemônicos, por outro desessencializou as categorias, desestabilizando o próprio conceito mulher, que perde seu status de sujeito político, cerne do desenvolvimento desse campo¹⁸⁰.

Mesmo diante do ônus de uma possível despolitização do debate latino-americano, retirando o feminismo de foco para uma formatação segundo moldes acadêmicos¹⁸¹, é com a inserção dos estudos de gênero que o tema ganha força dentro das Universidades. Assim, os termos “mulher” e “*mujer*” – bem como seus plurais – foram retirados das palavras de busca nas bibliotecas online tendo em vista que este capítulo encontra-se focado nos livros que, em sua grande maioria, estão ligados à produção de um saber vindo da academia¹⁸². Outro fator relevante dentro do recorte é a recorrência de livros, pois, em uma análise mais geral, foi possível constatar que as publicações que estavam presentes no registro “mulher” e “*mujer*” (e seus plurais), encontravam-se na busca destinada à tese. Nesse sentido, essas palavras, em certa medida, foram contempladas pela busca de termos como “feminismo”, como é o caso dos livros encontrados na Biblioteca Nacional brasileira *Mulher sociedade e Estado no Brasil*, organizado por Carmen Barroso, e *Para uma ciência da libertação da mulher*, de Isabel Largaia¹⁸³.

¹⁸⁰ Ibidem. p. 150-152.

¹⁸¹ Cf. COSTA, Claudia de Lima. Tráfico do Gênero. *Cadernos Pagu*. v. 11. 1998. p.127-140; COSTA, Albertina de Oliveira. Os estudos da mulher no Brasil ou a estratégia da corda bamba. *Revista Estudos Feministas*. Número especial. 1994. p. 401-409; COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Teoria e práxis feminista na academia: Os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. *Estudos Feministas*. n. especial, 1994. p. 387-400.

¹⁸² A pesquisa utilizando os termos “mulher” e “*mujer*” (e seus plurais) acarretaria um levantamento extenso para possível separação entre o material de interesse da pesquisa e demais temáticas. Exemplificando essa dificuldade, na procura pelo termo “*mujer*” e utilizando o recorte temporal de 1960 a 1999, na Biblioteca Nacional Argentina, é possível encontrar 2216 registros recuperados no mecanismo de busca; enquanto a busca pelo tema “mulher” na Biblioteca Nacional brasileira, dentro desse mesmo recorte, resulta em 800 registros. Esses números seriam ainda maiores se pensarmos que haveria a necessidade de busca dos mesmos termos no plural.

¹⁸³ Ao longo de toda a tese a grafia do nome de autoras e autores citados segue a mesma utilizada pela fonte trabalhada. No caso deste capítulo, a grafia segue os registros do depósito legal das instituições argentinas e brasileiras. Já no capítulo seguinte segue à utilizada pelas revistas analisadas e no último a grafia conforme as citações dos textos, o que pode apresentar distintas formas ao longo dos capítulos.

Optar pelo desenvolvimento da problemática a partir de uma trajetória investigativa aqui narrada tem a intenção de tornar visíveis as possíveis instabilidades do levantamento, reconhecendo que esse é um recorte possível dentro do tema e não uma constatação definitiva sobre a publicação de livros de um determinado campo, em um determinado período. Temos, nesse caso, um levantamento que passa por mecanismos oficiais de controle do material que circulou nos dois países. Considerando as possíveis implicações na escolha metodológica adotada para o levantamento das publicações feministas que transitaram por territórios argentinos e brasileiros, a pesquisa ocorreu nas Bibliotecas Nacionais dos dois países, bem como na Biblioteca do Congresso da Argentina utilizando os termos “feminismo”, “feminismos”, “feminista”, “feministas”, “estudos de gênero”, “*estudios de género*”, “gênero” e “*género*”. A busca, que levou em conta a temática e os títulos dos livros, excluiu anais de eventos, oficinas e periódicos em um recorte temporal que ultrapassou os marcos da pesquisa – acrescentando a década de 1960 até 1999 – a fim de observarmos as possíveis descontinuidades das ideias ligadas a um campo de saberes feministas que circularam em dois países da América Latina.

Para apresentar um panorama editorial em cada país, além de desenvolver uma análise das publicações encontradas, o trabalho está dividido em dois subcapítulos correspondentes aos dois países estudados.

3.1 ARGENTINA: O TRÂNSITO ATRAVÉS DAS DÉCADAS

A *Biblioteca Nacional de la República Argentina* é um desdobramento da Biblioteca Pública de Buenos Aires, criada em 13 de setembro 1810. Mariano Moreno é considerado seu fundador por ter impulsionado o estabelecimento de edições nacionais, de periódicos e de traduções que firmariam um conjunto de ideais nacionais, além da própria criação da instituição¹⁸⁴. O prédio da atual sede teve seu início na década de 1960 e só foi finalizado em 1992, com a transferência de livros manuscritos e de todo o material pelos seus funcionários que dispenderam mais de um ano nessa atividade. Essa espera de cerca de 30 anos para sua finalização ocorreu devido à falta de recursos financeiros,

¹⁸⁴ Informações obtidas através do site da instituição: <http://www.bn.gov.ar/historia>

o que acarretou a paralisação das obras, contando posteriormente com o apoio da Fundação Antorchas (da Argentina) para a finalização da construção. Inaugurada em 10 de abril de 1992 o prédio localiza-se na cidade de Buenos Aires, Bairro da Ricoleta, e tem um estilo arquitetônico inspirado em Le Corbusier, moderno e com traços brutos

185 .

A pesquisa realizada na Biblioteca Nacional, através dos mecanismos de busca online, resultou em 43 publicações, retirando duplicidades de edições além dos livros que estavam fora do recorte da pesquisa. No mecanismo de busca é possível fazer uma pesquisa avançada selecionando os anos de seu interesse e a especificidade do material coletado (livros, partituras, partituras digitalizadas, mapas, fototeca, materiais para deficientes visuais e tesouro, que corresponde às coleções e raridades). No caso, foram utilizadas as opções livros e tesouro com a restrição dos anos (1960 a 1999).

Ainda que a fundação da *Biblioteca del Congreso de la Nación* tenha ocorrido no ano de 1859, a formação de um acervo especializado do Congresso teve seu início já em 1826 e o reconhecimento da necessidade de uma biblioteca que atendesse a Câmara dos Senadores e dos Deputados estava presente na Constituição de 1853¹⁸⁶. O primeiro prédio destinado ao Congresso foi inaugurado em 1864 e um espaço para a Biblioteca ocorreu com a inauguração da Primeira Sala de Leitura dentro do Palácio do Congresso em 18 de outubro de 1917. Contudo, a sede atual da instituição só seria finalizada no século XX. Com o golpe militar de 1976 na Argentina, as câmaras deixam de funcionar, retornando às atividades em 10 de dezembro de 1983 e, alguns anos depois, foi iniciado um processo de modernização da Biblioteca. A atual sede está localizada na Praça do Congresso, Bairro Monserrat, na cidade de Buenos Aires¹⁸⁷.

Nessa instituição o número de publicações localizadas foi maior do que na Biblioteca Nacional. Foram encontrados 89 livros em uma busca online que não possibilita a especificação dos dados e, com isso,

¹⁸⁵ CURA, Yago. La Biblioteca Nacional de la República de Argentina: The house that Moreno and Sarmiento Built. *Queens College*. Disponível em: <http://qcpages.qc.cuny.edu/~ycura100/La%20Biblioteca%20Nacional%20de%20la%20Rep%20Fablica%20de%20Argentina.pdf>. Acesso em: 18 de maio de 2011. s.p.

¹⁸⁶ VILA, Sara Sabor. La Biblioteca del Congreso de la Nacion Argentina. *Revista de Historia de América*. n. 27, jun. 1949. p. 77.

¹⁸⁷ Informações obtidas através do site da instituição: <http://www.bcnbib.gov.ar/historia.php>

uma pesquisa avançada como na instituição anterior. A opção de pesquisa estava restrita a uma palavra-chave e a combinação dessa com itens como: autor, título, tema, título da coleção, palavra em algum dos itens anteriores, palavra em todos os itens anteriores, palavra em editor ou sigla. Nesse sentido, a seleção posterior desse material exigiu a exclusão de anais de eventos, periódicos e artigos em periódicos cadastrados individualmente. Essa separação foi realizada por meio do número de localização que no caso dos periódicos, por exemplo, possui uma combinação inicial de letra e números específica.

Combinando o resultado das duas bibliotecas e excluindo as duplicidades foi encontrado um total de 115 livros ligados à busca dos temas “feminismo”, “feminista”, “estudos de gênero” e “gênero”, considerando as variações de idioma e plural dos termos (ver Apêndice A). Se pensarmos que esse levantamento corresponde a quatro décadas de produção bibliográfica sobre o assunto, o número pode ser considerado baixo. Contudo, se associarmos ao contexto histórico da Argentina, que passou por dois períodos de regime ditatorial entre os anos de 1966 a 1973 e 1976 a 1983, além da gradativa emergência desses estudos até os dias de hoje, esses números podem ser compreendidos em meio a essa conjuntura. A censura aos meios culturais na Argentina operou de forma descentralizada, sem possuir propriamente um organismo controlador das ideologias que se opunham à ditadura. Sua atuação era efetiva, mas a partir de ações em distintos níveis que passavam pela promulgação de decretos, envio de ofícios, abordagens pessoais, ligações telefônicas com advertências, todas no intuito de coagir esses sujeitos atuantes no mercado editorial, mas também em outros âmbitos culturais¹⁸⁸. Logo, esses elementos contextuais devem ser considerados como barreiras na circulação desses livros e da disponibilização dos mesmos nas bibliotecas argentinas.

Segundo o levantamento, durante a década de 1960 existe o registro de apenas um livro; durante a década de 1970 o número sobe para cinco livros; na década de 1980, 11 livros; e na década de 1990 a quantidade de publicações aumenta significativamente e chega a 98 registros. Esse aumento de publicações destinadas aos estudos feministas e aos estudos de gênero ao longo das décadas pode ser associado a dois elementos conjunturais: o estabelecimento desse campo de saber nos meios acadêmicos e as transformações no mercado editorial. O primeiro deles foi discutido no capítulo anterior ao

¹⁸⁸ DIEGO, José Luis de. *Editores y políticas editoriales en Argentina 1880-2000*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006. p. 163-166.

traçarmos um pouco da história desses estudos que passaram a constituir temas de pesquisa nas universidades argentinas no final da década de 1980, início dos anos 1990. Nesse sentido, a consolidação do campo tem associação com o crescente número de livros encontrados através do depósito legal no mesmo período. Sobre o mercado editorial também temos consideráveis mudanças a partir da última década do século XX. O regime ditatorial e as crises econômicas foram devastadores em relação à atividade editorial, interferindo nas finanças com a desvalorização da moeda e o recolhimento de exemplares. A partir de 1981 a incidência do aparato repressor sobre editoras, livrarias, escritoras e escritores foi reduzido e é possível identificar projetos editoriais valorizando a literatura argentina nesse período. Entretanto, uma série de problemas foi enfrentada nessa década como os altos custos de modernização das empresas, a ausência de um aparato legal que auxiliasse as editoras e reduzissem custos, a perda com a reprografia ilegal das obras, além do alto custo do papel que fez com que grande parte do material fosse impresso no Brasil e no Chile¹⁸⁹. Na década de 1990 houve um grande crescimento do mercado editorial, mas que não representou propriamente o aumento de livros de autoria de argentinas e argentinos. Alguns grupos editoriais foram comprados pelo capital estrangeiro, impulsionando essa área e, em contra partida, foram constituídos pequenos empreendimentos editoriais¹⁹⁰.

Analisando esse mesmo material a partir de outra perspectiva, as localidades, que corresponde às editoras responsáveis pela publicação e possíveis parcerias são, em sua grande maioria, nacionais, com um número mais expressivo na capital Argentina. Podemos observar esses dados através da tabela a seguir:

Publicações Nacionais encontradas na Biblioteca do Congresso da Nação Argentina e na Biblioteca Nacional da República Argentina (1960-1999)

Localidade	Quantidade de publicações
Buenos Aires	47
Córdoba	01
Mendoza	01
Publicação com edição em Buenos Aires e no México	01
Publicação conjunta entre Barcelona e Buenos	03

¹⁸⁹ Ibidem. p. 181-186.

¹⁹⁰ Ibidem. p. 209-232.

Aires	
Publicação conjunta entre Barcelona, Buenos Aires e México	03
Rosario	03
San Juan	01
Santa Rosa	01
Villa Lanús	01
Total	62

A partir da constatação desses números é possível observamos uma determinada centralidade de publicações provenientes da cidade de Buenos Aires como também a parceria de instituições mexicanas e espanholas na editoração desse material. Pouco é o número de localidades argentinas, distintas da capital do país que firmaram publicações nessa área de conhecimento, sendo que apenas Rosário possui mais de um livro editado. Dessas localidades San Juan (1981) e Mendoza (1976) possuem publicações durante as décadas de 1970 e 1980, sendo que as demais cidades lançaram suas obras apenas na década de 1990 – Santa Rosa (com duas edições de um mesmo livro em 1994 e 1995), Córdoba (1999), Rosário (dois livros em 1995 e um em 1998) e Villa Lanús (1993).

Entre os livros encontrados, duas edições estão sem o registro de suas localidades: *La mujer española y otros capítulos feministas*, da autora Emilia Pardo Bazán, lançado em 1976 e que pode corresponder a uma edição internacional; e *El género mujer* da autora argentina Leonor Calvera, lançado em 1982. Embora o levantamento nas bibliotecas aponte para um maior registro de publicações nacionais, a diferença numérica entre livros nacionais e internacionais é de apenas 11 obras, como podemos observar na tabela a seguir:

Publicações Internacionais encontradas na Biblioteca do Congresso da Nação Argentina e na Biblioteca Nacional da República Argentina (1960-1999)

Localidade	Quantidade de publicações
Barcelona	12
Bilbao	01
Caracas	02
Dublin	01
Genebra	04
Lima	01

Madri	13
Miami	01
Publicação conjunta entre La Coruña e Madri	01
Quito	01
Rio de Janeiro	01
Roma	04
Santa Fé de Bogotá	02
Santiago do Chile	02
São Paulo	02
Valência	01
Washington	01
Westminster (cidade da Califórnia – EUA)	01
Total	51

No caso da bibliografia internacional a predominância de publicações está na Espanha, possuindo 12 livros de Barcelona, 13 de Madri, um de Bilbao, um de Valencia e uma publicação conjunta entre Madri e La Coruña, correspondendo a mais da metade do material internacional encontrado nas duas bibliotecas argentinas. Das publicações europeias ainda fazem parte um livro de Dublin, quatro de Genebra e quatro de Roma, num total de 31 livros europeus encontrados nos registros (22 de localidades de língua espanhola e nove de outras línguas). Publicações estadunidenses foram encontradas três – de Miami, Washington e Westminster – e as publicações de localidades latino-americanas 11: duas de Caracas, uma de Lima, uma de Quito, duas de Santa Fé de Bogotá, duas de Santiago, uma do Rio de Janeiro e duas de São Paulo.

Entre as publicações nacionais ainda é possível destacar as traduções, tendo como ponto de partida a nacionalidade das autoras e autores ações levantados. Das coletâneas que foram registradas pelas bibliotecas com o nome das pessoas responsáveis pela autoria de alguns dos textos contidos nos livros, foram encontradas quatro publicações das quais integraram autoras e autores argentinos/as, estadunidenses, canadenses, brasileiros/as e uma libanesa. Duas dessas publicações são de editoras de Buenos Aires, uma de Rosário e outra de Córdoba.

Livros escritos por estadunidenses foram encontrados oito, uma tradução lançada por uma editora de Santa Fé de Bogotá e as demais de editoras de Buenos Aires. Ainda da América do Norte foi encontrada uma publicação de uma autora canadense editado pelo Banco Mundial. De autoras e autores europeus foram encontrados sete livros: dois da França, dois da Espanha, um da Dinamarca e dois da Bélgica – todos de

editoras de Buenos Aires. De países latino-americanos podemos identificar apenas uma publicação cubana. Esses dados, bem como as referidas publicações podem ser observados na tabela a seguir:

**Traduções comercializadas por editoras argentinas encontradas na
Biblioteca do Congresso da Nação Argentina e na Biblioteca Nacional da
República Argentina
(1960-1999)**

Título	Autor/a	Localida de	Editora	Ano	Nacional idade do/a Autor/a
¿Existe la mujer?	Verhaeghe, Paul	Buenos Aires	Paidós	1999	Bélgica
Amo a ti	Irigaray, Luce	Buenos Aires	Ediciones de la Flor	1994	Bélgica
Las relaciones de género en la Argentina: un panorama sectorial	Correia, María	Buenos Aires	Banco Mundial	1999	Canadá
Género y poder	Rauber, Isabel	Buenos Aires	UMA	1998	Cuba
Nunca antes me habían enseñado eso: capacitación feminista: metodología, comunicación, impacto	Hee Pedersen, Christina	Buenos Aires	Lilith Lilith: Hvmantas	1988 1990	Dinamarca
¿Qué son los estudios de mujeres?	Navarro, Marysa	Buenos Aires	Fondo de Cultura Económica	1999	Espanha
Filosofía de lo femenino	Quiles, Ismael, SJ,	Buenos Aires	Depalma	1978	Espanha
Derecho y pornografía	MacKinnon, Catharine A.,	Santafé de Bogotá,	Siglo del Hombre Editores	1997	EUA

El acoso sexual en la vida cotidiana	Wise, Sue	Buenos Aires	Paidós	1992	EUA
La guerra contra las mujeres	French, Marylin	Buenos Aires	Atlántida	1992	EUA
La valoración de las mujeres	Tavris, Carol	Buenos Aires	Planeta	1994	EUA
Las coacciones del deseo: antropología del sexo y el género en la antigua Grecia	Winkler, John J.	Buenos Aires	Manantial	1994	EUA
Reacción	Faludi, Susan	Buenos Aires	Planeta	1992	EUA
SCUM	Solanas, Valerie	Buenos Aires	Perfil	1997	EUA
TERAPIA familiar feminista	Goodrich, Thelma Jean	Buenos Aires	Paidós	1989	EUA
El segundo sexo	Beauvoir, Simone de	Buenos Aires	Ediciones Siglo Veinte Sudamericana	[19-] 1999	França
La diferencia de los sexos	Fraisse, Geneviève,	Buenos Aires	Manantial	1996	França

Dessa forma, há o registro de quatro coletâneas que mesclam autores de diferentes nacionalidades e 17 traduções. No texto *Feminismos, traduções, transnacionalismos* Claudia de Lima Costa debatendo as migrações teóricas dentro desse campo destaca que quando esses saberes cruzam territórios, eles são continuamente apropriados e transformados pelas leituras locais, adotando uma “estrutura mais

heterogênea”¹⁹¹. Sendo assim, podemos considerar que o ato de migrar transforma o livro, ou, em outras palavras, que mesmo sem a tradução de uma obra para outro idioma – como é o caso das obras espanholas que entraram na Argentina – ocorre uma “tradução cultural” devido ao atravessamento de fronteiras físicas. Assim, o levantamento dessas 21 obras considera que mesmo sem uma adaptação das edições originalmente espanholas, há a migração da obra e sua tradução cultural. Retomando os dados apresentados anteriormente, das 62 publicações editadas em localidades argentinas ainda teríamos que retirar as traduções e coletâneas para obter o montante de publicações desse país, resultando em um total de 41 livros. Outra informação pertinente é a exclusão de autoras/es estrangeiros que lecionam em instituições argentinas na contabilização desses dados, os quais foram retirados por não ocorrer a migração desse saber através de fronteiras físicas. Essas pessoas estão situadas na mesma lógica das autoras e autores argentinos no que diz respeito à comunidade acadêmica, ao mercado editorial, com o mesmo acesso às informações e contatos que propiciam a publicação de livros e em periódicos.

Ao estabelecer algumas considerações sobre a produção que tematizou o feminismo e os estudos de gênero, e que foi depositada na Argentina entre os anos de 1960 e 1999, podemos destacar um grande número de publicações vindas da Europa, especialmente da Espanha, e uma grande quantidade de traduções de autoras e autores dos Estados Unidos. No que se referem a livros de um Eixo-Sul do conhecimento, as localidades estão limitadas à América Latina, tendo como exceção o texto da autora libanesa que faz parte de uma coletânea e a exclusão desse levantamento da obra de Marysa Navarro intitulada *Sexualidade, gênero y roles sexuales* que possui tanto uma edição mexicana, quanto uma editada na cidade de Buenos Aires através do Fundo de Cultura Econômica. Nesse sentido, os livros que migraram a partir de editoras latino-americanas para a Argentina são das localidades de Caracas (2), Lima, Quito, Santa Fé de Bogotá (2), Santiago (2), Rio de Janeiro e São Paulo (2); e as traduções, que representam editoras argentinas que publicaram autoras/es estrangeiros/as, são do Brasil e de Cuba. Dessa última localidade, a obra pertence a uma ex-guerrilheira argentina

¹⁹¹ COSTA, Claudia de Lima. Feminismo, tradução, transnacionalismo. In: COSTA, Claudia de Lima. SCHMIDT, Simone Pereira. *Poéticas e Políticas Feministas*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2004. p.188.

radicada no país e professora universitária em Havana¹⁹². Desse modo, temos um total de 13 livros que de alguma forma migraram para a Argentina, tendo como meio de registro o depósito legal, e que fazem parte de um Eixo-Sul do conhecimento que circulou no país entre as décadas de 1960 e 1990. Esses números mostram que a quantidade de edições latino-americanas estrangeiras que viajaram para territórios Argentinos foi bastante reduzida frente à saberes provenientes de outras localidades e que o investimento em efetivas traduções em edições argentinas é ainda menor.

July Cháneton discute a trajetória do campo de estudos feministas e menciona uma série de autoras que embasaram essas discussões durante a década de 1980 e 1990, período em que encontramos um maior número de livros por meio do depósito legal. Sua narrativa não trata propriamente das particularidades argentinas, mas considerando o lugar do enunciado em que a autora está situada e a preocupação com temáticas como identidade indígena, tomo seu texto como um recorte dos possíveis referenciais desse debate no país. Nesse sentido, sobre as perspectivas pós-estruturalistas e desconstrutivistas ela traz autoras como Judith Butler, Joan Scott, Linda Martín Alcoff, Teresa de Lauretis, Nancy Fraser¹⁹³, todas essas do Eixo-Norte, nenhuma presente no material encontrado por meio do depósito legal na Argentina. Por um lado esse elemento expõem as deficiências desse mecanismo de busca enquanto investigação representativa dos referenciais bibliográficos do campo de estudos de mulheres e de gênero na Argentina, mas por outro pode levar a um grande equívoco historiográfico ao tentar elencar o que merece ou não constar nas bibliotecas, o que é ou não mais relevante, ou ainda o que é mais ou menos feminista. Assim, mesmo diante de toda a deficiência que o depósito legal possa apresentar, utilizo esses números para refletir sobre os lugares de saber com os quais os contextos argentinos e brasileiros dialogaram, levando em conta os vastos acervos disponibilizados nas bibliotecas, incomparáveis numericamente com uma possível análise realizada em editoras.

¹⁹² RODRIGUES, Miguel Urbano. Aperfeiçoamento empresarial: a revolução está dentro de nós. *resistir.info*. Disponível em: http://resistir.info/cuba/livro_rauber.html. Acesso em: 29 de maio de 2011.

¹⁹³ CHÁNETON, July. Op. cit. p. 41.

3.2 BRASIL: DESCONTINUIDADES NA CIRCULAÇÃO DE SABERES

A criação da Biblioteca Nacional do Brasil tem seu início com a chegada da família real portuguesa ao país, devido à invasão napoleônica, trazendo parte do que se tornaria acervo da instituição. Sua fundação correu em 29 de outubro de 1810 e a primeira instalação foi no Hospital da Ordem Terceira do Carmo, passando por algumas sedes até a instalação no prédio que a abriga até os dias de hoje, exatamente cem anos após sua fundação. A construção da atual Biblioteca Nacional começou em 1905 na Avenida Rio Branco, cidade do Rio de Janeiro, capital do país na época, e passou pela administração de vários organismos do governo. Primeiramente, a Biblioteca esteve subordinada ao Ministério do Interior e Justiça passando, posteriormente, ao comando do Ministério da Educação e Saúde Pública até 1953. Nesse mesmo ano a Saúde passa a ser representada por um ministério autônomo e a antiga instituição recebe o nome de Ministério da Educação e Cultura (MEC).¹⁹⁴

Segundo Celia Maria Portella, que estuda sobre a história da Biblioteca Nacional, a subordinação da instituição à Secretaria de Assuntos Culturais (SEAC) do MEC, antigo Departamento de Assuntos Culturais (DAC), provocou uma série de dificuldades em decorrência da falta de autonomia. Apenas em 1981 foi conquistada uma administração indireta por conta da participação na Fundação Nacional Pró-Memória, até 1984, formando posteriormente a Fundação Nacional Pró-Livro em conjunto com o Instituto Nacional do Livro. A situação administrativa da Biblioteca sofreu uma grande mudança apenas em 1990, com a extinção das fundações anteriormente citadas, e a criação da Fundação Biblioteca Nacional com a Lei nº 8.209 de 12 de abril. A partir desse evento tornou-se uma fundação de direito público, vinculada ao Ministério da Cultura¹⁹⁵. Atualmente, a Biblioteca Nacional do Brasil está classificada como uma das dez maiores bibliotecas nacionais do

¹⁹⁴ PORTELLA, Celia Maria. Releitura da Biblioteca Nacional. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, v. 24, n. 69, maio-agosto 2010. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/celiaMaria.pdf>. Acesso em: 31 de maio de 2011.

¹⁹⁵ PORTELLA, Celia Maria. Op. cit. p. 4-6.

mundo pela UNESCO e a maior da América Latina. Seu acervo está calculado em nove milhões de itens ¹⁹⁶.

O sistema de busca utilizado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, assim como nas bibliotecas argentinas, iniciou pelo catálogo online, resultando um total de 218 livros dentro da temática de interesse (ver Apêndice B). O levantamento tomou como base a seleção “Acervo de livros” e partiu de uma pesquisa livre, que combinou a palavra-chave com os itens autor, título, assunto e série. Dessa forma, não houve a seleção dos anos em uma pesquisa primária, sendo necessária a triagem desse levantamento para manter o recorte temporal da pesquisa ¹⁹⁷. Como este capítulo esteve destinado especificamente aos livros não houve a necessidade de exclusão dos periódicos, anais de eventos, músicas ou obras de arte.

Assim como na Argentina, percebe-se considerável aumento no número de publicações brasileiras com o passar das décadas. Durante a década de 1960 não é encontrado nenhum registro de publicações, embora seja grande o número de livros sem registro de data na busca realizada (um total de 25 obras), que após uma pesquisa direcionada foi integrada aos números dispostos no Apêndice B (ver especificações da busca no Apêndice C). Na década de 1970 há o registro de 11 livros e na década de 1980 essa quantidade sobe para 65. Como no caso da pesquisa argentina, a grande quantidade de livros encontra-se durante a década de 1990, em que a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui o registro de 142 livros dentro da temática. Esses números corroboram com a ideia de que o aumento de publicações dentro desse campo de saber está mais associado à consolidação dos estudos de gênero dentro das Universidades do que as barreiras impostas pela ditadura, uma vez que cada país passou por regimes ditatoriais em anos distintos (o Brasil entre os anos de 1964 a 1985).

No Brasil as atividades censoras sempre estiveram associadas a instituições ligadas ao governo. Em 1961, mesmo antes da instauração do regime ditatorial, o presidente Jânio Quadros concedeu aos estados essa responsabilidade, fazendo com que alguns filmes, por exemplo, fossem proibidos ou liberados em diferentes regiões do país. Em 1965 é inaugurado o prédio do Departamento Federal de Segurança Pública em

¹⁹⁶ Informações obtidas através do site da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: http://www.bn.br/portal/?nu_pagina=11. Acesso em: 31 de maio de 2011.

¹⁹⁷ Pesquisa realizada através da página da Fundação Biblioteca Nacional: http://www.bn.br/portal/?nu_pagina=81

Brasília, o qual sediaria o Serviço de Censura e Diversões Públicas (SCDP) e, com a Constituição de 1967, a atividade repressiva foi centralizada como de responsabilidade do Governo Federal, mantendo esse status mesmo com a instauração do Ato Institucional número 5, em 1968. A partir de 1969 as repressões às atividades culturais tornaram-se mais rígidas. Em jornais como *O Estado de São Paulo*, censores passaram a ocupar espaço na redação, o que, em contrapartida gerou a formação de outro nicho na comunicação, a imprensa alternativa, ou também chamada imprensa nanica, que também não fugiu a essa dinâmica¹⁹⁸. Segundo documentação os anos de maior repressão aos meios culturais ocorreram entre 1968 até 1972 e nos anos do governo Geisel (1974-1979). Contudo, ela não atuou na mesma forma sob os periódicos, os livros, os filmes e as peças de teatro, por exemplo. Enquanto revistas e jornais já estavam sendo liberados da censura, essa foi reforçada em relação aos livros e outras atividades culturais o que assinala para a possibilidade da autocensura desse grupo a fim de evitar repressões, um possível reforço marcando a legitimidade desse campo que temia seu fim, e uma atuação em relação a questões mais morais que políticas, o que marcaria essa distinção dos livros versos periódicos, atividades teatrais, etc.¹⁹⁹. A crise econômica que vigorava no Brasil em 1982 afetou diretamente o mercado editorial, o que não resultou em queda no mercado consumidor livreiro. A partir de 1984 houve uma ascensão das vendas uma vez que a leitura representava uma atividade de lazer com baixos custos diante desse momento de recessão. A crise do Plano Cruzado²⁰⁰ e o bloqueio das contas bancárias durante o governo de Fernando Collor de Mello²⁰¹ também representaram momentos difíceis para as editoras que desaceleraram lançamentos e, na época, eram más pagadoras dos direitos autorais. A situação muda apenas em fins da primeira metade da década de 1990, com o Plano Real, que durante o governo de Itamar Franco buscou a estabilização das reformas econômicas. É ainda importante destacar que os resquícios da censura no Brasil só seriam eliminados no governo seguinte, com Fernando Henrique Cardoso, que através de um decreto fecha o

¹⁹⁸ REIMÃO, Sandra. *Repressão e Resistência: Censura a Livros na Ditadura Militar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2011. p. 19-29.

¹⁹⁹ Ibidem. p. 56-57.

²⁰⁰ Primeiro plano econômico pós ditadura militar iniciado no ano de 1986 no governo de José Sarney.

²⁰¹ Presidente brasileiro entre os anos de 1990 e 1992.

Conselho Superior de Defesa da Liberdade de Criação e Expressão em 1995²⁰².

Acrescido aos problemas econômicos que estabilizaram o mercado editorial apenas na década de 1990, temos o início das pesquisas ligadas aos estudos de mulheres e feminismos a partir da década de 1980 no Brasil. Esse elemento que poderia representar um aumento nas produções dessa área pode ter sido minado pela crise, no mesmo período, ocorrida nas vendas de livros científicos como os das áreas de sociologia, medicina, entre outros.²⁰³ Nesse sentido, mesmo diante do crescimento desses estudos os problemas os quais o mercado enfrentava podem ter influenciado nessa disparidade entre as décadas quando se trata dos livros que foram publicados e enviados à Biblioteca Nacional.

Efetuando uma comparação com o material encontrado nas bibliotecas argentinas, a diferença entre publicações editadas em localidades nacionais e internacionais é muito distinta nos dois países. Enquanto na Argentina a diferença numérica entre os livros editados no país e livros estrangeiros é de apenas 11 obras – 62 nacionais e 51 internacionais – no Brasil essa distância é maior. Dos 218 livros encontrados 175 são livros editados em localidades brasileiras, como podemos observar na tabela a seguir:

Publicações Nacionais encontradas na Biblioteca Nacional do Brasil (1960-1999)

Localidade	Quantidade de publicações
Aparecida (SP)	02
Araraquara (SP)	01
Bauru (SP)	01
Belém (PA)	01
Belo Horizonte (MG)	02
Brasília (DF)	05
Campinas (SP)	01
Curitiba (PR)	01
Florianópolis (SC)	05
Fortaleza (CE)	02
Goiânia (GO)	01

²⁰² HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 538-709.

²⁰³ Idem.

João Pessoa (PB)	01
Maceió (AL)	03
Niterói (RJ)	02
Pelotas (RS)	01
Petrópolis (RJ)	12
Porto Alegre (RS)	04
Publicação com edição no Rio de Janeiro e em São Paulo	01
Publicação conjunta entre Brasília e Rio de Janeiro	01
Publicação conjunta entre Brasília e São Paulo	03
Publicação conjunta entre Madri e Rio de Janeiro	02
Publicação conjunta entre Rio de Janeiro e São Paulo	04
Recife (PE)	03
Rio de Janeiro (RJ)	47
Salvador (BA)	02
São Bernardo do Campo (SP)	01
São Leopoldo (RS)	02
São Paulo (SP)	63
Seropédica (RJ)	01
Total	175

As parcerias de localidades nacionais na editoração de livros, conforme observado na tabela acima, encontra-se focada na capital brasileira, Brasília, na cidade de São Paulo e no Rio de Janeiro, além de duas publicações do Rio de Janeiro com a cidade de Madri, na Espanha. Essas junções resultam em um total de 11 livros que, unidos aos dados apresentados a seguir, demonstram a expressividade da região Sudeste do país na produção de publicações sobre os estudos de gênero e feminismo. Apenas de editoras da cidade de São Paulo foram encontradas 63 publicações e da cidade do Rio de Janeiro 47, representando mais da metade do material encontrado na busca do catálogo online da Biblioteca Nacional. Agrupando todas as localidades da região Sudeste – incluindo as publicações conjuntas – esse número sobe para 136 publicações, ou seja, 62,38% das publicações encontradas na busca por esse campo do conhecimento. Da capital do Brasil foram encontrados cinco livros, da região Centro-oeste um (Goiânia), da região Norte um (Belém), da região Nordeste 11 (João Pessoa um, Fortaleza dois, Maceió três, Recife três e Salvador dois) e da região Sul 13 livros (Curitiba um, Florianópolis cinco, Pelotas um, Porto Alegre quatro e São Leopoldo dois). Assim, as demais localidades brasileiras reúnem um total de 31 publicações frente às 136 do Sudeste do país.

A centralidade de livros em uma determinada localidade acontece tanto no Brasil como na Argentina, pois enquanto no caso brasileiro Rio de Janeiro e São Paulo representam o maior montante de livros, no caso argentino as publicações feministas e de estudos de gênero estão centradas em Buenos Aires o que reflete os polos das grandes editoras nos dois países e não necessariamente em suas capitais.

Entre as publicações levantadas ainda é possível destacar 10 obras que não possuem a localidade especificada na ficha catalográfica da Fundação Biblioteca Nacional²⁰⁴ – o campo encontra-se em branco. Essas mesmas publicações também não contêm registro das editoras, possuindo apenas título, autoria, ano e localização no acervo. As referidas obras são: *Mulher e política: as relações de gênero no PMDB de Santa Catarina*²⁰⁵, de Clitia Helena Backx Martins (1987); *Feminism in two of Shaw's plays*²⁰⁶, de Uma Viswanathan (1989); *Marge Piercy's female protagonists: beyond the stereotype of passivity?*²⁰⁷, de Ildney Cavalcanti (1989); *An unwritten Woolf: fragments of a map*, de Genilda Alves de Azeredo²⁰⁸ (1990); *Beth's missing desire: a feminist approach to Harold Pinter's Landscape*, de Melania Pereira de Farias²⁰⁹ (1990); *Diferenças de gênero no julgamento moral*²¹⁰, de Silvia Helena Koller (1990); *O início do serviço social no Brasil: um feminismo cristão*²¹¹, de Vera Lucia Alvarenga Freire Moreira Lima (1991); *Representações sociais e relações de gênero no universo do trabalho*²¹², de Regina Vitoria Lima Castilho (1991); *Reproduzindo relações de poder de*

²⁰⁴ As informações a seguir, encontradas em nota de rodapé, referem-se a uma pesquisa via Internet.

²⁰⁵ Mestrado em Ciências Sociais defendido na Universidade Federal de Santa Catarina.

²⁰⁶ Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina.

²⁰⁷ Mestrado em Inglês defendido na Universidade Federal de Santa Catarina.

²⁰⁸ Professora do Departamento de Letras Estrangeiras Inglês da Universidade Federal da Paraíba.

²⁰⁹ Defendeu seu mestrado em 1990 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

²¹⁰ Mestrado defendido na área de Psicologia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²¹¹ Dissertação de Serviço Social defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

²¹² Mestrado em Psicologia Social defendido na Universidade de São Paulo.

*gênero e de classe no ensino de enfermagem*²¹³, de Dagmar Estermann Meyer (1991); *Outras palavras, outras imagens: movimentos feministas na cidade de São Paulo nos anos 70/80*²¹⁴, de Maria Bueno Bastos (1992). Além dessas 10 obras sem o campo de localidade ou editora preenchidos, foi encontrada a edição *A ideologia feminista do Partido dos Trabalhadores*, de Iara Maria Ilgenfritz da Silva²¹⁵ (1984), com o registro sem localidade (s/l), somando 11 obras sem essa especificação. Em alguns desses casos é possível identificar que se tratam na verdade de teses e dissertações, embora a Biblioteca Nacional os registre, em seus suportes de consulta, como livros. Assim, não entro propriamente do mérito de reclassificá-los, mas adoto as definições propostas pela instituição.

Os livros editados por instituições internacionais somaram um montante de 13 publicações, conforme a tabela a seguir:

Publicações Internacionais encontradas na Biblioteca Nacional do Brasil (1960-1999)

Localidade	Quantidade de publicações
Bogotá (Colômbia)	02
Bruxelas (Bélgica)	01
Paris (França)	02
Publicação conjunta entre Santa Fé de Bogotá e Medellín (Colômbia)	01
Havana (Cuba)	01
Hanôver (Alemanha)	01
Lewiaton (EUA)	01
Lisboa (Portugal)	01
Madri (Espanha)	01
México	02
Total	13

²¹³ Mestrado em Educação defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²¹⁴ Dissertação na área de História defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

²¹⁵ Defendeu, no ano de 1983, seu mestrado em Direito na Universidade Federal de Santa Catarina, com o título *Direito ou punição?: representação da sexualidade feminina no direito penal*.

Entre as publicações internacionais encontramos a mesma quantidade de edições europeias e de países latino-americanos. Bruxelas, Hanôver, Lisboa e Madri possuem uma publicação cada, enquanto Paris possui duas publicações nos registros da Biblioteca Nacional. Diferente da Argentina que tem um grande número de publicações vindas da Europa, principalmente da Espanha – possivelmente devido à proximidade linguística –, a biblioteca brasileira tem o maior número de edições internacionais oriundas de um país da América Latina. Segundo os registros, a Colômbia possui três livros sobre o tema, México dois, Havana um livro, enquanto os Estados Unidos possuem apenas um.

No caso brasileiro, as traduções implicaram uma série de levantamentos e opções metodológicas a partir do registro da Biblioteca Nacional. Muitos registros não possuíam as autoras e autores cadastrados, necessitando uma busca por cada obra. Algumas dessas possuíam como autoria instituições brasileiras, sendo consideradas, assim, obras nacionais. Autoras e autores que não tiveram suas nacionalidades encontradas na busca, e não possuíam registro de tradução na Biblioteca, também foram consideradas obras nacionais, bem como as/os que lecionaram e/ou lecionam em instituições do país. As instituições de ensino às quais as autoras e autores estão ou estiveram vinculadas foram prioritárias frente à nacionalidade de cada um/a, pois dizem respeito à localidade às quais esses sujeitos estabelecem relações pessoais e profissionais. Os livros que não possuem autoria ou editora situada em localidade brasileira (assim como as edições sem localidade), não fizeram parte da contagem das publicações traduzidas. Constatou-se que algumas obras com títulos em língua estrangeira tratavam-se de dissertações ou teses apresentadas a Programas de Pós-Graduação de língua inglesa, o que não caracteriza a migração territorial desse saber, conforme observado no caso das obras que não possuíam as localidades especificadas no cadastro. Nesse sentido, os números a seguir, que apresentam as traduções encontradas na Biblioteca Nacional, devem ser pensados a partir de uma série de fatores:

**Traduções comercializadas por editoras brasileiras encontradas na
Biblioteca Nacional do Brasil (1960-1999)**

Título	Autor/a	Localidade	Editora	Ano	Nacionalidade do/a autor/a
Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista	Schottroff, Luise	São Paulo	Paulinas	1995	Alemanha
Dicionário de teologia feminista	Gossmann, Elisabeth; Wendel, Elisabeth Moltmann	Petrópolis, RJ	Vozes	1997	Alemanha
Pecado & graça na teologia feminista	Scherzberg, Lucia	Petrópolis, RJ	Vozes	1997	Alemanha
A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça	Teresa Benedita da Cruz	Bauru SP	EDUSC	999	Alemanha
Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher	Brennan, Teresa	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1997	Austrália
O prazer sagrado: sexo, mito e a política do corpo	Eisler, Riane Tennenhaus	Rio de Janeiro	Rocco	1996	Áustria
Se me deixam falar: depoimento de uma mineira boliviana	Barrios de Chungara, Domitila	São Paulo	Global Ed.	1984 1986	Bolívia
A dialética do sexo, uma manifestação da revolução feminista	Firestone, Shulamith	Rio de Janeiro	Editorial Labor do Brasil	1976	Canadá

Para uma ciência da libertação da mulher	Larguia, Isabel	São Paulo	Global Ed.	1982	Cuba
A libertação da mulher	Arias, María	Rio de Janeiro	Ed. Salvat	1979	Espanha
Feminismo, autoritarismo, democracia	Astelarra, Judith	[Rio de Janeiro]	PUC Núcleo de Estudos sobre a Mulher	1988	Espanha
Feminismo: teoria e pratica	Astelarra, Judith	Rio de Janeiro	PUC Núcleo de Estudos sobre a Mulher	1988	Espanha
Feminismo e arte: um estudo sobre Virginia Woolf	Marder, Herbert	Belo Horizonte	Interlivros	1975	EUA
A afirmação da mulher	Phelps, Stanlee	Belo Horizonte	Interlivros	1977	EUA
A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937	Hahner, June E.	São Paulo	Brasiliense	1981	EUA
Mulher, sociedade, transição: como o feminismo, a libertação sexual e procura de auto-realização alteram as nossas vidas	Bardwick, Judith M.	São Paulo	Difel	1981	EUA
Perspectivas e tendências do feminismo	Juillard, Joelle	Rio de Janeiro	EDIPUC	1982	EUA
A segunda etapa	Friedan, Betty	Rio de Janeiro	F. Alves	1983	EUA

Como os homens sentem: suas reações às exigências das mulheres por igualdade e poder	Astrachan, Anthony	Rio de Janeiro	Imago	1989	EUA
Ser mulher	Grant, Toni	Rio de Janeiro	Campus	1989	EUA
A libertação da mulher: o anúncio de vida para o mundo que vem do feminino	Haughton, Rosemary	Petrópolis RJ	Vozes	1990	EUA
Adeus Bela Adormecida: a revisão do papel da mulher nos dias de hoje	Kolbenschlager, Madonna	São Paulo	Saraiva	1990 1991	EUA
Feminismo como crítica da modernidade	Benhabib, Sheyla; Cornell, Drucilla	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1991	EUA
Anarquia sexual: sexo e cultura no fim de siècle	Showalter, Elaine	Rio de Janeiro	Rocco	1993	EUA
O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento	Gergen, Mary McCanney	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos: Ed. UnB	1993	EUA
Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista	Ruether, Rosemary Radford	São Leopoldo, RS	Sinodal	1993	EUA
A mulher e o cinema: os dois lados da câmera	Kaplan, E. Ann,	Rio de Janeiro	Rocco	1995	EUA
Aquela que é	Johnson, Elisabeth A.,	Petrópolis, RJ	Vozes	1995	EUA

Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação	Fiorenza, Elizabeth Schussler	Petrópolis, RJ	Vozes	1995	EUA
Fora do jardim: mulheres escrevem sobre a Bíblia	Büchmann, Cristina; Spiegel, Celina	Rio de Janeiro	Imago	1995	EUA
Teoria feminista e as filosofias do homem	Nye, Andréa	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1995	EUA
A face do amor: a questão da beleza e a libertação da mulher	Lambert, Ellen Zetzel	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1996	EUA
Fogo com fogo: o novo poder feminino e como o século XXI será afetado por ele	Wolf, Naomi	Rio de Janeiro	Rocco	1996	EUA
Nosso clamor pela vida: teologia latino-americana a partir da perspectiva da mulher	Aquino, Maria Pilar	São Paulo	Paulinas	1996	EUA
A teologia, a igreja e a mulher na América Latina	Aquino, Maria Pilar	São Paulo	Paulinas	1997	EUA
Fetichismo: moda sexo & poder	Steele, Valerie	Rio de Janeiro	Rocco	1997	EUA

Gênero corpo conhecimento	Jaggar, Alison M.	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1997	EUA
Memórias da transgressão: momentos da história da mulher do século XX	Steinem, Gloria	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1997	EUA
O despertar de Minerva: um estudo sobre a criatividade das mulheres	Firestone, Linda	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1998	EUA
Onde o silêncio fala: feminismo teoria social e religião	Erickson, Victoria Lee	São Paulo	Paulinas	1998	EUA
Submundos do sexo no iluminismo	Rousseau, G.S.; Porter, Roy	Rio de Janeiro	Rocco	1999	EUA e Inglaterra
O feminismo: uma abordagem histórica	Michel, André	Rio de Janeiro	Zahar	1982	França
Palavra de mulher	Leclerc, Annie	São Paulo	Brasiliens e	1982	França
O privilégio de ser mulher	Blaquiere, Georgette	São Paulo	Edições Paulinas	1984	França
Mulher ela mesma	Quere, France	São Paulo	Edições Paulinas	1987	França
Quero voltar pra casa	Collange, Christiane	São Paulo	Circulo do Livro	1988	França
O que é uma mulher?: um debate	Thomas, A.L.	Rio de Janeiro	Nova Fronteira	1991	França
A modernidade vienense e as crises de identidade	Le Rider, Jacques	Rio de Janeiro	Civilizaçã o Brasileira	1993	França

Mulher e homem: uma aliança de futuro	Hebrard, Monique	São Paulo	Paulinas	1994	França
A força das coisas	Beauvoir, Simone de,	Rio de Janeiro	Nova Fronteira	1995	França
A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle	Dottin-Orsini, Mireille	Rio de Janeiro	Rocco	1996	França
O que e que há com nossos maridos? A nova guerra dos sexos	Serrurier, Catherine	São Paulo	Summus	1996	França
Théroigne de Méricourt: uma mulher melancólica durante a revolução	Roudinesco, Elisabeth	Rio de Janeiro	Rocco	1997	França
Política dos sexos	Agacinski, Sylviane	Rio de Janeiro	Nova Fronteira	1999	França
Cântico dos Cânticos: a partir de uma leitura de gênero	Brenner, Athalya	São Paulo	Paulinas	1999	Holanda
De Êxodo a Deuteronômio : a partir de uma leitura de gênero	Brenner, Athalya	São Paulo	Paulinas	1999	Holanda
Kew gardens; O status intelectual da mulher; Um toque feminino na ficção; Profissões para mulheres	Woolf, Virginia	São Paulo	Paz e Terra	1997	Inglaterra

Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores	Warner, Marina	São Paulo	Companhia das Letras	1999	Inglaterra
Mulher e teologia	Lunem-Chenu, Marie-Thérèse van; Gibellini, Rosino	São Paulo	Loyola	1992	Itália
Além dos fragmentos: o feminismo e a construção do socialismo	Rowbotham, Sheila.	São Paulo	Brasiliense	1981	Reino Unido
A conscientização da mulher no mundo do homem	Rowbotham, Sheila	Porto Alegre	Globo	1983	Reino Unido
Gordura e uma questão feminista	Orbach, Susie	Rio de Janeiro	Record	1987	Reino Unido
A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas	Woolger, Jennifer Barker	São Paulo	Círculo do Livro Cultrix	1993 1997	Reino Unido
O contrato sexual	Pateman, Carole	Rio de Janeiro	Paz e Terra	1993	Reino Unido
Bruxas e heróis: uma abordagem feminista na terapia junguiana de casais	Young-Eisendrath, Polly	São Paulo	Summus	1995	Reino Unido
A Igreja em crise: questões pendentes para seu terceiro milênio	Pérez, Aguirre, Luis	São Paulo	Ática	1996	Uruguai

Com um montante de 66 livros traduzidos, o número de publicações latino-americanas encontradas foi pequeno, limitando-se a três. As traduções europeias somam 32 obras sendo que a França, com 13 obras, possui o maior número de edições (Alemanha quatro, Áustria um, Espanha três, Holanda dois, Inglaterra dois, Itália um, Reino Unido seis). Assim como na Argentina, o maior número de obras traduzidas encontradas na Biblioteca Nacional brasileira é proveniente dos Estados Unidos, reunindo 28 obras. Nesse levantamento ainda é possível destacar um livro que reúne autores dos Estados Unidos e Inglaterra e uma obra de uma autora australiana.

Se pensarmos apenas nas obras que estabelecem um intercâmbio entre Eixo-Sul na produção do conhecimento sobre estudos de gênero e feminismo, encontradas no levantamento brasileiro, esse número chega a nove publicações. A partir de traduções esse material soma um total de três livros (Bolívia um, Cuba um e Uruguai um), como observado acima, e edições comercializadas no Brasil que mantêm a localidade de outra edição, somam seis: Colômbia com três livros sobre o tema, Havana um e México dois, sendo que um deles é de uma autora estadunidense (Beth Kurti Miller). Uma vez que a quantidade de livros encontradas na Argentina é menor que a do Brasil, podemos considerar pouco expressivo o depósito legal de edições latino-americanas no país. Enquanto das 218 obras encontradas na Biblioteca brasileira, nove são provenientes de outros países da América Latina, já na Argentina das 115 obras, 13 fazem parte dessa região.

Novamente temos um número bastante reduzido de publicações estrangeiras latino-americanas com um investimento do mercado editorial brasileiro restrito em relação a esse tipo de tradução cultural. Assim como na Argentina as publicações europeias e estadunidenses representam uma grande parcela dos livros encontrados nessa área apontando para localidades as quais esses dois países dialogam, mas também sinalizam para a mobilidade dos saberes provenientes de diferentes lugares.

3.3 AS VIAGENS PELO DEPÓSITO LEGAL

Peter Burke, no primeiro capítulo do livro *Tradução Cultural: nos primórdios da Europa Moderna*, apresenta uma série de questionamentos pertinentes à análise da tradução tais como: Quem realizou a tradução da obra, pessoa ou grupo? Com que intenções essa tradução foi realizada, respondendo a que projeto? O que foi traduzido,

ou, em outras palavras, o que uma cultura considera interessante da outra? Esse texto busca preencher lacunas que o conhecimento local possui ou busca confirmar premissas e conceitos presentes nessa cultura? Para quem essa tradução foi realizada (pensando em uma resposta geográfica e social)? De que maneira essa tradução foi feita, por meio de que estratégias e de que bases teóricas? E, por último, quais as consequências dessa tradução?²¹⁶

Ainda segundo a perspectiva do autor, que parafraseia alguns teóricos, a própria atividade do historiador, que traz os eventos de um passado estrangeiro para o presente, é uma tradução, bem como o ato de falar é o exercício de traduzir²¹⁷. Nesse sentido, este trabalho pensa as migrações das obras tais como as traduções que passam por uma conversão de idiomas, assim como traduções entre culturas, espaços geográficos e temporalidades. Seria pensar essas obras como traduções culturais, nas quais qualquer interpretação e divulgação de ideias estão diretamente conectadas a relações de poder e a diferenças entre linguagens, localidades e povos²¹⁸.

Estabelecendo algumas conclusões sobre a pesquisa realizada, podemos primeiramente avaliar o depósito legal, tanto no Brasil como na Argentina, como pouco eficaz no que tange às temáticas do feminismo. Essa constatação ultrapassa a avaliação feita pelas pesquisas em torno do tombamento de materiais por meios legais, chegando à informalidade da circulação dos saberes. Tomando o caso brasileiro, em artigo à *Revista Brasileira de Estudos da População*, Cristina Bruschini faz um histórico dos estudos do trabalho feminino e destaca que essa temática foi “a porta de entrada dos estudos sobre a mulher na academia”²¹⁹. A partir dessa afirmação ela destaca os trabalhos de Heleieth Saffioti (1969) e de Eva Blay (1978) como “leituras clássicas” nas Universidades e apesar do fornecimento apenas das datas, podemos identificar que se trata, respectivamente, de *A Mulher na Sociedade de Classes e Trabalho Domesticado*. Ao retomar as publicações levantadas no depósito legal, nenhuma das duas são encontradas nos registros,

²¹⁶ BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, Peter. HSIA, R. Po-chia. *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.13-46.

²¹⁷ Ibidem. p. 14-15.

²¹⁸ COSTA, Claudia de Lima. Op. cit. p.188.

²¹⁹ BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? *Revista Brasileira de Estudos da População*. v.23 n. 2, 2006. p. 331-353.

nem mesmo em edições posteriores o que aponta para a não catalogação de obras consideradas como importantes para esse campo de estudos. Ainda sobre o trabalho de Saffioti, podemos destacar seu pioneirismo, tendo em vista que nenhuma publicação sobre o tema foi encontrada na Biblioteca Nacional na década de 1960, enquanto seus escritos circulavam nos meios acadêmicos como um clássico.

Joana Vieira Borges, em sua tese de doutorado intitulada *Trajetórias e leituras no Brasil e na Argentina (1960-1980)*, que trabalha sob a perspectiva da História da Leitura com a circulação, a apropriação e a construção de cânones feministas, aponta uma série de textos que circularam através de relações pessoais na Argentina e no Brasil. Essa pesquisa, que captura o trânsito de saberes em outros níveis, trouxe à tona uma série de publicações que era considerada leituras importantes para o movimento e associadas à identificação com o feminismo. Entre as bibliografias mais citadas em publicações e mencionadas em entrevistas de feministas argentinas estão *El Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, *Um Quarto Próprio*, de Virginia Woolf e *La Mística de la Feminidad*, de Betty Friedan, das quais apenas o livro de Virginia Woolf não faz parte do cadastro do depósito legal. No Brasil as obras mais citadas foram também *O Segundo Sexo* e *A Mística Feminina*, acrescido de *A Mulher na Sociedade de Classes*. Contudo, nenhuma das publicações está registrada na Biblioteca Nacional Brasileira.

Nesse sentido, o depósito legal não traz de forma sistemática a bibliografia que circulou nesse campo de saber, mas se apresenta apenas uma amostragem que, como todo o levantamento histórico, é parcial. Ultrapassando a intencionalidade de mapear absolutamente os saberes que circularam sobre os estudos de mulheres e feminismos em dois países da América Latina, essa pesquisa realizada nas instituições responsáveis pelo depósito legal demonstra que mesmo obras consideradas ícones nesse campo de conhecimento – conforme o texto de July Cháneton na Argentina e a pesquisa desenvolvida por Joana Vieira Borges – não estão salvaguardadas como indicação proposta pela UNESCO.

Outra reflexão possível diante do levantamento diz respeito à nacionalidade das publicações cadastradas através do depósito legal. Como observado anteriormente, existe uma grande diferença numérica entre localidades no que concerne às ideias traduzidas culturalmente para a Argentina e para o Brasil. Os Estados Unidos representam a maioria das edições que passam por uma tradução do inglês para o idioma local e a Europa representa um número expressivo de obras

migrantes para esses dois países, destacando que no caso argentino a proximidade da língua com a Espanha seja um fator relevante na mobilidade desse saber. Nesse sentido, com base no levantamento realizado é possível destacar que grande parte das publicações estrangeiras que circularam na Argentina e no Brasil durante os referidos anos provem da Europa e dos Estados Unidos. Entre esse número, poucos livros são latino-americanos sendo possível estabelecer algumas conexões entre as divisões geopolíticas mundiais, a produção e valorização do conhecimento bem como as combinações que formaram, e de certa forma formam, os saberes brasileiros e argentinos no campo de estudos de mulheres, feministas e de gênero.

A passagem do período de governo ditatorial para um regime democrático em ambos os países, descendentes de um histórico de colonialismo Europeu, muda os cenários nacionais possibilitando a manifestação pública. Contudo, essa mudança no regime político não significou necessariamente mudanças na ordem econômica ou mesmo de valores culturais. Em um mundo globalizado os modelos eurocêntricos e a “universal língua inglesa” mantêm a sua hegemonia, mesmo diante de um processo de descolonização. Esse é um dos elementos para entender a relação entre o conhecimento feminista latino-americano em uma lógica global, mas não o único. Diferentes projetos coloniais materializados nas diferenças da língua falada no Brasil e na Argentina colocam os dois países em lugares diferentes dentro do saber feminista. Como um saber posicionado, segundo experiências e contextos históricos particulares, o objeto de estudo ainda encontra territorializado nos feminismos que estão diretamente relacionados à posicionalidade do corpo e subjetividade feminina.

Homi Bhabha, em seu livro *O Local da Cultura*, considera a suposição de que a teoria é a linguagem das elites sociais e culturais – bem como o lugar crítico da academia sendo eurocêntrico, ocidentalmente imperialista e neocolonial – uma afirmação prejudicial e autodestrutiva²²⁰. Para o autor, há a necessidade de pensarmos se as linguagens da crítica teórica são reflexos das divisões geopolíticas e mesmo reflexos da sua influência de uma forma simplificada binária²²¹. Nesse sentido, analisarmos as obras que se deslocam dentro de um Eixo-Sul pode significar uma análise mais aprofundada das produções sobre feminismo e estudos de gênero, sobre as temáticas

²²⁰ BHABHA, Homi K. *Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p.43.

²²¹ *Ibidem*. p. 45.

desenvolvidas, seus aportes teóricos e mesmo as influências desse Eixo-Norte, contextualizando as fronteiras políticas e culturais sem a polarização de um conhecimento de "Primeiro Mundo" e "Terceiro Mundo". Essa perspectiva de análise vem ao encontro à proposta teórica de Mary Louise Pratt em seu texto *A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco*²²². Para a autora, uma análise a partir das zonas de contato não enfocaria o pertencimento a um determinado grupo étnico, de classe ou mesmo de gênero, mas as heterogeneidades. A produção e reprodução das diferenças tornam-se mais relevantes e as fronteiras passam a ser o centro do debate, capturando suas dimensões históricas e sociais.

Retomando o material coletado, no Brasil as publicações que atravessam fronteiras físicas, estabelecendo zonas de contato a partir de um Eixo-Sul são: *El tiempo de la mujer*, de Esmeralda Arboleda Cuevas (Bogotá – Colômbia) de 1978; a edição mexicana do livro *Mujeres en la literatura* da estadunidense Beth Kurtis Millera; a tradução do livro *Para uma ciência da libertação da mulher*, da cubana Isabel Largaia (1982); a edição mexicana do livro de Andréé Michel, *El feminismo* (1983)²²³; a tradução do livro *Se me deixam falar: depoimento de uma mineira boliviana*, de Domitila Barrios de Chungara (edições em 1984, 1986 e 1987); *La sexualidad del feminismo: biología o cultura?*, de Freddy Tellez (Bogotá – Colômbia), editado em 1987; *La mujer fragmentada: historias de um signo*, de Lucia Guerra-Cunningham, editado na idade de Havana (Cuba) em 1994; *Literatura y diferencia: escritoras colombianas del siglo XX*, sem autoria cadastrada, editado na Colômbia em 1995; e a tradução do livro do uruguaio Luis Pérez Aguirre, *A igreja em crise: questões pendentes para seu terceiro milênio*, editado em 1996.

Na Argentina as publicações que fazem parte dessa zona de contato são: *Mujer y utopía*, de Gioconda Espina (Caracas – Bolívia, data cadastrada "199-?"); a edição de Santiago do Chile do livro *De mujer sola a jefa de hogar*, de María Elena Valenzuela (data cadastrada "1995?"); a edição brasileira do livro *Breve história do feminismo no Brasil*, de Maria Amélia de Almeida Telles (São Paulo, 1993); *Poblacion, equidad y transformación productiva*, sem autoria cadastrada, editado em 1993 em Santiago do Chile; *El muro interior: las*

²²² PRATT, Mary Louise. Op.cit. p. 7-29.

²²³ No caso dessa obra ocorre uma dupla tradução, tendo em vista que *Le Féminisme* foi a primeira versão da obra, lançada em 1979 pela Imprensa Universitária da França.

relaciones de género em el Ecuador de fines del siglo XX, de María Cuví Sánchez e Alexadra Martínez Flores (Quito – Equador), editado em 1994; O livro *Hijas, esposas y amantes*, de Suzy Bermúdez Q. (Santa Fé de Bogotá – Colômbia, 1994); *Mulher e relações de gênero*, de Maria Luiza Ribeiro Brandão, Thais Corral, José Márcio Camargo, Ricardo Paes de Barros, Françoise Dominique Valéry (São Paulo, 1994); *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*, de Heloisa Buarque de Holanda (Rio de Janeiro, 1994); o livro de María Raguz, *Construcciones sociales y psicológicas de mujer, hombres, femeneidad, masculinidad y género em diversos grupos poblacionales*, editado em 1995 em Lima; a tradução *Educa:¿una profesión de mujeres?*, da brasileira Silvia C. Yannoulas (1996); *Derecho y pornografía*, de Catharine A. MacKinnon (Santa Fé de Bogotá – Colômbia, 1997); *Género y poder*, de Isabel Rauber, editado em 1998 em Buenos Aires; e *Mujer, trabajo y vida cotidiana*, de Luisa Bethencourt G., lançado em 1998 em Caracas.

Além de todos os dados apresentados a construção desse saber ligado ao movimento feminista ainda pode ser pensado a partir de uma série de entraves que passam pela questão da sexualidade e refletem diretamente na invisibilidade de publicações sobre o movimento lésbiano nos dois países, por exemplo. O primeiro grupo homossexual da América do Sul surgiu na Argentina em 1971 e desapareceu com a retomada do regime ditatorial em 1976. No Brasil, embora com maior liberdade nas grandes cidades, a homossexualidade era considerada imoral e assim contra os valores patriarcais propagados pelo Estado militar. A Terceira Onda²²⁴ do movimento Homossexual, dando maior força as reivindicações só ocorre a partir de 1985²²⁵. Em oposição ao regime encontrava-se a esquerda política nos dois países, que embora tivesse um grande número de mulheres engajadas, inclusive nos movimentos de guerrilha, não considerava as reivindicações lésbianas

²²⁴ A Primeira Onda do Movimento Gay e Lésbico é datado de 1980, período em que uma série organizações foram formadas a partir do Primeiro Encontro de Grupos Homossexuais realizado em abril, em São Paulo. Esse foi ainda um período marcado pela redemocratização no Brasil, pelo debate em torno da violência e pelo HIV. A Segunda Onda possui como marco o Terceiro Encontro Nacional de Homossexuais, realizado em 1989, no Rio de Janeiro; conjuntura em que as discussões em torno da sexualidade passaram a permear os Partidos Políticos. Cf. GREEN, James N. Mais amor e mais tensão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*. Campinas. n. 15, 2000. p. 271-295.

²²⁵ Idem.

ou do feminismo um ponto importante em meio às suas reivindicações²²⁶. Minado pelos modelos patriarcais do regime militar e pela esquerda opositora, devido ao medo de que diferentes propostas dividiriam as forças contra a derrubada do regime, o movimento lesbiano, feminista e, principalmente, a produção de saber em torno desse movimento ganha forças apenas com a redemocratização. No Brasil, para além das iniciativas da imprensa alternativa como *Lampião da Esquina*²²⁷, o mercado editorial só passou a preocupar-se com o público homossexual no final da primeira metade da década de 1990. Considerada a primeira editora nessa perspectiva, a Transviatta foi uma criada por José Carlos Honorário que publicou livros de literatura homoerótica apenas a partir de setembro de 1994²²⁸.

Assim, é na década de 1990 que é possível identificarmos um grande número de publicações registradas pelo depósito legal que correspondem não apenas a uma produção nacional, mas a possibilidade de circulação de conhecimentos vindos de outros lugares. A noção de espaço pode ser então reformulada. Se durante os regimes militares as fronteiras entre Argentina, Brasil e o mundo estavam mais delimitadas segundo as próprias impossibilidades de articulação com outros espaços devido ao contexto histórico, a partir da década de 1990 o alcance do conhecimento é expandido e assim a articulação toma outras dimensões²²⁹. Como observado anteriormente existe uma grande diferença numérica entre localidades no que concerne às ideias traduzidas culturalmente para a Argentina e para o Brasil. Avaliando esses números é possível perceber um avanço do processo de globalização do conhecimento em torno das temáticas ligadas ao feminismo que culmina em uma abrupta ascensão durante a década de 1990.

O que é possível observarmos com base nesse levantamento é um jogo duplo. Por um lado temos um processo globalizante que articula uma série de conhecimentos promovendo uma absorção/reinvenção do conhecimento que aportaram em outros espaços incorporando ao

²²⁶ WOLFF, Cristina S. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: Perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007. p. 19-38.

²²⁷ Jornal homossexual brasileiro que circulou no país entre os anos de 1978 e 1981.

²²⁸ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 743.

²²⁹ MASSEY, Doreen. A Global Sense of Place. In: MASSEY, D. *Space, Place, and Gender*. University of Minnesota Press: Minneapolis. 1994. p.146-156.

conhecimento local e borrando fronteiras, mas por outro essa relativização não apaga as relações desiguais de circulação do conhecimento, questão que será aprofundada no próximo capítulo. Os números das publicações encontradas mostram que essas viagens seguem uma lógica em que os saberes produzidos na América Latina não circulam entre si, mesmo diante de experiências históricas similares em uma análise estabelecida através do depósito legal.

Com base no levantamento explorado e analisado neste capítulo pudemos perceber algumas características do que foi publicado e comercializado na Argentina e no Brasil entre os anos de 1970 e 1999 sobre temáticas ligadas ao feminismo. Contudo, nos periódicos dessa área temos a divulgação e circulação de saberes selecionados pelos pares. Dessa forma, a fim de aprofundar o debate em torno da circulação e trânsito das ideias feministas, o capítulo a seguir se ateve a um conjunto de fontes específicas da produção bibliográfica nesse campo. Os *Cadernos Pagu*, *Revista Estudos Feministas* – periódicos feministas brasileiros –, *Revista Mora* e *Feminaria* – publicações argentinas – são analisados a fim de avaliar de forma qualitativa a circulação de saberes e identificar as viagens através do Eixo-Sul.

4. CAPÍTULO 3

Argentina e Brasil: viagens nas páginas dos periódicos

Assim como no capítulo anterior, esta parte do trabalho buscou realizar um levantamento das migrações das ideias feministas através de contextos latino-americanos tomando como base quatro periódicos nesse campo de estudos no Brasil e na Argentina. Realizando uma pesquisa dos artigos publicados nos periódicos brasileiros *Cadernos Pagu* e Revista *Estudos Feministas (REF)*, e nos periódicos argentinos *Feminaria* e *Mora*, este capítulo levantou suas autoras e autores, suas nacionalidades e os fluxos imigrantes dos estudos de gênero e feministas no intuito de identificar as obras que viajaram para esses dois países do Eixo-Sul. Destaco aqui que, diferente do capítulo anterior, que foi realizado um levantamento quantitativo, atentando apenas para o enfoque ligado às mulheres, feminismos e estudos de gênero, sem considerar as diferenças nos gêneros textuais, esta parte do trabalho buscou comparar ensaios e artigos, embora, de alguma forma, apresente todo o material publicado nesses periódicos. Esse caminho foi traçado no intuito de promover uma avaliação qualitativa desse material de forma complementar ao debate traçado no capítulo anterior.

Embora a maioria das publicações selecionadas para este recorte tenha seu início durante a década de 1990 – *Pagu* em 1993, Revista *Estudos Feministas* em 1992, *Mora* em 1995 e *Feminaria* em 1988 – observamos anteriormente que esse campo de estudos tanto na Argentina como no Brasil cresceu consideravelmente a partir dessa data. Logo, considero esse levantamento mais consistente em relação ao trânsito de produções latino-americanas em territórios argentinos e brasileiros. Contudo, assim como o depósito legal, esse também é um recorte das ideias que atravessaram as fronteiras de suas localidades de origem, que proporciona outro olhar diante do que já foi analisado no depósito legal, mas que é composto por apenas quatro publicações dentre outros periódicos que circularam durante esse período.

No capítulo anterior observamos que durante a década de 1960 não foram encontradas publicações através do depósito legal e o número de livros nesses registros só cresceu consideravelmente durante a década de 1990. É justamente nesse período, com a consolidação da democracia em ambos os países e com crescimento desse campo de estudos, que a circulação de saberes tornou-se mais fluída. Considerando que em meio a essa possibilidade histórica as fronteiras se abrem e os saberes

circulam atendendo a interesses do campo, aliado a uma série de fatores, mas sem possíveis censuras, acredito que a análise a partir dos periódicos traz um panorama dos saberes que circularam na América Latina mais familiar às pesquisadoras e pesquisadores dos estudos das mulheres, feministas e estudos de gênero. Corroborando com essa ideia, relembro que no capítulo anterior apresentei algumas autoras que segundo os trabalhos de Joana Vieira Borges e de July Cháneton são citadas como referenciais para esse campo de saber. Dentre essas, as mais contemporâneas encontram-se no levantamento realizado nos periódicos analisados nesse capítulo, conforme veremos a seguir.

Diferente do depósito legal, que traz elementos de um registro oficial de publicações comercializadas nos dois países e que se mostrou ineficaz diante da ausência de obras consideradas referenciais bibliográficos para o tema, os periódicos trazem uma análise mais aprofundada da migração de saberes. Isso ocorre, pois neles temos a tradução e seleção de textos para publicação a partir do interesse de pessoas ligadas diretamente a esse campo de saber. Enquanto no depósito legal o registro e arrecadação de obras com temáticas feministas pode ter sido comprometidos diante de outras temáticas, nos periódicos temos uma seleção que, pode buscar preencher lacunas ou confirmar premissas do conhecimento feministas tanto na Argentina como no Brasil.²³⁰

Partindo da catalogação desse material procurei avaliar neste capítulo a circulação de saberes, dando destaque àqueles textos latino-americanos que transitaram no Eixo-Sul, representados por dois países sul americanos: a Argentina e o Brasil. Metodologicamente, todos os artigos, resenhas, poemas e obras de artes listadas no índice dos periódicos mencionados, desde o período da primeira publicação até as edições de 1999, foram organizados e separados a partir da nacionalidade de suas autoras e autores. Contudo, entendo que esse processo de classificação nacional, estabelecido neste trabalho, é muito mais complexo. Embora a identificação a partir do território das autoras e autores seja levada em consideração nesta tese, não me embaso no problema moderno da nacionalidade ligado aos Estados-nação²³¹. Não seria, dessa forma, uma questão de pertencimento a uma nação a partir do nascimento em determinado território, como uma identidade fixa e

²³⁰ Cf. BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, Peter. HSIA, R. Po-chia. *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.13-46.

²³¹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

inquestionável. Até mesmo a união de sujeitos por meio dos Estados-nação foi um projeto bem sucedido de identificação, em uma ideia de comunidade formada a partir da língua oficial, da etnicidade, entre outros elementos, que a tornam por sua vez construída²³². Mesmo que uma autora ou autor tenha nascido em um território essa informação não resume toda a sua trajetória e não a/o torna necessariamente estrangeira/o aos procedimentos de seleção de textos efetuado por periódicos acadêmicos em um determinado país. Refiro-me aqui a pessoas que, por exemplo, nasceram na Argentina, se formaram ou não nesse país, mas possuem atuação profissional em instituições de ensino superior no Brasil. Nesse caso, a pessoa trabalha no país e não há propriamente a viagem desse conhecimento através de fronteiras, o que nessa classificação estabelecida na tese não a torna estrangeira aos periódicos analisados.

Estabelecer os limites de pesquisa até as publicações de 1999 de todas as revistas pode não ter significado possuir como limite essa data. Entre os periódicos acadêmicos não é a raro o atraso no lançamento das publicações, o que no caso da Revista *Estudos Feministas*, por exemplo, representou, em determinadas situações, o lançamento de uma edição no ano seguinte ao que correspondente aquele número. Ciente dessas limitações, mas considerando que de alguma forma esse material estava sendo avaliado, organizado, traduzido e editado nesse período, utilizo o ano referenciado em cada publicação como parâmetro para estabelecer comparações entre as quatro publicações feministas e entre os dois países no intuito de analisar a produção de saber em periódicos sobre o tema.

Embora esta tese esteja focada em periódicos com suas primeiras edições na década de 1990, e no caso da *Feminaria* no final da década de 1980, podemos destacar algumas publicações ligadas aos feminismos durante a Segunda Onda, tanto na Argentina quanto no Brasil, que antecederam as fontes propriamente analisadas nesta parte de trabalho. O periódico argentino *Persona*, teve sua primeira edição lançada em outubro de 1974, em formato de jornal, inicialmente com edições mensais. As grandes dificuldades financeiras, relatadas de forma generalizada por editoras em relação às publicações feministas em diferentes períodos históricos, fez com que o *Persona* alterasse sua periodicidade para edições bimestrais e trimestrais, utilizando anúncios publicitários para auxiliar nos custos da publicação, bem como a oferta

²³² BAUMAN, Zygmunt. Comunidade. In: BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 193-230.

de assinaturas. Grupo idealizador do *Persona*, o *Movimiento de Liberación Femenina* viu a publicação do periódico ser interrompida, bem como a dissolução do comitê editorial, com a instauração do regime militar em 1976, voltando ao cenário feminista nacional argentino apenas em 1980, como *Organización Feminista Argentina*. O *Persona* foi editado até meados da década de 1980 e teve María Elena Oddone como uma figura de liderança, sendo avaliado como de “tendências feministas radicais”²³³.

Além do *Persona*, na década de 1980 circulou na Argentina o periódico feminista *Brujas*. Seu primeiro número foi lançado em 1983, ano em que o regime militar na Argentina chega ao fim e a democracia é retomada. O *Brujas* enunciou sua luta contra a discriminação e opressão das mulheres que, segundo seu editorial, dizia respeito à realidade social e impedia o total desenvolvimento das mulheres. Formado a partir da *Asociación de Trabajo y Estudio Sobre la Mujer 25 de noviembre*, instituição também conhecida pela sigla ATEM, o periódico teve em sua formação mulheres de diferentes idades. O formato do *Brujas*, muito distinto do *Persona* que tinha uma diagramação aos moldes de um jornal, era de uma revista com capa colorida, sendo que sua publicação segue até os dias de hoje nos mesmos moldes.²³⁴

Publicado pela Sociedade Brasil Mulher, o *Brasil Mulher* foi um jornal feminista que começou a circular no país em 1975, fundado em Londrina, no estado do Paraná. Formado por militantes do Partido Comunista do Brasil, a Ação Popular Marxista Leninista e o Movimento Revolucionário 8 de Março, o grupo trazia em sua formação a diversidade presente nos movimentos de esquerda da época. Considerada uma produção de imprensa alternativa, comumente chamada de nanica ou democrática, o periódico possuía uma tiragem de cerca de 5 mil exemplares, chegando, em determinadas edições, à 10 mil exemplares. Com uma situação financeira oscilante, o periódico divulgou notas incentivando doações, além de ter contado com o apoio financeiro do que consideravam sócios honorários, contribuintes de

²³³ ATHAYDE, Maria Cristina de Oliveira. *Corpo, Sexualidade e Prazer: Um olhar historiográfico sobre periódicos feministas de Brasil e Argentina (1974-1985)*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

²³⁴ VEIGA, Ana Maria. *Feminismos em rede? Uma história da circulação de discursos e informações entre São Paulo e Buenos Aires (1970-1985)*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

quantias fixas mensais. A publicação do *Brasil Mulher* seguiu até o ano de 1980, num total de 16 edições regulares e quatro edições extras.²³⁵

O *Nós Mulheres* periódico feminista contemporâneo ao *Brasil Mulher*, foi composto principalmente por pessoas que passaram pela experiência do exílio, pertencentes à instituição chamada Associação de Mulheres. Um considerável número delas, que saíram do país por conta da ditadura militar, aproximaram-se de questões ligadas aos feminismos no exterior. Nesse sentido, ao retornarem, passaram a ligar-se a grupos feministas brasileiros ainda na década de 1970. Decididas a organizarem uma publicação autônoma, esse grupo optou por não estabelecer uma associação com o jornal lançado em 1975. Assim, a primeira edição do *Nós Mulheres* saiu em 1976 e teve sua última edição em 1978, lançando apenas oito números.²³⁶

Além dos periódicos descritos, podemos ainda destacar no Brasil o jornal *Mulherio*, uma publicação de grande visibilidade no debate feminista durante os anos 1980, editado em São Paulo e que contou com o apoio financeiro da Fundação Ford e da Fundação Carlos Chagas; o *Nosotras*, periódico editado pelo Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris organizado por pessoas que estavam no exílio; o *Jornal Maria Quitéria*, lançado em 1977; o *Correio da Mulher* de 1979; o *Chanacomchana*, com a primeira edição em 1982; entre outros.²³⁷

Embora tenhamos um histórico de publicações feministas na Argentina e no Brasil que atravessa as ditaduras militares, esse material possui um perfil diferenciado em relação às publicações analisadas neste capítulo. Enquanto esse grupo de periódicos apresentados estava ligado a movimentos sociais e mesmo às esquerdas políticas opositoras aos regimes militares, constituindo o perfil da imprensa alternativa da época,

²³⁵ LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. *Revista Estudos Feministas*. v. 11. n. 1, 2003. p. 234-241; CARDOSO, Elizabeth Lomelino. Imprensa feminista brasileira pós-1974. *Revista Estudos Feministas*. v. 12. n. esp., 2004. p. 37-55.

²³⁶ PEDRO, Joana Maria. Trajetórias políticas em mudança: tornar-se feminista no Cone Sul. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2001; LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. *Estudos Feministas*. Florianópolis. v. 11, n. 1, jan/abr. 2003. p. 234-24.

²³⁷ WOITOWICZ, Karina Janz; PEDRO, Joana Maria. Nas ruas e na imprensa: mulheres em movimento durante as ditaduras militares no Brasil e no Chile. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. p. 325-351.

a *Pagu*, a Revista *Estudos Feministas*, a *Feminaria* e a *Mora* tem em seu corpo editorial uma equipe ligada à atuação acadêmica, docência universitária e pesquisas financiadas institucionalmente. Salvo a *Feminaria*, revista que não se encontra mais em circulação, todos os outros periódicos estão sediados em instituições de ensino superiores públicas e recebem recursos de organismos que fomentam a pesquisa científica com subsídios dos governos federais de seus países.

Diana Maffía, professora da UBA, em mesa realizada no Primeiro Encontro Latino-Americano Pensamento y Práxis Feminista – evento ocorrido na cidade de Buenos Aires – relata que as pesquisas acadêmicas ligados aos estudos das mulheres e estudos de gênero na Argentina foram incorporados de maneira efetiva nas universidades apenas na metade da década de 1990. Segundo Maffía, os estudos realizados sobre essa temática no início dos anos 1990, e que se organizavam de forma solitária em encontros interdisciplinares, foram, o que ela nomeia, "a raiz da subversão intelectual", de extrema importância para o reconhecimento desses saberes nos espaços acadêmicos e intelectuais.²³⁸

No caso brasileiro, no ano de 1994, Ana Alice Alcântara Costa e Cecília Maria Baccelar Sardenberg declararam que o campo dos estudos de mulheres e estudos de gêneros ainda estava em fase de consolidação dentro das universidades. Contudo, o projeto transformador da condição das mulheres no trabalho de Heleieth Saffioti, *A Mulher na Sociedade de Classes*, e o impulso dado pelas comemorações no Ano Internacional da Mulher são destacados pelas autoras como os primeiros movimentos de incorporação dos estudos das mulheres na academia. A partir desse movimento seriam criados grupos de trabalhos em eventos, como o instituído na Anpocs (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), e grupos de pesquisa nas universidades, ambos durante a década de 1980.²³⁹

Nesse processo, é consolidado um conjunto de saberes, mas também de revistas científicas que passaram a se dedicar

²³⁸ MAFFÍA, Diana. Feminismo Argentino y Academia Feminista: Encuentros, Distancias, Entreveros. In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*. Buenos Aires: En La Frontera, 2010.

²³⁹ COSTA, Ana Alice Alcântara Costa; SARDENBERG, Cecília Maria Baccelar. Teoria e Práxis Feminista na Academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. *Estudos Feministas*. Florianópolis. v.2, n. 2, jul/dez. 1994. p. 387-400.

exclusivamente os estudos das mulheres, estudos de gênero, além de uma série de desdobramentos como os estudos das masculinidades e os estudos *queer*, contribuindo para estabelecer uma área própria dentro dos meios acadêmicos. Maria Margaret Lopes e Adriana Piscitelli, em artigo sobre revistas científicas e a consolidação dos estudos de gênero, assinalam para a importância dessas como mecanismos para legitimação das atividades de pesquisa²⁴⁰. Através dos periódicos acadêmicos os trabalhos foram, e são, divulgados e avaliados entre os pares no que tange as especificidades de cada tema e recebem aval científico para publicação. Esses trâmites acabam por estabelecer a circulação e respeitabilidade da pesquisa científica propagada por determinados periódicos a partir de sua qualificação dentro do campo. Para o estabelecimento da avaliação de cada periódico é tomado como referência os indicadores científicos, no qual o Brasil encontra-se bem cotado por participar dos processos internacionais dos sistemas de indicadores de Ciência & Tecnologia, por exemplo²⁴¹. É importante destacar que o movimento ligado à avaliação de periódicos e mesmo a indexação eletrônica no Brasil tem seu registro na segunda metade da década de 1990. O sistema Qualis, da CAPES entre os anos de 1998 e 2000 realizou sua primeira avaliação tri anual de revistas e jornais acadêmicos que, segundo a instituição buscava estratificar a qualidade dessa produção²⁴². Na verdade essa era, e é, uma avaliação da área, das pesquisas, da produção universitária, dos eventos, através do seu mecanismo de divulgação que são os periódicos nacionais²⁴³. Na Argentina, para integrar-se ao Núcleo Básico de Revistas Científicas no país, com assessoramento do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET), as revistas acadêmicas devem seguir uma série de exigências. Dentro do CONICET o *Centro Argentino de Información Científica y Tecnológica* (CAICYT) tem o

²⁴⁰ LOPES, Maria Margaret; PISCITELLI, Adriana. Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de gênero: um olhar desde as "margens". *Estudos Feministas*. Florianópolis. v.12, n. especial, set/dez. 2004. p. 115-121.

²⁴¹ *Ibidem*. p. 116.

²⁴² MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Identidade das Ciências Humanas e métricas de avaliação: Qualis periódicos e classificação de livros. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*. v. 9, n. 18, dez., 2012. p. 755 - 778.

²⁴³ Qualis. *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/sala-de-imprensa/36-noticias/2550-capes-aprova-a-nova-classificacao-do-qualis>. Acesso em: 15 de dezembro de 2013.

papel de divulgação, socialização e apoio às atividades editoriais no país²⁴⁴.

Essa boa avaliação e o apoio materializado através de recursos financeiros é fornecido a partir do cumprimento de uma série de exigências. O Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), exemplo de indexador comum aos dois países, é uma rede de bibliotecas virtuais de livre acesso integradas por países da América Latina, Espanha, Portugal e África do Sul baseado no direito à informação científica de qualidade. Criado no ano de 1999, o indexador virtual possui relação com as instituições fomentadoras de pesquisas nos dois países e lista uma série de exigência para que o periódico e livros componham esse acervo, mas que também devem manter esse padrão para sua permanência. Entre elas está a periodicidade, o fluxo mínimo de artigos, possuir pelo menos quatro números publicados, manter a pontualidade no lançamento das edições, entre inúmeras outras demandas, as quais só serão dispensadas e terão a inclusão automática no Scielo se já estiverem presentes nos indexadores *Web of Science*, *MEDLINE/PubMed* e *PsycInfo*²⁴⁵. Mesmo que esse movimento de preocupação com esses indicadores científicos ligados ao campo acadêmico representem os últimos anos do recorte da pesquisa, essa é uma informação que deve ser levada em consideração tendo em vista que entre os periódicos analisados neste capítulo apenas a revista *Feminaria* não se encontra indexada no site da Scielo.

A partir de parâmetros de qualificação dos periódicos, que não são apenas nacionais, e da possibilidade de circulação de saberes vindos dos mais variados países, muitas vezes facilitado através do crescente acesso à Internet, o contexto de produção dos periódicos acadêmicos situa-se em meio a globalização, ou mundialização. Esses termos surgem principalmente a partir da transnacionalização do capital bancário, após a Segunda Guerra Mundial, no qual os recursos financeiros deixam de estar atrelados aos Estados-nação, estabelecendo uma série de normatividades que tem na "lei de livre mercado" e na "ocidentalização do mundo" a positivação desse movimento mundial. Essa característica é um importante elemento para compreensão do próprio mercado editorial, discutido no capítulo anterior, uma vez que as editoras Argentinas a partir da década de 1990 foram compradas por esse capital internacional. Em oposição, a globalização também traz

²⁴⁴ Sobre o Centro Argentino de Información Científica y Tecnológica (CAICYT), ver o site da instituição. Acesso em: <http://www.caicyt.gov.ar/>

²⁴⁵ Sobre a Scielo (Scientific Electronic Library Online) consultar o site da instituição. Acesso em: <http://www.scielo.org/php/index.php>.

elementos contestadores do imperialismo, que nos países emergentes, provenientes da Ásia e da América Latina, está associada à crítica da divisão mundial do trabalho.²⁴⁶

Pensando os periódicos feministas que serão analisados a seguir, lançados no final da década de 1980 e década de 1990, o lugar pode ser considerado um termo complexo em meio a essas sociedades neoliberais. A fácil circulação de pessoas e saberes entre territórios promoveu, e promove, de forma generalizada, a compressão do espaço e do tempo, tornando cada nação mais próxima umas das outras, e assim, transformando a conceitualização de lugar. É com base nos movimentos contemporâneos que Doreen Massey escreve sobre o sentido global de lugar, que de forma muito sucinta pode ser definida a partir de entrecruzamentos. Assim, pensando nos lugares das publicações feministas, esses podem ser considerados cruzamentos entre a identificação, experiências, bem como entre fronteiras, países ou comunidades.²⁴⁷

Seguindo a linha de análise de Massey e partindo da noção de entrecruzamento, podemos considerar o termo lugar como focado na particularidade de cada caso a ser analisado e na diversidade desse lugar. Assim, a noção de lugar não pode ser considerada absolutamente estável e homogênea, além de ser complementada pela noção de globalização. Nesses termos, o local e o global estão ligados e, em certa medida há uma aproximação/identificação entre eles. As fronteiras ou linhas limítrofes entre territórios não explicam o que é global ou local, mas essas fronteiras são compreendidas a partir de uma gama de relações sociais, que, na análise especificamente dos periódicos, tem em suas páginas uma união de artigos e ensaios provenientes dos mais diversos entrecruzamentos.

Assim, de forma dicotômica, por um lado temos toda a relativização do espaço a partir dos conceitos de globalização e de como há uma reorganização e redefinição territorial a partir desses termos. Por outro lado devemos nos atentar às relações imperialistas que, nesse caso, nos interessa em níveis de produção de conhecimento e de relações de poder, por sua vez territorializadas em países.

(...) a mobilidade, e controle sobre a mobilidade, reflete e reforça o poder. Não é simplesmente uma

²⁴⁶ TALAHITE, Fatiha. Mundialização. In: HIRATA, Heleta; et. al. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 154-158.

²⁴⁷ MASSEY, Doreen. A global sense of place. In: MASSEY, D. *Space, place and gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994. p. 146-156.

questão de distribuição desigual, em que algumas pessoas movem-se mais do que outras, e que algumas têm mais controle do que as outras. É que a mobilidade e controle de alguns grupos podem enfraquecer ativamente outras pessoas. Mobilidade diferencial pode debilitar a influência/poder do já fraco. A compressão do tempo-espço de alguns grupos pode minar o poder de outros. (Tradução livre)²⁴⁸

É a partir desse complexo jogo de relações, que torna a globalização uma possibilidade para a promoção da circulação de ideias feministas, ao mesmo tempo em que uma série de representações permeia esse trânsito, que pretendo avaliar neste capítulo a produção feminista divulgada em meios acadêmicos a partir de dois periódicos argentinos e dois brasileiros entre as de 1980 e final de 1990.

4.1 ARGENTINA: DIÁLOGOS ATRAVÉS DAS FRONTEIRAS

Tendo seu primeiro número lançado em julho de 1988, a revista *Feminaria* suscitou a publicação de conteúdos feministas que passam por artigos, ensaios, entrevistas, compilação de referências bibliográficas nessa área do conhecimento, publicação de textos literários com destaque a poemas, a divulgação de obras de arte e mesmo charges, apresentando um conteúdo diversificado no que concerne a esse campo de saber. Assim, a Revista transitou entre o academicismo de produções teóricas e o humor dos quadrinhos arregimentando reflexões sobre feminismo e as mulheres na sociedade.

A partir do número 7, lançado em agosto de 1991, os poemas, contos e textos literários, que já faziam parte das edições anteriores, localizados no final do periódico, ganham um espaço específico. Com o caderno *Feminaria Literaria* o esse campo recebe uma capa e sumário

²⁴⁸ Ibidem. p. 150. "(...) the mobility, and control over mobility, both reflects and reinforces power. It is not simply a question of unequal distribution, that some people move more than others, and that some have more control than others. It is that the mobility and control of some groups can actively weaken other people. Differential mobility can weaken the leverage of the already weak. The time-space compression of some groups can undermine the power of others."

distintos da Revista e, no primeiro número do primeiro ano, consta o seguinte texto:

A partir desse número iniciamos uma seção independente, ou seja, uma proposta mais completa a respeito da escrita de mulheres no campo exclusivamente literário: ensaios, poesia, narrativa. Se as circunstâncias futuras permitirem, concretizaremos a ideia original: uma nova revista *Feminaria Literária*.²⁴⁹

Embora a proposta de um espaço dedicada à temática literária tenha sido lançada em 1991, até o último número da publicação o caderno esteve vinculado ao periódico feminista, observando o gradativo crescimento desse suplemento em detrimento das outras seções.

Entre o quadro de pessoas que integraram a Revista a direção esteve a cargo de Lea Fletcher – Doutora em Letras, nascida nos Estados Unidos e radicada em Buenos Aires, autora de uma série de textos publicados no periódico utilizando a sigla L.F. –; a direção editorial foi ocupada por Diana Bellessi – poeta argentina –, Alicia Genzano, Diana Maffía – docente da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires – e Jutta Marx; fez parte do conselho responsável pelo caderno interno *Feminaria Literaria* Marcela Castro e Silvia Jurovietzky; e a área de tradução ficou a cargo de Mária Averbach.

No livro *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*²⁵⁰, uma compilação de trabalhos expostos no Primeiro Colóquio Latinoamericano Pensamento e Práxis Feminista ocorrido em Buenos Aires entre 24 e 27 de junho de 2009 e mencionado anteriormente neste capítulo, Lea Fletcher relata um pouco do contexto de surgimento da *Feminaria* e do vazio que ela propunha preencher. Nessa ocasião, o suplemento dirigido por María Moreno no jornal *Tiempo argentino*, intitulado "La mujer", o único de caráter

²⁴⁹ "A partir de este número iniciamos una sección independiente, o mejor, una más completa propuesta referida a la escritura de mujeres en el campo exclusivamente literario: ensayos, poesía, narrativa. Si las circunstancias futuras lo posibilitan, haremos realidad la idea original: una nueva revista, *Feminaria Literaria*. (Texto retirado da capa/sumário do primeiro número da *Feminaria Literaria* In: *Feminaria*. Ano IV, n. 7, agosto 1991.

²⁵⁰ MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*. Buenos Aires: En La Frontera, 2010.

feminista do período, desaparece. Lea Fletcher destaca que nos Estados Unidos havia fácil acesso a leituras feministas e a interrupção desse referencial argentino a entristeceu. Assim, a Revista surge no intuito de preencher a lacuna deixada pelo suplemento e com a falta de recursos financeiros, contou com a dedicação das integrantes, que em diferentes momentos do periódico tiveram de colocar mais ou menos dinheiro para seu funcionamento²⁵¹. Essa era uma situação que perpassavam os periódicos feministas do período. *Hiparquía* (1988-1992), *Zona Franca* (lançado em 1992), *Mora* (lançado em 1995), *La Aljaba. Revista de Estudios de la Mujer* (1996); e alguns periódicos independentes como o *Brujas* (1982) e o *Cuaderno de Existencia Lésbica* (1987-1993), entre uma ampla lista tiveram dificuldade em se manter circulando na Argentina diante da falta de recurso financeiros²⁵². Alinharem-se com as demandas acadêmicas, com as exigências das instituições fomentadoras de pesquisa, com os indexadores nacionais e internacionais de certa forma asseguraria essa estabilidade de recursos para manter os periódicos, caminho adotado por grande parte dos materiais analisados neste capítulo.

Prosseguindo com a narrativa de Lea Fletcher, realizada no evento, os objetivos da Revista passaram pela socialização de informações e as possíveis conexões foram sua ligação com amigas estadunidense, que tinham a possibilidade de conseguir material para a tradução, além de contatos na Alemanha, nesse caso provavelmente se referindo a Jutta Marx, alemã com formação acadêmica na Argentina e responsável pela tradução de textos publicados na *Feminaria*. Outra proposta seria a arregimentação de mulheres, considerando suas individualidades, em busca da socialização de informações de uma maneira barata. Contudo, ela mesma constata que caso todas as revistas fossem vendidas, nem assim os custos de produção seriam cobertos, razão pela qual o periódico deixa de ser produzido na forma impressa. Outro fator que resulta no encerramento das atividades da revista *Feminaria* foi a mudança de Lea Fletcher do país. A diretora da Revista

²⁵¹ *Feminaria viene a llenar un vacío. Comentarios de Lea Fletcher en la mesa Retrospectiva.* In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano.* Buenos Aires: En La Frontera, 2010. p. 283- 284.

²⁵² A esse respeito ver: FLETCHER, Lea. *Hitos en el periodismo de mujeres argentinas: 1830-2007.* In: CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia. *Las palabras tienen sexo: introducción a un periodismo con perspectiva de género.* Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007. p. 78-94.

deixa de morar na Argentina e, segundo sua fala, não lhe "(...) parece nem correto, nem ético, nem lógico que siga dirigindo a revista (...)", pois "(...) É uma revista argentina ainda que tenha artigos de muitos lugares, tanto da América Latina quanto de outros países do mundo, mas é de produção argentina".²⁵³

A periodicidade anual da *Feminaria* se manteve até o ano de 2002, tendo um intervalo de cinco anos até a edição final. Sua última publicação foi em abril de 2007, contabilizando um total de trinta e uma edições, que variaram entre um ou dois números anuais, ou ainda edições duplas a cada ano. O *Feminaria Literaria* teve sua edição final no periódico de número 19, ano XII, acompanhando a Revista até sua última edição.

Estabelecer comparações entre as demais revistas acadêmicas que tematizaram e tematizam o feminismo, tanto na Argentina como no Brasil, torna-se difícil tendo em vista o conteúdo diversificado publicado pela *Feminaria*. Assim, antes de entrar especificamente em artigos, ensaios e entrevistas – teor comum a essa modalidade de publicação – gostaria de refletir sobre o conteúdo artístico imagético e mesmo humorístico da *Feminaria* a partir de uma breve apresentação.

Desde o primeiro número da *Feminaria*, encontramos a referência a obras de arte, conteúdo fotográfico, charges e ilustrações, que acompanham a Revista em sua trajetória. Desde o primeiro número até 1990 as charges e histórias em quadrinhos fizeram parte de todas as revistas, com um intervalo entre as edições de número sete ao número 12 (1991 a 1994). No número 13 de 1994 a *Feminaria* publica uma charge da artista argentina Diana Raznovich, intitulada *¿Emancipé?*, e a partir dessa edição não encontramos mais nenhum espaço especialmente dedicado a esse tipo de teor na Revista.

Embora esse conteúdo não tenha deixado de ser sinalizado no índice do periódico, que se encontra disponível no endereço eletrônico nomeado como "Arte" e "Humor", ele não é identificado ao folhearmos suas páginas a partir de 1995. Nesse sentido, está reservado à arte o espaço de capas e folhas de rosto – conforme sinalizado no próprio índice – e ao humor a extensão da revista nos espaços em que os textos são ilustrados. No caso da seção de Humor, acredito que as pessoas listadas como responsáveis por esse tema nos índices disponíveis online e que não são possíveis identificar no manuseio do material sejam, nas primeiras edições ou mesmo ao fim do recorte temporal da pesquisa, as autoras dos desenhos contidos em meio ao longo das páginas, mesmo

²⁵³ Ibidem. p. 284.

que não referenciados. Utilizo esse argumento por conta de uma única identificação possível de uma autora, em meio às edições da Revista. Entre esses desenhos dispersos apenas foi possível identificar a cartunista Silvia Ubertalli, que colocou ao lado de suas ilustrações seu sobrenome e que, por sua vez, encontra-se no índice do periódico. É com base nessa evidência que podemos considerar a equipe listada como autoras da seção de Humor, por vezes numerosas, como responsáveis por uma série de ilustração que consta na *Feminaria*. Compôs essa equipe, segundo os nomes listados no índice da Revista entre os anos de recorte da pesquisa, mas não necessariamente associados a determinadas ilustrações as seguintes desenhistas: Silvia Ubertalli, Petisuí (Alicia Guzmán), María Alcobre, Tere (María Teresa Cibils), Patricia Breccia, Maitena Burundareno, Diana Raznovich, Stela De Lorenzo, Doris Lerche, Irén Kiss, Verónica Pucciarello e Giuliana Maldini.

Tomando como problemática os diálogos com outros lugares, podemos refletir sobre as obras artísticas, as charges, os quadrinhos e o material fotográfico que estão diretamente referenciados no periódico. Somando todas as edições, temos um total de oito charges ou histórias em quadrinhos publicadas na *Feminaria* até o ano de 1999. Dessas, apenas uma delas pertence a uma desenhista francesa, com o nome *Creation*, que faz parte de seu livro intitulado *Frustración*. Todos os demais desenhos são de artistas argentinas que fazem parte do grupo anteriormente listado de autoras que não possuem seus trabalhos referenciados nas várias edições.

Quanto aos trabalhos fotográficos, quatro autoras são apresentadas em edições distintas: Alicia D'Amico e Julie Weisz, fotógrafas argentinas; Alicia Sanguinetti, também argentina que tem *Caminantes* e *Ganándose el pan* publicados no periódico; e Grete Stern, nascida na Alemanha e que possui dois trabalhos em edições da *Feminaria*: *Botella del mar* e *Miriam Winslow*. As obras de arte publicadas na Revista até o ano de 1995, período em que receberam destaque em meio às edições, trouxeram, assim como nas fotografias, uma predominância de trabalhos de artistas argentinas: Silvia Ocampo, com a série *Puertas adentro*; *Ollas populares* e *Ultima cena* de María Cristina Marcón; *El outro cielo* e *A Van Gogh* de Graciela Zar; *La feminista y la señora* e *Autoretrato* de Marcia Schwartz; o trabalho de Elba Fábregas; *Las máscaras que ocultam la verdadera mujer*, *La lucha contra el machismo*, *La mujer por la mitad* de Eliana Gómez; *Horas extras* e *!Llegó papá, llegó papá!* de Susana Schnicer; e o trabalho da artista Gabriela Membrives. Dentro desse período da Revista podemos identificar como estrangeira apenas a artista Tona Wilson,

estadunidense, embora radicada em Buenos Aires. Após essa data, as referências contidas nos índices que dizem respeito à seção Arte estão dispersas pela revista como ilustrações de artigos ou mesmo se referem às artes das capas. Dentro dessa categorização e do recorte temporal da pesquisa, podemos ainda destacar as artistas Cristina Chaliy, Lucrecia Plat, Iris Maffía, Aída Carballo, Cecilia Boisier, Maggie Atienza e Raquel Partnoy.

Essa seleção de artistas argentinas provavelmente teve relação direta, seja através de conexões pessoais, sejam acadêmicas, estabelecidas pelo comitê editorial responsável pela *Feminaria*. Em relação às afinidades pessoais que possam ter motivado a inserção de determinadas artistas no periódico, podemos destacar Diana Maffía, integrante da direção editorial e Iris Maffía, membro do grupo de artistas que ilustraram algumas edições, sem referência direta aos seus trabalhos lançados na *Feminaria*. Iris é irmã mais nova de Diana, sendo que elas possuem mais uma irmã e um irmão: Mónica e Edgardo. Diana voltou-se para as Ciências Humanas enquanto Iris e Mónica, para as artes²⁵⁴. Assim, o engajamento de Diana com a revista e o anseio da equipe por ilustrações pode ter sido promotor da inserção de Iris na equipe artística do periódico.

Outras possibilidades de conexões estabelecidas diz respeito a artista estadunidense Tona Wilson. Nascida em Nova York, ela viveu na Argentina durante oito anos e, possivelmente, foi durante esse período que colaborou com a *Feminaria*²⁵⁵. Uma possibilidade no estabelecimento de conexões com a artista pode ter ocorrido a partir da intervenção de Lea Fletcher, responsável pela edição da Revista e, assim como Tona Wilson, estadunidense radicada em Buenos Aires. A maior evidência do trabalho de Tona Wilson, a partir da premiação de suas obras, ocorreu alguns anos após a edição da *Feminaria* (1998), em meados dos anos 2000²⁵⁶. Contudo, nesse período, a autora teve alguns de seus trabalhos publicados em periódicos acadêmicos como *Buenos Aires Bus: the Back Seat* publicado no *NACLA Report on the Americas*

²⁵⁴ Informações obtidas através do site pessoal de Diana Maffía. Disponível em: http://dianamaffia.com.ar/?page_id=7. Acesso em: 16 de dezembro de 2012.

²⁵⁵ Informações obtidas através do site pessoal de venda de Artes. Disponível em: <http://benefitevents.com/auctions/detailsFrameset2-white.asp?id=133358>. Acesso em: 16 de dezembro de 2012.

²⁵⁶ Ver a esse respeito em: Tona Wilson. *Carrie Haddad Gallery*. Acesso em: <http://carriehaddadgallery.com/index.cfm?method=Artist.ArtistDetail&ArtistID=8E772509-CD3A-835B-B104B56B1BF48895>. Acesso em: 16 de dezembro de 2012.

(volume XXVIII, número 4 de 1995) e *Working in the Hudson Valley: Paintings in Tempera* que compõem o *The Hudson Valley Regional Review - A Journal of Regional Studies* (volume 15, número 1 de 1998), esse último publicado no mesmo ano das imagens que constam no periódico argentino e todos integrando diferentes áreas do conhecimento²⁵⁷.

A segunda revista argentina avaliada quantitativamente a partir dos trânsitos de saberes neste capítulo foi a *Mora*. Parte do Instituto Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA), a Revista teve seu primeiro número publicado em agosto de 1995 e, como assinalado no editorial dessa edição, buscava ser a expressão da Área Interdisciplinar de Estudos da Mulher (AIEM), criada em 1992 na mesma instituição. A proposta da revista foi congregar uma série de pesquisas de diferentes campos do conhecimento e estabelecer um "lugar institucional e uma marca de identidade". Nesse sentido, a revista *Mora* congregou as mais diferentes carreiras de Ciências Humanas da UBA tais quais: a Antropologia, as Artes, as Ciências da Educação, a Filosofia, a História, as Letras e as Línguas Clássicas.

Dedicando-se aos estudos de mulheres e estudos de gênero, o primeiro editorial da Revista ainda destaca que a AIEM buscou uma identificação ampla, a partir da alusão a um campo legitimado no exterior já desde a década de 1970, e que atingiu o auge na Argentina em meados dos anos 1990. Essa constatação corrobora com os números encontrados no depósito legal associado à consolidação dos estudos no país que, segundo a análise realizada no capítulo anterior, cresceu consideravelmente a partir dessa década.

Pretendendo transitar entre o discurso acadêmico e a participação social em dimensões mais amplas, a *Mora* traçou inicialmente eixos norteadores que negavam a idealização da categoria mulher para o uso de uma noção ligada ao exercício de suas diferenças, sejam ideológicas, teóricas, políticas, raciais, ou mesmo de classe.

Dentro do recorte da pesquisa, que abrange até o final da década de 1990, a periodicidade da revista *Mora* foi anual, num total de cinco números até 1999, lançado em diferentes meses, embora a primeira revista indique sua publicação como semestral. Essa regularidade segue até 2002, sendo que em 2004, sem uma edição lançada no ano anterior, a

²⁵⁷ Bibliography. *Portfolio* (website de Tona Wilson). Disponível em: <http://www.tonawilson.com/bibliography.php>. Acesso em 16 de dezembro de 2012.

Revista publica um número duplo (nove e dez conjuntamente). Conforme o site da *Mora*, ainda foi lançado os números 11 e 12 do periódico, contudo, não consta o ano de lançamento dos mesmos, apesar dos dois índices encontrarem-se descritos detalhadamente – isso em consulta realizada no *website* do periódico no ano de 2012.

Na primeira edição, fez parte do Comitê de Redação da *Mora* Ana Maria Amado, María Luisa Femenías, Mirta Zaida Lobato, Susana Zanetti e Liliana Zucotti; que, a partir do número três da Revista, passa a ser chamado Comitê Editorial e mantém essa formação até a edição de outubro de 1999. Com mencionado anteriormente, a consolidação da revista passou por relações acadêmicas estabelecidas através de diferentes departamentos da UBA o que enfatiza a trajetória investigativa no campo dos estudos feministas desenvolvidas em meio à instituição de ensino superior como ponto de afinidade entre essas professoras.

Partindo para a análise dos artigos, ensaios e textos pertencentes a dossiês da revista *Mora*, nesses cinco anos e cinco edições, lançadas entre os anos de 1995 e 1999, temos um total de 57 trabalhos publicados pelo periódico. Desse número, uma grande quantidade é de autoras argentinas: 38 no total (ver Apêndice D). Além desses, também podemos destacar as produções de pessoas com outras nacionalidades, mas que trabalham na Argentina e/ou possuem contato com o país, para as quais não houve a necessidade de tradução dos textos. Esse é o caso do artigo lançado no primeiro número da *Mora*, intitulado *La memoria del nombre y los problemas de sucesión real en las sociedades hetea y egipcia*, de Susana Murphy, nascida nos Estados Unidos e que profissionalmente atuou na Universidade de Buenos Aires e na Universidade de Luján, ambas instituições argentinas de ensino superior. A partir de pesquisas, dessa lista em que nacionalidades e atuações profissionais se mesclam ainda podemos destacar algumas autoras argentinas que circularam por diferentes contextos: Sandra Lorenzo morou no México; Gabriela Dalla-Corte Caballero, foi professora em Barcelona, Espanha; e Gabriela Nouzeilles, professora em Princeton, Estados Unidos. A fim de estabelecer alguns parâmetros de avaliação numérica desse conteúdo publicado na revista *Mora* podemos considerar que encontramos 39 textos produzidos nacionalmente e divulgados através do periódico, embora esteja entendendo esses jogos complexos de sujeitos em trânsito simplificados no estabelecimento de classificações. Sendo assim essas são as 39 produções em que não houve a tradução cultural para compor o referencial bibliográfico de estudos feministas na Argentina.

Em relação à revista *Feminaria*, que possui um número elevado de edições dentro do recorte da pesquisa – 23 números sendo dois deles edições duplas – a quantidade de textos (isso retirando os comentários reunidos na seção Notas, as entrevistas e a Seção de levantamentos Bibliográficos), soma um total de 166. Desse número, 118 textos são publicações nacionais (ver Apêndice E), levando em conta que determinados saberes não atravessaram fronteiras devido a atuação profissional ou formação acadêmica na Argentina. São os casos de Lea Fletcher, editora da Revista, nascida nos Estados Unidos; Alicia Genzano, argentina que viveu na Itália; Jutta Marx integrante da *Feminaria*, nascida na Alemanha, mas com atuação profissional no país; July Cháneton, uruguaia nacionalizada argentina; Julio Santucho, que possui atuação no país, e formação na Itália, entre outros. Nessa lista ainda encontramos um artigo intitulado *La revista Brujas*, lançado no número duplo 22/23 do periódico *Feminaria* de 1999, sem referência a qualquer autoria.

Além desses casos em que as pessoas dialogam com o contexto argentino, alguns textos estrangeiros publicados na revista *Mora* não corresponderam necessariamente a traduções desses escritos. *Avatares de la (in)diferencia. La mascarada de la sexualidad en el Espot Publicitari*, de Amaya Ortíz de Zárate e Jesús González Riquelme publicado no primeiro número e *Los enfoques de género en los estudios de Geografía: una introducción*, de María Dolores García Ramón, publicado no número 4, são de autoria de pesquisadoras/es da Espanha. O primeiro deles também foi publicado com o mesmo título, em espanhol, no periódico *Questiones Publicitarias - Revista Internacional de Comunicación y Publicidad* um ano antes, no número 3 de 1994 (Espanha). O segundo, conforme currículo de María Dolores García Ramón disponibilizado pela Universidade de Barcelona e com última atualização no ano de 2010 era um trabalho inédito²⁵⁸. Retirando esses dois textos, fazem parte das traduções, feitas pela revista ou mesmo pelas/os autoras/es, um total de 14 trabalhos (ver Apêndice F).

Pensando a partir do trânsito de conhecimento em um Eixo-Sul, a produção que se concentrou na América Latina dentro do recorte da pesquisa é composta exclusivamente por uma autora brasileira: *La poética caníbal de Clarice Lispector: del sauce de Rober a la sangre bruta* de Ana Luisa Andrade, publicado no terceiro número da *Mora*,

²⁵⁸ Cf. María Dolores García Ramón. Geocrítica. *Universitat de Barcelona*. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/garcia.htm>. Acesso em: 18 de dezembro de 2012.

lançado em agosto de 1997. Ainda analisando outras relações territoriais, podemos destacar o artigo *Protocolos de lectura: el género en reclusión* de Raúl Antelo, argentino radicado no Brasil, publicado no número 4 de outubro de 1998.

Levando em conta as trajetórias profissionais desses dois pesquisadores podemos considerar elementos que promoveram o encaminhamento dos artigos para avaliação e, assim, publicação dos textos. Raúl Antelo, entre os anos de 1969 e 1974, cursou graduação em Letras Modernas na *Universidad de Buenos Aires* o que o fez circular pela *Facultad de Filosofía y Letras*, espaço de formação de algumas das integrantes do comitê editorial da revista *Mora* e mesmo de atuação profissional dessas em tempos recentes. A trajetória até publicação na *Mora* pode ter partido de relações acadêmicas, uma vez que tanto Ana Luiza Andrade como Raúl Antelo trabalhavam, e trabalham, na Universidade Federal de Santa Catarina no curso de Letras. Ambos publicaram livros conjuntamente, como é o caso da parceria com Maria Lucia de Barros Camargo, no livro intitulado *Leituras do Ciclo*; e na coletânea novamente com Maria Lucia e Tereza Virgínia de Almeida *Declínio da Arte, Ascensão da Cultura*, lançado em 1998. Assim, a afinidade com esse espaço ocupado pela revista *Mora*, ou mesmo com profissionais da área que de alguma forma estiveram ligadas à publicação, tornam os caminhos familiares além de direcionados a atender aos interesses dos pares dentro de um determinado campo de conhecimento.

Retomando os artigos publicados por Ana Luiza Andrade e mesmo de Raúl Antelo ambos os textos foram escritos originalmente em português e posteriormente traduzidos para o espanhol, em um dos casos por iniciativa da autora. No texto de Ana Luiza²⁵⁹ há o agradecimento dela pela tradução realizada por Mariana Drocchi Cezar de Andrade, provavelmente pessoa com algum parentesco frente à similaridade do sobrenome, o que representou uma iniciativa da própria autora. No texto de Raúl Antelo a tradução foi feita por Adriana Amante, atualmente professora na Universidade de Nova York com uma trajetória investigativa no campo da Literatura argentina e brasileira. No desenvolvimento de sua pesquisa recebeu bolsa do *Fondo Nacional de las Artes* (Argentina), do Instituto Camões (Portugal) e da UBA. Levando em conta que em sua trajetória profissional foi professora em Nova York, da Universidade de Londres e da Universidade Nova de

²⁵⁹ Seu nome completo segundo currículo lattes, disponível no sistema e consultas do CNPq aos currículos é Ana Luiza Britto Cezar de Andrade.

Lisboa, o período de bolsa na Argentina provavelmente deve estar relacionado à sua formação²⁶⁰. Diante desse vínculo com a UBA, instituição em que a *Mora* é editada, acredito que a tradução tenha sido feita por iniciativa do periódico uma vez que não há nenhum indicativo – apenas em nota de rodapé "*Traducción del portugués por Adriana Amante*".

Ainda sobre a questão da tradução, podemos destacar o maior número de textos de autoras estadunidenses, com duas traduções da filósofa Judith Butler feitas por María Luiza Femenías, integrante do comitê editorial do periódico. Na lista de traduções realizadas pela *Mora* podemos ainda listar um texto de Françoise Collin, belga radicada na França; Paola Di Cori, italiana; Val Plumwood, da Austrália; Bárbara Taylor, da Inglaterra; Sara Heinämaa, da Finlândia; entre outras. Nessas traduções acima listadas nem sempre temos a menção às pessoas que realizaram essa atividade em notas de rodapé, o que muitas vezes poderia trazer elementos que indicassem a iniciativa de tradução da autora ou do autor, como é o caso de Ana Luisa Andrade. O que temos é apenas menção das pessoas que ficaram responsáveis por essa atividade no sumário da edição. No caso de Françoise Collin não há qualquer referência no texto em si, mas, no sumário, à María Isabel Santa Cruz é atribuída a tradução, que na época era professora da UBA e ocupava o conselho assessor do periódico. No texto de Paola Di Cori a tradução foi realizada por María Cristina Davolio, atualmente professora da Universidade de Morón (Província de Buenos Aires). No texto de Val Plumwood não há qualquer referência à tradução, apenas que teria sido anteriormente publicado em inglês no periódico *Hipatia* (volume 6 de 1991). Barbara Taylor e Sara Heinämaa foram traduzida por María Luisa Femenías membro do periódico e professora da UBA. De forma geral temos a iniciativa em relação às traduções do próprio comitê editorial, o que não ocorre com o único texto estrangeiro latino-americano publicado na *Mora*. Entre esses textos traduzidos alguns foram publicados anteriormente em outros periódicos, como é o caso de Barbara Taylor, em *Religión, radicalismo y fantasía*, publicado em inglês em *History Workshop Journal* (número 39 de 1995).

Assim como na *Mora*, na *Feminaria* também foi encontrado um grande número de publicações europeias e estadunidenses entre os textos traduzidos. Das 47 traduções publicadas na Revista, quase metade

²⁶⁰ Adriana Amante. Faculty. *New York University*. Disponível em: <http://www.nyu.edu/global/global-academic-centers/buenos-aires/academics/faculty.html>. Acesso em 19 de dezembro de 2012.

são de pessoas com atuação profissional nos Estados Unidos (21 textos), formando esse grupo de publicações autoras como, por exemplo, Joan Scott, Gayatri Chakravorty Spivak e Linda Nicholson. Todas essas autoras foram traduzidas por Mária Averbach, doutora em Letras pela Universidade de Buenos Aires e tradutora literária de língua inglesa, responsável pelo campo dentro da *Feminaria*. Também se encontra entre as autoras com atuação profissional nos Estados Unidos as que possuem textos traduzidos tanto na revista *Mora*, quanto na *Feminaria*: a filósofa estadunidense Judith Butler e a linguista italiana, radicada nos Estados Unidos, Teresa de Lauretis. Além dessas ainda podemos destacar a belga naturalizada francesa Françoise Collin, como autora que possui textos traduzidos nos dois periódicos.

A recorrência de determinadas autoras em revistas específicas da área dos estudos de mulheres, feministas e de gênero na Argentina acaba por visibilizá-las, atribuir importância às temáticas que desenvolvem, bem como a suas perspectivas, posicionando-as como relevantes em meio a um determinado debate. Assim, em certa medida o que temos é a construção de leituras legítimas de um campo de saber, autorizadas a partir de suas publicações, sejam elas nacionais ou internacionais. Suas recorrências edificam a posicionalidade desses sujeitos em meio a saberes do campo de estudos feministas.

Entre as traduções europeias, que contabilizam um total de 14 textos, encontramos autoras como Miriam Lang, da Alemanha; Mieke Bal, da Holanda; Marilyn Strathern, inglesa; Rossana Rossanda, italiana que possui dois textos traduzidos no periódico; entre outras. Além disso, podemos identificar uma série de autoras que transitou por territórios como é caso de Hélène Cixous, nascida da Argélia, mas com atuação profissional na França; Teresa de Lauretis e Françoise Collin, mencionadas anteriormente; e M.-Pierrette Maluczynski, que se doutorou no Canadá e atuou profissionalmente na Polônia. Agregando aos textos europeus e estadunidenses às quatro produções canadenses, temos 40 textos provenientes do Eixo-Norte do conhecimento publicado na revista *Feminaria*, contabilizando as pessoas em trânsito por territórios do Norte, como é possível observar no Apêndice G.

Mesmo frente à proximidade da língua, a Espanha possui três textos publicados na *Feminaria*: *El discurso de la diferencia. Implicaciones y problemas para el análisis feminista*, de Raquel Osborne, publicado no número 6 de 1990 que é a reprodução de um artigo publicado anteriormente no periódico espanhol *Desde el Feminismo* (número 0 de 1985); *Hongos hobbesianos, setas venenosas*, texto de Celia Amorós, lançado no número 12 de 1994 e publicado

anteriormente em *Mientras Tanto* (número 48 - Barcelona); e *Abyección y escritura: del yo a la no-identidad del cyborg*, de Giulia Colaizzi, publicado no número 16 de 1996, texto elaborado para apresentação no *V Coloquio Interdisciplinario de Estudios de Género*, realizado em dezembro de 1995 em Buenos Aires. Seja na *Mora* seja na *Feminaria* o que percebemos é uma prática de reedição de trabalhos anteriormente publicados em outros territórios e que, segundo os comitês editoriais, merecem circular no contexto argentino de debates feministas.

Avaliando a circulação de saberes vindo de países estrangeiros da América Latina, encontramos na *Feminaria* textos do Equador e do Chile: *Redescubriendo el significado del poder*, publicado no número 7, do ano 1991, de autoria da equatoriana Marena Briones Velastegui; *Radio Terra* da chilena Eliana Ortega publicado também na edição de 1991; *Alternativas ideológicas del feminismo latoniamericano* de autoria da chilena Lúcia Guerra Cunningham, publicado no número 8 de 1992; e o texto *Diva, divina, dividida*, da também chilena Guadalupe Santa Cruz, lançado no número 19 de 1997. Além de textos latino-americanos, podemos observar outra publicação viajante de um Eixo-Sul, da pesquisadora indiana Vandana Shiva intitulada *Desarrollo, ecología y mujer*, que se encontra no número 7, ano 1991 (dados sistematizados em tabela no Apêndice H).

Avaliando concomitantemente os dois periódicos feministas, encontramos a promoção da produção nacional argentina sobre estudos de mulheres, feministas e de gênero. Independente das diferenças entre os dois periódicos, seja no período de circulação, seja na estrutura que reúne um maior ou menor número de textos por edição, tanto na *Feminaria*, quanto na *Mora*, encontramos um grande número de autoras e autores do país. Realizando uma avaliação a partir de porcentagens, na *Mora* pouco mais de 66 % de todo o material publicado – o que inclui artigos, ensaios e pareceres –, é argentino. No caso da *Feminaria*, que quantitativamente possui quase três vezes mais textos publicados dentro do recorte da pesquisa que a *Mora*, pouco mais de 71% do material publicado é argentino. As traduções nos dois periódicos representam um número menor: na *Mora* pouco mais de 24% são traduções, ou seja, um quarto dos textos é internacional de língua não hispânica; e na *Feminaria* quase 28% são textos internacionais que passaram por tradução, pouco mais de um terço do que foi publicado no periódico. Desse material divulgado até o ano de 1999, um pequeno número é de publicações que circularam na Argentina provenientes de países considerados em desenvolvimento. Dentre esses, ainda destaco que

apenas na revista *Feminaria* é identificado um texto que foge ao território da América Latina.

Como visto anteriormente, uma série de relações, sejam pessoais, sejam acadêmicas perpassaram as pessoas que publicaram, realizaram as artes e participaram dos comitês editoriais desses periódicos. Sem dúvida, a simples relação não garantiu a publicação dos textos, devido à série de critérios exigidas para a qualificação dos periódicos dentro dessa área do conhecimento ligada ao feminismo, mas tornaram esses espaços de publicação, lugares de possíveis diálogos. Desta forma, embora muitas vezes as revistas acadêmicas recebam uma série de artigos e ensaios para publicação de forma aleatória, ou mesmo vindos de pessoas conhecidas, esse material passa por um processo de seleção que os torna aptos a comporem uma determinada edição da revista. É pensando nessa seleção, que torna determinados saberes mais relevantes em relação a outros, que encontramos uma ampla divulgação da produção acadêmica nacional argentina bem como a predileção a traduções de textos de autoras estadunidenses e a recorrência de determinados nomes. É em meio a esse processo que os periódicos tornam-se espaços de consolidação de saberes, elegendo e determinado alguns como legítimos.

Arjun Appadurai tratando do interculturalidade e da relação com "o outro" discute os riscos do diálogo²⁶¹. Nesse processo, os discursos podem não ser compreendidos diante das diferenças linguísticas, culturais e históricas. Por outro lado esses podem ser compreendidos em suas minúcias, nas convicções mais arraigadas, o que pode não ser propriamente positivo no diálogo. Em jogo ainda está a diversidade interna que conversa entre si, mas também com outros pares fora dessa territorialidade, em um âmbito global. Nesse sentido, o diálogo eficaz é o que está ligado ao lugar comum, à "concordância seletiva e consenso conjuntural"²⁶², mas administrando diferenças, sem conformidade mutua ou compreensão total. Com base nesse debate reflito sobre o posicionamento do saber em relação às publicações feministas argentinas, e mesmo brasileiras, que veremos a seguir. Esse outro está presente nas produções textuais que atravessam diversidades. Os periódicos apresentam justamente esse diálogo que negocia entre as diferenças nacionais das perspectivas investigativas/reflexivas em torno

²⁶¹ APPADURAI, Arjun. Diálogo, Risco e Convivialidade. In: APPADURAI, Arjun (et.al.) *Podemos viver sem o outro?* As possibilidades e os limites da interculturalidade. Lisboa: Tinda da China, 2009. p. 22-38.

²⁶² *Ibidem*. p. 24.

desse campo de estudos, mas também procuram pares no que diz respeito aos diversos debates em dimensões globais. Logo é complicando pensarmos em produções "genuinamente" nacionais, ou latino-americanas. Em um contexto globalizado as pessoas circulam, os textos circulam e há limites para apreensão de uma suposta origem do debate limitadamente territorializado, uma que vez que as bibliotecas imaginárias²⁶³ utilizadas por essas autoras e autores estão além das possíveis citações contidas nas referências bibliográficas ou notas de rodapé dos textos. O que observamos nessa análise dos trabalhos que circularam pelos territórios argentinos e brasileiros são resultados de diálogos entre saberes que não viajam no fluxo global dessas paisagens da mesma forma.²⁶⁴

Levando em conta algumas considerações comparativas estabelecidas entre o recorte argentino e brasileiro da pesquisa até o momento, em seguida, iremos analisar os periódicos feministas *Cadernos Paçu* e *Revista Estudos Feministas*.

4.2 BRASIL: MOBILIDADE DOS SABERES

Um dos periódicos feministas brasileiros analisados neste capítulo é a *Revista Estudos Feministas*, que dentro desse ciclo de criação de núcleos e publicações específicas sobre o tema, possui um histórico que atravessa diferentes instituições de ensino superior. A ideia de criação da revista surgiu a partir da realização do seminário "Estudos sobre a Mulher no Brasil: avaliação e perspectivas", promovido pela Fundação Carlos Chagas, na cidade de São Roque – interior de São Paulo –, em novembro de 1990. A consolidação da temática dos estudos sobre as mulheres e os estudos de gênero é reconhecida durante esse evento, diante de anos anteriores, em que o tema era tomado como incipiente. Assim, a justificativa para criação da revista surgiu da inexplicável inexistência de uma publicação sobre o assunto, frente ao

²⁶³ Sobre esse debate consulta: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

²⁶⁴ APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: *Globalization: The Reader*. eds. J. Beynon, D. Dunkerley. New York: Routledge, 2000. p. 92-100.

crescente número de trabalhos na área e da necessidade de divulgar e ampliar o debate em torno dos estudos de gênero.²⁶⁵

A publicação do primeiro número ocorreu em 1992, editado no Rio de Janeiro, a partir do financiamento da Fundação Ford. No mesmo período também foi criada a Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas (REDEFEM), recebendo financiamento da mesma instituição, através da Fundação Carlos Chagas. A Revista *Estudos Feministas* enunciou, inicialmente, como tendo uma proposta de funcionamento itinerante, permanecendo nas instituições em períodos determinados. Assim, em seus primeiros anos a sede esteve situada na Universidade Federal Fluminense (UFF) e, posteriormente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A conservação da Revista *Estudos Feministas* na região Sudeste permanece até a publicação da edição de 1999, quando foi relocada para a Universidade Federal de Santa Catarina, fato esse ocasionado por problemas financeiros decorrentes da perda do financiamento que a mantinha. Conforme relata Miriam Pillar Grossi – juntamente com Claudia de Lima Costa, primeira editora da Revista *Estudos Feministas* em Florianópolis –, duas pesquisadoras latino-americanas, contratadas pela Fundação Ford durante os anos 1990, avaliaram que o campo dos estudos de gênero no Brasil estavam consolidados e não eram mais necessários recursos financeiros para essa linha de pesquisa²⁶⁶. Esse teria sido um dos principais fatores, além da perda da periodicidade, que acarretaram a mudança de sede da Revista para outra instituição de ensino superior.

Diferente da revista *Mora* que possui um comitê editorial que se manteve basicamente o mesmo desde sua criação e da *Feminaria*, que teve em todos os seus números a figura de Lea Fletcher na coordenação do periódico, a Revista *Estudos Feministas* (REF) tem em seu histórico a circulação de um grande número de pesquisadoras da área de estudos ligados ao feminismo. Na primeira edição Lena Lavinas, então professora do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) assina a editoria, juntamente com Valéria Lamego, editora-assistente, também professora

²⁶⁵ COSTA, Albertina de Oliveira. Revista Estudos Feministas: Primeira fase, locação Rio de Janeiro. *Revista Estudos Feministas*. v.12, n. esp., 2004. p. 205-210.

²⁶⁶ GROSSI, Miriam Pillar. A Revista Estudos Feministas faz 10 anos: Uma breve história do feminismo no Brasil. *Revista Estudos Feministas*. v.12, n. esp., 2004. p. 213.

da UFRJ da área de literatura comparada. Como responsáveis pelo comitê editorial nesse início da Revista estavam as pesquisadoras: Albertina de Oliveira Costa, Bila Sorj, Heloisa Buarque de Hollanda, Maria Lúcia de Barros Mott, Maria Luiza Heilborn, Maria Odila da Silva Dias e Mary Garcia Castro, além da própria Lena Lavinias. Ainda é possível destacarmos outros nomes que compuseram esse primeiro número como a jornalista Ana Arruda Callado, na coordenação de edição; Liane Fonseca, secretária de redação; Alexandre Mark Salz, responsável pela revisão. Esse perfil da revista permanece o mesmo até o segundo número, lançado em de 1994, sofrendo alterações apenas o cargo de secretária, de redação e a alternância entre as pessoas responsáveis pelos cargos de coordenadora, de edição e editora assistente.

A partir do primeiro número de 1995 a historiadora com formação na área de Antropologia Social Maria Luiza Heilborn, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), assume a editoria da Revista e o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ passa a compor as referências da edição contidas no sumário, juntamente com o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, única instituição de ensino superior listada no periódico até então. Nessa edição Ana Arruda Callado encontra-se como coordenadora de edição e Alice Rangel de Paiva Abreu como editora adjunta, além do acréscimo de Miriam Moreira Leite, Angela Arruda e Céli Regina Jardim Pinto ao comitê editorial. No segundo número de 1996 a editoria muda, retornando a Lena Lavinias e Ana Arruda Callado, e, no número seguinte, Ana Arruda assume o cargo em parceria com Leila Linhares até o segundo número de 1998. Dessa data em diante a *REF* passa a ser sediada na Universidade Federal de Santa Catarina, assumindo a editoria do número duplo de 1999, como mencionado anteriormente, Miriam Pillar Grossi e Claudia de Lima Costa, ambas professores da referida instituição, do curso de Ciências Sociais e do curso de Letras respectivamente.

Sob o nome de *Cadernos Pagu* – segundo periódico brasileiro analisado neste capítulo –, um grupo de estudos sediado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) passou a publicar desde 1993 sua revista, semestralmente, apresentando artigos baseados em estudos de caso, resenhas e reflexões teóricas que envolveram, e envolvem até os dias de hoje, temáticas relacionadas aos estudos de gênero. O grupo foi composto por integrantes de diversas áreas de conhecimento e, em seu primeiro número, anunciou que a Revista seria um espaço aberto a contribuições e estabeleceu um convite a

colaboração para os próximos números. Ainda nessa primeira edição, em sua apresentação, é realizada uma homenagem à Elizabeth de Souza Lobo, que fez parte dos primeiros debates promovidos pelo grupo em reuniões no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade e que havia falecido dois anos antes do lançamento do periódico.

Na segunda edição dos *Cadernos Pagu*, lançado em 1994, é anunciada a transformação do grupo em núcleo de pesquisa da UNICAMP, aprovado pelo Conselho Universitário, homônimo à Revista e intitulado a partir do nome da militante comunista Patrícia Galvão. Na mesma edição é anunciada também a formação de um comitê editorial responsável pela avaliação do material publicado no segundo número: estabelecendo pareceres e seleções para a composição dessa edição.

Descrevendo a equipe que compunha a Revista, na primeira edição, ainda sem um comitê definido, a apresentação foi assinada por Adriana Piscitelli, que na época era estagiária de Pós-Graduação na Universidade Estadual de Campinas. Segundo a apresentação da *Pagu* no site da Scielo²⁶⁷, essa edição foi toda escrita por integrantes do grupo. Assim, partindo do sumário podemos listar pelo menos parte da equipe que compunha o periódico inicialmente, como é o caso de Mariza Corrêa, antropóloga; Suely Kofes, também antropóloga; Luiza Margareth Rago, historiadora; Leila Mezan Algranti, historiadora; Ana Maria Goldani, socióloga; Carla Bassanezi, historiadora; além das pessoas responsáveis pela apresentação da edição, todas com atuação profissional e/ou formação acadêmica na UNICAMP.

Relembro aqui que tanto a *REF* como a os *Cadernos Pagu* encontram-se indexados no Scielo, juntamente com a revista *Mora*, e, como relatado anteriormente, ambos iniciaram suas trajetórias contando com financiamentos – Fundação Ford e Fundação Carlos Chagas, por exemplo. Essa característica demonstra a preocupação com as demandas estipuladas pelas instituições de fomento de pesquisa aos periódicos acadêmicos.

Atualmente a o comitê editorial dos *Cadernos Pagu* é composto por Angela Carneiro Araújo, Adriana Piscitelli, Heloísa Pontes, Iara Beleli, Leila Mezan Algranti, Karla Adriana Martins Bessa, Mariza Corrêa, Silvana Rubino e Richard Miskolci, reunindo integrantes do núcleo de pesquisas Pagu, mas também de outras universidades, como é

²⁶⁷ Página em que se encontra a descrição do *Cadernos Pagu*. Disponível em: <http://www.scielo.br/revistas/cpa/paboutj.htm>. Acesso em 18 de dezembro de 2012.

o caso do último nome mencionado, professor de sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Em artigo publicado no ano de 2003 na Revista *Estudos Feministas*, com o título *Cadernos Pagu: contribuindo para a consolidação de um campo de estudos*, Adriana Piscitelli, Iara Beleli e Maria Margaret Lopes estabelecem um balanço sobre os dez anos do periódico feminista e apresentam um breve histórico da publicação. Assim, destacam a importância dos financiamentos externos à Universidade, que passaram a ser recebidos a partir do quinto número dos *Cadernos*, de instituições tais quais a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão do Estado de São Paulo), a FAEP (Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa – UNICAMP) e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), o que promoveram o aperfeiçoamento de uma série de elementos como o material gráfico, a tiragem, o crescimento da publicação, ampliação do conselho editorial e o registro em indexadores nacionais e internacionais²⁶⁸. Sem alterar sua periodicidade, o periódico *Cadernos Pagu*, editado até hoje na mesma instituição, praticamente dobrou a quantidade de páginas por número desde seu lançamento até o balanço realizado em 2003.

Ainda segundo a avaliação estabelecida no artigo por integrantes do comitê editorial da Revista, uma questão que foi preocupação desde o princípio dizia respeito ao equilíbrio do conteúdo. A proposta foi conciliar as colaborações enviadas de forma espontânea o que, provavelmente, correspondiam a textos de pesquisadoras e pesquisadores enviados aleatoriamente e que poderiam ou não atender a temas diferenciados dentro desse campo de estudos; e estabelecer temas a partir dos interesses surgidos com base no comitê editorial, que por sua vez eram discussões que lhes pareciam importante desenvolverem nesse espaço. Conforme relatam, seriam questões novas, ou nem tanto, mas que haviam sido pouco tratadas, ou mesmo releituras de temas de importância para o campo. Nesse artigo ainda encontramos uma avaliação das produções publicadas nos *Cadernos Pagu* que estabelece porcentagens a respeito das diversas temáticas as quais compuseram as edições e relatam que dos 19 números lançados até a presente data (2003), apenas 15% desse material diz respeito a artigos

²⁶⁸ PISCITELLI, Adriana; BELELI, Iara; LOPES, Maria Margaret. *Cadernos Pagu: contribuindo para a consolidação de um campo de estudos*. *Revista Estudos Feministas*. v.11, n.1, 2003. p. 242-246.

internacionais²⁶⁹. Posteriormente procuraremos comparar essa porcentagem com o acréscimo de artigos encontrados nas edições até o ano de 1999 identificando entre essa produção estrangeira o material proveniente do Eixo-Sul.

Estabelecendo comparações entre as duas publicações, temos apenas um ano de diferença entre as duas, tendo em vista que a Revista *Estudos Feministas* teve seu primeiro número em 1992, com apenas uma edição neste ano. De forma geral, a *REF* manteve dois exemplares anuais até o ano de 2004, em que sua periodicidade foi alterada para edições quadrimestrais. Contudo, no ano de 1994 além das duas edições foi lançado um número especial, em 1999 houve uma edição dupla da Revista e no mesmo ano uma edição com a seleção de artigos publicados em números anteriores traduzidos para o inglês. Através dos meios que disponibilizam o periódico online como o site do Instituto de Estudos de Gênero que atualmente sedia a Revista ou por meio do *website* dos Periódicos da UFSC, bem como no próprio acervo da instituição universitária catarinense em que é editado, não há o primeiro número, segundo volume, do ano de 1994. A mesma ausência é identificada no texto de Leila Linhares Barsted no volume 16, número 1 de 2008 da *REF*²⁷⁰, em que descreve o conteúdo das edições do periódico, principalmente das primeiras até os anos 2000, intercalando as demais até o ano de 2005. Os *Cadernos Pagu*, que continua a ser publicado até os dias de hoje com duas edições por ano, também teve pequenas variações durante sua trajetória. No ano de 1993 é lançado apenas um número, em 1996 e 1997 os números da Revista foram duplos, em 2001 foram lançados três números em dois volumes, o segundo deles duplo.

Na *REF* conseguimos identificar um grande número de publicações brasileiras entre os anos de 1992, edição número zero da Revista, além da última edição de 1999, em que uma série de artigos de autoria de pesquisadoras brasileiras foi traduzida para a língua inglesa. Retirando da contabilização numérica artigos sem referência à autoria do texto – como *Direitos Reprodutivos, Um Savoir à notre image? Critiques féministes dès disciplines, Tributos às trabalhadoras no campo*, publicados no número zero de 1992, *Manifesto das Mulheres – propostas de alteração do Código Penal brasileiro* e *Women's*

²⁶⁹ Idem.

²⁷⁰ BARSTED, Leila Linhares. As Relações da Revista Estudos Feministas com os Movimentos de Mulheres. *Revista Estudos Feministas*. v. 16. n. 1, 2008. p. 97-103

Manifesto Against Violence, publicados no número 1 de 1993 – é possível contabilizar um total de 191 escritos brasileiros publicados no periódico (ver Apêndice I).

Além dessa lista foram encontrados na *REF* também artigos com autoras e autores que possuem vínculo institucional com o Brasil, seja atuando no ensino superior ou vivendo no país, o que, por sua vez, não é representado neste trabalho como tradução. Esse é o caso de Silvia Cristina Yannoulas, argentina com atuação profissional no Brasil que publicou o texto *Iguais Mas Não Idênticas* no número 3 de 1993; E. Jean Langdon, estadunidense que viveu no Brasil; Bruna Franchetto italiana radicada no país que publicou dois textos no número 1 de 1996 – *Women among the Kuikúro* e *Mulheres entre os Kuikúro* – e fez a apresentação e a reedição de um dos seus textos publicado anteriormente para o número duplo de 1999; Cecília McCallum e Vanessa Rosemary Lea, ambas inglesas radicadas no Brasil. Dentro dessa lista de textos que possivelmente não passaram por traduções, ainda podemos destacar as parcerias entre mais de uma profissional, em que pelo menos uma delas é brasileira ou possui alguma conexão com o Brasil, como o artigo *Contracepção, controle demográfico e desigualdades sociais: análise comparativa franco-brasileira* publicado no segundo número de 1994 com autoria de Lucila Scavone (Brasil), Hélène Bretin (França) e Annie Thébaud-Mony (França); o texto *A beleza sensual de Leila e a vitalidade de matisse*, publicado no mesmo exemplar por Fayga Ostrower (polonesa radicada no Brasil) e Eli Diniz (Brasil); o texto *A Classe Operária tem Dois Sexos*, publicado no número 3 de 1994 por Helena Hirata (brasileira com atuação profissional na França) e Daniele Kergoat (francesa); o texto *As Aventuras e o Consenso do Movimento Feminista no Caminho para o Cairo*, publicação conjunta entre Sônia Correa (Brasil), Marisa Matamala (Chile), Nancy Palomino (Peru) e Silvina Ramos (Argentina), lançado no número anteriormente mencionado. Dessa lista de textos em que as pessoas possuem relação com o Brasil, apenas o último texto, *As Aventuras e o Consenso do Movimento Feminista no Caminho para o Cairo*, possui um tradutor, que, no caso, foi Renato Aguiar, profissional da área de tradução responsável por outros trabalhos realizados à Revista *Estudos Feministas*. Essa tradução ocorre, pois o texto foi originalmente divulgado na publicação de uma organização indiana no ano de 1994 com o título *From Paralysis to Fertili Adventures*. Embora esse texto não atenda propriamente ao campo de interesse desta tese, que diz respeito às produções de autoras e autores latino-americanos sem atuação profissional nos países em que os periódicos foram editados, o

fato de esse ter sido lançado no Eixo-Sul para assim migrar para o Brasil (dinâmica Sul-Sul) e a parceria diversificada entre autoras da América Latina tornaram o material objeto de análise do capítulo seguinte.

Somando todas essas publicações desse grupo, temos uma lista de 17 textos (ver Apêndice J), os quais grande parte das pessoas, de alguma forma, tiveram atuação profissional no Brasil. Essas parcerias na elaboração dos textos, assim como analisado nos periódicos argentinos, estão ligadas, as trajetórias, bem como as relações pessoais e acadêmicas. Apenas como um dos exemplos possíveis, menciono a trajetória de Lucila Scavone. Brasileira, com graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especialização em Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a partir do ano de 1974 a pesquisadora passa a estudar na França. Assim, realiza seu Mestrado e Doutorado ligado a área de Ciências Humanas na *Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3*, entre os anos de 1974 e 1980, além de dois Pós-doutorados financiados pela CAPES e CNPq no *Institut de Santé et Recherche Médicale*, um deles entre 1991 e 1992, e outro em 2000. Essa trajetória a inseriu no campo acadêmico ligado às tecnologias reprodutivas, saúde das mulheres e aos debates feministas materializados a partir de uma série de publicações que representam parcerias com autoras francesas. Esse, por exemplo, é o caso Héléne Bretin, que publica com Lucila Scavone *REF*, e possui um artigo no livro organizado pela pesquisadora brasileira. Essa publicação intitulada *Qual escolha, quais desigualdades. O uso do contraceptivo Depoprovera na França* foi publicada no livro *Tecnologias reprodutivas. Gênero e ciência*, editado pela Editora da UNESP (Universidade Estadual Paulista) no ano de 2000. Retomando a parceria publicada na *REF*, tanto Annie Thébaud-Mony quanto Héléne Bretin atuam na área de saúde, campo em que Lucila Scavone fez sua formação na França.

Os *Cadernos Pagu*, possuem um total de 104 textos nacionais (ver Apêndice K), excluindo os documentos e resenhas, entre os anos de 1993 e 1999 e, assim como a *REF*, possuem um série de publicações que não representaram necessariamente traduções devido à conexão de suas/seus autoras/es com o Brasil. Na *Pagu* é o caso do texto da argentina com atuação profissional no Brasil, Lucía Tosi, que publicou *Mulher e Ciência: A revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna* no volume 10 de 1998; e do texto *Carolina Muzilli ou a costureira que não deu o "mau passo"* (volume 13 de 1999), de Norberto Osvaldo Ferreras, também argentino com atuação profissional

do país. Dessa lista, ainda podemos destacar outras/os profissionais que atuaram no Brasil como a inglesa Vanessa Lea, que publicou *Gênero feminino mebengokre (kayapó): desvelando representações desgastadas* no volume 3 de 1994; a portuguesa Maria Beatriz Nizza da Silva, que teve o texto *Mulheres brancas no fim do período colonial* publicado no volume 4 de 1995; e o alemão Johannes Doll, que publicou *Satisfação de vida de homens e mulheres idosos no Brasil e na Alemanha* no volume 13 de 1999. Acrescido a essa lista de artigos ainda é possível destacar o texto intitulado *A construção social da produção científica por mulheres*, publicado no volume 10 de 1998, e que representa uma parceria entre uma brasileira e uma colombiana: Léa Velho, na época Livre-docente do Departamento de Política Ciência e Tecnologia na Universidade Estadual de Campinas e Elena León, estudante de doutorado do mesmo departamento e bolsista FAPESP. Esse material apresentado, contabiliza total de 7 textos em que as/os autoras/es possuem diferentes nacionalidades e estabeleceram relações profissionais com o país (informações sistematizadas no Apêndice L). Nesses textos, não existe o registro de tradutores, o que sinaliza para uma afinidade com a língua portuguesa sem a necessidade de suporte por parte do comitê editorial para adaptação dos escritos.

Entre as produções internacionais publicadas da Revista *Estudos Feministas* durante os anos de 1992 e 1999, temos um total de 53 textos (ver Apêndice M), dos quais 16 trabalhos são de estadunidenses, ou alguma das pessoas responsáveis pela autoria possui atuação profissional nos Estados Unidos, como é o caso das produções de bell hooks [sic.], Donna Haraway, Sandra Harding, June E. Hahner, Elizabeth Fox-Genovese, Urvashi Vaid, Teresa de Lauretis, Sonia E. Alvarez, entre outras²⁷¹. Pensando ainda no recorte dos trabalhos de estrangeiras/os podemos destacar oito textos de autoria de canadenses, três publicações do Reino Unido, uma paquistanesa radicada na Inglaterra, uma belga, uma grega radicada na França, um texto de uma autora de Singapura, uma autora de Portugal, uma alemã com atuação profissional na Espanha e 14 textos de francesas/es, dentre elas/eles de: Christine Delphy, Françoise Picq, Hélène le Doaré, Michèle Ferrand, Michel Bozon, Claude Zaidman e Dominique Fougeyrollas-Schwebel. Da América Latina temos três autoras argentinas, uma autora do México, e uma peruana com atuação profissional na Holanda. São elas

²⁷¹ Dessa lista Urvashi Vaid, Teresa de Lauretis e Sonia E. Alvarez são respectivamente, indiana, italiana e cubana, com atuação profissional nos Estados Unidos. Para consultar esses dados ver Apêndice M.

respectivamente: Beatriz Schmukler, com *Las Mujeres en la Democratización Social* publicado no número 3 de 1995; Elizabeth Jelin com o texto *Mulheres e Direitos Humanos* publicado no número 3 de 1994 e *Familia y Género: notas para el debate*, publicado no número 2 de 1995; Laura C. Pautassi com o texto *¿Primero...las Damas? La situación de la mujer frente a propuesta del ingreso ciudadano*, lançado no número 6 de 1998; Marisa Belausteguigoitia Rius, que publicou o texto *Máscaras y Posdatas – estrategia femenina en la rebelión indígena de Chiapas* na seção Ponto de Vista da edição número 2 de 1996; Virginia Vargas, que publicou o texto *Uma Mirada del Proceso Hacia Beijing* no dossiê "A 4ª. Conferência Mundial da Mulher", organizado no primeiro número de 1995; além da já mencionada Sonia Alvarez, que no número 2 de 1998 publicou *Feminismos Latinoamericanos*.

Nos *Cadernos Pagu* foram encontrados um total de 29 publicações internacionais (ver Apêndice N). Se avaliarmos esse número comparativamente, com base nos dois periódicos feministas brasileiros, e utilizando a quantidade de textos publicados como parâmetro, podemos assinalar que existe certa proporção. Tanto na *Pagu*, quanto na *REF*, foram divulgados por volta de 20% de textos internacionais em relação ao número total analisado aqui neste capítulo – nacionais, internacionais e as pessoas que atuam profissionalmente no Brasil (20,83% nos *Cadernos Pagu* e 20,30% na Revista *Estudos Feminista*).

Ainda desdobrando a produção internacional publicada nos *Cadernos Pagu* podemos identificar entre essas 11 de autoras estadunidenses como, por exemplo: Jeffrey Tobin, Sara Poggio, Millie Thayer, Judith Butler, Angela Gilliam, Donna Haraway, Bárbara Weinstein, Louise A. Tilly, Joan Wallach Scott e Patricia Seed. Entre essas/esses autoras/autores ainda encontramos duas pessoas do Reino Unido; uma de Portugal; uma pesquisadora canadense; o texto de uma autora romena, um mexicano e um alemão, todos com atuação profissional nos Estados Unidos; dois textos da pesquisadora Eleni Varikas, grega com atuação profissional na França; uma australiana com atuação profissional na Inglaterra; e um texto de uma alemã com atuação profissional na Espanha. Finalizando a descrição dessas publicações, após os Estados Unidos, a França possui o maior número de textos estrangeiros publicados na *Pagu*, contabilizando seis, representado pelas/pelos seguintes autoras/autores: Michelle Perrot; Roger Chartier; Sônia Dayan-Herzbrun; Mára Lucia Faury; Philippe Lejeune e Sylvie Chaperon. Agregado a essas publicações os demais

textos internacionais, inclusive os de autoria de pessoas latino-americanas, tanto no Brasil como na Argentina, percebemos que mais do que a suposta nacionalidade desses sujeitos os lugares os quais atuam profissionalmente são relevantes em relação à mobilidade desse saber. Nesse sentido, a maior quantidade de publicações de territórios estadunidenses e franceses nos periódicos são em certa medida composto por pessoas que nasceram nesses países, mas também por pessoas das mais diferentes nacionalidades que trabalham em instituições de ensino superior nesses lugares. Nessa lógica o lugar é detentor dos referências ligado aos estudos feministas e em certas medidas parece se sobressair em relação aos sujeitos produtores desse saber. O lugar possibilita a mobilidade dos debates ligados aos feminismos, de forma distinta a partir de seus territórios, o que por sua vez proporciona visibilidade a determinadas autoras e autores em um fluxo global das viagens desse conhecimento.

Analisando essas distintas mobilidades em relação ao trânsito de saberes no campo dos estudos feministas a partir do Eixo-Sul, podemos considerar que características do processo descolonial nos dois países também interferiram no que diz respeito ao que mereceu ou não viajar para as páginas dos periódicos²⁷². Diferente do conceito colonial, esse é um processo próprio de países politicamente independente de suas colônias, mas que encontra nas elites uma tentativa de reprodução dessa metrópole desvinculada no intuito de reafirmar seu status de moderno e de civilizado. Embora estejamos tratando de uma elite intelectual em seus países responsável pela editoração das revistas acadêmicas, me refiro aqui as próprias demandas das instituições de fomento que, para atribuírem uma boa qualificação, solicitam também esse diálogo internacional como símbolo de alinhamento aos debates acadêmicos mais atualizados.

Comparando as publicações internacionais da Revista *Estudos Feministas* e dos *Cadernos Pagu*, temos uma distinção no que se refere à produção no Eixo-Sul. Do material encontrado no Brasil, há apenas uma publicação que sai das fronteiras da América Latina, a paquistanesa Maxine Molineux, e, no caso da *Pagu*, a produção latino-americana é representada por apenas um texto de um mexicano que atua profissionalmente nos Estados Unidos: Alejandro Cervantes Carson, com o trabalho intitulado *Entrelaçando consensos: reflexões sobre a*

²⁷² Decolonization. In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *Pos-Colonial Studies: The Key Concepts*. New York: Routledge, 2007. p. 63-67.

dimensão social da identidade de gênero da mulher, lançado no volume 4 de 1995. Já na Revista *Estudos Feministas* esse número chega a seis textos, representados por uma mexicana, quatro autoras argentinas e uma peruana. O grande número de publicações internacionais fica concentrado, seja na *REF*, seja na *Pagu*, na América do Norte e na Europa. Esses grupos representam ainda autoras/autores que são recorrentes nos dois períodos, diferente dos textos latino-americanos, que não possuem o mesmo trânsito. Esse é o caso da autoria conjunta de Angela Gilliam e Onik'a Gilliam, estadunidenses que publicaram o texto *Raça Brasil: por quem, para quem*, no volume 6/7 de 1996 da *Pagu*, e *Negociando a Subjetividade de Mulata no Brasil*, no dossiê sobre mulheres negras no número 2 de 1995 da *REF*; da estadunidense Donna Haraway, que publicou *O Humano numa Paistransitoagem Pós-humanista* no número 2 de 1993 da *REF* e *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial* no volume 5 de 1995 da *Pagu*; Eleni Varikas, grega com atuação profissional na França, que publicou dois textos nos *Cadernos Pagu* intitulados *Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott* (volume 3 de 1994) e *Do bom uso do mau gênero* (volume 12 de 1999), e um na *REF*, intitulado *Refundar ou Reacomodar a Democracia? Reflexões críticas acerca da paridade entre os sexos* (volume 1 de 1996); da inglesa Marilyn Strathern, que publicou o texto *Necessidade de Pais, Necessidade de Mães* no número 2 de 1995 da *REF* e *Entre uma melanesianista e uma feminista* no volume 8/9 de 1997 da *Pagu*; e, por fim, Verena Stolke, alemã com trajetória profissional na Espanha, que publicou o artigo *Mães para uma nova pátria européia* no volume 2 de 1994 da *Pagu* e o artigo *El Sexo de la Biotecnología* no dossiê "Novas Tecnologias Reprodutivas", na *REF* número 1 de 1998. Essa recorrência corrobora com as considerações tecidas anteriormente sobre a forma como conhecimentos de diferentes lugares viajam de forma distinta, ou ainda, que a mobilidade é distinta diante do posicionamento desses sujeitos do conhecimento em determinados territórios, que, segundo análise favorece o fluxo do Eixo-Norte.

Além dos artigos, textos de dossiês temáticos e ensaios, os periódicos brasileiros possuem em suas edições uma série de resenhas, entrevistas e documentos tanto dentro do período temporal selecionado para a pesquisa como nas edições recentes. A Revista *Estudos Feministas* entre os anos de 1992 e 1999, editou uma seção chamada Agenda, que divulgava eventos ligados ao feminismo já realizados e que ocorreriam entre o período de abrangência de cada número. Das 14

edições da *REF* que fazem parte do recorte da pesquisa, a Agenda esteve presente desde a primeira edição, deixando de ser editada apenas em um dos números de 1994 e na edição dupla de 1999. Além do registro de eventos, a Revista editou uma seção intitulada Ponto de Vista, que reuniu entrevistas e a divulgação de textos até o ano de 1997. Os textos foram incorporados aos dados de produções nacionais e internacionais contabilizadas anteriormente e as entrevistas somam um pequeno número até o final da década de 1990. No segundo volume, número 2, de 1994, com o título *O feminismo no Brasil de hoje*, a *REF* publicou uma grande compilação de entrevistas realizadas com Angela Borba, Hildete Pereira, Jacqueline Pitanguy e Wania Sant'Anna. Essa seria a única entrevista com brasileiras que fez parte do periódico, acrescido ao fato de que esse conteúdo só se tornaria regular a partir de 1998. Assim, no volume 6 número 1 (1998) é lançada uma entrevista com a historiadora estadunidense Joan Wallach Scott, realizada por Miriam Grossi, Maria Luiza Heiborn e Carmem Rial; no segundo número do mesmo ano é publicada uma entrevista com a feminista socialista britânica Sheila Rowbotham, realizada por Bila Sorj e Miriam Goldenberg; e na edição dupla de 1999 uma entrevista com a estadunidense Mary Louise Pratt, realizada por Claudia de Lima Costa e Alai Garcia Diniz. Segundo recorte da pesquisa, que procura esses saberes estrangeiros ao Brasil a partir de autoras e autores latino-americanos, na seção Ponto de Vista há duas publicações: *As Aventuras e o Consenso do Movimento Feminista no Caminho para o Cairo* (volume 2, número 3 de 1994) em que uma das autoras atua profissionalmente no Brasil; e *Máscaras y Posdatas – estrategia femenina en la rebelión indígena de Chiapas* (volume 4, número 2 de 1996) da mexicana Marisa Belausteguigoitia Rius.

Dentro desses anos a Revista *Estudos Feministas* publicou 134²⁷³ resenhas, em sua grande maioria realizadas por autoras/es brasileiras/os. Entre esse número apenas a francesa Josette Trat, que teve seu texto traduzido por Vera Pereira, faz parte das/dos estrangeiras/os que publicaram resenhas na Revista. Seu texto intitulado *E. Badinter ou A Arte da Conciliação* foi lançado no volume 1, número 1 de 1993.

Já nos *Cadernos Pagu* não existe um espaço dedicado às entrevistas, mas às seções: Documento e Resenha. Em Documento,

²⁷³ Contabilizando todas as edições temos 135 resenhas. Contudo, a resenha, intitulada *Iara, história e cotidiano*, de Marco Aurélio Garcia é publicada tanto no número 0 de 1992, como no número 1 de 1993 da *Revista Estudos Feministas*.

fontes de pesquisa foram publicadas com breves introduções. Esse espaço foi iniciado a partir o segundo número da Revista e, conforme o editorial desse número, de 1994, se propunha a divulgar “trechos de documentos completos” apresentado pela pessoa que o encontrou. Esse espaço se manteve até o número duplo 8/9 de 1997, com um total de nove documentos publicados, dos quais, a grande maioria é de apresentação de brasileiras/os. Somente em *Trabalho, poder e sexualidade: histórias e valores femininos*, traz histórias de vida, apresentadas por uma estrangeira. Martha Patrícia Ponce Jiménez, responsável pelo documento acima mencionado, é mexicana, mas possui formação acadêmica no Brasil, doutorado em Ciências Sociais na Área de Família e Gênero na UNICAMP.

Assim como Documento, a seção Resenha teve início no segundo número do Periódico, embora diferindo no que concerne a sua continuidade; permanecendo nas edições atuais. Entre os anos de 1994 até 1999, os *Cadernos Pagu* publicaram 14 resenhas escritas por autoras/es brasileiras/os. Marta Celia Ramírez, que publicou uma resenha da Revista *Estudos Feministas* no volume 11 de 1998 do periódico *Pagu* – colombiana com atuação profissional do Brasil – e Anne Caroline Posthuma – chilena –, que publicou *Women Encounter Technology: Changing Patterns of Employment in the Third World* no volume 10 do mesmo ano, são duas estrangeiras que contabilizam um total de 16 resenhas.

Comparando as duas publicações feministas brasileiras, temos um número bastante distinto de resenhas, que de alguma forma apresentam diferentes aspectos dos periódicos. Mas, apesar de perfis distintos é possível pensar algumas comparações em relação aos livros que foram o ponto de partidas desses textos, uma vez que a seção Resenha faz parte tanto dos *Cadernos Pagu*, como da Revista *Estudos Feministas*. Considerando que dos livros resenhados e publicados na *Pagu* um corresponde ao exemplar completo da REF (Número 2 de 1997) e outro é um parecer sobre a velhice nas telas dos cinemas – não tomando apenas um livro como base – três resenhas são baseadas em livros de professoras brasileiras: *Trabalho, saúde e gênero na era da globalização*, da AB Editora de Goiânia, das organizadoras Eleonora Menicucci de Oliveira e Lucila Scavone, lançado em 1997; o livro *Tecnologias Reprodutivas* da organizadora Lucila Scavone, edição da UNESP de São Paulo, lançado em 1996; e *Masculino, Feminino, Plural. Gênero na interdisciplinariedade*, organizado por Joana Maria Pedro e Miriam Pilar Grossi, lançado pela Editora Mulheres, de Florianópolis, no ano de 1998. As demais publicações são estrangeiras

sendo que seis dos livros são de autoras/es estadunidenses, três possuem autoras britânicas e uma resenha é feita com a análise de dois livros: um deles de uma italiana e outro de uma autora marroquina.

Com um volume muito maior em relação aos *Cadernos Pagu*, a *REF* possui como principais características – avaliando as publicações tomadas como base para a realização das resenhas – o grande número de textos de autoras/es brasileiras/os e de livros formado por coletâneas de artigos. No que concerne à produção nacional, podemos mencionar a recorrência de determinadas obras e autoras, o que, em certa medida, fornece destaque às publicações e suas responsáveis, sinalizando leituras relevantes dentro dessa área específica do conhecimento. Esse é o caso do livro *Masculino, Feminino, Plural. Gênero na interdisciplinariedade*, anteriormente citado e a realização da resenha de outro livro da escritora Lucila Scavone, por exemplo.

Pensando de forma relacional, mas também compreendendo a complexidade em estabelecer comparações diante de números tão distintos; encontramos na Revista *Estudos Feministas* uma porcentagem maior de livros brasileiros resenhados, chegando a quase 50; mais de um terço do material encontrado. Na *Pagu* o número de publicações nacionais chega a três, o que corresponde a menos de um quinto das resenhas publicadas no periódico. Já as produções internacionais resenhadas chegam a mais da metade, com destaque para publicações estadunidenses e britânicas. Essas comparações quantitativas inviabiliza perceber a recorrência de determinadas autorias latino-americanas e, por sua vez, sinalizar algumas ideias de um Eixo-Sul, edificadas nessas publicações. Desta forma, o que podemos sinalizar são aproximações internacionais, uma vez que tanto na *REF* como nos *Cadernos Pagu* os Estados Unidos também possui lugar de destaque nas publicações resenhadas, juntamente com a França.

No caso do primeiro país temos duas resenhas da autora Susan K. Besse, doutora em Yale e com atuação profissional nos Estados Unidos. Na primeira, publicada nos *Cadernos Pagu* volume 11 de 1998, com autoria de Margareth Rago, a resenha recebe o título *Modernizar para conservar: relações de gênero em São Paulo nas décadas iniciais do século vinte*. Nas apresentações do texto não há menção inicial ao nome do livro, contudo, as referências sugerem que seja a mesma publicação resenhada na *REF*: BESSE, Susan K. *Chapel Hill and London: the University of North Carolina Press*, 1996. O título do referido livro de Besse é *The Modernization of Gender Inequity in Brazil (1914-1940)-restructuring patriarchy* e na Revista *Estudos Feministas* sua resenha, elaborada por Miriam Lifchitz Moreira Leite, lançada no número 2 de

1996, recebe o título de Tendências Rebeldes e Conformistas. Outro exemplo é o da resenha do livro *Resistance of the Heart (Intermarriage and the Rosenstrasse Protest in Nazi Germany)*, do autor Nathan Stoltzfus, lançado em 1996 em uma parceria da editora Norton entre Nova York e Londres. O professor de História da *Florida State University* foi resenhado no volume 6, número 1 de 1998 da Revista *Estudos Feministas* por Miriam Lifchitz Moreira Leite, recebendo o título *A Resistência de Casais Mistos ao Nazismo*; e na *Pagu* volume 11 de 1998, mantendo parte do título do livro, *Resistance of the heart*. De forma geral os dois textos são iguais, sofrendo apenas pequenas alterações em determinados parágrafos. Ou seja, trata-se de duas versões da resenha apresentadas pela mesma autora, mas que na edição do periódico *Pagu* assina com uma abreviação do nome: Miriam Moreira Leite.

A partir desses dois exemplos podemos destacar que a décima primeira edição da *Pagu* utiliza duas resenhas lançadas na *REF*: uma lançada anteriormente e outra, de Miriam Moreira Leite, no mesmo ano. Como informação adicional, a terceira resenha que compõe esse número de 1998 da *Pagu* é da própria *Revista de Estudos Feministas*. Essas considerações apontam para padrões mais fluídos em relação ao ineditismo nos periódicos que os adotados na atualidade, diante da duplicidade da resenha.

Em relação à segunda característica das publicações resenhadas na *REF*, temos um total de 47 coletâneas, das quais encontramos um elevado número coordenado por autoras brasileiras. A essas publicações decidi não definir uma nacionalidade específica diante da variedade de pessoas que as compõem, agrupando brasileiras e brasileiras, britânicas, indianas, italianas, estadunidenses, em entrecruzamentos de nacionalidades estabelecidas nessas compilações de artigos. Para além das coletâneas, ainda é possível destacar publicações de pessoas que, embora tenham nascido em diferentes países, estabeleceram suas carreiras acadêmicas ou profissionais no Brasil. Esse é o caso de Roberto Schwarz crítico literário que nasceu na Áustria e teve seu livro *Duas Meninas* resenhado com o título *Apenas uma é Capitu*, por Miriam Lifchitz Moreira Leite; e Judith Lieblich Patarra, nascida na Alemanha e radicada no Brasil, que teve seu livro, *Iara*, resenhado por Marco Aurélio Garcia. Esse entrecruzamento de fronteiras ainda pode ser expandido se pensarmos em autoras recorrentes nos dois periódicos feministas brasileiros, como é o caso de Teresa de Lauretis. Embora não seja resenhada nas duas publicações, tendo apenas o livro *The Practice of Love* resenhado no primeiro número de 1995 da *REF*, a autora italiana

radicada nos Estados Unidos possui textos publicados em edições de ambos os periódicos dentro do período selecionado para esta pesquisa.

Assim como na *Pagu*, foram publicadas as resenhas de periódicos, e, no caso da *REF*, em mais de uma edição. No número zero temos a resenha do periódico francês *Nouvelles Questions Feministes* e do periódico de Curitiba *Impressões*. No segundo número de 1997 foram lançadas resenhas sobre edições da revista de literatura *Travessias* e *Recherches Feministes*. Por fim, no segundo número de 1998 encontramos a resenha de um número da revista *Cadernos Pagu*.

Realizando considerações sobre os periódicos argentinos e brasileiros, apresentados neste capítulo, podemos destacar dois elementos que marcaram essas publicações entre as décadas de 1980 e o final de 1990: um deles diz respeito às relações pessoais e acadêmicas que permearam a participação de pesquisadoras e pesquisadores, bem como artistas, nas edições das revistas *Feminaria*, *Mora*, *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas*; e outro diz respeito às possibilidades distintas de circulação de saberes de acordo com a territorialidade desses sujeitos e de suas atuações profissionais. O que me refiro nesse último elemento é às diferentes mobilidades dos saberes latino-americanos, indianos ou paquistaneses, diante de autoras/autores atuantes em contextos estadunidenses e franceses, por exemplo, que aparecem repetidamente em mais de um periódico. Essa recorrência sinaliza para a importância atribuída, por mais de um comitê editorial, a determinados saberes, mas também para a necessidade dessas publicações em se manterem alinhadas com as exigências do campo acadêmico a fim de garantir os recursos financeiros para seus funcionamentos. Assim, no diálogo entre as diferentes concepções que habitaram os periódicos analisados, unidas à busca por responder a demandas do campo em diferentes níveis e assegurar seus financiamentos as equipes editoriais dos periódicos estabeleceram, na própria seleção e avaliação de textos, o que devia ou não ser publicado, o que era ou não relevante, o que poderia ou não se tornar referencial dentro dos estudos de mulheres, feministas e de gênero em seus contextos.

Nesse sentido, retomo a citação de Doreen Massey utilizada no início do texto, embora essa discussão faça uma maior menção aos sujeitos migrantes. A mobilidade possui relação direta com as questões de poder. É essa possibilidade de mobilidade que estabelece relações desiguais entre os saberes de diferentes lugares. Isso torna determinados conhecimentos comuns em diferentes países e, assim, eleitos como referenciais globais de saber em um processo historicamente construído.

Agrupando essas produções textuais em forma de artigos, pareceres, ensaios, narrativas experienciais – e excluindo entrevistas, descrições de fontes, resenhas, imagens e charges – o capítulo a seguir buscou analisar os materiais listados neste capítulo que, estrangeiros aos países em que os periódicos foram editados, atravessaram as fronteiras latino-americanas para aportarem na Argentina e no Brasil. Nessa análise, embora represente um número pequeno de textos dentro do material publicado nos periódicos, não me atenho apenas aos sujeitos que atuam profissionalmente na América Latina, mas àqueles que, saídos desse contexto, encontraram espaço de atuação no Eixo-Norte.

5. CAPÍTULO 4

Saberes migrantes: fronteiras dos estudos feministas e de gênero

Nos capítulos anteriores foram realizados levantamentos com enfoque em produções temáticas sobre mulheres e feminismos tendo como base o depósito legal e os periódicos. No primeiro deles são responsáveis na Argentina a *Biblioteca Nacional de la República Argentina* e a *Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina*, e no Brasil a Biblioteca Nacional sediada na cidade do Rio de Janeiro. Retomando esse levantamento, que mapeou as produções latino-americanas que circularam nesses dois países, na Argentina foram encontrados os livros: *Mujer y utopia* e *Mujer, trabajo y vida cotidiana*, produção boliviana; *De mujer sola a jefa de hogar* e *Poblacion, equidad y transformación productiva*, ambos do Chile; *Breve história do feminismo no Brasil*, *Mulher e relações de gênero* e *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*, todas edições brasileiras comercializadas no país e sem tradução; *El muro interior: las relaciones de género en el Ecuador de fines del siglo XX*, do Equador; *Hijas, esposas y amantes* e *Derecho y pornografía*, livros colombianos; *Construcciones sociales y psicológicas de mujer, hombres, femeneidad, masculinidad y género en diversos grupos poblacionales*, livro peruano; *Género y poder*, livro da cubana Isabel Rauber publicado por uma editora Argentina. No Brasil as produções latino-americanas que foram registradas pelo depósito legal, comercializadas entre anos 1970 e 1990 foram: *El tiempo de la mujer*, *La sexualidad del feminismo: biología o cultura?* e *Literatura y diferencia: escritoras colombianas del siglo XX*, publicações colombianas; *Mujeres en la literatura*, produção mexicana da autora estadunidense Beth Miller; e *El feminismo* edição mexicana do livro da autora francesa Andrée Michel; *Para uma ciência da libertação da mulher*, tradução da autora cubana Isabel Largaia; *La mujer fragmentada: historias de un signo*, publicação de Cuba; *Se me deixam falar: depoimento de uma mineira boliviana*, de Domitila Barrios de Chungara; e *A igreja em crise: questões pendentes para seu terceiro milênio*, edição uruguaia.

A avaliação desse mecanismo de registro de produções comercializadas nos dois países concluiu que esse sistema não garantiu a arrecadação de grande parte do material pelo qual era responsável. Sem um mecanismo de controle eficaz, livros são coletados pelas instituições

a partir da iniciativa das próprias editoras e das autoras e autores que realizam a doação, sem que as leis que estabelecem cobranças de multas atuem sobre o não cumprimento das regulamentações estabelecidas pelo depósito legal. Para além das considerações gerais sobre esse sistema de controle dentro da área de pesquisa ligada aos estudos de mulheres, feminismo e de gênero encontramos uma série de publicações que não corresponde propriamente às temáticas ligadas a esse campo de conhecimento. Ou seja, há diversos livros em que temos palavras como mulheres associadas ao mecanismo de busca das instituições, mas que não tratam de temáticas pertinentes ao campo. Outra consideração relevante em torno dessa investigação diz respeito à ausência de obras consideradas referenciais de pesquisa. Autoras e autores que são citadas de forma recorrente dentro do campo dos estudos feministas não constam, ou não se encontram registradas, nos catálogos das referidas bibliotecas. Essas são considerações que questionam a relevância desse material encontrado como único instrumento de avaliação das viagens de uma produção da América Latina pela Argentina e pelo Brasil, mas também promovem reflexões em torno desse mecanismo que tem como premissa salvaguardar o material bibliográfico produzido, traduzido e comercializado nacionalmente.

Além do levantamento feito através do depósito legal, no terceiro capítulo procuramos realizar uma investigação em periódicos feministas identificando a produção bibliográfica latino-americana que, seja traduzida ou não, circulou pelos territórios argentino e brasileiro desde a criação dessas publicações até o final da década de 1990. Nesse material, diferente do encontrado no depósito legal, foram registrados textos, autoras e autores, que figuram como referenciais nesse campo de estudos, provenientes de diferentes nacionalidades, e é com base nesse levantamento que realizo uma análise nesta parte do trabalho sobre as produções que viajaram por dois países da América Latina.

Mesmo diante da suposta representatividade desse material em relação ao depósito legal, em ambos os casos o que temos são recortes no intuito de mapear os fluxos de saberes em distintos períodos, percebendo as discontinuidades desse processo de circulação. Além de um contexto globalizado, de grande mobilidade dos sujeitos e de suas produções, aliado a própria consolidação desse campo a partir dos anos 1990, tanto na Argentina como no Brasil os periódicos representaram a sociabilidade dos microcosmos do debate intelectual ligado aos estudos

feministas e de gênero²⁷⁴. É com base nessa consideração que busquei aqui analisar esses conhecimentos que tiveram seus itinerários traçados anteriormente.

Assim, este quarto capítulo buscou analisar as características das ideias que atravessaram fronteiras dentro de um Eixo-Sul, representadas aqui por textos latino-americanos encontrados nas publicações brasileiras *Cadernos Pagu* e Revista *Estudos Feministas*, e nas revistas argentinas *Feminaria* e *Mora*, objeto do levantamento realizado no capítulo anterior. Buscando a padronização a fim de estabelecer uma análise também comparativa do material encontrado, esta parte do trabalho utilizou como fonte as publicações, considerando apenas os artigos, ensaios e relatos de experiências lançados até o ano de 1999, identificando os locais de saber de onde provêm essas ideias, suas/seus autoras/es, as temáticas abordadas por essas publicações, bem como as referências teóricas utilizadas no seu desenvolvimento. Foram aqui, problematizados os lugares discursivos buscando relacionar as obras e as referências bibliográficas em um exercício reflexivo sobre as semelhanças e diferenças desses saberes estrangeiros aos contextos argentinos e brasileiros.

As trajetórias desses sujeitos do enunciado, que compuseram uma comunidade intelectual ligada aos conhecimentos feministas e os estudos de gênero que circularam entre Eixos-Sul demarcaram essa geração de autoras e autores em suas similaridades e diferenças. Esses exercícios prosopográficos trouxeram os elementos que envolveram a produção desses saberes, e também os constituiu, evidenciando o sujeito autoral em relação ao discurso²⁷⁵. Os recortes temáticos, a forma como esses debates foram conduzidos e as perspectivas adotadas expuseram as características desses materiais migrantes e ajudaram a definir esse campo intelectual. Ainda, os referenciais bibliográficos utilizados, assim como a análise dos textos, trouxeram vestígios dos diálogos instituídos. Esses apresentaram os itinerários e as negociações de saberes internos a esse conhecimento. Dessa forma, este capítulo explorou distintas instâncias que formaram a produção textual latino-

²⁷⁴ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 247.

²⁷⁵ Sobre a relação entre análise do discurso e a história intelectual, ver: HARLAN, David. A história intelectual e o retorno da literatura. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (org.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000. p. 15-62.

americana migrante com base em um recorte territorial (Argentina e Brasil) estabelecendo um exercício epistemológico.

Retomando todo o material levantado, na Argentina encontramos o texto da brasileira Ana Luiza Andrade²⁷⁶, *La poética caníbal de Clarice Lispector: del sauce de Rober a la sangre bruta*, publicado na revista *Mora*; o texto da equatoriana Marena Briones Velastegui, *Redescubriendo el significado del poder*; a chilena Eliana Ortega, com *Radio Terra*; a chilena Lucía Guerra Cunningham, com *Alternativas ideológicas del feminismo latino-americano*; e *Diva, divina, dividida*, da chilena Guadalupe Santa Cruz, esses últimos, todos publicados na revista *Feminaria*. No Brasil o número de textos latino-americanos publicados nos periódicos feministas é consideravelmente maior. Na Revista *Estudos Feministas* tratam-se dos artigos *Las Mujeres en la Democratización Social*, da argentina Beatriz Schmukler; *Una Mirada del Proceso Hacia Beijing*, da peruana Virginia Vargas; *Familia y Género: notas para el debate* e *Mulheres e Direitos Humanos*, ambos da argentina Elizabeth Jelin; *¿Primeiro...las Damas? La situación de la mujer frente a propuesta del ingreso ciudadano*, da argentina Laura C. Pautassi; *Feminismos Latinoamericanos* de Sonia Alvarez; e dois textos da seção Ponto de Vista: a publicação em coautoria entre a brasileira Sônia Correa, a chilena Marisa Matamala, a peruana Nancy Palomino e a argentina Silvina Ramos, intitulada *As Aventuras e o Consenso do Movimento Feminista no Caminho para o Cairo*; e *Máscaras y Posdatas – estrategia femenina en la rebelión indígena de Chiapas*, de Marisa Belausteguigoitia Rius. Em *Cadernos Pagu* os artigos que viajaram para o contexto brasileiro são *O senhor nos libertou: gênero, família e fundamentalismo*, da argentina Mónica Tarducci, e *Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher*, do mexicano Alejandro Cervantes Carson. Ainda é possível mencionar na seção “Documento” a publicação *Trabalho, poder e sexualidade: histórias e valores femininos* de Martha Patricia Ponce Jiménez. Assim, é por meio dessas produções textuais que compõem a análise estabelecida neste capítulo, que procuro traçar uma espécie de perfil da produção latino-americana, bem como as especificidades das viagens estabelecidas em cada país.

²⁷⁶ Relembro que a grafia dos nomes das autoras e autores ao longo do trabalho segue a utilizada pela fonte. No caso dos artigos analisados neste capítulo segue a forma do nome adotada pelos periódicos e, no caso das citações, a grafia das notas e referências bibliográficas.

5.1 PERCURSOS DOS SABERES QUE APORTARAM NA ARGENTINA

*Redescubriendo el significado del poder*²⁷⁷, da equatoriana Marena Briones Velastegui, foi divulgado na edição número 7 de 1991 (Ano IV) e representou a primeira publicação de uma autora latino-americana não argentina, desde o lançamento da revista *Feminaria*, no ano de 1988. Ainda na mesma edição temos a publicação do texto *Desarrollo, ecología y mujer* da indiana Vandana Shiva, traduzido por Alicia Genzano; provavelmente incentivada pela visibilidade da autora que, no período, era líder do *International Forum on Globalization* e integrante do Movimento de Mulheres de Chipko, grupo conhecido pela estratégia de se amarrarem às árvores evitando suas derrubadas.

Marena Briones Velastegui, assim como Vandana Shiva, era militante em movimentos sociais em seu país de origem, o que pode ter sido um elemento de seleção do material a ser publicado na *Feminaria*. Advogada no Equador, Marena era integrante do *Movimiento de Mujeres en Guayaquil*, grupo formado desde 1989 e que, embora buscasse alcance nacional, sua atuação ficou restrita à região a que pertencia. O grupo esteve arregimentado em torno da denuncia de violência contra as mulheres, do estabelecimento de redes comunitárias, da defesa do meio ambiente, de questões ligadas à saúde e do fornecimento de creches, principalmente em bairros menos favorecidos²⁷⁸. Sua atuação também esteve ligada ao *Centro Acción de Mujeres*, organização institucionalizada desde 1982 e associado a práticas assistencialistas diante de comunidades com dificuldade de acesso a serviços de saúde básica e a creches, trabalho realizado por pessoas de classe média. O *Centro* também foi pioneiro na divulgação, de forma pública e ampla, de métodos contraceptivos, apoiando a interrupção da gravidez. Nos anos de 1986 e 1987 organizou duas oficinas ligadas à reivindicação dos direitos das mulheres e contra o

²⁷⁷ VELASTEGUI, Marena Briones. Redescubriendo el significado del poder. Ano IV. n. 7, 1991. *Feminaria*. p.10-13.

²⁷⁸ Cf. MORA, Melania. El Movimiento de Mujeres en el Ecuador, el caso Quayaquil. *La Tendencia*. Revista de análises político. n. 2, 2005. pg. 53-62. Disponível em:

<http://flacsoandes.org/dspace/bitstream/10469/5082/1/RFLACSO-LT02-09-Mora.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2014.

patriarcado, nominadas *Encuentros Nacionales sobre la teoría feminista*.²⁷⁹

O texto publicado na edição número 7 da *Feminaria* foi apresentado no evento "Mulher e Poder", ocorrido em outubro de 1990 e organizado pela Fundação Friedrich Neumann, sediada na cidade de Lisboa, Portugal; um ano antes do lançamento da revista argentina. Algo importante a considerar diz respeito aos espaços de diálogo pelos quais os conhecimentos são negociados para assim serem publicados nos periódicos²⁸⁰. Ou seja, as informações relativas a esse evento que acabam demonstrando os locais por onde os saberes circularam, para assim serem acessados pelo comitê editorial do periódico, dizem respeito às relações estabelecidas com outras localidades ligadas ao mesmo campo de saber, sejam pessoais ou institucionais. Portugal, nesse caso, pode ter sido um espaço de circulação de alguma das integrantes da Revista, seja para a participação no "Mulher e Poder", seja pelo contato direto com participantes do mesmo, inclusive a própria autora da apresentação, mas que, independente do meio, tornou-se um saber conhecido pelas editoras da *Feminaria*.

O texto, assim como o evento, estabeleceu um estreito diálogo com o termo poder, não através de uma discussão epistemológica aprofundada do termo em si, mas suas implicações nas relações estabelecidas pelas mulheres na sociedade. Seu debate inicia com considerações sobre as especificidades ligadas às mulheres na América Latina e destaca o papel contra hegemônico exercido pelo feminismo em um projeto associado pela autora aos ideais da Revolução Francesa: de liberdade, de igualdade e de fraternidade²⁸¹.

Segundo essa análise, em algumas situações as quais as mulheres estão submetidas na sociedade o conceito de poder fica mais evidente: na reprodução dos esquemas de dominação; na negação de ocupação dos espaços públicos, representando o fracasso das mulheres em um âmbito social; e na negação do exercício do poder, em espaços de discurso, reforçando as estruturas patriarcais. Essas considerações em um primeiro momento associam o poder a uma noção de dominação. O termo possui um caráter de subjugação do sujeito em questão: as

²⁷⁹ Idem.

²⁸⁰ A esse respeito ver: APPADURAI, Arjun. Diálogo, Risco e Convivialidade. In: APPADURAI, Arjun (et.al.) *Podemos viver sem o outro?* As possibilidades e os limites da interculturalidade. Lisboa: Tinda da China, 2009. p. 22-38.

²⁸⁰ Ibidem. p. 24.

²⁸¹ VELASTEGUI, Marena Briones. Op. cit. p. 10.

mulheres. Contudo, Marena posteriormente explora a definição do termo e propõem o que seria uma releitura feminista do poder.

Utilizando como referência bibliográfica a *Enciclopedia Internacional de las Ciencias Sociales*²⁸², o poder é definido como a habilidade de se impor de forma eficaz constringendo as demais pessoas a aceitá-la caso necessário²⁸³. Essa é a conceitualização apresentada segundo referenciais bibliográficos, mas a definição não é encerrada a partir desse recorte. Para a autora há uma série de palavras que estariam ligadas ao termo como, por exemplo, grupo, organização política, autoridade, força, liderança, o que nos leva a uma noção de poder muito mais ligada a uma capacidade de ação, agenciamento, do que dominação e subjugação.

Ainda sobre os referenciais utilizados, das únicas três bibliografias citadas através de nota de rodapé, todas elas se encontram no subtópico intitulado *El poder*, que busca estabelecer uma definição do mesmo. Esse, além de ser o caso do exemplo anteriormente mencionado, é o da classificação de diferentes formas a que ele assume nomeadas a partir do livro *Interacción humana y conducta social*, da coleção *Temas Claves*, edição espanhola da editora Savat, lançado em 1982. Segundo o texto parafraseado por Marena Briones Velastegui, o poder pode ser classificado como de recompensa, proporcionando algum benefício; referente, imitando o sujeito do poder; de especialista, que diz respeito à experiência; legítimo, que não tem sua influência questionada; ou coercitivo, que tem o poder de castigar. Com base nesse debate, traça o caminho para o que seriam os lugares de poder. É nesse tópico que estabelece sua última citação, do texto *Feministas y política*²⁸⁴, da socióloga e ativista feminista chilena Julieta Kirkwood, lançado no número 78 (julho- agosto de 1985) na *Revista Nueva Sociedad*. Sem estabelecer citação direta da referência acima mencionada, a autora

²⁸² Nessa ocasião é estabelecida uma nota de rodapé da referida bibliografia sem nenhuma informação adicional sobre a publicação: edição, ano, local, página, etc.

²⁸³ VELASTEGUI, Marena Briones. Op. cit. p. 10. Tradução livre do trecho: Consiste en la habilidad para imponer eficazmente la voluntad propia constringiendo a las demás personas a aceptarla en caso necesario.

²⁸⁴ Na referência descrita no texto de Marena constam apenas as informações acima descritas. Contudo, é possível consultar o texto na internet: KIRKWOOD, Julieta. *Feministas y políticas*. *Nueva sociedad*. Democracia y política en América Latina. n. 78, 1985. p. 62-70. Disponível em: http://www.nuso.org/upload/articulos/1291_1.pdf. Acesso em: 20 de dezembro de 2013.

discorre sobre as multiplicidades das relações de poder que perpassam os núcleos familiares, os meios de comunicação, os movimentos sociais, entre outras instâncias tais quais as relações pessoais e as que se estabelecem entre público, político e o Estado.

Para além das citações que compõem as notas de rodapé o texto ainda faz menção a autoras sem que propriamente haja descrição do texto a que se refere. Isso ocorre com a equatoriana ligada ao movimento feminista Dolores Padilla, ao utilizar o termo "*tiempo presencia*"²⁸⁵, estabelecendo associação com seu debate; e com a já referenciada Julieta Kirkwood, ao fazer uso de uma frase *ipsis litteris* para formar a conclusão dessa parte do texto: *tomarse el poder es tomarse la acción, la idea y el acto*²⁸⁶. Embora não haja menção, esse trecho citado faz parte do artigo que consta nas notas de rodapé.

Constituindo considerações sobre a experiência equatoriana em relação ao movimento de mulheres e movimento feminista, mas com um discurso amplo em relação aos feminismos na América Latina, Marena Briones Velastegui procurou estabelecer propostas que ressignificassem o poder no intuito de conquistar equidade para as mulheres na sociedade. Assim, propõem a criação de teorias a partir de outras bases, que não impliquem em hierarquias de importância; que promovam lideranças sem que outras pessoas sejam subjugadas; que os grupos respeitem diferentes dinâmicas de funcionamento; que dialoguem com avanços e retrocessos em relação aos objetivos de cada organização; que tenham responsabilidade para tomar decisões e arcar com suas consequências; e que o respeito e os laços estabelecidos rompam com o poder. Essas são propostas da autora que valorizam um aspecto comunitário do feminismo na promoção de transformações sociais e de "*un mundo mejor*", com base na ressignificação do termo poder, promovendo uma democracia alternativa.

Com um texto reflexivo, que esboça possibilidades aos movimentos de mulheres, Marena traz como referência direta apenas um determinado material bibliográfico: o texto de Kirkwood. Essa característica diz respeito à própria origem do material que compunha uma das apresentações realizadas no encontro "Mulher e Poder", portanto ligada a padrões acadêmicos. Em contrapartida no texto de Eliana Ortega, intitulado *Radio Terra*²⁸⁷, a narrativa possui uma

²⁸⁵ PADILLA, Dolores. Apud.: VELASTEGUI, Marena Briones. Op. cit. p. 11.

²⁸⁶ KIRKWOOD, Julieta. Apud.: VELASTEGUI, Marena Briones. Op. cit. p.

12.

²⁸⁷ ORTEGA, Eliana. Radio Terra. *Feminaria*. Ano IV. n. 7, 1991 p. 32.

característica informativa e não há qualquer referência às outras/os autoras/es, seja em notas de rodapé ou no corpo do texto.

O texto da chilena Eliana Ortega foi publicado na mesma edição do texto de Marena Briones Velastegui e Vandana Shiva, número 7 de agosto de 1991, configurando uma quantidade considerável de produções de Terceiro Mundo não argentinas na revista *Feminaria*; algo que não havia ocorrido desde seu lançamento em 1988. Ortega, ligada à poesia, fez parte da organização do *Congreso Internacional de Literatura Femenina Latinoamericana*, realizado pela primeira vez em 17 de agosto de 1987, e que contou com o apoio de uma série de feministas ligadas ao campo acadêmico no país como Carmen Berengue, Damiela Eltit, Lúcia Guerra (Cunningham), Ida Vitale e Nelly Richard²⁸⁸. A primeira edição desse evento foi importante, pois através dele emergiram as primeiras formulações do pensamento crítico e teórico no Chile, ligado às mulheres e à prática feminista²⁸⁹.

Jacicarla Souza da Silva, em livro intitulado *Vozes femininas da poesia latino-americana*, destaca que a partir da segunda metade da década de 1980 são estabelecidas as primeiras reflexões mais aprofundadas de uma crítica feminista na América Latina. Cita, que o livro organizado por Patricia Elena Ginzález e Eliana Ortega, *La sartén por el mango*, lançado em 1985, juntamente com o livro de Sylvia Molloy e Beatriz Sarlo, *Women's writing in Latin American* (1991), são pioneiros dentro dessa conjuntura por promoverem uma releitura de teóricas feministas anglo-americanas e francesas a partir das especificidades políticas, étnicas e sociais do Terceiro Mundo²⁹⁰. Esses elementos apresentam um perfil ligado ao feminismo inserido no universo acadêmico por parte de Eliana e sua relevância dentro desse campo.

Com um anúncio em caixa alta na primeira frase, a todas as mulheres da América Latina, a autora declara que "*LA TIERRA ES*

²⁸⁸ Congreso Internacional de Literatura Femenina Latinoamericana. Memoria chilena. *Biblioteca Nacional de Chile*. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-92711.html> . Acesso em: 21 de dezembro de 2013.

²⁸⁹ HERRERA, Carol Elizabeth Arcos. Guadalupe Santa Cruz: la memoria en la ciudad. *Colectivo Lingua Quiltra*. Disponível em: <http://www.lettras.s5.com/>. Acesso em: 21 de dezembro de 2013.

²⁹⁰ SILVA, Jacicarla Souza da. *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org> . Acesso em: 21 de dezembro de 2013.

FEMINISTA"²⁹¹. Essa é a analogia à primeira rádio emissora organizada e formulada apenas por mulheres, no ar desde 31 de agosto de 1991, em Santiago do Chile. Conforme a autora, esse veículo de comunicação é enfatizado por seu caráter feminista, situado segundo reflexões latino-americanas e como uma estrutura interdisciplinar, compondo esse projeto uma série de perspectivas refletida na programação diversificada da rádio.

Conforme apresentação, essa iniciativa buscou dar voz às mulheres historicamente silenciadas, contando com correspondentes de setores e bairros populares. De forma geral, trouxe a narrativa de outros sujeitos, dando enfoque às mulheres e às diversidades, a fim de "romper com estereótipos dos feminismos recorrentes na mídia massiva"²⁹², conforme assinala Eliana Ortega. Ou seja, o projeto da Rádio, segundo narrativa, preza pelo protagonismo das mulheres na elaboração e circulação das notícias, característica que encontramos também no texto de Marena. O enfoque em uma identidade latino-americana dos feminismos, aqui estabelecidos pelas narrativas de uma autora chilena e uma equatoriana, se assemelham no que se refere à importância atribuída ao protagonismo feminino. A tomada de poder, o controle diante da narrativa, e a ocupação de espaços públicos, são elementos valorados seja no texto de Marena, que estabelece considerações sobre um determinado conceito, seja no texto de Eliana, que faz uma apresentação da Rádio.

Ainda como características comparativas dessas duas publicações, e que traçam caminhos discursivos sobre os feminismos na América Latina, temos o combate às estruturas patriarcais, o estabelecimento de soluções alternativas às desigualdades sociais e o realce dado ao caráter transgressor do feminismo. Esses são elementos que aparecem no texto anteriormente analisado e em *Radio Terra*, este último ao listar as pessoas que partilhavam as mesmas propostas da emissora de rádio: (...) *aquellas personas, varones y mujeres, que desde una postura crítica a la cultura occidental patriarcal, están reflexionando y articulando un discurso alternativo*²⁹³. A proposta feminista, nesse sentido é de que as bases do movimento não estejam sedimentadas em estruturas de dominação. Sobre o caráter transgressor, é nessa característica que as transformações sociais seriam articuladas tendo em vista a subversão dos modelos normativos e das desigualdades

²⁹¹ ORTEGA, Eliana. Op. cit. p. 32.

²⁹² Idem.

²⁹³ Idem.

sociais a que as mulheres estariam imersas através de uma transgressão criativa, produtora de algo fora dessas relações, por sua vez alternativo.

O texto ainda narra a escolha do nome da rádio, que designa também a publicação. Esse foi elencado a partir de debates e resultou em um nome que as conectou "(...) *con el pensamiento de las culturas originales de esta tierra.*"²⁹⁴, o que é ilustrado por Eliana Ortega com a citação de uma canção Mapuche²⁹⁵. A autora finaliza abordando a experiência radialística anterior do *Centro de Analisis y Difusión de la Condición de la Mujer La Morada*, a cooperação de organizações internacionais, como o Ministério de Relações Exteriores da Dinamarca, e informações sobre a equipe composta, na ocasião, na ocasião 20 mulheres ocupando diferentes cargos.

Na edição posterior a que foram lançados os textos até então analisados, número 8 de abril de 1992, a *Feminaria* publicou o terceiro texto de uma escritora estrangeira latino-americana: *Alternativas ideológicas del feminismo latinoamericano*²⁹⁶, da chilena Lucía Guerra Cunningham. Como mencionado anteriormente, a autora participou do *Congreso Internacional de Literatura Femenina Latinoamericana*, juntamente com Eliana Ortega, o que ilustra uma rede de relações dentro da área de letras no Chile, que circulou para além de seu território, tendo em vista que o texto aqui analisado foi publicado na Argentina e que a autora era, na ocasião, professora na Universidade da Califórnia, em Irvine. Estudiosa dessa área e da teorização da escrita de mulheres traduziu e publicou textos sobre a literata chilena María Luisa Bombal, que explorou a questão subjetiva das mulheres em suas obras, a qual Lucía chegou a conhecer. Traçou uma carreira literária recebendo uma série de prêmios, entre os quais o *Premio Plural* pelo ensaio *Identidad cultural y la problemática del Ser en la narrativa femenina latinoamericana*, em 1987, e pelo conto *La pasión de la virgen*, em 1989; o *Premio Letras de Oro de la Universidad de Miami y el Gobierno de España*, em 1991, pela coleção de contos *Frutos extraños*, e, em 1992, o *Premio Municipal de Literatura en Chile*²⁹⁷, pela mesma

²⁹⁴ Idem.

²⁹⁵ Povos indígenas de regiões chilenas e argentinas.

²⁹⁶ CUNNINGHAM, Lucia Guerra. Alternativas ideológicas del feminismo latinoamericano. *Feminaria*. Ano V. n. 8, 1992. p. 1-2.

²⁹⁷ BOLÍVAR, Rubí Carreño. Entrevista a Lucía Guerra: Sobre escrituras, feminismos y academias. *Nomadías*. Revista del Centro de Estudios de Género y Cultura de la América Latina. n. 11, 2010. p 211-225. Disponível em: <http://www.revistas.uchile.cl/index.php/NO/article/viewPDFInterstitial/15199/15611>. Acesso em: 22 de dezembro de 2013.

produção. Assim, é possível concluir que no período era uma autora de grande visibilidade quando teve seu texto publicado na *Feminaria* e, posteriormente, pois Lucía Guerra Cunningham é uma das duas autoras que aparece mais de uma vez no material pesquisado para esta tese, entre os livros investigados no depósito legal na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro²⁹⁸.

Entrando propriamente no texto, Lucía Guerra faz uso do conceito, também presentes nas autoras anteriormente mencionadas, "poder", discutido nas relações desiguais estabelecidas frente às mulheres na sociedade. Organiza uma reflexão sobre o feminismo na América Latina, dando destaque ao papel do corpo feminino.

Discorrendo sobre o obscurecimento das teorias feministas em relação a outras teorias, a autora trata do peso do patriarcado em relação aos estereótipos ligados às mulheres, principalmente das associadas ao feminismo. Exaltadas, escandalosas subversivas, das sufragistas às feministas do século XX, as mulheres tornaram-se alvo em meio a relações desiguais que as mutilam em estereótipos²⁹⁹. Contudo, é na relação entre os debates feministas de países como os Estados Unidos e a França com o contexto e as especificidades do feminismo na América Latina, que o argumento é desenvolvido pela autora. Abordando inicialmente a conjuntura dos feminismos, Lúcia Guerra trata das noções falocêntricas, etnocêntricas e teorias globalizantes, as quais correspondem o pensamento de países de Primeiro Mundo e que não dizem respeito ao que seriam as "nossas experiências". Para isso o corpo torna-se elemento central em que as relações sociais incidem: *De este modo, los recursos del cuerpo, verdadera matriz ideológica del pensamiento francés y norteamericano, resultan insuficientes y hasta esencialistas y biologizantes en un continente marcado por la represión política y la tortura*³⁰⁰. Assim, o corpo a partir das relações sociais estabelecidas em um contexto latino-americano deveria levar em conta o machismo, a tradição judaico-cristã, as ditaduras, que, entretanto, não apenas subjagam os sujeitos, mas estabelece atuações estratégicas. Segundo a autora, se por um lado o corpo feminino é povoado por representações, por outro se torna histórico e político em meio à imagem de um filho desaparecido. Se a ideia de maternidade pressupõe o

²⁹⁸ É o caso do livro de Lucia Guerra Cunningham intitulado *La mujer fragmentada: historias de un signo*, editado em 1994 na cidade de Havana.

²⁹⁹ CUNNINGHAM, Lucia Guerra. Op. cit. p. 01.

³⁰⁰ Ibidem. p. 02.

encerramento no lar, manifestações como as das Mães da Praça de Maio tornaram-se símbolo de resistência política.

Nesse sentido, o texto da autora chilena é uma crítica ao que ela considera uma "assimilação problemática" de questões que dizem respeito a outras conjunturas, não para que essas sejam abandonadas, mas "recicladas" segundo uma experiência de violência e expropriação. Finalizando o texto, Lucía Guerra traça uma série de alternativas aos feminismos enquanto movimentos sociais tais quais: sua constante historização levando em conta os complexos conceitos de raça e estratificação social; o direito em relação ao corpo, manipulado pela mídia, garantindo o direito ao aborto e mesmo ao ritmo de trabalho que não considera as especificidades das mulheres; a promoção de uma efetiva comunicação e solidariedade que eliminasse as hierarquias de poder, tal qual a estabelecida pelo patriarcado. Em relação às bibliografias utilizadas para estabelecer esse debate não há o uso de notas de rodapé ou listagem das referências das mesmas. O que encontramos em *Alternativas ideológicas del feminismo latinoamericano* é a menção a uma série de autoras e autores sejam ligados especificamente ao debate feminista ou a teorias das Ciências Humanas. Em Simone de Beauvoir e na citação conjunta de Luce Irigaray, Julia Kristeva y Hélène Cixoux a autora utiliza as referidas escritoras como referenciais do pensamento feminista fora da América Latina: (...) *durante la década de los setenta, los discursos feministas franceses y norteamericanos surgieron como voces dominantes, bajo la batuta señera del pensamiento de Simone de Beauvoir*³⁰¹. Ao citar as várias autoras o que é narrado como pensamento dominante no feminismo é destacado:

*Dentro de este contexto periférico donde lo europeo es el centro dominante superpuesto, los planteamientos revolucionarios de Luce Irigaray, Julia Kristeva y Helénè Cixoux se transforman en punto de partida de otras espirales engendradas por una asimilación problemática y no lineal del conocimiento feminista contemporáneo*³⁰².

Sobre esse ponto, relembro que essas são algumas das autoras estrangeiras que compõem o levantamento realizado nos periódicos e mesmo no depósito legal. Luce Irigaray, consta no acervo da *Biblioteca*

³⁰¹ Ibidem. p. 01.

³⁰² Ibidem. p. 02.

do *Congreso de la Nación Argentina* com o livro *Amo a ti*³⁰³, e Hélène Cixous teve seu texto *La venida a la escritura* publicado no número 4 da revista *Feminaria*. Temos nesse caso a identificação de saberes produzidos por autoras com maior mobilidade, mas que no trabalho de Lucia Guerra assume uma crítica frente a “assimilação problemática” das mesmas.

As menções a autores como Sor Juana Inés de la Cruz³⁰⁴, Octavio Paz³⁰⁵, André Breton³⁰⁶ e uma segunda menção à Julia Kristeva³⁰⁷ são realizadas de forma a remeter a outros debates que não propriamente encontram-se no texto. São os casos, por exemplo, dos trechos (...) *como postula Julia Kristeva* (...) e *Recurso que ya utilizara André Breton* (...), em que não há propriamente a explanação das ideias ou das obras que as constam, mas que, no entanto, remetem a uma discussão que é considerada consensualmente conhecida do público leitor a que o texto se destina. Em contrapartida, no caso onde a autora referencia Jacques Derrida³⁰⁸ há a descrição do argumento do autor que é utilizado como referencial para explicar que o processo de desconstrução anula as oposições binárias entre feminino e masculino.

Ella Shohat assinala a importância dos debates de Nelly Richards, Wahneema Lubiano, Inderpal Grewal, Caren Kapla, que sugerem que as teorias “pós” (pós-modernas, pós-estruturalistas, pós-coloniais) foram importante para as *women of color* e para as mulheres de Terceiro Mundo por fornecerem ferramentas aos projetos multiculturalista, desenvolvendo um pensamento anticolonial contra as narrativas hegemônicas³⁰⁹. Em outro movimento contemporâneo temos, por exemplo, a perspectiva de Julieta Elisa Paredes Carvajal, feminista comunitária boliviana, que afastada de qualquer noção “pós”, se autodenomina opositora do feminismo ocidental, propondo uma leitura histórica que não se baseia nos marcos temporais da colonização no intuito de fugir do que é considerado por ela o sistema de opressão máximo de todas as comunidades em diversos contextos: o

³⁰³ Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1994.

³⁰⁴ Poetisa, dramaturga e religiosa católica do século XVII.

³⁰⁵ Poeta e ensaísta mexicano, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1990.

³⁰⁶ Escritor francês, teórico do surrealismo.

³⁰⁷ Filósofa e psicanalista feminista nascida na Bulgária.

³⁰⁸ Filósofo francês ligado a perspectiva da desconstrução.

³⁰⁹ SHOHAT, Ella. Area Studies, Gender Studies and the Cartographies of Knowledge. *Social Text*. 72, 20 (3), 2002. p. 67-78.

patriarcado³¹⁰. Essas são perspectivas distintas, mas que trabalham em torno do que seriam definições de problemáticas específicas aos feminismos de Terceiro Mundo, em que se encontram inseridas as discussões latino-americanas. Ainda é possível listar uma série de exercícios em torno de definições do que seria um feminismo de Terceiro Mundo, o que Chela Sandoval³¹¹ aglutina em seu trabalho tratando dos debates realizados no contexto dos Estados Unidos. Dessa forma, autoras como Gloria Anzaldúa, Aída Hurtado, Chandra Talpade Mohanty são trazidas no intuito de apresentarem as negociações e questões pertinentes a essa comunidade.

O que perpassa os referenciais acima listados como características desse contexto de Terceiro Mundo são as questões étnico-raciais e a subordinação desses espaços em uma lógica global. Nos textos levantados para esta pesquisa essas características estão presentes, assim como o combate ao patriarcado e às relações sociais desiguais, por exemplo, juntamente com temáticas que não são particulares a esse Terceiro Mundo. Merlin Stone, na década de 1970, discutiu o patriarcado a partir da investigação religiosa em torno de matrizes matriarcais³¹², nos Estados Unidos. Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*³¹³, em 1949 na França, levantou o tema das desigualdades entre mulheres e homens segundo os fatores biológicos, psicológicos, culturais e históricos. A feminista estadunidense bell hooks [sic.], na década de 1980³¹⁴, problematizou o posicionamento das mulheres negras na sociedade e estabeleceu críticas aos “feminismos brancos”. Esses são apenas alguns exemplos que mostram que, apesar de uma escrita voltada aos contextos latino-americanos, esses trabalhos

³¹⁰ CARVAJAL, Julieta Elisa Paredes. Mesa-redonda Feminismos Latino-Americanos e os Debates Descoloniais: Possibilidades e Desafios. *Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 17 de setembro de 2013. (Anotações pessoais).

³¹¹ SANDOVAL, Chela. U.S. Third World Feminism: Differential Social Movement. In: *Methodology of the Oppressed*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2000. p. 40-63.

³¹² STONE, Merlin. *When God Was a Woman*. New York: The Dial Press, 1976.

³¹³ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nove Fronteira, 1980.

³¹⁴ Entre suas produções desse período estão *Ain't I a woman: Black women and feminism* (1981), *Feminist theory: From margin to center* (1984) e *Talking back: Thinking feminist, thinking black* (1989). A esse respeito ver: *Feminist theory in practice: an interview with bell hooks*. In: *Women's Studies International Forum*. v. 16. n. 4, 1993. p. 419-425.

publicados nos periódicos que analiso neste capítulo estão em diálogo com outros espaços. Não se trata de atribuir uma origem ao debate da América Latina a contextos europeus e estadunidenses, mas de mostrar que nesse exercício de relato das experiências não há uma delimitação clara do que é interno ou externo.

O último texto encontrado na revista *Feminaria* de uma autora latino-americana dentro do recorte temporal a que se propõe esta tese foi publicado na edição número 19 de junho de 1997, cinco anos e onze edições após a publicação de Lucía Guerra Cunningham, não havendo nenhum outro até o ano de 1999. Esse foi o *Diva, divina, dividida*³¹⁵ de Guadalupe Santa Cruz que, embora nascida na cidade de Orange, nos Estados Unidos, possui uma trajetória profissional ligada ao Chile³¹⁶. Escritora, artista visual e licenciada em Formação de Adultos e Educação Permanente, Guadalupe possui novelas publicadas como *Salir* (1989) e *Cita Capital* (1992), atenta à problematização e discussão sobre o feminino, sendo também coautora do livro *Un indecente deseo. Escuela de formación de mujeres. Metodología* (1995), juntamente com Victoria Hurtado e Alejandra Valdés³¹⁷.

As temáticas explorada pelo texto são reflexões em torno de oficinas de línguas realizadas na *Federación Sindicales Territoriales* e na *Escuela de Líderes del Instituto de Mujer*, oferecida à mulheres que ocupavam cargos de direção em instituições, mas também enfermeiras, assistentes sociais, trabalhadoras do sistema de metrô, advogadas, universitárias, secretárias, entre as mais diversas áreas de atuação profissional. Embora não haja menção à localidade em que essas oficinas ocorreram, por meio de alguns elementos contidos no texto é possível pressupor que essa é uma experiência chilena, ainda que as datas sejam desconhecidas.

Embora a base seja a experiência pessoal, elas não figuram no texto em forma de citação, que realiza uma reflexão teórica instigada a partir da vivência nessas oficinas. A problematização da fala, da voz, do ato de narrar a partir, principalmente, das mulheres se torna central no texto de Guadalupe Santa Cruz. O movimento de escrita da autora é de descrição dos aspectos subjetivos ligados a essa experiência. Assim, descreve que o corpo da mulher, submetida à vivência da fala no espaço público é como uma exposição a uma força centrífuga desintegradora.

³¹⁵ CRUZ, Guadalupe Santa. *Diva, divina, dividida*. *Feminaria*. Ano X. n. 10, 1997. p. 21-24.

³¹⁶ HERRERA, Carol Elizabeth Arcos. Op. cit.

³¹⁷ CRUZ, Guadalupe Santa. Op. cit. p. 01.

Para autora, falar, nesse contexto, é algo devorador, segundo a psicanálise, além de remeter a questões identitárias. Dessa forma, o corpo e a pele, considerada no caso feminino como de proteção ineficaz, são abordados como analogias das relações sociais estabelecidas por elas em situações de vulnerabilidade. As atividades realizadas por meio da associação a objetos significantes para cada sujeito são apresentadas na narrativa das oficinas. Esses exercícios trazem as representações desejáveis de si, mas que, segundo leitura de Guadalupe Santa Cruz, são rompidas em movimentos de autodesvalorização ao longo das dinâmicas.

O olhar e o corpo analisado no olhar do outro trazem à tona a preocupação das mulheres com a questão física, segundo o argumento do texto. Sua atuação nos espaços públicos expõe esse corpo e mostram, o que a autora nomeia, como seus “pés de barro”. Dentro desse mesmo enfoque são mencionadas obras literárias em que as mulheres transitam fora do ambiente privado, ultrapassando os limites de seu encerramento e desenhando sua fala nos espaços das cidades. São essas *Lumpérica*, *Estadio en Silencio*, *La tercera mitad*, *La ciudad cercada* e *Cita Capital*, as quais todas possuem suas autoras listadas em nota de rodapé – respectivamente a chilena Diamela Eltit, a brasileira Clarice Lispector, a argentina Liliana Heer, a chilena María Isabel Amor e Guadalupe Santa Cruz³¹⁸.

Para ilustrar essas mulheres da fala, que busca na escrita sua força, Guadalupe não cita propriamente obras, mas autoras de renome dentro do campo da literatura. Inclusive para fazer a analogia entre a escrita e a voz, considerando-a a "coluna vertebral" da fala, cita Marguerite Duras, escritora, diretora e produtora de filmes nascida na cidade de Ho Chi Minh, colônia francesa da região que seria atualmente o Vietnã. Listando todas elas, sequencialmente, são Virgínia Woolf³¹⁹, Agatha Christof³²⁰, Clarice Lispector³²¹, novamente Marguerite Duras, Suzane Jacob³²² e Luisa Valenzuela³²³, nesse último caso citando a obra da autora *Cambio de armas*³²⁴.

³¹⁸ Nos casos aqui listados não há menção às editoras ou anos de publicação das obras.

³¹⁹ Escritora e ensaísta britânica, figura importante para o Modernismo e para o feminismo por sua obra *Um quarto todo seu*.

³²⁰ Agatha Christof ou Ágota Kristóf foi uma escritora Húngara, com produção em língua francesa.

³²¹ Escritora e jornalista reconhecida por sua produção no Brasil, embora nascida na Ucrânia.

³²² Suzane Jacob ou Suzanne Jacob, poetisa e romancista canadense.

As demais referências contidas no texto, algumas delas notas explicativas inclusive sinalizando os trechos parafraseados, constam nas referências bibliográficas tais quais os modelos acadêmicos de citação: autoria, título do livro, editora, periódico, número, volume, localidade e ano de publicação. Assim, são retomados alguns dos nomes já mencionados – como o caso de Diamela Eltit e seu livro *Lumpérica*, publicado pela Editora *Las Ediciones del Oenitorrinco* em Santiago, no ano de 1983 – e referenciadas outras produções textuais como *En breve cárcel*³²⁵ de Silvia Molloy³²⁶, *Fragmentos para una historia del cuerpo humano*³²⁷ de Jean-Pierre Vernant³²⁸, *La conciencia del ojo*³²⁹ de Richard Sennert³³⁰, *El hombre, esclavo o dueño del tiempo*³³¹ de Verónica Petrowisch, *Espacio y género*³³² de Olga Segovia³³³, *La crítica literária feminista y la escritora en la América Latina*³³⁴ de Sara Castro-Klaren³³⁵, *La esquizia ojo-mirada en Río Subterráneo* de Inés Arredondo³³⁶ de Ana Bundgard³³⁷, *Simple placeres*³³⁸ de Nadia Prado³³⁹, *Supermadre, Women and Politics in Latin America*³⁴⁰ de Elsa

³²³ Novelista argentina nascida em Buenos Aires.

³²⁴ Não constam as referências do livro. Entretanto, algumas das edições em língua espanhola são: Hanover em 1982 e as reimpressões do México, pela Martín Casilla Editores no mesmo ano e Buenos Aires, pelo Editorial Norma em 2004.

³²⁵ Barcelona: Seix Barral, 1981.

³²⁶ Novelista argentina.

³²⁷ M. Feher, R. Naddaff e N. Tazi editores, Madri: Taurus, 1990.

³²⁸ Historiador e antropólogo francês.

³²⁹ Barcelona: Versal, 1991.

³³⁰ Richard Sennert ou Richard Sennett, sociólogo e historiador estadunidense.

³³¹ *El Gallo Ilustrado*. n. 1160. México, 1984.

³³² *Proposiciones*. n. 21. Santiago, 1992.

³³³ Escritora e militante feminista chilena.

³³⁴ *La sartén por el mango*. Puerto Rico: Ed. Huracán, 1985.

³³⁵ Estudiosa de questões latino-americanas, nascida no Peru e com atuação profissional nos Estados Unidos.

³³⁶ *Mujer y literatura mexicana y chicana*. México: El Colegio de México/ El Colegio de la Frontera Norte, 1990.

³³⁷ Professora do *Department of Aesthetics and Communication - Spanish*, na Aarhus University, Dinamarca.

³³⁸ Cuarto Propio, 1992.

³³⁹ Filósofa e poeta chilena.

³⁴⁰ University of Texas Press, 1979.

Chaney³⁴¹ e *Tatuaje*³⁴² de Marina Arrate³⁴³. Sobre as referências é possível concluir que, no que concernem os debates ligados às Ciências Humanas, temos como suporte bibliografias europeias e estadunidenses. Contudo, em relação às obras literárias e suas autoras, as referências estão centradas em países latino-americanos, o que corresponde a maior parte do material utilizado no texto de Guadalupe Santa Cruz. Esse, diferente da grande maioria dos textos publicados na revista *Feminaria*, possui um maior número de citações e faz uso das notas de rodapé segundo moldes acadêmicos. Entretanto, essa não é propriamente uma característica desse periódico, que apresenta um material que intercala entre textos publicados em outros periódicos, alguns deles traduzidos, ensaios, relatos de experiências, além de um grande espaço dedicado à literatura, com um caderno especial. Esse molde traça o perfil da *Feminaria* como destinado a um público mais amplo, interessado nas temáticas ligadas aos movimentos de mulheres e feministas sem o rigor dos moldes acadêmicos solicitados às publicações que recebem recursos de organismos financiadores. Esse seria o caso da revista *Mora*, sediada em uma instituição de ensino superior e com uma formatação padronizada, seja em relação ao tamanho dos textos, seja em relação à citação das referências bibliográficas, algo que também acontece com os periódicos *Pagu* e *Revista Estudos Feministas*. O que pode ser levado em conta na distinção desses três periódicos com a *Feminaria* são os anos de criação das mesmas. *Feminaria* teve seu primeiro número lançado em 1988, década em que o campo de estudos ligados aos feminismos se inseria no meio acadêmico e a experiência em torno desse movimento diante da ditadura militar ainda estava muito presente. Já na década de 1990, período em que são criadas a revista *Mora*, *Pagu* e *REF*, havia a necessidade de consolidação dos estudos de mulheres de gênero no âmbito acadêmico, além da adequação das produções para atender às demandas dos organismos financiados dentro das áreas de conhecimento, inclusive das Ciências Humanas.

No texto de Marena Briones Velastegui existem apenas três notas de rodapé, no texto de Eliana Ortega nenhuma, assim como do texto de Lucía Guerra Cunningham. No texto de Guadalupe Santa Cruz há dezoito citações, e dessa forma, os diálogos estabelecidos pela autora puderam ser identificados. Como característica textual, todas as autoras

³⁴¹ Pesquisadora das áreas de mulheres agricultoras e silviculturas, mulheres em migração e serviço doméstico, com atuação profissional nos Estados Unidos.

³⁴² Ediciones del Mirado, 1992.

³⁴³ Poeta chilena.

estrangeiras ao contexto argentino, remetem a debates, que, de diferentes formas, apontam para especificidades ligadas aos feminismos latino-americanos. Acrescido a isso temos a preocupação com determinadas questões como as relações de poder e a problemática do corpo, por exemplo, temas que não são propriamente exclusivos dos territórios a que esses escritos se referem. Nesse sentido, os textos em trânsito nesse recorte do Eixo-Sul apresentam elementos que extrapolam essas fronteiras, para além das possíveis citações, ou, ainda, um saber situado nesse glocal³⁴⁴. Essas características voltadas a demandas feministas não encontramos no único texto de uma autora da América Latina que consta na revista *Mora* desde seu lançamento, no ano de 1995, até 1999. A brasileira Ana Luiza Andrade, professora do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina, publicou na edição número 3 um trabalho que traz elementos de sua formação acadêmica: ligada às áreas de literatura brasileira, teoria literária e literatura comparada. Outra característica trata da territorialidade desse saber, que no caso da pesquisadora aqui analisada, discute uma autora ligada ao contexto brasileiro, espaço de atuação de Ana Luiza.

Nos textos da *Feminaria* não há tradução, ou pelo menos não há indicação de que tenha sido realizada qualquer tradução, destacando que estamos tratando de intercâmbios entre autoras de países que falam o espanhol: Equador, Chile e Argentina. No texto da revista *Mora* há uma nota de rodapé agradecendo o auxílio fornecido por meio da tradução de Mariana Drocchi Cezar de Andrade, possivelmente parente da autora, tendo em vista que o nome completo da mesma, disponível no sistema e consultas do CNPq aos currículos é Ana Luiza Britto Cezar de Andrade. Isso demonstra que a iniciativa de tradução do material, que estaria inicialmente em português, foi da própria escritora. Essa característica possivelmente viabilizou a circulação do material pelo território argentino uma vez que nem todas as pessoas possuem afinidade com outras línguas. Contudo, em publicações de textos de autoras estadunidenses e europeias, seja na *Feminaria*, seja na *Mora*, a tradução até o ano de 1999 foi um trabalho encontrado como atribuído ao corpo editorial dos periódicos. Acrescido a isso, pelo menos nos artigos e ensaios, não encontramos na *Feminaria* a publicação em outros idiomas que não seja o espanhol.

³⁴⁴ A esse respeito ver: BEYNON, John. DUNKERLEY, David. General Introduction. In: BEYNON, J. DUNKERLEY, D. *Globalization: The Reader*. Routledge: New York, 2000. p. 21.

*La poética canibal de Clarice Lispector: del sauce Robert a la sagre bruta*³⁴⁵, de autoria de Ana Luiza Andrade, publicado no número 3 de agosto de 1997, encerra uma ordem cronológica dos materiais encontrados na investigação realizada sobre as produções estrangeiras latino-americanas que viajaram para o contexto argentino entre as décadas de 1980 e 1990 em dois periódicos feministas. A partir da obra de Clarice Lispector, Ana Luiza estabeleceu um debate com alguns de seus textos sem que as informações sobre esse recorte analítico fiquem explícitas. Entre esses materiais estão *Água viva*, *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, *Onde Estivestes de Noite*, *Paixão Segundo GH*, *A Via Crucis do Corpo*, *A Hora da Estrela*, *A Menor Mulher do Mundo* e *Feira de Utilidades*, coluna em que autora assinava com o codinomes Helen Palmer publicadas no *Correio da Manhã*³⁴⁶, entre outros exemplos.

Com uma introdução ao conceito de incorporação, que por si já pressupõem incorporar o corpo, inicialmente o texto se debruça sobre o ato de comer e ser comido, o que leva ao termo chave do artigo: o canibalismo. O "corpus fragmentário", que nesse caso trata-se de Clarice Lispector, realiza um processo de apropriação, que no texto de Ana Luiza assume o tom produtivo de nutrição. Esse canibalismo textual atravessa estilos, obras e escritores e, segundo a autora brasileira, não cria histórias propriamente novas, mas reescritas, em uma renovação desses fragmentos. As análises estão na associação de *A Hora da Estrela* com Machado de Assis³⁴⁷ e nas apropriações dos romances *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do mesmo autor, por outros textos, por exemplo. A produção de Clarice ainda seria nutrida por Virgínia Woolf, James Joyce³⁴⁸, Katherine Mansfield³⁴⁹, Mario de Andrade³⁵⁰, Oswald de Andrade³⁵¹, Lucio Cardoso³⁵², sendo o diálogo com a literatura brasileira e esse canibalismo o elemento explorado de forma central em *La poética canibal de Clarice Lispector*.

Para além da bibliografia que compõem o objeto de análise, temos as referências que fazem parte do debate teórico e de discussões

³⁴⁵ ANDRADE, Ana Luiza. La poética canibal de Clarice Lispector: del sauce Robert a la sagre bruta. *Mora*. n.3, 1997. p. 74-88.

³⁴⁶ Jornal carioca que circulou durante a década de 1960.

³⁴⁷ Escritor brasileiro do século XIX.

³⁴⁸ Romancista e poeta irlandês.

³⁴⁹ Escritora neozelandesa.

³⁵⁰ Poeta, literato e crítico literário brasileiro.

³⁵¹ Escritor e dramaturgo brasileiro.

³⁵² Escritor, poeta e dramaturgo brasileiro.

que complementam o recorte temático do texto, que, nesse caso, é composto em sua grande maioria por autoras e autores das Ciências Humanas e da área de Literatura que não são brasileiros – nacionalidade de Ana Luiza Andrade – nem argentinos, lugar com a qual o texto propõe um diálogo. Os livros e textos referenciados em notas de rodapé são: *From Communion to Cannibalism an Anatomy os Metaphors of Incorporation*³⁵³ de Maggie Kilgour³⁵⁴; *La lógica del sentido*³⁵⁵ de Giles Deleuze³⁵⁶; *Origem do Drama Barroco Alemão*³⁵⁷ de Walter Benjamin³⁵⁸; *Os Emblemas da Razão*³⁵⁹ de Jean Starobinski³⁶⁰; *L'Antropophagie du Nord au Sud*³⁶¹ de Walter Moser³⁶²; *LL'Antioedipe Capitalism et Schizophrenie*³⁶³ de Gilles Deleuze e Feliz Guatarri³⁶⁴; *The World the Text and the Critic*³⁶⁵ de Edward Said³⁶⁶; *Teoria da Religião*³⁶⁷ de George Bataille³⁶⁸; *Of Grammatology*³⁶⁹ de Jacques Derrida; de Michel Foucault³⁷⁰ *Language, Counter Memory, Practice*³⁷¹; de Louis Marin³⁷² *Food for Thought, Filosofia del Gusto*³⁷³ de Roland Barthes³⁷⁴; *Sol Negro, Depressão e Melancolia*³⁷⁵ de Julia Kristeva; de

³⁵³ New Jersey: Princeton University Press, 1990.

³⁵⁴ Professora de literatura e de língua inglesa da McGill University, Canadá.

³⁵⁵ Buenos Aires: Paidós, 1990.

³⁵⁶ Filósofo francês.

³⁵⁷ São Paulo: Brasiliense, 1984.

³⁵⁸ Ensaísta e crítico literário alemão.

³⁵⁹ São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

³⁶⁰ Psiquiatra, linguista e crítico literário suíço.

³⁶¹ Les Editions Balzac, Collection L'Univers du Discours, 1992.

³⁶² Professor do Departamento de Línguas e Literatura da University of Ottawa, Canadá.

³⁶³ Paris: Minuit, 1972.

³⁶⁴ Filósofo francês.

³⁶⁵ Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1983.

³⁶⁶ Intelectual palestino.

³⁶⁷ São Paulo: Nova Fronteira, 1993.

³⁶⁸ Escritor francês que circulou entre as áreas de Literatura, Antropologia, Filosofia, Sociologia e História da Arte.

³⁶⁹ London: The Johns Hopkins University Press, 1978.

³⁷⁰ Filósofo francês.

³⁷¹ New York: Cornell University Press, (não consta o ano).

³⁷² Filósofo e historiador francês.

³⁷³ London: The Johns Hopkins University Press, 1977.

³⁷⁴ Sociólogo, crítico literário francês.

³⁷⁵ Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

Marta Peixoto³⁷⁶ *Passionate Fictions: Gender, Narrative and Violence in Clarice Lispector*³⁷⁷. Além dos textos acima listados temos uma pequena parcela de referências latino-americanas como *Do Calundu Panacéia: a sátira menipéia e a tradição luciânica em Machado de Assis*³⁷⁸ de Enylton de Sá Rego³⁷⁹, *Pensamiento Latinoamericano*³⁸⁰ de Leopoldo Zea³⁸¹, *O impronunciável: Notas sobre um fracasso sublime*³⁸² de Plínio Prado Jr.³⁸³ publicado na revista *Remate de Males*³⁸⁴, e uma edição crítica do livro, *Paixão Segundo GH*³⁸⁵, de Clarice Lispector, organizada por Benedito Nunes³⁸⁶. Entre essa lista de referências estrangeiras utilizadas por Ana Luiza Andrade há textos traduzidos, edições em língua francesa, inglesa e em espanhol.

Como considerações gerais sobre o material encontrado na Argentina temos dois tipos de publicação com perfis distintos, característica que pode ser associada aos artigos que foram lançados na *Feminaria* e na *Mora*. Os primeiros três textos analisados trazem elementos de um feminismo latino-americano que dialoga com problemáticas de outros contextos, e que perpassam experiências pessoais e debates reflexivos, citando escritoras de forma a serem consideradas referenciais dentro do debate, mas sem a preocupação de associar autoria e obra. Nesse movimento temos nos textos Guadalupe Santa Cruz e Ana Luiza Andrade, as quais fizeram considerável uso de notas de rodapé e referências completas, uma grande quantidade do que seriam referências ligados às Ciências Humanas. Em outras palavras, há um maior investimento na legitimidade em torno das Ciências Humanas, trabalhando com filósofos, sociólogos, críticos literários (em sua maioria homens), do que em uma bibliografia ligadas aos estudos de mulheres, estudos feministas e de gênero. Entretanto, devemos ter em mente que essa não é uma característica dos textos feministas argentinos como um todo, mas do material que foi selecionado para circular nesses contextos.

³⁷⁶ Estudiosa da literatura brasileira, professora da Universidade de Nova York.

³⁷⁷ London/ Monneápolis, 1994. Não consta a editora.

³⁷⁸ Rio de Janeiro: Forensa Universitária, 1989.

³⁷⁹ Crítico brasileiro.

³⁸⁰ Barcelona: Editora Ariel, 1976.

³⁸¹ Filósofo mexicano.

³⁸² *Remate de Males*. n. 9, 1989 (UNICAMP).

³⁸³ Filósofo brasileiro com atuação profissional na França.

³⁸⁴ Revista da Universidade Estadual de Campinas.

³⁸⁵ Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

³⁸⁶ Crítico de arte e escritor brasileiro.

5.2 TRAJETÓRIAS DO SABERES LATINO-AMERICANOS NO BRASIL

Tendo em vista que os periódicos brasileiros analisados tiveram suas primeiras edições no início da década de 1990, encontramos no terceiro número da Revista *Estudos Feministas*, segundo volume, o primeiro texto de uma autora estrangeira latino-americana, ou seja, um ano após sua criação datada em 1992. Elizabeth Jelin, socióloga Argentina, possui uma trajetória de pesquisa que atravessa países como o México, onde estudou a industrialização e a migração rural-urbana, os Estados Unidos, onde obteve seu título de doutorado pela Universidade do Texas, e o Brasil³⁸⁷. Nesse último, realizou investigações sobre o trabalho de mulheres em Salvador e passou a incorporar a perspectiva de gênero, bem como dedicar-se a estudar movimentos sociais e ações coletivas, isso no início da década de 1970. Seu retorno à Argentina ocorreu em 1973.

Embora a autora tenha estabelecido contato com o Brasil e provavelmente tenha afinidade com a língua, *Mulheres e Direitos Humanos*³⁸⁸, publicado no ano de 1993, foi traduzido para o português. O texto havia sido publicado anteriormente em Lima, Peru, e lançada no mesmo ano na *REF* com o título *¿Ante, De, En, Y? Mujer, Derechos Humanos*. A primeira nota de rodapé do texto agradece a autorização para a tradução, que foi, como sinaliza o periódico, concedida graciosamente pela *Red Entre Mujeres*, detentora dos direitos autorais. A mesma foi realizada por Irene Giambiagi que um ano antes da edição, provavelmente período em que a tradução foi feita, era aluna do Mestrado em Educação da Universidade Federal Fluminense³⁸⁹, no estado do Rio de Janeiro, instituição responsável inicialmente pela Revista.

³⁸⁷ Mujeres y Género en América Latina. Instituto de Estudios Latinoamericanos. *Freire Universität*. Berlin. Disponível em: http://www.lai.fu-berlin.de/es/e-learning/projekte/frauen_konzepte/projektseiten/frauenbereich/jelin/index.html. Acesso em: 15 de novembro de 2013.

³⁸⁸ JELIN, Elizabeth. *Mulheres e Direitos Humanos*. *Revista Estudos Feministas*. v. 2 n. 3, 1994. p. 117-149.

³⁸⁹ Irene Giambiagi. Currículo Lattes. *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4723361E5>. Acesso em: 15 de novembro de 2013.

O texto de Elizabeth Jelin, como sugere o título, institui um debate entre os direitos das mulheres e a relação com os direitos humanos destacando elementos conceituais. A história dos direitos humanos propõem algumas problemáticas como o direito natural, do qual derivariam todos os outros direitos; os direitos iguais, que levam a uma discussão em torno da igualdade universal e do relativismo cultural, todas incidindo sobre o sujeito do direito. Nesse sentido, é estabelecido um diálogo com o contexto da América Latina, em meio as experiências das ditaduras militares, com a luta contra o *Apartheid* na África do Sul e com o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, identificando a diversidade que entra em conflito com a noção de universalidade dos direitos.

O texto encontra-se estruturado em subcapítulos. No segundo tópico a autora aborda a lógica da diferença pensando nas normas de igualdade que orientam o direito e na contribuição do feminismo, no sentido de esfacelar o discurso dominante tendo como base as especificidades dos diversos sujeitos. O político e o privado é o recorte do subcapítulo seguinte que discute temas como, por exemplo, a violência doméstica. Nesses casos, o Estado é limitado a intervir no ambiente doméstico por ser uma instância reservada aos sujeitos, mas contraditoriamente alija as mulheres de seus direitos. Seguindo, a autora apresenta as lutas latino-americanas e suas especificidades que passam por um percurso de dominação colonial, que, somado ao patriarcado, operam diante dos direitos das mulheres. Dessa forma, o sentido de direito e, por sua vez, o que se pretende reivindicar enquanto direito, é explorado como um conceito que sofre transformações e precisa ser contextualizado historicamente.

Novamente, considerando a análise dos periódicos argentinos, temos o patriarcado como característica atribuída ao contexto Sul e, conseqüentemente, como ponto a ser combatido pelo feminismo. Além de representar um tema caro a essa bibliografia aqui analisada, novamente devemos levar em consideração a circulação dessa problemática que atravessa fronteiras. Seja no caso do uso do termo patriarcado nas publicações em periódicos argentinos, seja nos brasileiros, ou na discussão promovida pela estadunidense Merlin Stone, o conceito é transculturado atravessando as diferenças dos lugares³⁹⁰.

³⁹⁰ Cf. MIGNOLO, Walter D. Os estudos subalternos são pós-modernos ou pós-coloniais? As políticas e sensibilidades dos lugares geohistóricos. In: MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais/Projetos Globais*: colonialidade,

Elizabeth Jelin ainda narra duas histórias com pontos de vista distintos. Primeiramente, descreve a trajetória dos feminismos, a invisibilidade das mulheres e a luta pela ocupação de espaços públicos. Todo um percurso que vem desde a década de 1960 discutindo o espaço doméstico versus o mercado de trabalho – que acarretam às mulheres a acumulação de jornadas –, a liberação, a sexualidade, a reprodução e a violência doméstica. Por outro lado, narra a trajetória das mulheres engajadas na luta por direitos humanos, como contra o genocídio indígena, em meio a suas famílias, nos bairros, em busca dos filhos desaparecidos, que no caso das Mães da Praça de Maio, assumiram mais visibilidade que os próprios feminismos.

Essa estrutura tem seu desfecho com questionamentos em torno do direito reivindicado pelas mulheres, principalmente na América Latina, no final do século XX. O corpo, segundo a autora, é um dos pontos de interesse nesse período. Como observado anteriormente, essa é uma problemática do debate de outros países partilhado pela bibliografia analisada neste capítulo. Contudo, nesse caso, a autora promove questionamentos sobre as políticas de controle de natalidade direcionada às mulheres de Terceiro Mundo versus os direitos reprodutivos. O tema da reprodução é tomado como problemático também no que se refere às políticas compulsórias do Estado e a respeito dos dilemas em torno da maternidade e paternidade: esse é um direito da mulher ou do casal? O mercado de trabalho e as desigualdades de condições são outras bandeiras do final do século XX. O "papel reprodutivo das mulheres" na sociedade e a própria desigualdade no ambiente doméstico repercutem nas condições diferenciadas de trabalho que, por sua vez, refletem no salário e nas relações estabelecidas nesse espaço, destacando que o assédio sexual é um exemplo dessa desigualdade e também figurado no âmbito profissional.

Ainda no século XX, a autora destaca a importância das organizações na garantia dos direitos e a atuação em um plano global, empunhando bandeiras como de paz, desenvolvimento e meio ambiente, por exemplo. Por fim, nas considerações finais, Jelin indica os pontos de convergência entre os direitos das mulheres e os direitos humanos.

Comparado ao material encontrado na Argentina, o texto publicado na *REF* explora mais as notas de rodapé com informações complementares e explicativas em uma grande listagem de referências bibliográficas predominantemente de edições em espanhol ou em inglês.

No que se refere à preocupação com as bases bibliográficas do trabalho, listando-as segundo normas acadêmicas, essa característica é similar ao texto latino-americano publicado na revista *Mora*. Esse formato será observado nos demais textos encontrados na Revista *Estudios Feminista* e nos *Cadernos Pagu*, que serão analisados ao longo deste capítulo. Thomas Humprey Marshall³⁹¹, Jürgen Habermas³⁹², Ruth Collier³⁹³, David Collier³⁹⁴, Hannah Arendt³⁹⁵, Zygmunt Bauman³⁹⁶ são algumas/uns das autoras/es estrangeiros mencionados nesse texto. Contudo, observamos também referências de autoria estrangeiras latino-americanas/os, como Teresa Caldeira³⁹⁷ com a edição lançada em Buenos Aires, em inglês, de *Crime and Individual Rights. Refreminh the Question of Violence in Latin America*³⁹⁸; Rodolfo Stavenhagen³⁹⁹ e seus dois textos *The Ethnic Question Conflicts. Development and Human Rights*⁴⁰⁰ e *Los Derechos Indígenas. Algunos Problemas Conceptuales*⁴⁰¹; Verónica Matus⁴⁰² e *Derechos Humanos, Derechos de las Mujeres*⁴⁰³; Teresa Valdes⁴⁰⁴ e *Mujer y Derechos Humanos "menos tu vientre"*⁴⁰⁵; Wanderley Guilherme dos Santos⁴⁰⁶ e *Cidadania e Justiça*⁴⁰⁷; Carmen Barroso⁴⁰⁸ e *Sexo y Crisis*⁴⁰⁹; Ximena Bunster⁴¹⁰ e

³⁹¹ Sociólogo britânico investigador do campo da cidadania e classe social.

³⁹² Filósofo e sociólogo alemão.

³⁹³ Professora da área de Ciências Política na Universidade da Califórnia, Berkeley.

³⁹⁴ Cientista político na mesma instituição, UC Berkeley.

³⁹⁵ Filósofa alemã.

³⁹⁶ Sociólogo polonês.

³⁹⁷ Antropóloga brasileira.

³⁹⁸ Apresentado no *Seminário Derechos Humanos, Justicia y Sociedad*. Buenos Aires: CEDES - SSRC, 1992.

³⁹⁹ Sociólogo mexicano.

⁴⁰⁰ Tóqui: United Nations University Press, 1990.

⁴⁰¹ Trabalho apresentado no *Seminário Derechos Humanos, Justicia y Sociedad*. Buenos Aires: CEDES - SSRC, 1992.

⁴⁰² Advogada chilena.

⁴⁰³ Santiago: Comisión Chilena de Derechos Humanos, 1992.

⁴⁰⁴ Socióloga chilena.

⁴⁰⁵ Santiago: FLACSO. Documento de Trabajo. Serie Estudios Sociales. n.8, 1990.

⁴⁰⁶ Cientista político brasileiro.

⁴⁰⁷ Rio de Janeiro: Campus, 1979.

⁴⁰⁸ Socióloga brasileira.

⁴⁰⁹ Santiago: Isis Internacional-MUDAR. Ediciones de las Mujeres. n.9, 1987.

⁴¹⁰ Antropóloga chilena.

*Sobrevivindo más Allá del Miedo*⁴¹¹; Sandra Azeredo⁴¹² em coautoria com Verena Stolcke⁴¹³ em *Direitos Reprodutivos*⁴¹⁴. Além disso, encontramos referências à e autoras/es argentinas/os: Waldo Ansaldi⁴¹⁵ e *La Ética de la Democracia*⁴¹⁶; Lucas Rubinich⁴¹⁷ e *Apuntes sobre las Nociones en Derecho en Sectores Populares Urbanos*⁴¹⁸; María del Carmen Feijoo⁴¹⁹ em coautoria com Mónica Gogna⁴²⁰ *Las Mujeres en la Transición a la Democracia*⁴²¹; e a parceria entre Ana García de Fanelli⁴²², Mónica Gogna e Elizabeth Jelin, intitulada *El Empleo de "Cuello Rosa" en Argentina: el caso de un banco estatal*⁴²³. Seja o trabalho desenvolvido pela autora argentina, seja seus referenciais bibliográficos, ambos dão ênfase ao recorte geopolítico latino-americano.

No mesmo número na *REF* em que encontramos o texto de Elizabeth Jelin temos a publicação de *Posadskaya Fala das Mulheres na Rússia*⁴²⁴, produção da socióloga paquistanesa que viveu na Índia e na América Latina Maxine Molineux. Radicada na Inglaterra e professora da *University College London* o texto foi autorizado à tradução pela mesma, sendo originalmente lançado na *Feminist Review*, editada na cidade inglesa, no ano de 1991. Novamente a tradução de um texto de Terceiro Mundo foi realizada pela própria revista brasileira, trabalho desenvolvido por Marcos Santarrita, tradutor e crítico literário que vivia no Rio de Janeiro e atuou como redator em jornais como *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Última Hora*.

A segunda publicação estrangeira latino-americana encontrada na Revista *Estudos Feministas*, que viajou para territórios brasileiros

⁴¹¹ Santiago: Isis Internacional-MUDAR. Ediciones de las Mujeres. n.15, 1991.

⁴¹² Psicóloga brasileira.

⁴¹³ Antropóloga com atuação profissional na Espanha.

⁴¹⁴ São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1991.

⁴¹⁵ Historiador argentino.

⁴¹⁶ Buenos Aires: CLACSO, 1986.

⁴¹⁷ Sociólogo argentino.

⁴¹⁸ Buenos Aires: CEDES, 1991.

⁴¹⁹ Professora na *Unversidad Pedagogica*, em Buenos Aires, investigadora da área de políticas educacionais.

⁴²⁰ Investigadora argentina.

⁴²¹ Genebra: UNRISD, 1987.

⁴²² Cientista social argentina.

⁴²³ Buenos Aires: CEDES (Documento de Trabajo n. 24), 1990.

⁴²⁴ MOLINEUX, Maxine. *Posadskaya Fala das Mulheres na Rússia*. *Revista Estudos Feministas*. n.1, 1994. p. 178-186.

durante a década de 1990, é *Las Mujeres en la Democratización Social*⁴²⁵, que consta no primeiro número, volume 3, de 1995. Sua autora é Beatriz Schmukler, pesquisadora argentina do *Instituto Mora*, doutora em sociologia pela Universidade de Yale e assessora do *Instituto de la Mujer Guanajuatense* durante o ano de 1999⁴²⁶, organização mexicana de promoção da igualdade e equidade através de ações educativas e de desenvolvimento integral das mulheres na região⁴²⁷. Diferente de Elizabeth Jelin, não foi encontrado nenhum contato de Beatriz Schmukler com o Brasil, seja acadêmico seja com o movimento feminista, e em seu texto não há nenhuma indicação de publicação anterior à edição da *REF*, representando um trabalho original. Ele encontra-se em espanhol, que juntamente com o português, são as duas línguas mais recorrentes em que se encontram os trabalhos publicados na Revista *Estudos Feministas* – salvo uma edição especial de 1999, integralmente em inglês, com textos anteriormente publicados no periódico.

Sobre a questão da língua na Revista *Estudos Feministas*, em grande parte dos números da publicação, analisados segundo recorte investigativo da tese, temos uma seção intitulada “Encarte” em que encontramos um texto por edição em inglês (n. 0 de 1992, n. 1 de 1993, n. 2 de 1993, n.2 de 1994, n.1 de 1995, n. 1 de 1996, n. 2 de 1996, n. 1 de 1997, n. 2 de 1997 e n. 1 e 1998). Essa informação não representa publicações de autoras estrangeiras, uma vez que Cristina Bruschini – socióloga pesquisadora da Fundação Carlos Chagas – e Rachel Sohiet – historiadora brasileira –, por exemplo, compõem o grupo de textos publicados nessa parte do periódico. São autoras nacionais, traduzidas para o inglês, que na edição especial do ano de 1999 formaram um único número da *REF*. Os demais trabalhos dessas edições encontram-se em português, assim como alguns números em que não há a seção “Encarte” (n. especial de 1994, n. 2 de 1995 e n. 2 de 1998). Destaco também, que o fim desse item do Periódico coincide com a transferência da sede do

⁴²⁵ SCHMUKLER, Beatriz. Las mujeres en la democratización social. *Revista Estudios Feministas*. v. 3. n. 1, 1995. p. 136-155.

⁴²⁶ Sobre a autora, consultar: Colaboradores. *Revista Estudios Feministas*. v 3. n. 1, 1995. p. 289. e SCHMUKLER, Beatriz. Asistencia y prevención de la violencia doméstica en Guanajuato. In: ZICCARDI, Alicia (Org.). *Pobreza, desigualdad social y ciudadanía*. Los límites de las políticas sociales en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2001. p. 403-424.

⁴²⁷ A esse respeito consultar o *website* da instituição: Instituto de la Mujer Guanajuatense. Disponível em: <http://www.imug.guanajuato.gob.mx/index.html>. Acesso em: 01 de janeiro de 2014.

Rio de Janeiro para a Universidade Federal de Santa Catarina. Os textos em espanhol passaram a compor os artigos, seções temáticas, sem que haja um espaço específico para produções nessa língua, a partir do segundo número de 1995, com um trabalho de Elizabeth Jelin que analisaremos no decorrer deste capítulo.

A publicação de Beatriz Schmukler na *REF* trata do feminismo e do movimento de mulheres na América Latina, principalmente em relação às experiências argentinas durante o processo de redemocratização. Relata, que durante a década de 1980 não havia muitas mulheres conduzindo os partidos políticos e o problema em torno do cotidiano dos filhos aglutinou-as. Havia uma desesperança diante da possibilidade do Estado sanar certos problemas e as demandas estavam ligadas a preocupações muito pontuais como saúde, moradia e alimentação. A autora assinala, assim, a necessidade de uma irmandade em meio ao que nomeia o "*costo-beneficio*" dessa busca pela ocupação de espaços públicos: por um lado a satisfação das afetividades no espaço familiar, e por outro a falta de compartilhamento das atividades domésticas e cuidados com o filhos, além da não autorização por parte, muitas vezes, do cônjuge de permanecer fora do ambiente doméstico em determinados horários.

A luta política diante da ditadura militar, os empenhos das mães em busca de seus filhos desaparecidos políticos transformaram-se em movimentos sociais reivindicatórios que expuseram a dicotomia "público e privado" em uma atuação estratégica de negociação do ambiente familiar no campo da coletividade. Os setores populares modificaram as relações de gênero através, do que é considerado pela autora argentina, dois canais. Um deles é através da participação das mães em organizações, o que estabeleceu uma flexibilidade nas relações autoritárias associadas à hierarquia patriarcal. O outro diz respeito às diferentes organizações familiares que passaram pela escolha da criação independente dos filhos ou mesmo o abandono do companheiro, colocando as mulheres nas posições de chefes de família. No caso de separação e novo casamento, os filhos responderiam à mãe e não ao padrasto, o que novamente empoderaria as mulheres na conjuntura familiar.

Aliado a essas transformações promovidas pelas classes populares em níveis cotidianos, o feminismo dos anos 1980 também contribuiu para mudança nas noções de feminilidade e masculinidade na Argentina. Contudo, é no nível privado, no meio doméstico e das classes populares, que Beatriz Schmukler desenvolve seu argumento de transformação social destacando a Argentina, mas perpassando

contextos como o do Brasil, do Uruguai e do Chile. Conforme argumento da autora, em meio ao processo de redemocratização e a crise econômica que assolou o país, as negociações em torno da entrada das mulheres no mercado de trabalho foram facilitadas. Sua emergência enquanto sujeitos sociais, para a autora, democratizaram as famílias que precisaram dialogar entre o tempo das organizações comunitárias e o tempo do lar. Ou seja, foram promovidos novos modos de interação, processo aqui chamado de "microdemocratização", impulsionado pelas primeiras mobilizações de mulheres na transição entre as ditaduras militares e os regimes democráticos.

Em relação ao contexto que mobilizou Beatriz Schumkler a respeito do debate sobre as transformações e contribuições à equidade de gênero através das mulheres no âmbito doméstico, podemos destacar que ele também permeia o texto de Elizabeth Jelin. Ambas dialogam com a América Latina, dando ênfase aos seus países de origem, Argentina, abordando a ditadura militar, os movimentos sociais e suas demandas na era democrática. Essas são produções que discorrem sobre os contextos a que essas autoras estão associadas, apresentam-se enquanto conhecimentos situados⁴²⁸, mas que recebem autoridade discursiva nesse lugar da experiência.

As principais referências bibliográficas utilizadas no desenvolvimento dizem respeito a autoras e autores latino-americanos. É citado *Reflexiones Alrededor de la Subordinación, el Sujeto Político y la Ciudadanía de las Mujeres*⁴²⁹ de Maria Luisa Tarrés⁴³⁰; *Itinerarios Ciudadanos*⁴³¹ de Alicia Martínez⁴³²; *Las Mujeres en los Medios de Comunicación*⁴³³ de Graciela Maglie⁴³⁴; *Violence and Economic Crisis: the challenge of women's movement in Peru*⁴³⁵ de Maruja Barrig⁴³⁶; de Arturo Escobar⁴³⁷ e Sonia Alvarez *The Making of Social Movements in*

⁴²⁸ Cf. HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. Campinas, n.5, 1995. p. 07-41.

⁴²⁹ Trabajo presentado al XIII CICAIE, México, 1993.

⁴³⁰ Socióloga mexicana.

⁴³¹ *Perfiles Latinoamericanos*. Año 2. n. 2, 1993.

⁴³² Socióloga mexicana.

⁴³³ Buenos Aires: Ed. Fundación Naumann, 1986.

⁴³⁴ Escritora e roteirista argentina.

⁴³⁵ Conference on Women and the Transition from the Authoritarian Rule in Latin America and Eastern Europe. Berkeley. Diciembre 3-4, 1992.

⁴³⁶ Escritora e feminista peruana.

⁴³⁷ Antropólogo colombiano.

*Latin America*⁴³⁸; *Mujeres en el Movimiento Urbano*⁴³⁹ de Elizabeth Maier⁴⁴⁰; e *Women and the Democratization Process in Chile*⁴⁴¹ de Maria Helena Valenzuela⁴⁴². Relembrando que a nacionalidade de Beatriz Schmukler é argentina, destaco que Maria Helena Valenzuela também é encontrada na investigação realizada no depósito legal no país. Seu livro disponível para consulta na *Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina* é *De mujer sola a jefa de hogar*, edição de Santiago do Chile, provavelmente publicado em meados de 1995, já que o ano encontra-se com um ponto de interrogação. Outro dado sobre o referencial bibliográfico da autora seria que das publicações acima listadas duas dizem respeito a uma mesma conferência realizadas em Berkeley, em dezembro de 1992. Não há menção ao formato impresso desses saberes o que indica a sua circulação por esses espaços de diálogo. Além de outras obras de autoras estrangeiras como, por exemplo, de Carole Pateman⁴⁴³, Mary G. Dietz⁴⁴⁴, Katha Pollitt⁴⁴⁵, algumas publicações argentinas também compõem o referencial bibliográfico do texto. São eles *Beyond Transitions to Democracy in Latin America*⁴⁴⁶ de Marcelo Cavarozzo⁴⁴⁷; *Las Mujeres Jefas de Hogar en la Transición*⁴⁴⁸ de Graciela Di Marco⁴⁴⁹; e *Historias de Encuentos y Desencuentros, entre los Padres y la Escuela*⁴⁵⁰ da própria Beatriz Schmukler e de Marta Savigliano⁴⁵¹. Contudo, esse número é comparativamente pequeno diante das publicações de autorias da América Latina, contexto que também é debatido pelo trabalho. Ou seja, tanto nesse caso, como no anteriormente analisado, os suportes

⁴³⁸ Boulder: Westview Press, 1992.

⁴³⁹ Ponencia LASA. Diciembre, 1989.

⁴⁴⁰ Estudiosa, no México, nas áreas de estudos culturais e latino-americanos.

⁴⁴¹ Conference on Women and the Transition from the Authoritarian Rule in Latin America and Eastern Europe. Berkeley. Diciembre 3-4, 1992.

⁴⁴² Socióloga chilena.

⁴⁴³ Feminista britânica.

⁴⁴⁴ Estudiosa feminista estadunidense.

⁴⁴⁵ Poeta Feminista estadunidense.

⁴⁴⁶ *Journal of Latin American Studies*. n. 24, 1991.

⁴⁴⁷ Cientista político argentino, professor da *Universidad Nacional de San Martín* (UNISAM).

⁴⁴⁸ *Revista de Filosofía de la Universidad de Buenos Aires*, 1994.

⁴⁴⁹ Socióloga, professora da UNISAM.

⁴⁵⁰ GEST, 1988.

⁴⁵¹ Antropóloga argentina.

bibliográficos para a construção dos argumentos estão diretamente ligados aos espaços discutidos.

O texto latino-americano encontrado na sequência ao de Beatriz Schumukler está na mesma edição do ano de 1995, mas não faz parte dos artigos de diferentes temáticas, organizados inicialmente a cada edição da *REF*. Ele compõem o "Dossiê a 4a. Conferência Mundial da Mulher", que estabelece reflexões em torno do evento realizado entre 4 e 15 de setembro de 1995, em Pequim, na China, aparelhado pela Organização das Nações Unidas. Logo, a edição da Revista reúne, no mesmo ano em que o evento ocorreu, os pareceres das brasileiras Vera Soares, Leila Linhares, Heleieth Saffioti, Rosiska Darci de Oliveira, Miriam Abramovay, além de duas estrangeiras: Noelleen Heyzer – de Singapura – com o texto *O que Pequim Significa para as Mulheres do Mundo*, e o da autora peruana que será aqui analisada, Virginia Vargas, com *Una Mirada del Proceso Hacia Beijing*⁴⁵². Essa publicação abre o Dossiê e traz uma narrativa da experiência da participação na Conferência, as impressões em torno dos debates que surgiram na ocasião e, posteriormente, em resoluções regionais.

Como característica do evento, mas também reconhecendo que a narrativa trata do ponto de vista de Virginia Vargas em torno dessa experiência, foi discutido o direito a igualdade, bem como o reconhecimento de novas identidades e propostas de transformação assumindo a pluralidade dos feminismos. As formas modificação do contexto social a partir dos movimentos, em meio ao um contexto globalizado, foram os caminhos descritos pela autora na busca pela elaboração de uma agenda compartilhada.

Na fala de Virginia, a conferência foi uma etapa importante, antecedida pelo Fórum de *Mar del Plata*, o qual, teria exposto uma série de tensões identitárias dentro do movimento, resultando em um encontro “sem calor, criatividade ou eficácia”. Apenas com a reunião da Comissão Econômica para América Latina (CEPAL), realizada em 1994, em Santiago do Chile, que as articulações foram frutíferas, por meio do *lobby*, negociando com o governo estratégias futuras. Nesse sentido, Virginia Vargas destaca que essa experiência de diálogos e interações a partir de interesses estratégicos foi o grande aprendizado desse momento. Os meios institucionalizados eram rejeitados pelos feminismos e foi compreendida a necessidade de negociação e de conhecimento desses funcionamentos. O equilíbrio entre equidade

⁴⁵² VARGAS, Virginia. *Una Mirada del Proceso Hacia Beijing*. *Revista Estudos Feministas*. n. 1, 1995. p. 172-179.

democrática e eficácia na conquista das demandas foi outro elemento agregado, tendo em vista que esses não progridem de forma paralela. A administração entre as especificidades e as demandas globais, exercitando sua autonomia, evitaria o que a autora considera os "hegemonismos bem intencionados" em um movimento solidário de coalizão de agendas. A partir desse movimento, para Virginia, teríamos espaços internacionais que impulsionariam práticas cidadãs.

Diante de outras experiências com eventos ligados aos direitos das mulheres e movimentos feministas, Virginia Vargas sinaliza todo esse processo de aprendizagem e, como resultado, o empoderamento que a fortaleceu ao descobrir que as pessoas engajadas nessa luta eram muitas. Professora do Programa Mulher e Desenvolvimento do Instituto de Estudos Sociais de Haya (Holanda), no ano da publicação na *REF*, a socióloga peruana, ainda no mesmo período, foi coordenadora das ONG's da América Latina e do Caribe no fórum das instituições. Esse foi um evento realizado em setembro de 1995 no intuito de promover a preparação para a IV Conferência Mundial sobre as Mulheres, experiência que compõem a narrativa no texto⁴⁵³. Militou no *Centro de la Mujer Peruana Flora Tristan*, organização feminista do Peru sem fins lucrativos criada em 1979, e especializou-se na área de Ciência Política⁴⁵⁴. Nesse sentido, sua experiência e liderança de organizações feministas possivelmente qualificaram Virginia a integrar nesse Dossiê.

Ainda como informações adicionais, o texto publicado na Revista *Estudos Feministas* é inédito, em espanhol, e não utiliza outras publicações como referenciais para o debate estabelecido, havendo apenas uma epígrafe citando um trecho do livro *El desorden: La teoría del caos y las Ciencias Sociales. Elogio de la facultad del movimiento*, do sociólogo e antropólogo francês Georges Balandier.

Seguindo uma ordem cronológica dos textos de autoras latino-americanas, que não atuam profissionalmente no Brasil, publicados na Revista *Estudos Feministas*, temos novamente um trabalho da argentina Elizabeth Jelin, intitulado *Familia y Género: notas para el debate*⁴⁵⁵. Esse artigo foi publicado na edição volume dois da Revista, no ano de 1995, um no ano após o primeiro artigo. Diferente da edição anterior, esse trabalho não passou por uma tradução, mantendo a língua materna

⁴⁵³ Colaboradores. *Revista Estudos Feministas*. v. 3. n. 1, 1995. p. 289.

⁴⁵⁴ *Centro de la Mujer Peruana Flora Tristan*. Disponível em: <http://www.flora.org.pe/web2/>. Acesso em 03 de janeiro de 2014.

⁴⁵⁵ JELIN, Elizabeth. *Familia y Género: notas para el debate*. *Revista Estudos Feministas*. v.3. n. 2, 1995. p. 394-413.

da autora, e não consta nenhuma informação de que tenha sido anteriormente publicado. Contudo, o tema do direito perpassa novamente seu debate que, nessa produção, explora a questão privada, bem como o tema da família e da equidade social.

Explorando a vulnerabilidade da casa e a estrutura organizacional familiar a partir de casos como os ligados ao trabalho agrícola, a autora discute que, principalmente, nas classes populares, mais de um integrante da família necessita contribuir com a renda. Por conta desse mercado, as estruturas tradicionais da família e do lar, num sistema hierárquico desigual, vêm-se ameaçadas, e a autora aponta a importância de uma organização outra. Nesse sentido, o debate de Elizabeth Jelin se assemelha muito ao de Beatriz Schmukler ao refletir sobre as transformações nas relações de gênero em meio ao núcleo familiar promovidas por instâncias fora dos feminismos e seus desdobramentos.

Prosseguindo com o movimento de escrita estabelecido pela autora, no ambiente doméstico é necessário o cuidado com os filhos e com as pessoas idosas, num exercício de conciliação com o labor no espaço público. Assim, defende a propagação de ações afirmativas que estabeleçam uma divisão equitativa das atividades domésticas e, em algumas situações, que essas sejam políticas por parte do Estado, uma vez que se trata da condição social dos indivíduos. Dessas transformações no mercado de trabalho e da estrutura do núcleo familiar também fazem parte as mudanças no matrimônio como único espaço associado de sexualidade, além das tecnológicas ligadas à contracepção. Essas mudanças que promoveram a liberação sexual também afetaram diretamente à juventude, conforme o texto. Gravidez na adolescência, a preocupação com a AIDS e a ameaça feminina da violação são apresentadas como questões sociais que caem na dicotomia entre público e privado, em uma "transmissão inter-geracional da vulnerabilidade e precariedade"⁴⁵⁶.

As estruturas familiares reorganizadas a partir dos "tempos do divórcio e do envelhecimento"⁴⁵⁷ também são um tópico abordado nesse texto publicado na *REF*. A viuvez que, em gerações anteriores era a única forma de desvinculação do matrimônio, no contexto contemporâneo à autora é somada ao divórcio, compondo o crescente número de mulheres que administravam sozinhas o lar. Por conta da crise financeira, e aqui fica subtendido o lugar latino-americano dessa

⁴⁵⁶ Ibidem. p. 402.

⁴⁵⁷ Ibidem. p. 404.

análise, as famílias passam a compartilhar os mesmos terrenos, geralmente com parentes, característica das classes populares. Frente a essas informações, o modelo nuclear da vida familiar, normativo, idealizado pelas instituições educativas e de saúde, segundo esse trabalho, não pode ser a base para políticas públicas.

Por um lado o direito de interromper a gravidez, por outro o controle semi-compulsivo do corpo; por um lado o direito à contracepção, por outro o desejo à maternidade através dos tratamentos de fertilidade. Todos esses elementos acabam por expor os desafios em torno da conquista de direitos, mas também os limites do Estado na interferência sobre esses sujeitos em um nível privado. Nesse sentido, Elizabeth Jelin propõe uma reflexão em torno da intervenção familiar com bases que não transmitam ou reforcem padrões de desigualdade. Por isso, defende políticas sociais integradas que não ajam diretamente sobre uma instituição ou um sintoma, mas em atuações preventivas em prol da cidadania.

Sobre os referenciais utilizados para a discussão estabelecida pela escritora argentina temos os textos *Conducta Reprodutiva y Embarazo en la Adolescencia*⁴⁵⁸ de Alejandra Pantelides⁴⁵⁹ e Marcela Cerrutti⁴⁶⁰, *Las Nuevas Familias en los Sectores Populares*⁴⁶¹ de Rosa Geldstein⁴⁶², *Vivir en Familia*⁴⁶³ de Catalina Wainerman⁴⁶⁴, *Las Relaciones de Parentesco y de Ayuda Mutua en los Sectores Populares Urbanos*⁴⁶⁵ de Silvina Ramos⁴⁶⁶, *Caring and Coping: households communities ad public policies and the making of women's daily life*⁴⁶⁷ de Brenda Pereyra⁴⁶⁸ em coautoria com Elizabeth Jelin. Carol Stack⁴⁶⁹, Jacques Donzelot⁴⁷⁰ e Jean-Claude Chesnais⁴⁷¹, são autoras/es estrangeiras/os

⁴⁵⁸ *Cuaderno del CENEP*. n. 47, 1992.

⁴⁵⁹ Socióloga argentina.

⁴⁶⁰ Socióloga argentina.

⁴⁶¹ In: WAINERMAN, Catalina. *Vivir en Familia*. Buenos Aires: UNICEF/Losada, 1994.

⁴⁶² Socióloga argentina.

⁴⁶³ Buenos Aires: UNICEF/Losada, 1994.

⁴⁶⁴ Socióloga argentina.

⁴⁶⁵ *Estudios CEDES*. v. 4. n. 1, 1981.

⁴⁶⁶ Socióloga argentina.

⁴⁶⁷ *Documento CEDES*. n. 35, 1990.

⁴⁶⁸ Socióloga política com atuação profissional na Argentina.

⁴⁶⁹ Antropóloga estadunidense.

⁴⁷⁰ Sociólogo francês.

⁴⁷¹ Historiador francês.

citados respectivamente com as seguintes obras: *All Our Kin: strategies of survival in a black community*⁴⁷², *La policía de las Familias*⁴⁷³, e *The History of Violence: homicide and suicide through the ages*⁴⁷⁴.

Especificamente com as referências bibliográficas estrangeiras latino-americanas para o desenvolvimento desse texto, Elizabeth Jelin trabalha com Larissa Lomnitz⁴⁷⁵ e Marisol Perez-Lizaur⁴⁷⁶ com *Dinastic Growth and Survival Strategies: the solidarity of Mexican grand-families*⁴⁷⁷, Claudia Fonseca⁴⁷⁸ com *Spouses Siblings and Sex-linked Bonding: a look at kinship organization in a Brazilian slum*⁴⁷⁹, Verena Stolcke com *Derechos Reproductivos*⁴⁸⁰, e, por último, Brigida García⁴⁸¹ e Orlandina de Oliveira⁴⁸² com *Trabajo Femenino y Vida Familiar en México*⁴⁸³.

Tendo em vista que há pontos convergentes no debate entre o primeiro e o segundo texto publicados na Revista *Estudos Feministas* por Elizabeth Jelin, é possível perceber que apenas a autora Verena Stolcke, antropóloga professora na Universidade Autônoma de Barcelona, encontra-se nos dois trabalhos. Nos dois casos a obra em questão é *Direitos Reproductivos*, edição paulista publicada pela Fundação Carlos Chagas no ano de 1991, em parceria com a psicóloga brasileira Sandra Azeredo. No primeiro texto analisado neste capítulo (*Mulheres e Direitos Humanos*), é citada a introdução do livro, pelo qual são responsáveis as duas autoras. No segundo, é citado texto de autoria de Verena nessa publicação: *Derechos Reproductivos*. Ainda em torno de característica sobre o referencial bibliográfico, podemos identificar que no material até então trabalhado neste capítulo não há a recorrência

⁴⁷² Nueva York: Harper & Row, 1974.

⁴⁷³ Valencia: Pre-Textos, 1979.

⁴⁷⁴ *International Social Science Journal*. n.132, 1992.

⁴⁷⁵ Socióloga mexicana.

⁴⁷⁶ Antropóloga mexicana.

⁴⁷⁷ In: JELIN, Elizabeth. *Family, Household, and Gender Relations in Latin America*. Londres: Routledge, 1991.

⁴⁷⁸ Antropóloga brasileira.

⁴⁷⁹ In: JELIN, Elizabeth. *Family, Household, and Gender Relations in Latin America*. Londres: Routledge, 1991.

⁴⁸⁰ In: AZEREDO, Sandra; STOLCKE, Verena. *Direitos Reproductivo*. San Pablo: Fundação Carlos Chagas, 1991.

⁴⁸¹ Socióloga professora na Universidade de São Domingo, República Dominicana.

⁴⁸² Socióloga mexicana com atuação profissional no Brasil.

⁴⁸³ México: El Colegio de México, 1994.

de autoras e autores que são referenciadas/os, juntamente com suas obras, sejam elas latino-americanas, europeias ou estadunidenses. Uma exceção seria o caso de Simone de Beauvoir, nos textos lançados em publicações argentinas, em que figura apenas o nome da autora no corpo do trabalho sem menção ao livro a que se refere. Nessas ocorrências a autoria remete a todo um conjunto de textos e arregimenta ideais que podem ser atribuídas a esse sujeito, reforçando sua importância dentro de um contexto e, nesse caso, de um campo de saberes ligado ao feminismo⁴⁸⁴. A importância de determinadas figuras autorais fornecem legitimidade à produção, bem como posicionam esse sujeito da escrita em uma determinada área além de uma perspectiva específica.

Outro artigo estrangeiro latino-americano encontrado na Revista *Estudos Feminista* é da autora Laura C. Pautassi, advogada argentina especialista em gestão de políticas sociais. Anterior à publicação do texto, concluiu uma pós-graduação na Universidade Livre de Berlim e na Universidade Humboldt (Alemanha), respectivamente nos anos de 1992 e 1996⁴⁸⁵. Foi consultora da CEPAL, investigadora do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* e do *Instituto de Investigaciones Jurídicas y Sociales "Ambrosio Gioja"* da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires⁴⁸⁶. Seu texto foi publicado no periódico brasileiro volume 6, número 1 de 1998, três anos após a última publicação estrangeira latino-americana, com o título *¿Primeiro...las Damas? La situación de la mujer frente a propuesta del ingreso ciudadano*⁴⁸⁷; sem tradução para o português.

Seu trabalho, que inicialmente estabelece as distinções entre os conceitos de sexo e de gênero, tem por objetivo realizar uma análise das desigualdades, injustiças e discriminações, produto das diferenças socialmente construídas. É por esse caminho que a autora justifica a implementação de políticas por meio de instituições que promovam o "ingresso cidadão"⁴⁸⁸. Traça uma trajetória histórica europeia e

⁴⁸⁴ Sobre o debate em torno da autoria, ver: FOUCAULT, Michel. Qué es un autor? *Litoral* n. 25/26, 1998. p. 35-71.

⁴⁸⁵ Colaboradores. *Revista Estudos Feministas*. v. 6. n. 1, 1998. p.240.

⁴⁸⁶ PAUTASSI, Laura C. *El cuidado como cuestión social desde un enfoque de derechos*. Santiago do Chile: Nações Unidas, 2007. p. 2. Disponível em: <https://dl.dropboxusercontent.com/u/107590005/pdf-pt/o-cuidado-como-questo-social-desde-un-enfoque-de-dereito.pdf>. Acesso em: 05 de janeiro de 2014.

⁴⁸⁷ PAUTASSI, Laura C. *¿Primeiro...las Damas? La situación de la mujer frente a propuesta del ingreso ciudadano*. *Revista Estudos Feministas*. v. 6. n. 1, 1998. p.46-70.

⁴⁸⁸ *Ibidem*. p. 48.

estadunidense de assistência social ligada aos direitos trabalhistas, às famílias nucleares e à maternidade. Segundo essa narrativa, no final da década de 1950 o Estado teve mais controle sobre os sujeitos, embora as mulheres mantivessem certa autonomia; na década de 1960, as mulheres assumiram maior controle sobre as práticas médicas em torno do próprio corpo e o divórcio ocasionou transformações nos antigos núcleos familiares formais; na década de 1980 houve Mónica Tarducci o crescimento das mulheres no mercado de trabalho com o declínio do número de filhos; e o período contemporâneo à escrita desse material é descrito como de igualdade no status jurídico, mas não nas classes sociais. Dessa forma, define o conceito de Estado de Bem-Estar que ao mesmo tempo constitui um grupo de serviços, mas também um grupo de ideias sobre as mulheres, as crianças, os idosos e a família a que pertence, por exemplo, o seguro social. Esse conceito, bem como o ingresso cidadão, que representa o acesso ao Estado de Bem-Estar, percorrem todo o trabalho, que se apresenta preocupado com o caráter jurídico das desigualdades sociais.

Embora se debruce em um contexto estrangeiro, é nas especificidades do debate a partir da experiência argentina que Laura Pautassi dedica a maior parte de seu texto. As mulheres na América Latina, com base nesse debate, não foram incentivadas ao mercado de trabalho e a assistência, inicialmente focada no atendimento materno-infantil. Havia distinções entre as possibilidades de acesso a auxílio por parte das diferentes classes e a figura de Eva Perón representou consideráveis melhorias no Estado de Bem-Estar a partir de instituições como a *Unión de Mujeres Socialistas* e a *Junta de la Victoria*. Nessa conjuntura a Argentina passou a sofrer um considerável crescimento no nível de escolaridade das mulheres em relação à América Latina.

No que se refere à proteção jurídica entre os anos de 1946 e 1989, a autora sinaliza que as mulheres eram observadas a partir de quatro fatores: como cidadãs, como trabalhadoras, como protetora e como criadoras. Entre avanços e retrocessos, as mulheres argentinas lograram o voto universal, assegurado em 1947; em 1987, o direito de decidir sobre o número de filhos; diante do direito penal recaíram questões ligadas à moral e a honra; o Código Civil sofreu uma série de alterações frente à conjuntura política; e, ainda como exemplo apresentado, a Constituição Nacional garantiu a igualdade de remuneração diante da igualdade de realização de tarefas. É justamente nesse último ponto, referente à mulher e ao trabalho, que o texto mais se desenvolve. A participação das mulheres argentina no mercado de trabalho no fim do século XIX esteve ligada às atividades domiciliares e pequenas

empresas familiares. O século XX não foi tão distinto, uma vez que mulheres com filhos continuaram realizando atividades ligadas ao âmbito doméstico ou de caráter informal, mantendo o trabalho feminino em um nível desqualificado. Nessa linha de pensamento, o trabalho masculino era útil, formal, com valor social, o que refletiu diretamente no fator financeiro. As mulheres, como ressalta a autora, continuavam sendo "mão de obra barata cujos direitos eram fáceis de postergar"⁴⁸⁹.

A última parte do texto sugere o que seriam formas de alcançar o ingresso cidadão defendendo o acesso igual ao Estado de Bem-Estar no apoio às necessidades básicas. Em certa medida Elizabeth Jelin também reflete sobre o acesso aos direitos sociais, mas, nesse último caso, o argumento está voltado à identificação desses grupos que sofriam com as desigualdades sociais propondo uma maior intervenção do Estado na resolução dessas questões.

As bases bibliográficas argentinas do trabalho desenvolvido por Laura Pautassi são compostas por autoras/es como Ruben Lo Vuolo⁴⁹⁰, Alberto Barbeito⁴⁹¹, Zulma Recchini de Lattes⁴⁹², Sonia Mychaszula⁴⁹³, Susana Bianchi⁴⁹⁴, Dora Barrancos⁴⁹⁵, Susana Novick⁴⁹⁶, Susana Torrado⁴⁹⁷, Haydeé Birgin⁴⁹⁸, Ruth Sautu⁴⁹⁹, Martha Roldán⁵⁰⁰, Rosalía Cortés⁵⁰¹, Catalina Wainerman, Alejandro Giusti⁵⁰², Adriana Marshall⁵⁰³, Dora Orlansky⁵⁰⁴, María Antonia Gallart⁵⁰⁵, María Guillermina Tiramonti⁵⁰⁶, Martín Moreno⁵⁰⁷, além da própria advogada.

⁴⁸⁹ Ibidem. p. 63.

⁴⁹⁰ Professor do *Centro Interdisciplinario para el Estudio de Políticas Públicas*, Argentina.

⁴⁹¹ Professor do *Centro Interdisciplinario para el Estudio de Políticas Públicas*.

⁴⁹² Demógrafa argentina.

⁴⁹³ Cientista social argentina.

⁴⁹⁴ Historiadora argentina.

⁴⁹⁵ Socióloga argentina.

⁴⁹⁶ Cientista social argentina.

⁴⁹⁷ Professora de demografia social da Universidade de Buenos Aires.

⁴⁹⁸ Socióloga argentina.

⁴⁹⁹ Socióloga argentina.

⁵⁰⁰ Advogada argentina.

⁵⁰¹ Professora de sociologia da Facultad Latinoamericana de las Ciencias Sociales (FLACSO), Buenos Aires.

⁵⁰² Sociólogo, professor da UBA.

⁵⁰³ Socióloga argentina.

⁵⁰⁴ Socióloga e administradora professora da UBA.

⁵⁰⁵ Socióloga espanhola naturalizada argentina.

⁵⁰⁶ Cientista política argentina.

Além desses nomes temos a citação da socióloga argentina Catalina Wainerman, autora também utilizada por Elizabeth Jelin no texto *Família y género: notas para el debate*. Jelin trabalha com o texto *Vivir en Familia*, lançado em 1994 em uma edição conjunta entre a UNICEF e o editorial Losada, de Buenos Aires. Já Laura faz uso de duas obras distintas: *De Nairobi a Pekin. Las mujeres y el trabajo en la Argentina*, edição de 1995 da editora Abril e uma parceria entre Catalina Wainerman e Alejandro Giusti, intitulada *¿Crecimiento Real o Aparente? La fuerza de trabajo en la Argentina en la última década*, publicada no periódico *Desarrollo Económico*, número 135, volume 34, lançado em 1994 e editado em Buenos Aires. Segundo o currículo de Catalina, disponível no *website* do *Centro de Estudios de Población*, vinculado a um organismo de investigações científicas na Argentina – o CONICET – ela está associada a áreas de pesquisa como reestruturação econômica e dinâmica familiar, família e trabalho, relações de gênero ligadas à família e trabalho⁵⁰⁸, recortes os quais são caros aos trabalhos tanto de Jelin quanto de Pautassi. A relevância da socióloga argentina nessa área de conhecimento ainda pode ser observada tendo em vista que foi consultora do documento nacional, no item destinado ao trabalho, encaminhado à IV Conferencia Mundial da Mulher realizada em Pequim em 1995⁵⁰⁹. Entre os referenciais estrangeiros latino-americanos utilizados por Laura Pautassi, encontramos quatro autoras: a socióloga chilena Teresa Valdes, com *Situación legal de las Mujeres Latinoamericanas*⁵¹⁰; Orlandina de Oliveira com *Mujer e trabajo en América Latina: diversidad de tendencias y perspectivas de análisis*, workshop sobre Mulher e Trabalho na América Latina realizado pelo *Instituto de Investigaciones Sociales* da UBA⁵¹¹; e uma parceria entre Virginia Guzman⁵¹² e Rosalba Todaro⁵¹³, *Discriminación en el Trabajo*

⁵⁰⁷ Sociólogo argentino.

⁵⁰⁸ Catalina Wainerman. *Centro de Estudios de Población*. Disponível em: <http://www.cenep.org.ar/index.php/investigadores/40.html>. Acesso em: 06 de janeiro de 2014.

⁵⁰⁹ Catalina Wainerman. Currículo Vitae. Universidad de San Andrés. Disponível em: <http://www.udesa.edu.ar/Sobre-San-Andres/cuerpo-docente/Detalle-de-profesor?pid=47856>. Acesso em: 06 de janeiro de 2014.

⁵¹⁰ In: *Mujeres Latinoamericanas en Cifras*. Tomo Comparativo. Santiago de Chile: FLACSO, 1995.

⁵¹¹ Evento realizado em 27 e 28 de abril de 1995 na Universidade de Buenos Aires.

⁵¹² Investigadora do *Centro de Estudios de la Mujer*, Santiago do Chile.

⁵¹³ Economista chilena.

como *Tema de Agenda*, oficina apresentada no mesmo evento. Dessas autoras, Valdes e Orlandina também são citadas em textos de Elizabeth Jelin: em *Mulheres e Direito Humanos*, Valdes é referenciada com a produção *Mujer y Derechos Humanos "menos tu vientre"*; e em *Familia y Género: notas para el debate*, Orlandina de Oliveira⁵¹⁴ é referenciada com *Trabajo Femenino y Vida Familiar en México*, todas obras distintas. Entre outras autorias estrangeiras que compõem o trabalho de Laura Pautassi, localizamos Lourdes Benería⁵¹⁵, Nicole Laurin-Frenette⁵¹⁶, Gisela Bock⁵¹⁷, Mariette Sineau⁵¹⁸, Marianne Nordli Hansen⁵¹⁹, Nadine Lefaucheur⁵²⁰, Thomas Humphrey Marshall⁵²¹, Rose-Marie Lagrave⁵²² e Hermione Parker⁵²³. Contudo, suas maiores referências ainda são representadas por publicações argentinas.

Estabelecendo considerações em torno do material encontrado na Revista *Estudos Feministas*, observamos narrativas ligadas às experiências feministas, seja em eventos seja na elaboração de oficinas, mas também trabalhos que discutem as condições sociais das mulheres em territórios específicos e em períodos contemporâneos às autoras. Ou seja, narrativas que enfatizam a América Latina e as trajetórias argentinas em contextos de reestabelecimento democráticos refletindo sobre os desafios, para elas, atuais. Embora tenhamos encontrado uma maior circulação de livros e textos estadunidenses e de países Europeus através do depósito legal e, de uma análise mais ampla, nos periódicos, os diálogos bibliográficos instituídos pelos materiais que viajaram para a Argentina e para o Brasil não seguem essa mesma lógica. Eles dialogam com os contextos as quais as autoras tematizam.

O último artigo de uma estrangeira latino-americana encontrado na Revista *Estudos Feministas* é da cubana Sonia E. Alvarez, *Feminismos Latino Americanos*⁵²⁴, lançado no segundo número do ano de 1998. Anterior à publicação do texto no periódico brasileiro, outra

⁵¹⁴ Socióloga mexicana com atuação profissional no Brasil.

⁵¹⁵ Economista feminista professora da *Cornell University*, EUA.

⁵¹⁶ Autora francesa.

⁵¹⁷ Historiadora alemã.

⁵¹⁸ Cientista política francesa.

⁵¹⁹ Socióloga norueguesa.

⁵²⁰ Socióloga francesa.

⁵²¹ Sociólogo britânico.

⁵²² Professora da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, França.

⁵²³ Feminista com atuação no Reino Unido.

⁵²⁴ ALVEZ, Sonia E. *Feminismos Latinoamericanos*. *Revista Estudos Feministas*. n. 2, 1998. p. 265-284.

versão do mesmo trabalho foi apresentado no evento *Conversatorio sobre Reflexiones Teóricas y Comparativas sobre Feminismos en Chile y América Latina*, realizado em Santiago, na *Universidad de Chile*, entre os dias 2 e 3 de abril de 1998, sendo publicado no semestre seguinte. O referido trabalho encontra-se em espanhol, sem qualquer referência à tradução, o que leva a crer que este foi apresentado no evento na mesma língua. Dentro do recorte da pesquisa, no ano de 1994 (volume 2, número 2), Sonia Alvarez já havia publicado outro artigo no periódico em uma parceria com as autoras estadunidenses Nancy Saporta Sternbach, Marysa Navarro-Aranguren e com a canadense Patricia Chuchryk, intitulado *Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo*. Suas contribuições à Revista feminista brasileira, em coautoria ou não, perpassam outras edições dos anos de 2000, 2009, 2012 e 2013, somando um total de oito textos divulgados nesse veículo.

Sonia Alvarez, seguindo a biografia disponibilizada nas várias edições em que teve textos publicados, atuou profissionalmente nesse período apenas nos Estados Unidos: na *University of California*, em Santa Cruz, e na *University of Massachusetts*, em Amherst. Fez seu doutorado na *Yale University*⁵²⁵ e possui uma produção na área de Ciência Política sobre feminismos latino-americanos, brasileiros, transnacionalismos, ONG's, entre outros. Nascida em Cuba, mas mudando-se para os Estado Unidos ainda criança⁵²⁶, a autora é atravessada por essas territorialidades e situada em um espaço de intersecções das mesmas, ou ainda, um entre-lugar⁵²⁷. É a partir dessa dupla identificação, ou desidentificação, que possui uma produção acadêmica que discorre sobre a América Latina no exterior.

Seu artigo na *REF*, aqui analisado, é justamente ligado aos seus campos de interesse, trabalhando entrevistas com peruanas e colombianas, realizadas em meados de 1997, sobre os movimentos feministas. Nesse sentido, a autora problematiza o conceito de “movimento feminista” reconhecendo a sua trajetória, que vem desde o século XIX, para pensar os contextos contemporâneos ao desenvolvimento do trabalho, por sua vez democráticos, globalizados e

⁵²⁵ Sonia E. Alvarez. Department of Political Science. *University of Massachusetts*. Disponível em: http://polsci.umass.edu/profiles/Alvarez_Sonia/. Acesso em: 09 de janeiro de 2014.

⁵²⁶ Entrevista concedida ao Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina em 19 de novembro de 2013.

⁵²⁷ Cf. BHABHA, Homi K. *Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

que assumiram um fenômeno que nomeia *ONGeización*⁵²⁸. Esse termo – que está associado à estreita relação entre ONG’s e o Estado na América Latina durante a década de 1990 – trata de uma temática central ao trabalho, uma vez que é através da narrativa das feministas entrevistadas que esse processo acaba sendo discutido. Na articulação do *networking*, a autora classifica as Organizações não Governamentais como híbridas, mantendo-se integradas a um movimento de mulheres maior, fora de seus limites territoriais, mas também às mulheres por quem enunciam trabalhar. Segundo a narrativa, muitas dessas pessoas ligadas a esses grupos unem-se por questões políticas mais do que pelo feminismo em si, e o alinhamento com políticas públicas, promovidas pelos governos, garante os financiamentos ao mesmo tempo em que as amarram na possibilidade de um posicionamento crítico diante das atuações do Estado. Isso gera o que Sonia Alvarez intitula uma “acomodação discursiva”⁵²⁹, em uma necessidade de negociar linguagens mutuamente aceitas tanto pelo Estado como pelos movimentos. Dentre essa discussão as ONG’s ainda são destacadas pelo cumprimento de função que, por sua vez seriam de incumbência dos governos. Promovendo assistência aos pobres, defendendo direitos à saúde e à educação, essas instituições tornaram uma forma conveniente de difusão dos propósitos estatais.

No que diz respeito aos referenciais teóricos utilizados por Sonia Alvarez, eles são compostos por nomes como Nathalie Lebon⁵³⁰, Jenny Pearce⁵³¹, Isebill Gruhn⁵³², Nancy Fraser, Jane Mansbridge⁵³³, David Hulme⁵³⁴ e Michael Edwards⁵³⁵, ou seja, a maioria de profissionais ligados ao contexto estadunidense, espaço em que a autora está inserida. Referenciais latino-americanos são utilizados cinco: *Carta de Virginia Vargas ao VII Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe*⁵³⁶ de Virginia Vargas⁵³⁷; *Las Mujeres y el Poder: la acción estatal desde una*

⁵²⁸ ALVEZ, Sonia E. Op. cit. p. 268.

⁵²⁹ Ibidem. p. 278.

⁵³⁰ Antropóloga professora da *University of Florida*.

⁵³¹ Latino americanista professora no Reino Unido.

⁵³² Professora de Política nos Estados Unidos.

⁵³³ Professora da área de teoria política nos Estados Unidos.

⁵³⁴ Professor da *Manchester University*, Inglaterra.

⁵³⁵ Escritor e ativista estadunidense.

⁵³⁶ Chile, fotocópia, 1996.

⁵³⁷ Peruana com atuação profissional na Holanda.

*perspectiva de género en Chile*⁵³⁸ de María Elena Valenzuela⁵³⁹; *La Larga Marcha: Movimiento de mujeres en Colombia*⁵⁴⁰ e *Women Collective Kitchens, and the Crisis of the States in Peru*⁵⁴¹ ambos os textos de Maruja Barrig⁵⁴²; e *IV Conferencia Mundial de la Mujer, Beijin '95: actores y discursos*⁵⁴³, coautoria entre Olga Grau⁵⁴⁴, Raquel Olea⁵⁴⁵ e Francisca Pérez⁵⁴⁶.

Embora me debruce sobre os artigos, é importante destacar que na coluna da *REF* intitulada “Ponto de Vista”, destinada às entrevistas com feministas de outras nacionalidades, encontramos até o ano de 1997 o desenvolvimento de textos sobre temáticas variadas. Celi Regina Pito escreve sobre a edição brasileira da revista masculina *Playboy* em que uma integrante do Movimento dos Sem Terra foi fotografada (número 2 de 1997), Sueli Rolnik republica um debate que intitula *Guerra dos Gêneros* (no. 1 de 1996), Lia Zanota Machado e Maria Aparecida Schumacher participam de reflexões com base na experiência da Conferência de Mulheres, realizada em Pequim (número 2 1995), entre outros exemplos. Nesse grupo, encontramos também a divulgação de outras autoras latino-americanas nesse espaço da Revista, estrangeiras ao contexto brasileiro. No segundo volume, número 3 de 1994, foi publicado um texto reflexivo entre a brasileira Sônia Correa, a chilena Marisa Matamala, a peruana Nancy Palomino e a argentina Silvina Ramos – com o título *As Aventuras e o Consenso do Movimento Feminista no Caminho para o Cairo* – e no volume 4, número 2 de 1996, foi lançado um debate com a mexicana Marisa Belausteguigoitia Rius – intitulado *Máscaras y Posdatas – estrategia femenina en la rebelión indígena de Chiapas*.

Tratando do primeiro exemplo estrangeiro latino-americano a compor a seção Ponto de Vista, *As Aventuras e o Consenso do*

⁵³⁸ Trabalho apresentado na conferência *New Concepts of Democracy and Gendered Citizenship in Latin America: local, national and global perspectives* realizado em Guadalajara, no México, entre 14 e 16 de abril de 1997.

⁵³⁹ Socióloga chilena,

⁵⁴⁰ Fotocópia, 1997.

⁵⁴¹ In: FRIEDMAN, John; ABERS, Rebecca; AUTLER, Lilian. *Emergences: women's struggles for livelihood in Latin America*. Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications, 1996.

⁵⁴² Ativista e escritora feminista peruana.

⁵⁴³ Minuta, 1997.

⁵⁴⁴ Professora de Filosofia da *Universidad de Chile*.

⁵⁴⁵ Crítica literária chilena.

⁵⁴⁶ Professora do Departamento de Psicologia da *Universidad de Chile*.

*Movimento Feminista no Caminho para o Cairo*⁵⁴⁷, este foi uma tradução do texto originalmente publicado no boletim da *Dawn Development Alternatives with Women for a New Era* (número 1 de 1994), da organização de combate à inequidade e discriminação das mulheres criado em agosto de 1984 em Bangarole, na Índia⁵⁴⁸. Sua versão original, em inglês, possuía o título *From Paralysis to Fertile Adventures* e a tradução foi realizada por Renato Aguiar, que trabalha, até os dias de hoje, com tradução de obras literárias em língua inglesa e francesa.

O texto é assinado por uma série de militantes feministas latino-americanas incluindo a brasileira Sônia Correa, fundadora da organização não governamental SOS Corpo (criada em 1981), que possui especialização em Antropologia e na época da publicação do texto era coordenadora do Instituto Brasileiro de Análise Social e Estatística (IBASE). Entre elas ainda estão a médica chilena Marisa Matamala, na época coordenadora do *Coletivo Mujer y Salud y Medicina Social* de seu país; Nancy Palomino feminista peruana integrante do *Centro Flora Tristan* e responsável pelo Programa de População e Direitos Humanos nos anos 1990; e, por fim, a socióloga argentina Silvina Ramos, que, no período, era coordenadora do Programa para o Cone Sul de Pesquisa Qualitativa em Saúde Reprodutiva financiado pela Fundação Ford.⁵⁴⁹

Em certa medida o texto pode ser comparado ao trabalho de Virginia Vargas, anteriormente apresentado neste capítulo, por refletir sobre a experiência diante de um evento feminista ligado ao contexto da América Latina. Assim, o que as autoras fazem é uma reflexão sobre o processo de negociação das agendas feministas antes da reunião que seria realizada no Cairo, possivelmente se referindo à Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento ocorrido no ano de 1994. As pessoas que compuseram a reunião da Rede de Saúde das Mulheres Latino-Americanas e do Caribe, evento realizado em julho de 1993 na cidade mexicana de Oaxtepec, indicaram a redação de um documento "articulando ideias", o que provavelmente dizia respeito à

⁵⁴⁷ CORREA, Sônia; MATAMALA, Marisa; PALOMINO, Nancy; RAMOS, Silvina. As Aventuras e o Consenso do Movimento Feminista no Caminho para o Cairo. *Revista Estudos Feministas*. v. 2. n. 3, 1994. p. 150-160.

⁵⁴⁸ Herstory. *Dawn Development Alternatives with Women for a New Era*. Disponível em: <http://www.dawnnet.org/feminist-resources/about/history>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

⁵⁴⁹ Colaboradores. *Revista Estudos Feministas*. v. 2. n. 3, 1994. p. 244.

sistematização de demandas locais. A temática do texto publicado na Revista *Estudos Feministas*, segundo as autoras, é justamente sobre as considerações a respeito desse contexto de formulação do documento.

Nesse sentido, os caminhos da escrita passaram por parte da trajetória do feminismo destacando as especificidades da América Latina, refletiram sobre as diversidades e as divergências no meio, as desigualdades entre Norte e Sul nos movimentos feministas e políticas a eles ligadas, para então listarem as "aventuras", que na época representavam os desafios a serem enfrentados. Essas se tratam da articulação de projetos a longo prazo vinculados às transformações contemporâneas às autoras, de repensar os conceitos de políticas públicas e de população, ponderando sobre questões práticas, de busca por formas de convergência das agendas, e de estabelecimento de atuações estratégicas de aliança. O desenvolvimento desses pontos são os caminhos que as autoras descrevem como processo histórico que as deveriam levar ao evento no Cairo, à Cúpula de Desenvolvimento Social em Copenhague (março de 1995) e à Conferência sobre Mulher e Desenvolvimento – quarta edição realizada no ano de 1995, em Pequim, tema da narrativa de Virginia Vargas.

Sobre as referências utilizadas, não há notas de rodapé ou listagem de autoras/es que embasem o debate. Apenas encontramos duas citações de trechos de livros que antecipam o início de dois dos subcapítulos. Um deles é retirado de *Reinventing Yourself as Other: more new agents os history and knowledge*, da filósofa estadunidense Sandra Harding, publicado em 1991; e o outro do periódico francês *Economie et Humanisme*, número 325, de junho de 1993, de Henryane Chaponay, sem menção ao título⁵⁵⁰.

O segundo texto, dentro do recorte investigativo da tese, a compor a seção “Ponto de Vista” da Revista *Estudos Feministas* é *Máscaras y Posdatas – estrategia femenina en la rebelión indígena de Chiapas*⁵⁵¹, publicado no volume 4, número 2 de 1996, edição em que não há nenhum outro material dentro do recorte de fontes da pesquisa. Novamente esse é um trabalho lançado anteriormente, no número 12 do periódico mexicano *Debate Feminista*, sendo publicado nas duas

⁵⁵⁰ Em ambas as citações não há maiores informações sobre editora ou localidade da publicação.

⁵⁵¹ RIUS, Marisa Belausteguigoitia. *Máscaras y Posdatas – estrategia femenina en la rebelión indígena de Chiapas*. *Revista Estudos Feministas*. v. 4. n. 2, 1996. p. 402-417.

edições em espanhol⁵⁵². Conforme o *website* do periódico sediado no México, que disponibiliza suas versões online, há uma considerável contribuição de Marisa Belausteguigoitia Rius, com textos como *México quiere ser libre*, *El aborto en México* e *Inauguración de la Muestra Internacional de Cine con Perspectiva de Género*, explorando principalmente os contextos mexicanos e latino-americanos.⁵⁵³

Marisa Belausteguigoitia Rius é professora da Faculdade de Filosofia e Letra da Universidade Autônoma do México, ligada ao Programa Universitário de Estudos de Gênero da instituição. Sua formação também esteve ligada à área, realizando doutorado em estudos culturais e de gênero na Universidade da Califórnia, Berkeley⁵⁵⁴, esse na primeira metade da década de 1990, período em que o trabalho possivelmente foi escrito⁵⁵⁵.

Máscaras y Posdatas aborda o discurso produzido sobre a rebelião em Chiapas, levante Zapatista iniciado no ano de 1994 na região mexicana. O texto aqui apresentado é um recorte de uma pesquisa maior sobre os limites do México em suas duas fronteiras Norte e Sul, sejam territoriais, sejam simbólicas. Nesse sentido, ao Norte a autora sinaliza representações da identidade chicana rebelde, evitando perder seu corpo e sua terra, e ao Sul as "mulheres indígenas com carne e sem verbo"⁵⁵⁶, invisíveis. Marisa Belausteguigoitia Rius trata da reescritura de lendas como *La Malinche*⁵⁵⁷, que reúne a tradutora e traidora da cultural, questiona o lugar do corpo mestiço e indígena oprimido, reflete sobre a encenação ou o caráter performático das máscaras no Exército Zapatista de Liberação Nacional e sobre o papel feminino nesse movimento. Discute também a voz masculina no Zapatismo e, como

⁵⁵² Entre as edições há diferenças em relação ao plural das palavras, sendo o título original *Máscaras y Posdatas: estrategias femeninas en la rebelión indígena de Chiapas*.

⁵⁵³ Biografia. Marisa Belausteguigoitia Rius. *Debate Feminista*. Disponível em: http://www.debatefeminista.com/autora.php?id_autor=3. Acesso em: 13 de janeiro de 2014.

⁵⁵⁴ Marisa Belausteguigoitia Rius. Programa Universitario de Estudios de Género. UNAM. Disponível em: http://www.pueg.unam.mx/index.php?option=com_content&view=article&id=43&Itemid=56. Acesso em: 13 de janeiro de 2014.

⁵⁵⁵ Colaboradores. *Revista Estudios Feministas*. v. 4. n. 2, 1996. p.562.

⁵⁵⁶ RIUS, Marisa Belausteguigoitia. Op. cit. p. 402.

⁵⁵⁷ Também conhecida como *Malintzin* e *Doña Marina*, foi interlocutora de Hernán Cortés na conquista do México, no século XIV.

sugere o título, reflete sobre o sentido do "posdata", escritos contidos nos finais das cartas utilizadas pelo grupo.

O texto de Marisa não contém muitas referências, mas entre elas encontramos autores como Roger Burbach⁵⁵⁸ – *Roots of the Postmodern Rebellion in Chiapas*⁵⁵⁹ –, Norma Alarcón⁵⁶⁰ – *Esta Puente Mi Espalda* –, Homi K. Bhabha⁵⁶¹ com *Localition of Culture*⁵⁶², e Stuart Hall⁵⁶³ – *The Local and the Global. Globalization and Ethnicity*⁵⁶⁴ – marcando referenciais de escritoras e escritores do Eixo-Sul. Ainda estabelecendo considerações a respeito de dois trabalhos publicados na seção Ponto de Vista da Revista *Estudos Feministas*, é possível observar que eles corroboram com algumas características em relação aos outros materiais encontrados no periódico. Descrevendo sobre experiências dos movimentos feministas ou sobre a pesquisa efetuada em um determinado contexto, e pensam as especificidades de uma identidade latino-americana das mulheres.

Prosseguindo o debate com as publicações estrangeiras latino-americanas encontradas no periódico brasileiro *Cadernos Pagu*, e seguindo uma ordem cronológica dessas publicações dentro das edições do mesmo, encontramos um trabalho da antropóloga argentina Mónica Tarducci. Como mencionado no primeiro capítulo da tese, Mónica está ligada à coordenadoria da pós-graduação, com ênfase na perspectiva de gênero, em Estudos da Família da *Universidad de San Martín* e também ao mestrado *Poder y Sociedad desde la Problemática de Género* da *Universidad Nacional de Rosario*. Ligada à Universidade de Buenos Aires através do CAF – *Coletiva Antropólogas Feministas* –, grupo de pesquisa da Faculdade de Filosofia e Letras, Mónica Tarducci também possui uma trajetória no movimento feminista argentino de meados da década de 1980.⁵⁶⁵

⁵⁵⁸ Estudioso estadunidense de temáticas ligadas às Américas.

⁵⁵⁹ *New Left Review*. n. 205, 1995.

⁵⁶⁰ Feminista mexicana com atuação profissional nos Estados Unidos.

⁵⁶¹ Escritor indiano ligados as teorias pós-coloniais.

⁵⁶² Routledge, 1991. Não consta localidade na referência.

⁵⁶³ Teórico cultural jamaicano.

⁵⁶⁴ In: KING, ANthony. *Culture, Globalization, and Word System*. Macmillan Educational LTD, 1991.

⁵⁶⁵ Quiénes somos. *Coletiva Antropólogas Feministas*. Disponível em: http://www.feministasantropo.com.ar/?page_id=18. Acesso em: 06 de janeiro de 2014.

O texto da antropóloga argentina, que aqui me refiro, é *O senhor nos libertou: gênero, família e fundamentalismo*⁵⁶⁶, publicado na terceira edição do Periódico, no ano de 1994, em língua portuguesa. Essa é uma reedição do texto *El señor nos liberó: el impacto del fundamentalism* [sic.] *en las mujeres de sectores populares* lançado no periódico *Publicar*, ano 2, número 3, no ano de 1992. A pessoa responsável por essa tradução foi Ricardo Augusto Vieira, na época mestrando em Filosofia da UNICAMP, instituição em que os *Cadernos* eram, e são até hoje, editados. Essa prática de utilização de estudantes ligadas/os aos programas de pós-graduação das instituições nas quais são editadas é também encontrada no outro periódico feminista brasileiro analisado, no caso de um dos textos de Elizabeth Jelin.

Tendo como ponto de partida o documento "O fundamentalismo como ameaça atual e crescente aos Direitos Humanos da mulher", adotado em 24 de junho de 1992 pelo *Instituto de Liderazgo Global de la Mujer*, a autora argentina desenvolve uma análise sobre investigação realizada em um grupo pentecostal de uma comunidade popular de Buenos Aires. O referido documento atenta para o caráter de controle das instituições religiosas, principalmente em relação às mulheres, à violação dos direitos humanos, sua fusão com o Estado, o poderio econômico, entre outros. Para Mónica, esses são alguns dos tópicos que norteiam a investigação dos discursos fundamentalistas em torno das mulheres, da família, bem como da vida cotidiana daquelas que se convertem a esse movimento religioso, em meados da década de 1980, e, dessa forma, descreve seu objeto de estudo enquanto um fenômeno social.

A historicidade do fundamentalismo, que diz respeito à vinculação com o movimento protestante conservador criado nos Estados Unidos no final do século XIX, é explorada ao relatar a oposição dos pastores à nova mulher que crescia numericamente no mercado de trabalho desse período. Mesmo frente a esses elementos, no século XX o maior número de pessoas integrando correntes fundamentalistas pentecostais eram mulheres, o que é problematizado por Mónica Tarducci frente ao inicial caráter contraditório desses dados. Dessa forma, apresenta números sobre a economia argentina da década de 1980 que apontam para a feminização da pobreza. Mesmo diante da maior facilidade das mulheres conseguirem emprego, os salários das mesmas eram consideravelmente menores. Como desfecho, é possível

⁵⁶⁶ TARDUCCI, Mónica. O senhor nos libertou: gênero, família e fundamentalismo. *Cadernos Pagu*. v. 3, 1994. p. 143-163.

concluir que todo esse movimento de entrada das mulheres no mercado de trabalho não fez com que o machismo presente na sociedade argentina perdesse força.

As fontes utilizadas no trabalho apresentado por Mónica Tarducci são as observações realizadas no cotidiano de uma igreja da União das Assembleias de Deus – participando de ofícios, reuniões de mulheres, batizados, casamentos, etc. – e a análise de dez histórias de vida, em sua maioria de mulheres com mais de 45 anos, casadas, com nível de instrução primário. Algo que é descrito como característica que perpassou os discursos das entrevistadas foi o poder transformador da conversão e seu consumo cultural, em grande parte associado às temáticas religiosas, sejam livros, programas de televisão ou rádio. O material partilhado na igreja, bem como o discurso dos próprios pastores, segundo as observações realizadas, transitava entre a dicotomia de igualdade através da fé e a compreensão em torno da família cristã que distinguia atribuições às mulheres e aos homens. O casamento era narrado como o "pilar da nação", "defensor da família" que, juntamente com a igreja, compunham os principais inimigos de Satanás⁵⁶⁷.

A conversão também é observada como um caminho de humildade e autocontrole aos esposos agressores. As mulheres afetuosas convenciam de forma mais fácil um marido incrédulo, embora o próprio lado amável e feminino das mulheres levassem os homens ao respeito, mesmo os que não convertidos, segundo o discurso pentecostal. Igreja e família assumiam uma posição tão central, que as mulheres, a partir dessa pesquisa, não se relacionavam socialmente com pessoas fora de círculo: apenas com os "irmãos e irmãs na fé"⁵⁶⁸. Segundo análise, isso fazia com que a comunidade estivesse alheia ao Estado e à sociedade, limitando o trabalho feminino, bem como qualquer interação. As mulheres nessa conjuntura são passivas, objetos da vontade divina, em uma sacralização de sua subordinação. Contudo, entendendo esse como um fenômeno social, a autora sinaliza a segurança promovida por esse "microcosmo", que as deixam alheia às "hostilidades do mundo"⁵⁶⁹.

Além da fonte *Sola en la camino de la fé: soy cristiana, my marido no*⁵⁷⁰, livro de Marfa Cabrera, esposa de um reconhecido pastor pentecostal, outros autores são trabalhados como, por exemplo, os

⁵⁶⁷ Ibidem. p. 155.

⁵⁶⁸ Ibidem. p. 158.

⁵⁶⁹ Ibidem. p.162.

⁵⁷⁰ Buenos Aires: Fundación Visión de Futuro, 1992.

estrangeiros Walter Hollenweger⁵⁷¹, Rodney Stark⁵⁷² e William Sims Bainbridge⁵⁷³ e o argentino Alberto Minujin⁵⁷⁴. Entre publicações de estrangeiros latino-americanos, ainda é possível listar a citação do texto *Sobre la categoría género: una introducción teórico metodológica*⁵⁷⁵, edição mexicana da autora Teresita Barbieri⁵⁷⁶, *Fundamentalismo e Integralismo: os nomes e a coisa*⁵⁷⁷ de Antonio Pierucci⁵⁷⁸ e *El crecimiento del movimiento pentecostal en América Latina*⁵⁷⁹ de Juan Sepulveda⁵⁸⁰.

No geral, Mónica Tarducci utiliza um maior número de referências de publicações de autorias latino-americanas e, entre essas, encontramos escritoras e escritores que foram utilizadas/os por outros textos analisados neste capítulo. *A presença das mulheres na América Latina em uma década de crises*⁵⁸¹, parceria autoral entre Teresita Barbieri e Orlandina Oliveira, faz parte do referencial de Tarducci. A socióloga mexicana – última das duas autoras listadas – também é base para as pesquisas de Elizabeth Jelin – no texto *Familia y Género: notas para el debate* – e para Laura Pautassi. María del Carmen Feijoó, investigadora argentina da área de políticas educacionais, é citada na publicação aqui analisada com o texto *Las mujeres en los barrios*⁵⁸² e também no texto *Mulheres e Direitos Humanos* de Elizabeth Jelin.

Como fechamento podemos considerar o trabalho de Mónica Tarducci como um estudo de caso, que, assim como o trabalho de Ana Luiza Andrade, *La poética caníbal de Clarice Lispector: del sauce de Rober a la sangre bruta*, publicado no periódico argentino *Mora*, desenvolve problemáticas a partir de recortes próprios a seus contextos. Como exemplo, ainda podemos mencionar *Radio Terra* de Eliana Ortega e mesmo *Máscaras y Posdatas* de Marisa Belausteguigoitia Rius, anteriormente analisados. Enfocando a América Latina de forma mais

⁵⁷¹ Teólogo suíço.

⁵⁷² Sociólogo estadunidense.

⁵⁷³ Sociólogo estadunidense.

⁵⁷⁴ Demógrafo e político social argentino.

⁵⁷⁵ México: Mimeo, 1990.

⁵⁷⁶ Cientista social uruguaia.

⁵⁷⁷ XV Encontro Anual da ANPOCS. Caxambú, 15 a 18 de outubro de 1991.

⁵⁷⁸ Sociólogo brasileiro.

⁵⁷⁹ In: ALVAREZ, Carmelo. *Pentecostalismo y Liberación: una experiencia latinoamericana*. San José: DEI, 1987.

⁵⁸⁰ Teólogo chileno.

⁵⁸¹ Rio de Janeiro: MUDAR, 1985.

⁵⁸² UNIDAS. Año 1. n. 2, 1987.

ampla ou discutindo as especificidades dos territórios aos quais essas autoras possuem alguma identificação, a autoridade discursiva do material analisado neste capítulo esteve centrada nas experiências pertinentes a esses sujeitos. O conceito de “testimonio” em parte atende a essa característica, por representar a autenticidade cultural baseada na experiência social subalterna, no qual as pesquisadoras tornam-se as “parteiras” dessa, sem que ocorra uma subordinação a outros saberes hegemônicos⁵⁸³. Há certa associação entre o conhecimento, a política, a estética e as problemáticas que, ao mesmo tempo que situam esses saberes através desses elementos, os colocam em uma perspectiva transnacional devido diálogos observados através dos referências bibliográficos.

O último dos artigos encontrados na pesquisa empreendida nos *Cadernos Pagu* está na edição seguinte a do texto de Mónica Tarducci, no volume 4 do ano de 1995. Seu autor, Alejandro Cervantes Carson, embora mexicano, possui atuação profissional nos Estados Unidos (*Mary Washington College* - Fredericksburg/EUA), sendo que no período de publicação de *Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão da identidade de gênero da mulher*⁵⁸⁴ era associado ao Departamento de Sociologia e ao Centro de Pesquisa da População da Universidade do Texas. Nascido na Cidade do México, fez sua formação tanto em seu país de origem quanto em território estadunidense e, considerando que seu doutorado foi realizado na instituição texana, provavelmente o período de produção do material publicado nos Cadernos foi o mesmo de realização dessa titulação. Possui como áreas de interesse e de desenvolvimento de pesquisas a sociologia política, justiça social, inequidade na América Latina, além de produções sobre o contexto mexicano⁵⁸⁵. Contudo, o texto do autor nesse entre-lugar que aqui analiso, não trata de um recorte investigativo latino-americano, característica de todos os demais textos encontrados em periódicos argentinos e brasileiros entre o final da década de 1980 e final de 1990. *Entrelaçando consensos*, é uma reedição do artigo

⁵⁸³ NUNES, João Arriscado. Testemunho e conhecimento situado. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 332-334.

⁵⁸⁴ CARSON, Alejandro Cervantes. *Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão da identidade de gênero da mulher*. *Cadernos Pagu*. v. 4, 1994. p. 187-218.

⁵⁸⁵ BREEN, Margaret Sönsner; PETERS, Fiona. *Genealogies of Identity: Interdisciplinary Readings on Sex and Sexuality*. Amsterdam: Rodopi, 2005. p. 263.

publicado no periódico mexicano *Estudios Sociológicos*, volume XI, número 31 do ano de 1993, esse pertencente ao *Colegio de México*, instituição de ensino superior pública do país. Com tradução para o português, esta atividade foi realizada por um estudante ligado à UNICAMP, Ricardo Augusto Vieira, que também foi responsável pelo texto de Mónica Tarducci. Embora não tenha encontrado outras informações sobre Ricardo, é possível identificar que foi responsável por outras traduções do periódico brasileiro de Campinas, como do texto *Gênero, Experiência e Subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott* de Eleni Várikas (volume 3 de 1994).

No intuito de discutir elementos conceituais da terminologia "gênero", Alejandro desenvolve uma estrutura textual que aborda os atritos, mas, principalmente, os consensos em torno dessa temática em um movimento de legitimação desses estudos nas comunidades acadêmicas. O primeiro consenso explorado diz respeito à opressão das mulheres em diferentes níveis sociais: Estado, instituições, trabalho, educação, espaço doméstico, etc. A década de 1960 é narrada como um momento de politização das mulheres e de amplitude de movimentos ligados a seus direitos em prol da equidade social, preocupação que se voltaria para a família tendo em vista que os direitos civis frente ao Estado só resolveriam parte do problema. As transformações no espaço público e privado, segundo autor, criaram a necessidade de um novo discurso, que passou a descrever esses fenômenos sociais de maneira diferenciada. Como mencionado anteriormente, de forma abrangente, a narrativa de Alejandro Cervantes Carson não possui lugar. Há apenas uma breve menção aos contextos estadunidense, francês e inglês, e a narrativa constrói um percurso teórico, sem estar situado a uma determinada territorialidade.

A tomar pelas outras produções esse é o único trabalho que não tem como cenário o contexto latino-americano ou ainda a experiência de um determinado país dentro desse recorte geopolítico. Sobre o debate referente às representações em torno da produção do saber, podemos afirmar que as teorias circulam com maior facilidade diante da produção do conhecimento sobre um determinado tema local. Jonathan Culler, embora desenvolva discussões voltadas para a teoria da literatura, faz uma definição que exprime essa flexibilidade da teoria que é apropriada e reapropriada a partir de contextos. Para o autor, os textos que se tornam teoria fornecem explicações sobre sentido, cultura e natureza, entre outras temáticas. São geralmente definições complexas

envolvendo uma série de fatores e não hipóteses ou obviedades, tendo como um de seus pontos práticos a mudança de opinião⁵⁸⁶.

Retomando a apresentação do trabalho de Alejandro Cervantes Carson, o segundo consenso diz respeito às desigualdades entre mulheres e homens e como essas não estão associadas a origens biológicas, mas às construções sociais. Assim, rompe-se a ligação com elementos de diferenças naturais para o mundo social, que seriam os estudos de gênero. Esses estudos ainda sofreram transformações, afastando-se de uma compreensão estrutural das diferenças para pensar as relações entre mulheres e homens em determinados contextos históricos. O terceiro, diz respeito às condições de opressão das mulheres, mas associada às classes sociais. Segundo o autor, ação e coerção passam pelo que seria o filtro de classe e, assim, entra na discussão do sistema "classe e gênero" e em que medida esses estão articulados. Nessa parte do texto, Alejandro cita uma série de autoras a que esse debate pode ser associado sem que haja, no entanto, o registro das obras. É o caso de Linda Nicholson⁵⁸⁷, Joan Acker⁵⁸⁸, Nancy Fraser⁵⁸⁹ e Rosemary Crompton⁵⁹⁰, autoras que podemos encontrar no referencial bibliográfico, mas não associadas aos seus textos nesse trecho. Ao longo do texto isso ocorre também com outras/os autoras/es como Jurge Habermas⁵⁹¹, Emma Goldman⁵⁹², Charlotte Perkins Gilman⁵⁹³, por exemplo.

As propostas que surgem a partir do que o autor mexicano cita como quatro consensos dentro desse campo dizem respeito à elaboração da identidade das mulheres com base nas experiências simbólicas partilhadas. O debate de gênero situou uma guerra argumentativa ao traçar a relação entre feminino e masculino marcando hierarquias e, a partir de outro movimento, o autor destaca a importância de situar primeiramente as mulheres num exercício de valoração. As trajetórias investigativas desse campo de conhecimento durante a década de 1980 até início da década de 1990 são exploradas e, a partir desse caminho

⁵⁸⁶ CULLER, Jonathan. O que é teoria? In: *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999, p. 12-13.

⁵⁸⁷ Historiadora feminista estadunidense.

⁵⁸⁸ Socióloga feminista estadunidense.

⁵⁸⁹ Filósofa feminista estadunidense.

⁵⁹⁰ Socióloga britânica.

⁵⁹¹ Esse autor também está citado em outra das obras analisadas neste capítulo: *Mulheres e Direitos Humanos* de Elizabeth Jelin.

⁵⁹² Anarquista lituana.

⁵⁹³ Romancista estadunidense.

textual, é concluído que esse foi um período de estudos de uma "sociologia da identidade de gênero"⁵⁹⁴. Como crítica à razão moderna essa identidade estava ligada ao caráter social, não à noção de individualidade. Ainda como característica dessa trajetória investigativa, Alejandro C. Carson sinaliza que a maternidade, o matrimônio e o trabalho são utilizados como eixos definidores da identidade das mulheres. "Mãe e esposa", "ou esposa ou mãe", "trabalhadora doméstica"⁵⁹⁵ são termos que as definem, embora esse processo, tanto de identificação quanto de definição, nunca se encerre.

O texto é finalizado com o que o autor chama de "futuras propostas emergentes". Essas passariam pela discussão da existência das mulheres enquanto corpo, pelo abandono do patriarcado, pela compreensão das relações de poder que permeiam as relações de gênero a partir de seus distintos universos explicativos, por meio de um processo de amadurecimento das reflexões, no caso, contemporâneas à escrita do texto.

Sobre as referências bibliográficas de *Entrelaçando consensos* o autor faz usos do recurso "ver", citando uma vasta listagem de acordo com cada tema trabalhado. Em relação aos direitos civis, políticos e sociais da mulher na França, Inglaterra e Estados Unidos, únicas localidades discutidas no trabalho, sugere consultar Jacob Bouten⁵⁹⁶ em *Mary Wollstonecraft and the beginnings of female emancipation in France and England*⁵⁹⁷, Mary Armfield Hill⁵⁹⁸ em *Charlotte Perkins Gilman: the making of radical feminist*⁵⁹⁹, Candance Falk⁶⁰⁰ em *Love, anarchy, and Emma Goldman*⁶⁰¹. Considerando os títulos dos livros, esses são os nomes das autoras mencionadas no corpo do texto sem referências às suas produções, apresentado anteriormente neste capítulo. No que diz respeito à amplitude do movimento feminista a consulta é sugerida em Linda Nicholson em *Gender and history. The limits of the social theory in the age of family*⁶⁰²; e Juliet Mitchell⁶⁰³ em *Reflections*

⁵⁹⁴ CARSON, Alejandro Cervantes. Op. cit. p. 205.

⁵⁹⁵ Ibidem. p. 212.

⁵⁹⁶ Pesquisador holandês da área de Literatura.

⁵⁹⁷ Filadélfia: Porcupine Press, 1975.

⁵⁹⁸ Professora de história das mulheres da *Bucknell University*, EUA.

⁵⁹⁹ Filadélfia: Temple University Press, 1980.

⁶⁰⁰ Professora do Departamento de História da Universidade da Califórnia, Berkeley.

⁶⁰¹ Nova Iorque: Holt, Rinehart and Wilson, 1984.

⁶⁰² Nova Iorque: Columbia University Press, 1986.

⁶⁰³ Psicanalista feminista britânica.

*on twenty years of feminism*⁶⁰⁴, autora que figura entre as mais referenciadas nas entrevistas com feministas argentinas e brasileiras apresentadas anteriormente na tese. Sobre a contestação dos paradigmas científicos pela perspectiva feminista Alejandro propõe a consulta em *Gender and kinship. Essays toward a unified analysis*⁶⁰⁵ de Jane Collier⁶⁰⁶ e Sylvia Yanagisako⁶⁰⁷; a introdução do livro *Analyzing gender. A handbook of social science research*⁶⁰⁸ escrita por Myra Ferree⁶⁰⁹ e Beth Hess⁶¹⁰; e *Feminist research: in search of a new paradigm*⁶¹¹ de Aino Saarinen⁶¹². Sobre o pensamento social androcêntrico sugere "ver" a obra de Nicholson anteriormente listada, e Nancy Fraser com *Unruly practice. Power, discourse and gender in contemporary social theory*⁶¹³. Tratando da desbiologização recomenda Robert Stoller⁶¹⁴, *Sex and gender. On the development of masculinity and femininity*⁶¹⁵; Kate Millett⁶¹⁶, *Sexual politics*⁶¹⁷; e Gayle Rubin⁶¹⁸, *The traffic of women: notes on the 'political economy' of sex*⁶¹⁹. Fraser, também faz parte do aporte teórico utilizado por Sonia Alvarez no texto publicado na REF, com ao mesmo livro e edição. Esses são alguns dos exemplos entre a vasta bibliografia trabalhada no texto de Alejandro C. Carson que, em sua grande maioria, é composta por autoras/es europeias/eus e estadunidenses. Comparando com os demais trabalhos analisados, o recorte bibliográfico ligado ao Eixo-Norte foi uma

⁶⁰⁴ In: MITCHELL, Juliet; OAKLEY, Ann. *What is feminism? A re-examination*. Nova Iorque: Pantheon, 1981.

⁶⁰⁵ Stanford: Stanford University Press, 1986.

⁶⁰⁶ Professora de Antropologia Cultural e Social da Universidade de Stanford, EUA.

⁶⁰⁷ Professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Stanford, EUA.

⁶⁰⁸ Newbury Park: Sage Publications, 1987.

⁶⁰⁹ Socióloga estadunidense.

⁶¹⁰ Socióloga estadunidense.

⁶¹¹ *Journal of scandinavian* [sic.] *sociological association*. n.31 (1), 1988.

⁶¹² Socióloga e cientista política, professora *University of Helsinki*, Finlândia.

⁶¹³ Meneápolis: University of Menesota [sic.] Press, 1989.

⁶¹⁴ Psiquiatra e psicanalista estadunidense.

⁶¹⁵ Nova Iorque: Science House, 1968.

⁶¹⁶ Escritora feminista estadunidense.

⁶¹⁷ Garden City/N.Y.: Doubleday & Company, 1970.

⁶¹⁸ Antropóloga cultural estadunidense.

⁶¹⁹ In: REITER, Rayna. *Toward and anthropology of women*. Nova Iorque: Monthly Review Press, 1975.

característica encontrada também em Sonia Alvarez e, ambos possuem atuação profissional nos Estados Unidos.

Entre essas referências ainda podemos destacar os latino-americanos como Terezita Barbieri, cientista social uruguaia, com *Mujer e vida cotidiana*⁶²⁰, autora também utilizada por Mónica Tarducci⁶²¹; Teresa Valdes, socióloga chilena, com *Venid, bendita de mi padre*⁶²², autora que também possui um texto referenciado por Elizabeth Jelin⁶²³ em *Mulheres e Direitos Humanos*; a coautoria entre Brigida García – socióloga dominicana – e Orlandina de Oliveira – socióloga mexicana – com *Maternidad y trabajo en México: una aproximación microsocia*⁶²⁴, parceria também referenciada por Elizabeth Jelin, mas, com o texto *Trabajo Femenino y Vida Familiar en México*⁶²⁵. Além dessas temos também as conterrâneas do autor, Marta Lamas⁶²⁶ com *La antropología feminista e la categoría 'género'*⁶²⁷; e Marccela Lagarde⁶²⁸ com *El cautiverio de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*⁶²⁹.

Embora não se enquadre propriamente em um artigo, o número seguinte ao da publicação do trabalho de Alejandro Cervantes Carson, volume 5 de 1995 dos *Cadernos Pagu*, traz o texto de Martha Patrícia Ponce Jiménez. Ele compõe uma seção do periódico chamada “Documento” que, com um debate prévio de algumas autoras, apresenta fontes de pesquisa. Embora mexicana integrante *Centro de Investigación y Estudios Superiores en Antropología Social*, a relação da autora com o Brasil, bem como com a instituição que edita os Cadernos, pode ter sido importante na publicação de *Trabalho, poder e sexualidade: histórias e valores femininos*⁶³⁰. No período, Martha era

⁶²⁰ México: Fonde de Cultura Económica, 1984.

⁶²¹ Em seu texto cita o livro de Teresita *Sobre la categoría género: una introducción teórico metodológica*.

⁶²² Santiago: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 1988.

⁶²³ O texto de Valdes referenciado por Elizabeth Jelin é *Mujer y Derechos Humanos "menos tu vientre"*.

⁶²⁴ México: El Colegio de México (Mimeo), 1991.

⁶²⁵ O texto das autoras é citado no texto *Familia y Género: notas para el debate*.

⁶²⁶ Antropóloga mexicana.

⁶²⁷ *Nueva Antropología*. VIII. n. 30, 1986.

⁶²⁸ Antropóloga mexicana.

⁶²⁹ México: Universidad Autónoma de México, 1990.

⁶³⁰ JIMÉNEZ, Martha Patrícia Ponce. Trabalho, poder e sexualidade: histórias e valores femininos. *Cadernos Pagu*. v. 5, 1995. p. 201-276.

estudante do doutorado em Ciências Sociais da Área Família e Gênero da UNICAMP.

O material apresentado diz respeito à investigação feita em uma comunidade agrícola mexicana, produtora de cana-de-açúcar e café no estado de Veracruz, para obtenção do título de mestra em antropologia social. Como assinala a autora, as mulheres camponesas vinham sendo estudadas há décadas, mas seu enfoque estava na produção agrícola e na mulher enquanto assalariada nesse campo do mercado de trabalho. A metodologia adotada para o desenvolvimento de sua dissertação foi o registro de histórias de vida e, essas seriam os documentos trabalhados na seção dos *Cadernos Pagu*.

No que diz respeito às referências embora cite autoras como Julian A. Pitt-Rivers, antropóloga social britânica, com *Antropologia del Honor o la Política de los sexos: Ensayos de Antropología Mediterránea*⁶³¹, há mais referências à autoras/es mexicanas/os como Juan Guillermo Figueroa⁶³² e Gabriela Rivera⁶³³ com *Algunas reflexiones sobre la representación social de la sexualidad femenina*⁶³⁴, e Josefina Aranda Bezaury⁶³⁵ com *Las mujeres en el campo*⁶³⁶.

Entre os materiais analisado ao longo desse capítulo, a grande maioria dos sujeitos do enunciado foram mulheres, situando esses saberes do campo feminista em uma determinada identificação com a espacialidade geográfica e com a territorialidade do corpo.

Buscando retomar as aproximações entre os textos latino-americanos estrangeiros aos contextos argentinos e brasileiros publicados entre as décadas de 1980 e 1990 nos periódicos feministas *Feminaria* e *Mora*, Revista *Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu*, salvo o trabalho de Alejandro C. Carson, que propõe um debate mais abrangente, todas as demais publicações desenvolveram discussões e reflexões sobre experiências que estão ligadas a contextos na América Latina e, principalmente, aos territórios do qual essas autoras e autores provêm. Refiro-me aqui, mais a ligações com esses lugares a partir de relações culturais e origens familiares, do que com os espaços de atuação profissional, entendendo as fronteiras de identificação dessas

⁶³¹ Barcelona: Crítica, 1979.

⁶³² Filósofo mexicano.

⁶³³ Psicóloga mexicana.

⁶³⁴ *Nueva Antropología*. n.14, 1992.

⁶³⁵ Socióloga mexicana.

⁶³⁶ Instituto de Investigaciones Sociológicas. Universidad Autónoma Benito Juárez. Oaxaca, México, 1988.

pessoas como elásticas ou ainda comunidades imaginadas⁶³⁷. Isso porque esses sujeitos que narraram as experiências latino-americanas que aportaram em periódicos feminista desses dois países, possuem de alguma forma conexão com esses espaços ao mesmo tempo em que atuaram profissionalmente ou circularam por lugares em que o saber possui maior mobilidade, como vimos anteriormente no tese. Marena Briones Velastegui, advogada equatoriana militante teve seu texto inicialmente apresentado em evento realizado em Portugal; Lucía Guerra Cunningham ligada juntamente com Eliana Ortega à área de literatura feminina do Chile era na ocasião professora na Universidade da Califórnia em Irvine; Guadalupe Santa Cruz possui trajetória profissional ligada ao Chile, embora nascida nos Estados Unidos; Elizabeth Jelin, pesquisadora argentina, possui formação tanto no Brasil – país em que o periódico que publicou seu texto é editado – quanto nos Estados Unidos; Beatriz Schmukler, argentina, fez doutorado em Sociologia pela Universidade de Yale. Além dessas ainda podemos listar Virginia Vargas, peruana com atuação profissional na Holanda; Laura Pautassi advogada argentina com pós-graduação na Universidade Livre de Berlim e na Universidade Humboldt (Alemanha); Sonia Alvarez, cubana com atuação profissional nos Estados Unidos; Marisa Belausteguigoitia Rius, mexicana com doutorado pela Universidade da Califórnia, Berkeley; Alejandro Cervantes Carson, embora mexicano com atuação profissional nos Estados Unidos. Da coletânea composta pela brasileira Sônia Correa, a chilena Marisa Matamala, a peruana Nancy Palomino e a argentina Silvina Ramos, essa última ainda estava ligada a um programa financiado pela Fundação Ford. Entretanto, ainda podemos listar outras autoras que, embora não tenhamos encontrado na investigação essa relação direta com o Eixo-Norte, ainda podem ter estabelecido conexões por outras vias como é o caso de: Mónica Tarducci, pesquisadora argentina; Martha Patricia Ponce Jiménez, mexicana, com atuação profissional no país e com doutorado no Brasil; Eliana Ortega, chilena ligada à área de literatura feminina; e Ana Luiza Andrade, pesquisadora brasileira.

Acrescido a esse recorte, e nesse caso perpassando todo o material encontrado na pesquisa neste capítulo analisado, temos discursos de combate ao patriarcado; de defesa dos direitos das mulheres e direitos humanos; de valoração e incentivo ao protagonismo feminino;

⁶³⁷ ANDERSON, Benedict. Introduction. In: ANDERSON, B. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. New York: Verso, 1983. p. 1-8.

e de crítica às desigualdades de gênero. Essas temáticas como vimos anteriormente, embora estejam associadas aos lugares das autoras, ou ainda a períodos de redemocratização política contemporânea a esses sujeitos, não são demandas restritas à América Latina. Essas foram pautas dos feminismos em outros espaços, o que sinaliza para diálogos que também foram formadores desses saberes. Pessoas em trânsito, muitas delas por países Europeus e pelos Estados Unidos, constituíram negociações e traduções culturais dos saberes feministas em um espaço que Homi Bhabha nomeia como "entre-lugar"⁶³⁸. Suas identidades estavam associadas a essa experiência latino-americana ao mesmo tempo em que vivenciaram trajetórias acadêmicas e profissionais no exterior, não pertencendo, genuinamente, a nenhum desses ambientes, mas criando o que seria esse lugar outro, ou "Terceiro Espaço" do sujeito em tráfico. Para além das autoras que realizaram esse percurso que intersecciona com o Eixo-Norte, os limites do local e do global em contextos globalizados não conseguem ser delimitados. Os feminismos como experiências que instigaram pesquisas sobre o tema, bem como os saberes voltados aos estudos de gênero, atenderam, e atendem a fluxos transnacionais em que não é possível mensurar o quanto o global está infiltrado do local, e vice-versa⁶³⁹.

Por fim gostaria de retomar uma consideração de Peter Burke, no livro *Tradução Cultural: nos primórdios da Europa Moderna*, para classificar esses textos encontrados nos quatro periódicos que constituem esse capítulo. O autor menciona que as traduções culturais de textos são realizadas por duas razões: ou no sentido de preencher lacunas de um conhecimento, o qual o território para onde viaja não possui, ou para reafirmar ideias e perspectivas já existentes nesse espaço. A tomar pela bibliografia aqui presente, temos textos que tratam dos contextos a que pertencem as autoras e autores e, por isso, estrangeiros às argentinas e brasileiras leitoras desses periódicos feministas; o que poderia ser associada à ideia de complementariedade do saber nesses dois países. No entanto, o debate em torno da experiência latino-americana também é tema de autoras argentinas publicadas na *Feminaria* e na *Mora*, e das brasileiras com textos na *REF*

⁶³⁸ Cf. BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. BeloHorizonte: Ed. UFMG, 2007.

⁶³⁹ GREWAL, Inderpal; KAPLAN, Caren. Introduction: Transnational Feminist Practices and Questions of Postmodernity. In: GREWAL, I.; KAPLAN, C. *Scattered Hegemonies: Postmodernity and Transnational Feminist Practices*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002. p. 1-33.

e nos *Cadernos Pagu*, o que também estaria ligado ao mesmo movimento de estudos em seus países. Seja com uma ou outra função, essas produções evidenciaram alguns diálogos e trouxeram elementos que identificaram distintos fluxos dos saberes feministas de acordo com as localidades as quais os sujeitos do enunciado estiveram inseridos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instauração das ditaduras militares na Argentina e no Brasil, durante a década de 1960, promoveu a ascensão de feminismos de Segunda Onda ligados às políticas de esquerda e ocasionou a circulação de pessoas por diferentes países, na busca por exílio. Em decorrência dessas experiências, de novas perspectivas teóricas e da transição para um regime democrático, na década de 1980, observamos um gradativo crescimento nos debates feministas que seriam consolidados no campo acadêmico na década seguinte. Assim, nessa conjuntura foram organizados eventos e formados grupos de pesquisa dentro de instituições de ensino superior que estabeleceram um espaço de produções de saberes ligados às temáticas relativas às mulheres, associados a questões dos feminismos e à perspectiva dos estudos de gênero. Esse contexto histórico, bem como as experiências ligadas à militância e ao campo acadêmico, compôs uma geração de intelectuais dentro de uma determinada área de saber posicionada geográfica e historicamente.

Diante das transformações sociais, que ampliaram o olhar para as pluralidades dos sujeitos, da abertura democrática que eliminou a censura, do crescimento de recursos no mercado editorial, dos financiamentos na área dos estudos feministas e de gênero, além dos fomentos para publicações no campo acadêmico, cresceu, nessa conjuntura, consideravelmente o número de trabalhos dentro dessa área. Por meio do depósito legal é identificada a descontinuidade em relação às décadas se tratando de publicações sobre questões relacionadas aos feminismos e ligadas aos debates promovidos pelos estudos de gênero. Esse levantamento realizado na *Biblioteca Nacional de la República Argentina*, na *Biblioteca do Congresso de la Nación Argentina* e na Biblioteca Nacional do Brasil, apontaram que durante os anos 1960 a circulação de saberes nesse campo foi praticamente nulo. Contudo, o número de livros aumentou com o passar das décadas e a partir de 1980 e 1990 houve um considerável crescimento, períodos em que esses estudos consolidaram-se no campo acadêmico.

Reconhecendo a eminência da produção local tanto na Argentina como no Brasil a partir desse suporte de registro de circulação do material comercializado nacionalmente e refletindo sobre os saberes estrangeiros que viajaram para esses dois países é perceptível o maior número de trabalhos provenientes da Europa e dos Estados Unidos. Essas migrações demonstraram que os saberes da América Latina, mesmo frente a experiências históricas similares, não transitaram da

mesma forma que os provenientes do Eixo-Norte, sejam eles traduzidos ou não. Nessa lógica ocorre um jogo duplo, pois em uma conjuntura de globalização ao mesmo tempo em que as fronteiras geográficas são borradas com a flexibilidade no acesso aos espaços de conhecimento essas não apagam as desigualdades em relação aos fluxos. Houve assim o privilégio na concessão de vistos que permitiram a viagem desses saberes vindos dos grandes centros à Argentina e ao Brasil que não foi estabelecido da mesma forma à América Latina, sinalizando as relações de poder que permearam a produção de conhecimento e o favorecimento dos percursos Norte-Sul.

Com um perfil distinto ao do depósito legal, mecanismo oficial de arrecadação da bibliografia que foi comercializada e que possui um déficit no desempenho dessa função, alguns periódicos argentinos e brasileiros, que circularam durante as décadas de 1980 e 1990, também corroboram com as considerações relatadas na investigação feita nas bibliotecas. Espaço de diálogo específico dos campos de conhecimento, uma vez que a seleção e tradução dos textos são realizadas por pessoas que estão diretamente ligadas à área, os periódicos representaram esses microcosmos de negociações intelectuais. Enquanto no depósito legal pode não ter sido privilegiado esse campo de conhecimento, nos periódicos existe uma atenção com as questões pertinentes ao campo, além do próprio alinhamento com os parâmetros acadêmicos a fim de atender a demandas ligadas a qualificação dessas publicações e às instituições fomentadoras de pesquisa em seus países.

Como campo em consolidação durante a década de 1990, os estudos feministas nas Universidades precisaram negociar com outras áreas acadêmicas dentro das Ciências Humanas. Seja na Argentina ou no Brasil foi possível perceber que as pessoas ligadas à produção dos saberes agenciaram sua legitimidade enquanto pesquisadoras primeiramente em espaços disciplinares, como as Ciências Sociais, Filosofia, Antropologia, por exemplo, para assim adquirirem autoridade discursiva e respeitabilidade ao adotarem as perspectivas feministas. Ou seja, mesmo com um campo impulsionado durante o período, e que passou a receber financiamentos, havia atribuições distintas de importância entre as publicações disciplinares e as ligadas aos estudos de gênero.

Analisando os periódicos *Feminaria*, *Mora*, *Cadernos Pagu* e Revista *Estudos Feminista*, temos, assim como no depósito legal, a grande divulgação de saberes produzidos nacionalmente. Tendo em vista que o interesse desta tese esteve nas viagens do conhecimento através dos territórios, pelas diferenças culturais, na compreensão do

que é nacional estão presentes as pessoas que atuaram profissionalmente e estão inseridas nessas lógicas de produção do conhecimento de cada um dos dois países. Tratando-se do material internacional publicado, temos novamente um recorte de periódicos que apresentaram uma maior circulação de conhecimentos produzidos por autoras e autores localizados em contextos europeus e estadunidenses. Os trabalhos de latino-americanas/os, em relação ao que foi publicado, representam um número muito pequeno e a adição a esses de outros textos de Terceiro Mundo não resulta em uma grande diferenciação numérica.

Esses periódicos ocuparam lugares de entrecruzamentos de identificações, experiências, fronteiras geográficas, comunidades imaginadas, que, com suas particularidades em relação às bibliotecas, apresentaram os diálogos entre diferentes contextos. Entretanto, foi possível identificar que esses não ocorreram da mesma forma, mas variaram de acordo com as localidades a que esses saberes estiveram associados. A mobilidade com que os conhecimentos ligados aos feminismos produzidos por um Eixo-Norte circularam pelas páginas dos periódicos argentinos e brasileiros foi consideravelmente maior do que as viagens estabelecidas por autoras e autores latino-americanos, considerando as/os estrangeiras/os a esses contextos. Essa possibilidade de deslocamento através de distintos territórios diz respeito às relações de poder, por sua vez desiguais entre os saberes de distintos lugares, e que além de promoverem a circulação, acabaram por tornar certos conhecimentos comuns em diferentes países. Ou seja, esses foram elencados como referenciais para um campo de conhecimento, mas através de um processo historicamente construído.

As trajetórias investigativas por meio das instituições responsáveis pelo depósito legal e pelos periódicos na Argentina e no Brasil buscou trazer os itinerários desses conhecimentos feministas refletindo sobre as conjunturas históricas e as fronteiras geográficas, nas quais alguns saberes receberam visto para transitarem por esses territórios entre as décadas de 1970, 1980 e 1990, além de analisar alguns elementos que viabilizaram essa circulação. Essa metodologia ainda possibilitou o reconhecimento das ideias produzidas por pessoas identificadas com esse Eixo-Sul, que não atuavam profissionalmente nesses dois países, mas que foram selecionadas como conhecimentos pertinentes às conjunturas de editoração das revistas.

O processo de identificação do material seguindo o recorte investigativo da tese levou a um pequeno número de publicações nos quatro periódicos e apontou que grande parte desses sujeitos nascidos na América Latina, possuíam atuação profissional na Europa ou nos

Estados Unidos, ou ainda fizeram parte de suas formações nesses territórios, retomando à problemática das distintas mobilidades de saberes segundo os lugares do conhecimento. Essas pessoas em trânsito constituíram negociações feministas em um espaço que não é genuinamente o de sua identificação cultural nem o que habitavam, mas outro lugar em que todos esses elementos o compõem. Esse entrecruzamento não corresponde a todos os casos investigados nesta tese, mas é perceptível que esses sujeitos estiveram presentes em meio a fluxos transnacionais de conhecimento. Esses elementos evidenciam a construção de uma identidade latino-americana, sustentadas por esses sujeitos da escrita, fora desses limites territoriais, em um processo de identificação cultural externo.

As temáticas abordadas pelos textos latino-americanos publicados nos periódicos são distintas. Elas passam pela questão dos direitos humanos, pelas experiências ligadas a encontros, por oficinas, pela formação de uma rádio, pela discussão em torno do fundamentalismo religioso, por debate literário, por discussão teórica. Ao mesmo tempo em que essa seleção de temas é ampla, algumas abordagens perpassam essa produção. A valoração e incentivo aos protagonismos femininos, a defesa dos direitos das mulheres e direitos humanos, o combate ao patriarcado, as relações de poder e as desigualdades de gênero, são alguns dos recortes debatidos em mais de um dos textos. Embora estejamos tratando de produções situadas em contextos latino-americanos, como observado no trabalho, essas não são problemáticas particulares a esses territórios, sendo discutidas por autoras em outros espaços e em períodos históricos anteriores. Ao mesmo tempo a identificação de questões similares em outras conjunturas não estabelece a procedência das bases bibliográficas que construíram um conhecimento ligado aos feminismos e aos estudos de gênero na América Latina, mas evidencia os fluxos globais de saberes, que extrapolam fronteiras geográficas e não possuem origens e destinos definidos.

As diferenças linguísticas, históricas, culturais se encontram, sejam nas negociações internas aos textos latino-americanos, seja nos diálogos que proporcionaram a publicação desses saberes nos periódicos argentinos e brasileiros. Nesse processo caracterizado pelo encontro das diferenças, os discursos do outro foram apreendidos e compreendidos de formas variadas. Algumas vezes, não foram absorvidos em suas minúcias ou particularidades, tendo em vista que a tradução cultural, que pode ou não ter sido caracterizada pela tradução entre idiomas, pressupõe o atravessamento por esses espaços diferentes. Esses

conhecimentos ainda negociaram com as diferenças internas entre as perspectivas teóricas feministas de seus países, com essas diferenças de debate nos territórios em que atuavam profissionalmente e buscaram perspectivas que corroborassem com seus debates, essas últimas no âmbito nacional ou internacional.

Os diálogos instituídos atravessaram os limites das citações contidas nos textos em associações latino-americanas de demandas feministas de diferentes lugares. Nesse sentido, o que encontramos publicado nos periódicos, caracterizado como viagens dos feminismos latino-americanos aos territórios de dois países, são os resultados dessas negociações que buscaram consensos entre os encontros das diferenças e divergências.

A conversa entre esses elementos distintos representaram os efeitos das fronteiras, construídas historicamente a partir das relações mais diversas. Em cada texto publicado há uma trajetória específica do sujeito do enunciado, uma localização geográfica do mesmo, um recorte temático provavelmente pertinente aos interesses dos periódicos. Essas características evidenciam os contatos entre esses territórios do Eixo-Sul, ou, em outras palavras, algumas fronteiras, que por definição não são fixas.

Compreendendo que esses saberes foram atravessados por uma série de elementos e que não há um conhecimento genuinamente latino-americano, isento de influências, uma grande parte dessas produções, mesmo diante da diversidade de perspectivas e temáticas abordadas tratam desse contexto. Marena Briones Velastegui discute o poder considerando elementos da América Latina; Lucía Guerra Cunningham trata do feminismo nesse contexto geopolítico; Virginia Vargas discute a IV Conferência Mundial da Mulher a partir de determinados debates; Sonia Alvarez discute os movimentos sociais contemporâneos à autora trabalhando com entrevistas realizadas com peruanas e colombianas, mas utilizando a terminologia “feminismos latino-americanos”; e o trabalho de Sônia Correa, Marisa Matamala, Nancy Palomino e Silvina Ramos relata a negociação das agendas feministas e determinados encontros ligados especificamente a essa conjuntura. Não fugindo a esse recorte, mas especialmente atentos aos territórios de identificação dessas autoras estiveram os textos de Eliana Ortega, que abordou a experiência da formação de uma rádio composta unicamente por mulheres no Chile; Guadalupe Santa Cruz que analisou um conjunto de oficinas realizadas no mesmo país; Ana Luiza Andrade que refletiu sobre a produção de Clarice Linspector, escritora ligada ao contexto brasileiro; Elizabeth Jelin que fez menção à América Latina dando ênfase ao contexto

argentino no debate sobre direito humanos e relações no ambiente familiar; Beatriz Schmukler que abordou o movimento de mulheres latino-americano ressaltando a experiência argentina; Laura Pautassi que discorreu sobre o conceito que nomeou Estado de Bem-Estar, dando especial atenção às políticas argentinas; Marisa Belausteguigoitia Rius que abordou o movimento revolucionário no México; Mónica Tarducci investigou uma comunidade da Assembleia de Deus em Buenos Aires; e Martha Patrícia Ponce Jiménez que apresentou fontes ligadas a sua pesquisa coletadas uma comunidade agrícola mexicana. De todo o material encontrado apenas Alejandro Cervantes Carson distancia-se desse tipo de recorte e estabelece um debate teórico que alude ao contexto inglês, francês e estadunidense.

Esses dados mostraram que os saberes latino-americanos que aportaram nos periódicos feministas argentinos e brasileiros durante a década de 1980 e 1990 estiveram ligados a territorialidade dos sujeitos do enunciado. Com atuação profissional no Chile, mas nascida nos Estados Unidos; com atuação profissional na Argentina, mas formação em outros países; nascidas em países da América Latina, mas atuando profissionalmente em países do Norte; muito distintas são essas trajetórias arrematadas em torno de uma identificação latino-americana. Discorrendo sobre a América Latina de forma ampla ou debruçando-se sobre os países os quais ocorreu uma identificação, salvo no caso do texto de Alejandro, encontramos conhecimentos que viajaram em fluxos Sul-Sul tematicamente territorializados, assim como os próprios sujeitos situados na experiência desse contexto. Nesse sentido, esse exercício epistemológico estabelecido pela tese trouxe elementos constitutivos dessa identidade latino-americana que extrapola os limites geográficos, está diretamente ligada à identificação cultural e que no reconhecimento dessa identificação pelo outro assume autoridade discursiva para narrar a partir desse lugar.

Outra característica desses sujeitos do enunciado diz respeito às relações com instituições de ensino superior na Europa e nos Estados Unidos, seja por meio de formações acadêmicas, seja como professoras/es de instituições de ensino superior nesses lugares. Conectados a esses espaços de mobilidade do conhecimento o que ocorreu, em alguns dos casos analisados, foi o fluxo da experiência latino-americana do Norte para o Sul. Com base na investigação realizada a partir de um recorte de periódicos argentinos e brasileiros, os conhecimentos feministas ligados a uma identidade latino-americana circularam mediados e empoderados por determinados espaços

produtores de saberes e ficaram centrados, em sua maioria, no desenvolvimento de temáticas relativas às suas experiências.

7. REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Karla Galvão. *Encontros do feminismo: uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, SC, 2008

ALMA, Amanda; LORENZO, Paula. *Mujeres que se encuentran: una recuperación histórica de los encuentros nacionales de mujeres em Argentina 1986-2005*. Buenos Aires: Feminaria Editora, 2009.

ALVAREZ E. Sonia. DAGNINO, Evelina. ESCOBAR, Arturo. *Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos: Novas Leituras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

ÁLVAREZ, Sonia E. Traduciendo lo global: efectos locales de las lógicas feministas transnacionales. *Mora*. n. 7, 2001.

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

AMORÓS, Celia; MIGUEL, Ana de. *Teoría Feminista: dela ilustración a la globalización*. De los debates sobre el género al multiculturalismo. Madri: Minerva Ediciones, 2007.

ANDERMAHR, Sonya; LOVELL, Terry; WOLKOWITZ, Carol. *Gender and Feminism. A Concise Glossary of Feminist Theory*. New York: Oxford University Press, 1997.

ANDERSON, B. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. New York: Verso, 1983.

ANDÚJAR, Andrea (orgs.). *Historia, género y política en los '70*. Buenos Aires: Feminaria, 2005.

APPADURAI, Arjun (et.al.) *Podemos viver sem o outro? As possibilidades e os limites da interculturalidade*. Lisboa: Tinda da China, 2009.

_____. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: *Globalization: The Reader*. eds. J. Beynon, D. Dunkerley. New York: Routledge, 2000. p. 92-100.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *Pos-Colonial Studies: The Key Concepts*. New York: Routledge, 2007.

ATHAYDE, Maria Cristina de Oliveira. *Corpo, Sexualidade e Prazer: Um olhar historiográfico sobre periódicos feministas de Brasil e Argentina (1974-1985)*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

BAIROS, Luiza. Relatório da 3ª Sessão do I Encontro Brasileiro de Publicações Feministas. *Revista Estudos Feministas*. v. 11, n. 1, 2003.

BARRANCOS, Dora. Historia, historiografía y género. Notas para la memoria de sus vínculos en la Argentina. *Revista de Historia Social y de las Mentalidades*. Año VIII, v. 1/2, 2004.

_____. *Inclusión/Exclusión*. Historia con Mujeres. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

_____. *Mujeres en la sociedad argentina*. Una historia de cinco siglos. Colección Historia. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2007.

_____. *Mujeres, entre la casa y la plaza*. Colección Nudos de la Historia Argentina. Buenos Aires: Sudamericana, 2008.

BARSTED, Leila Linhares. As Relações da Revista Estudos Feministas com os Movimentos de Mulheres. *Revista Estudos Feministas*. v. 16. n. 1, 2008. p.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAZÁN, Claudia. B. Visibility of International Recommendations for Legal Deposit of Publications in National Legislations. *International Federation of Library Associations and Institutions*. Disponível em:

http://archive.ifla.org/VII/s1/pub/legal_deposit_2004-e.pdf. Data de acesso: 16 de maio de 2011.

_____. Legal deposit and the collection of national publications in Argentina. *IFLA Journal*. v. 29, n. 3, 2003.

BEYNON, J. DUNKERLEY, D. *Globalization: The Reader*. Routledge: New York, 2000.

BHABHA, Homi K. *Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BOHOSLAVSKY, Ernesto (et.al.). *Problemas de historia reciente del Cono Sur*. v. II. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

BOLÍVAR, Rubí Carreño. Entrevista a Lucía Guerra: Sobre escrituras, feminismos y academias. Nomadías. *Revista del Centro de Estudios de Género y Cultura de la América Latina*. n. 11, 2010. p 211-225. Disponível em: <http://www.revistas.uchile.cl/index.php/NO/article/viewPDFInterstitial/15199/15611>. Acesso em: 22 de dezembro de 2013.

BORGES, Joana Vieira. *Trajetórias e leituras no Brasil e na Argentina (1960-1980)*. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2013.

BOURDIE, Pierre. Campo de Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe. In: *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perpspectiva, 2003.

BOXER, Marilyn, J. “For and About Women: the theory and practice of women’s studies in the United State”, In: KEOHANE, N. O.; ROSALDO, M. Z e GELPI, B., *Feminist Theory. A critique of ideology*. The University of Chicago Press, 1982.

BREEN, Margaret Sönser; PETERS, Fiona. *Genealogies of Identity: Interdisciplinary Readings on Sex and Sexuality*. Amsterdam: Rodopi, 2005.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? *Revista Brasileira de Estudos da População*. v.23 n. 2, 2006. p. 331-353.

BURKE, Peter. HSIA, R. Po-chia. *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CALVERA, Leonor. *El género mujer*. Buenos Aires: Editorial Belgrano, 1982.

_____. *Mujeres y feminismo en la Argentina*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1990.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CAMPOS, Fernanda Maria. Gestão de Coleções e Depósito Legal: Princípios e boas práticas. *Conferência Internacional Comemorativa do Bicentenário da Biblioteca Pública de Évora*. Disponível em: http://www.evora.net/bpe/2005Bicentenario/dias/27_out05/textos/fernanda.pdf. Data de acesso: 17 de maio de 2011.

CARDOSO, Elizabeth Lomelino. Imprensa feminista brasileira pós-1974. *Revista Estudos Feministas*. v. 12. n. esp., 2004. p. 37-55.

CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia. *Las palabras tienen sexo II: introducción a un periodismo con perspectiva de género*. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007.

CHÁNETON, July. *Género, poder y discurso sociales*. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

CHARTIER, Roger(org). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHAUVEAU, Agnès. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

CORRÊA, Marisa. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. Desdobramentos do feminismo. *Cadernos Pagu*. n.16, 2001.

COSTA, Albertina de Oliveira. É viável o feminismo nos trópicos? Resíduos de insatisfação – São Paulo, 1970. *Cadernos de Pesquisa*. n. 66, 1988.

_____. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. Os estudos da mulher no Brasil ou a estratégia da corda bamba. *Revista Estudos Feministas*. Número especial. 1994.

_____. Revista Estudos Feministas: Primeira fase, locação Rio de Janeiro. *Revista Estudos Feministas*. v.12, n. esp., 2004.

COSTA, Ana Alice Alcântara Costa; SARDENBERG, Cecília Maria Baccelar. Teoria e Práxis Feminista na Academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis. v.2, n. 2, 1994.

COSTA, Claudia de Lima. As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexões do campo. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 11, n. 1, 2003.

COSTA, Claudia de Lima. O tráfico do gênero. *Cadernos Pagu*. n. 11, 1998.

_____. As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexões do campo. *Revista Estudos Feministas*. v.11, n.1, 2003.

_____. As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000.

COSTA, Claudia de Lima. SCHMIDT, Simone Pereira. Poéticas e Políticas Feministas. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2004.

COSTA, Rogério H.; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CRESPO, Mercedes Pujato. *La historia de las revistas femeninas y mujeres intelectuales que le dieron vida*. Buenos Aires, Primer Congreso Patriótico de Mujeres, 1910.

CULLER, Jonathan. O que é teoria? In: *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.

CURA, Yago. La Biblioteca Nacional de la República de Argentina: The house that Moreno and Sarmiento Built. *Queens College*. Disponível em: <http://qcpages.qc.cuny.edu/~ycura100/La%20Biblioteca%20Nacional%20de%20la%20Rep%20Fablica%20de%20Argentina.pdf> . Data de acesso: 18 de maio de 2011.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DIEGO, José Luis de. *Editores y políticas editoriales en Argentina 1880-2000*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

DOMINGUEZ, Nora. Diálogos del género y como no caerse del mapa. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000.

DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica: Para além do Estruturalismo e da Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUBY, Georges. PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente*. V.5. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1995.

ELFLEIN, Ada. *Del pasado*. Cuentos, episodios, narraciones de la vida argentina. Buenos Aires, La Plata, Martín García, 1910.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, J. Fernando. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1985-2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

FEMENÍAS, María Luisa. *El género del multiculturalismo*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007.

_____. (org.) *Feminismos de París a la Plata*. Buenos Aires: Catálogos, 2006.

FEMENÍAS, María Luisa; ROSSI, Paula Soza (org.). *Saberes situados/ Teorías transhumantes*. La Plata: Fundación de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata, 2011.

Feminist theory in practice: an interview with bell hooks. In: *Women's Studies International Forum*. v. 16. n. 4, 1993.

FILHO, Daniel Aarão Reis; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (org.). *O golpe e a ditadura militar. 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Ditos e Escritos. Estratégia, Saber-Poder*. MOTTA, Manoel Barros da (org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Qué es un autor? Litora.l n. 25/26*, 1998.

FRIEDMAN, Susan Stanford. Batendo palmas a uma só mão: Colonialismo e as fronteiras espaço-temporais do modernismo. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Junho 2006.

GARRIDO, Hilda Beatriz. La historia de las mujeres y los estudios de género en la Universidad Nacional de Tucumán. *Archivo Histórico de la Universidad Nacional de Tucumán*. Disponível em: http://www.archivo.unt.edu.ar/attachments/059_garrido2.pdf. Acesso em: 20 de novembro de 2013.

GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOLDBERG, Anette. *Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

GREEN, James N. Mais amor e mais tensão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*. n. 15, 2000.

GREWAL, Inderpal; KAPLAN, Caren. Introduction: Transnational Feminist Practices and Questions of Postmodernity. In: GREWAL, I.; KAPLAN, C. *Scattered Hegemonies: Postmodernity and Transnational Feminist Practices*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

GRINGS, Luciana. PACHECO, Stela. A Biblioteca Nacional e o Controle Bibliográfico Nacional: situação atual e perspectivas futuras. *InCID: R. Ci. Inf. e Doc.* v. 1, n. 2, jul-dez. 2010.

GRINGS, Luciana. PACHECO, Stela. A Biblioteca Nacional e o Controle Bibliográfico Nacional: situação atual e perspectivas futuras. *InCID: R. Ci. Inf. e Doc.* v. 1, n. 2, jul-dez. 2010.

GROSSI, Miriam Pillar. A Revista Estudos Feministas faz 10 anos: Uma breve história do feminismo no Brasil. *Revista Estudos Feministas*. v.12, n. esp., 2004.

HALL, Stuart. *Da diáspora, identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. n.5, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza. SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999. Disponível na Biblioteca Digital CLAM:

<http://sistema.clam.org.br/biblioteca/?q=node/102> Acesso em: 13 mar. 2008.

HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. *Revista Estudos Feministas*. v.17. n.1. 2009.

HERRERA, Carol Elizabeth Arcos. Guadalupe Santa Cruz: la memoria en la ciudad. *Colectivo Lingua Quiltra*. Disponível em: <http://www.letras.s5.com/>. Acesso em: 21 de dezembro de 2013.

HOBSBAWM, E. Guerra Fria. In: *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Información y Análisis : IX Jornada Nacional de Historia de las Mujeres. IV Congreso Iberoamericano de Estudios de Género. *Centro de Documentación, Información y Análisis*. Dirección de Servicios de Investigación y Análisis. Subdirección de Política Exterior. Cidade do México, 2008. Disponível em: <http://www.diputados.gob.mx/cedia/sia/spe/SPE-CI-A-13-08.pdf> Acesso em: 23 de novembro de 2013.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Espanha: Siglo Veintiuno editores, 2001.

JIMÉNEZ, Martha Patrícia Ponce. Trabalho, poder e sexualidade: histórias e valores femininos. *Cadernos Pagu*. v. 5, 1995.

KRUCINSKI, Bernardo. *O fim da ditadura militar*. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

LACAPRA, Dominick. *Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Languages*. Ithaca, London: Cornell University Press, 2009.

LARIVIÈRE, Jules. *Legislación sobre Depósito Legal: Directrices. Guidelines for legal deposit legislation*. Disponível em: http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=24108&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html. Data de acesso: 13 de maio de 2011.

LEIS, Héctor Ricardo; ALVES, Caleb Faria. *Condição humana e modernidade no Cone Sul: elementos para pensar Brasil e Argentina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. *Revista Estudos Feministas*. v. 11. n. 1, 2003.

LELLIS, Vera Lúcia Maia. Controle da produção editorial brasileira. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 2, n. 17, jul-dez. 1989.

LINS, Daniel (org.). *Cultura e Subjetividade: Saberes nômades*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

LOBO, Elisabeth de Souza. Os Usos do Gênero. Relações Sociais de Gênero/Relações de Sexo. *Revista do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero*. Depto. de Sociologia - FFLCH - USP, São Paulo, 1989.

LOPES, Marco Antônio. *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

LOPES, Maria M. “Aventureiras” nas ciências: refletindo sobre Gênero e História das Ciências Naturais no Brasil. *Cadernos Pagu*. n.10, 1998.

LOPES, Maria Margaret. PISCITELLI, Adriana. Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de gênero: um olhar desde as “margens”. *Revista Estudos Feministas*. v.12, n. especial, 2004.

LÓPEZ, Elvira. *El movimiento feminista*. Primeiros trazos del feminismo en Argentina. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2009.

MACEDO, Ana G. *Gênero, identidade e desejo*. Antologia crítica do feminismo contemporâneo, 1984.

MANHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). *Karl Mannheim: sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.

MANINI, Daniela. A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. *Cadernos AEL*. Mulher, história e feminismo. n. 34, 1995/1996.

MASSEY, Doreen. A Global Sense of Place. In: MASSEY, D. Space, Place, and Gender. University of Minnesota Press: Minneapolis. 1994.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Identidade das Ciências Humanas e métricas de avaliação: Qualis periódicos e classificação de livros. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*. v. 9. n. 18, dez., 2012.

MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. São Paulo: EDUSC, 2000.

MELO, Jacira. Publicar é uma ação política. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 11, n. 1, jan-jun. 2003.

MIGNOLO, Walter D. Os estudos subalternos são pós-modernos ou pós-coloniais? As políticas e sensibilidades dos lugares geohistóricos. In: MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGUEL, Sônia Malheiros. Publicando nas ONGs feministas: entre a academia e a militância. *Revista Estudos Feministas*. v. 11. n. 1, 2003.

_____. *Um olhar para dentro: o movimento feminista no Rio de Janeiro*. 1988. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis. (Dissertação orientada por: Ilse Scherer-Warren) 1988.

MINELLA, Luzinete Simões e FUNCK, Susana Bornéo (org.). *Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

MIÑOSO, Yuderlys Espinosa (coord.). *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*. v.1. Buenos Aires: En la Frontera, 2010.

MORAES, Lygia Quartim de. (Org.). *Gênero nas fronteiras do Sul*. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero-UNICAMP, 2005. Psicanalista feminista britânica.

_____. *A experiência Feminista nos Anos Setenta*. Araraquara: UNESP, 1990.

_____. O feminismo político do século XX. *Margem Esquerda*. v. 9, 2007.

MORANT, Isabel (Dir.). *Historia de las Mujeres en España y América Latina: del siglo XX a los umbrales del XXI*. Madri: Cátedra, 1994.

MOREIRA, Alberto; RICHARD, Nelly. *Pensar en/la pos dictadura*. Chile: Editorial Cuarto Propio, 2001. p. 19-21.

NARÍ, Marcela M. A. ¿Hacemos tabla rasa de la historia de las mujeres? *Feminaria*. Ano VIII. n. 14, 1995.

_____. A. Relaciones peligrosas: Universidad y Estudios de la Mujer. *Feminaria* Ano VII, n. 12, 2004.

NAVARRO, Marysa. Publicações acadêmicas feministas no contexto norte-americano. *Revista Estudos Feministas* v. 12. n. especial, 2004.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*. v. 8, n. 2, 2000.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. As Organizações Não-Governamentais (ONGs) Feministas Brasileiras. *XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. ABEP. Caxambú, 2006. Disponível em: http://maismulheresnopoderbrasil.com.br/pdf/Sociedade/As_Organizacoes_Nao_Governamentais_ONGs_Feministas_Brasileiras.pdf. Data de acesso: 21 de junho de 2011.

ODDONE, María Elena. *La pasión por la Libertad* – memorias de una feminista. Buenos Aires: Ediciones Colihue Mimbipa, 2001.

OLLIER, María Matilde. *Golpe o revolución: la violencia legitimada - da Argentina 1966-1973*. Cascos: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso & Leitura*. São Paulo: Cortez, 2006.

CARVAJAL, Julieta Elisa Paredes. Mesa-redonda Feminismos Latino-Americanos e os Debates Descoloniais: Possibilidades e Desafios.

Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 17 de setembro de 2013.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira de História*, São Paulo: Anpuh, n.52, vol. 27, 2007.

_____. Trajetórias políticas em mudança: tornar-se feminista no Cone Sul. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2001.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural*. Porto Alegre: Editora Asterisco, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *A Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PISCITELLI, Adriana; BELELI, Iara; LOPES, Maria Margaret. Cadernos Pagu: contribuindo para a consolidação de um campo de estudos. *Revista Estudos Feministas*. v.11, n.1, 2003.

PORTELLA, Celia Maria. Releitura da Biblioteca Nacional. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, v. 24, n. 69, maio-agosto 2010. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/celiaMaria.pdf>. Data de acesso: 31 de maio de 2011.

PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato. *Travessia: Revista de Literatura*. n.38, jan-jun. 1999.

REIMÃO, Sandra. *Repressão e Resistência: Censura a Livros na Ditadura Militar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2011.

RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

REIS, José Carlos. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RICHARD, Nelly. Experiência e representação: o feminino, o latino-americano. In: *Intervenções críticas*. Arte, cultura, gênero e política. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução*. São Paulo: UNESP, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Livraria Quatro Artes Editora, 1969.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANDOVAL, Chela. U.S. Third World Feminism: Differential Social Movement. In: *Methodology of the Oppressed*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência*. Porto: Afrontamento, 2000.

_____. *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SARTI, Cynthia A. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. *Desdobramentos do feminismo*. *Cadernos Pagu*. n.16, 2001.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA, Alcione L. da.; LAGO, Mara de S.; RAMOS, Tânia R. O. *Falas de Gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SHOHAT, Ella. *Area Studies, Gender Studies and the Cartographies of Knowledge*. *Social Text*. 72, 20 (3), 2002.

SILVA, Jacicarla Souza da. *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org> . Acesso em: 21 de dezembro de 2013.

SIRINELLI, Jean-François. *A geração*. In: (or.g) FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

SORJ, Bila. *Estudos de Gênero: a construção de um novo campo de pesquisa no país*. In: COSTA, Albertina de O.; MARTINS, Ângela M.; FRANCO, Maria Laura P.B. (Org.) *Uma História para Contar: A Pesquisa na Fundação Carlos Chagas*. São Paulo: Annablume, 2004.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. *Publicações Feministas sediadas em ONGs: limites, alcances e possibilidades*. *Revista Estudos Feministas*. v. 11. n. 1, 2003.

TOSCANO, Moema; GOLDENBERG, Mirian. *A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

URIBE, Richard; STEENKIST, Robert Max. *El depósito legal en los países de Latinoamérica en 2005: Su vigencia y normatividad. Estadísticas comparativas*. *Centro Regional para el Fomento del Libro en América y Caribe*. Disponível em:

http://www.cerlalc.org/secciones/libro_desarrollo/Deposito_Legal.pdf.

Data de acesso: 13 de maio de 2011.

VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VEIGA, Ana Maria. *Feminismos em rede? Uma história da circulação de discursos e informações entre São Paulo e Buenos Aires (1970-1985)*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

VILA, Sara Sabor. La Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina. *Revista de Historia de América*. n. 27, jun. 1949.

WOLFF, Cristina S. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: Perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007.

WOLFF, Cristina Scheibe; FAVERI, Marlene de. RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. *Leituras em Rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

ZUCCO, Maise Caroline. *Mulheres, feminismos em Florianópolis e suas relações com outros espaços de poder no território brasileiro*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

7.1 FONTES

ALVEZ, Sonia E. Feminismos Latinoamericanos. *Revista Estudos Feministas*. n. 2, 1998. p. 265-284.

ANDRADE, Ana Luiza. La poética caníbal de Clarice Lispector: del sauce Robert a la sagre bruta. *Mora*. n.3, 1997. p. 74-88.

CARSON, Alejandro Cervantes. Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão da identidade de gênero da mulher. *Cadernos Pagu*. v. 4, 1994. p. 187-218.

CORREA, Sônia; MATAMALA, Marisa; PALOMINO, Nancy; RAMOS, Silvina. *As Aventuras e o Consenso do Movimento Feminista*

- no Caminho para o Cairo. *Revista Estudos Feministas*. v. 2. n. 3, 1994. p. 150-160.
- CRUZ, Guadalupe Santa. Diva, divina, dividida. *Feminaria*. Ano X. n. 10, 1997. p. 21-24.
- CUNNINGHAM, Lucia Guerra. Alternativas ideológicas del feminismo latinoamericano. *Feminaria*. Año V. n. 8, 1992. p. 1-2.
- JELIN, Elizabeth. Familia y Género: notas para el debate. *Revista Estudos Feministas*. v.3. n. 2, 1995. p. 394-413.
- JELIN, Elizabeth. Mulheres e Direitos Humanos. *Revista Estudos Feministas*. v. 2 n. 3, 1994. p. 117-149.
- JIMÉNEZ, Martha Patrícia Ponce. Trabalho, poder e sexualidade: histórias e valores femininos. *Cadernos Pagu*. v. 5, 1995. p. 201-276.
- ORTEGA, Eliana. Radio Terra. *Feminaria*. Ano IV. n. 7, 1991 p. 32.
- PAUTASSI, Laura C. ¿Primeiro...las Damas? La situación de la mujer frente a propuesta del ingreso ciudadano. *Revista Estudos Feministas*. v. 6. n. 1, 1998. p.46-70.
- RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (org.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.
- RIUS, Marisa Belausteguigoitia. Máscaras y Posdatas – estrategia femenina en la rebelión indígena de Chiapas. *Revista Estudos Feministas*. v. 4. n. 2, 1996. p. 402-417.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo. Companhia das Letras, 2003.
- SCHMUKLER, Beatriz. Las mujeres en la democratización social. *Revista Estudos Feministas*. v. 3. n. 1, 1995. p. 136-155.
- TARDUCCI, Mónica. O senhor nos libertou: gênero, família e fundamentalismo. *Cadernos Pagu*. v. 3, 1994. p. 143-163.
- VARGAS, Virginia. Uma Mirada del Proceso Hacia Beijing. *Revista Estudos Feministas*. n. 1, 1995. p. 172-179.

VELASTEGUI, Marena Briones. Redescubriendo el significado del poder. Año IV. n. 7, 1991. *Feminaria*. p.10-13.

8. APÊNDICES

8.1 APÊNDICE A

Pesquisa realizada na Biblioteca do Congresso da Nação Argentina e na Biblioteca Nacional da República Argentina (1960-1999)*

Busca pelas palavras: feminismo, feminismos, feminista, feministas, estudos de gênero, *estudios de género*, gênero e *gênero*

	Título	Autor(a)	Local	Editor(a)	Ano	ISBN	Localização	Informações
1.	El segundo sexo	Beauvoir, Simone de, 1908-1986	Buenos Aires	Ediciones Siglo Veinte Sudamericana	[19--] 1999		Ubicación: 31056 Ubicación: 11554 2	BCNA BCNA
2.	Mujer y utopia	Espina, Gioconda	Caracas	CENDES	[199-?]		Ubicación: 11982 2	BCNA
3.	Género y condiciones de trabajo en la Unión Europea	Kauppinen, Kaisa	Dublin	Fundación Europea para la Mejora de las Condiciones de Vida y de Trabajo	[199-]		Ubicación: O.I. CE 839	BCNA

4.	De mujer sola a jefa de hogar	Valenzuela, María Elena	Santiago de Chile	Servicio Nacional de la Mujer. Chile	[1995 ?]		Ubicación: 104777	BCNA
5.	Género, pobreza y empleo	Dejardin, Amelita King	Ginebra	Oficina Internacional del Trabajo, Departamento de Políticas de Desarrollo	[1996]		Ubicación: O.I. OIT 1074	BCNA
6.	Ensayos sobre la vida sexual; sexo, trabajo y deporte. Maternidad y feminismo. Educación sexual y diferenciación sexual	Marañón, Gregorio, 1887-1960	Madrid	Espasa Calpe	1960		Ubicación: 62046	BCNA
7.	La mística de la feminidad	Friedan, Betty, ¿1921?-2006	Madrid	Ediciones Jucar	1974		Ubicación: 104132	BCNA

8.	Hacia un auténtico feminismo	Palumbo, Susana Nile	Mendoza [Prov. de Mendoza]	Sociedad Argentina de Escritores	1976		Ubicación física : S2CM043620	BNRA Pagina : 53 Idioma : castellano
9.	La dialéctica del sexo: en defensa de la revolución feminista	Firestone, Shulamith ; Ribé Queralt, Ramón	Barcelona	Kairós,	1976	ISBN : 84-7245-079-1	Ubicación física : S2AM481222	BNRA Edición : 1a ed. Edición : 1a ed Pagina : 307 Idioma : castellano
10.	La mujer española y otros capitulos feministas	Pardo Bazán, Emilia, Condesa de, 1851-1921		Editora Nacional,	1976		Ubicación: 47503	BCNA
11.	Filosofía de lo femenino	Quiles, Ismael, SJ, 1906-1993	Buenos Aires	Depalma	1978		Ubicación: B. 6812	BCNA

12.	Género de vida y habitat rural urbano	Pickenhayn, Jorge A.	San Juan [Prov. de San Juan]	Universidad Nacional de San Juan Universidad Nacional, Facultad de Filosofía, Humanidades y Artes	1981		Ubicación física : S2AJ265614 Ubicación: B. 6876	BNRA Pagina : 46 Idioma : castellano BCNA
13.	Desarrollo de la sexualidad humana: diferenciación y dimorfismo de la identidad de género desde la concepción hasta la madurez	Money, John - Ehrhardt, Anke A.	Madrid	Morata	1982	ISBN : 84-7112-205-7	Ubicación física : S2CM022231	BNRA Edición : 1a ed., Pagina : 295 Idioma : castellano
14.	El género mujer	Calvera, Leonor, 1942-			1982.		Ubicación: 85647	BCNA
15.	El orden femenino	Lorite Mena, José	Barcelona	Anthropos	1987		Ubicación: 101901	BCNA

16.	Mujeres y amor	Hite, Shere	Barcelona	Plaza & Janés Editores 1988	1988		Ubicación: 104519	BCNA
17.	Nuevas perspectivas en el desarrollo del sexo y el género		Madrid	Pirámide	1988		Ubicación: 95441	BCNA
18.	Nunca antes me habían enseñado eso: capacitación feminista: metodología, comunicación, impacto	Hee Pedersen, Christina	Buenos Aires	Lilith Lilith : Hvmanitas	1988 1990	ISBN : 950-582-287-8 ISBN : 950-582-287-8	Ubicación física : S2BF063109 Ubicación física : S2BF063455	BNRA Edición : 2a ed. Pagina : 251 Idioma : castellano Pagina : 252 Idioma : castellano

19.	Periodismo y feminismo en la Argentina: 1830-1930	Auza, Néstor Tomás	Buenos Aires	Emecé,	1988	ISBN : 950-04-0797-3	Ubicación física : S2AJ462318 Ubicación: 93384	BNRA Edición : 1a ed.: Idioma : castellano Pagina : 316 BCNA
20.	Terapia familiar feminista	Goodrich, Thelma Jean ; Rampage, Cheryl ; Ellman, Barbara ; Halstead, Kris	Buenos Aires; Barcelona; México	Paidós	1989	ISBN : 950-12-4629-9	Ubicación física : S2CM084119	BNRA Edición : 1a ed., Pagina : 229 Idioma : castellano
21.	Trabajo, carrera y género en el mundo de la salud	Geldstein, Rosa Noemí	Buenos Aires	Centro de Estudios de Población	1989		Ubicación: B. 12042	BCNA
22.	TERAPIA familiar feminista	Goodrich, Thelma Jean	Buenos Aires	Paidós	1989.		Ubicación: 94203	BCNA

23.	La red invisible: pautas vinculadas al género en las relaciones familiares	Walters, Marianne; Carter, Betty ; Papp, Peggy ; Silverstein, Olga	Buenos Aires; Barcelona; México, D.F.	Paidós	1991	ISBN : 950-12-4643-4	Ubicación física : S2CG091605	BNRA Edición : 1a ed., Pagina : 457 Idioma : castellano
24.	Sexo y filosofía.	Valcárcel, Amelia	Barcelona	Anthropos	1991		Ubicación: 101923	BCNA
25.	El acoso sexual en la vida cotidiana	Wise, Sue	Buenos Aires	Paidós	1992		Ubicación: 104375	BCNA
26.	Feminismo: ciencia, cultura y sociedad	Reynoso, Nené; Sampaolesi, Ana ; Sommer, Susana E.	Buenos Aires	Humanitas. SAGA Ediciones	1992	ISBN : 950-582-312-6	Ubicación física : S2BF081424 Ubicación: 99531	BNRA Pagina : 162 Idioma : castellano BCNA
27.	La guerra contra las mujeres	French, Marylin	Buenos Aires	Atlántida	1992		Ubicación: 99149	BCNA

28.	La sexualidad atrapada de la señorita maestra	Fernández, Alicia	Buenos Aires	Ediciones Nueva Visión	1992		Ubicación: 10622 2	BCNA
29.	La significación del género: estudio semiótico de las novelas y ensayos de Ernesto Sábato	Urbina, Nicasio	Miami	Universal,	1992	ISBN : 0-89729-627-3	Ubicación física : S2AH534637	BNRA Pagina : 202 Idioma : castellano
30.	Reacción	Faludi, Susan	Buenos Aires	Planeta	1992		Ubicación: 99150	BCNA
31.	Equidad y género	Saltzman, Janet	Madrid	Ediciones Cátedra; Universitat de València. Instituto de la mujer	1992.		Ubicación: 10210 2	BCNA
32.	Breve história do feminismo no Brasil	Almeida Teles, María Amélia de	São Paulo	Editora Brasiliense	1993	ISBN : 85-11-02145-0	Ubicación física : S2AH482156	BNRA Edición : 1a ed. Pagina : 181 Idioma : portugués

33.	Comunicación y género	Pearson, C. J.; Turner, Lynn H. ; Todd; Mancillas, W.	Barcelona	Paidós	1993	ISBN : 84-7509-924-6	Ubicación física : S2BM015428	BNRA Edición : 1a ed. Pagina : 440 Idioma : castellano
34.	De mujer a género: teoría, interpretación y práctica feminista en las ciencias sociales	Cangiano, María Cecilia ; DuBois, Lindsay	Buenos Aires	Centro Editor de América Latina	1993	ISBN : 950-25-2116-1	Ubicación física : S2BN195438	BNRA Pagina : 161 Idioma : castellano
35.	Género, mujer y salud en las Américas	Gomez Gomez, Elsa	Washington	Organización Panamericana de la Salud	1993		Ubicación: O.I. OPS 1 (541)	BCNA
36.	Historia y género	Barrancos, Dora	Buenos Aires	Centro Editor de América Latina	1993	ISBN : 950-25-2433-0	Ubicación física : S2AJ271555 Ubicación: 105991	BNRA Pagina : 126 Idioma : castellano BCNA
37.	La mujer de la ilusión	Fernández, Ana María, 1944-	Buenos Aires	Paidós	1993		Ubicación: 104758	BCNA

38.	Las mujeres en la imaginación colectiva	Fernández, Ana María, 1944-	Buenos Aires	Paidós	1993		Ubicación: 10445 7	BCNA
39.	Megatendencias de la mujer	Aburdene, Patricia	Barcelona, Buenos Aires	Grupo Editorial Norma	1993		Ubicación: 10310 3	BCNA
40.	Ocupación y género	Wainerman, Catalina H.	Buenos Aires	CENEP	1993		Ubicación: 10153 1	BCNA
41.	POBLACION, equidad y transformación productiva		Santiago de Chile	CEPAL; CELADE	1993		Ubicación: O.I. CEPAL 5 (35)	BCNA
42.	Recetas para ser y parecer mujer	Alonso de Solís, María Esther	Villa Lanús, prov. de Misiones	Ed. Universitaria	1993		Ubicación: B. 17189	BCNA
43.	Vida y muerte de Mary Wollstonecraft	Tomalin, Claire, 1933-	Barcelona	Montesinos	1993		Ubicación: 11331 3	BCNA
44.	Breve historia feminista de la literatura española	Díaz-Diocaretz, Myriam	Barcelona	Anthropos	1993- 2000.		Ubicación: 11745 1	BCNA

45.	Acerca de las mujeres: género y sociedad en La Pampa	Di Liscia, María Herminia ; Di Liscia, María Silvia ; Rodríguez, Ana María ; Billorou, María José	[Santa Rosa]	Universidad Nacional de La Pampa, Facultad de Ciencias Humanas, Instituto Interdisciplinario de Estudio de la Mujer	1994		Ubicación: 103786	BCNA
			Santa Rosa [Prov. de La Pampa]	Fondo Editorial Pampeano	1995	ISBN : 950-9810-21-5	Ubicación física : S2AJ343204	BNRA Edición : 2a ed. Pagina : 141 Idioma : castellano
			[S.I.]	Universidad Nacional de La Pampa. Facultad de Ciencias Humanas. Instituto Interdisciplinario de Estudio de la Mujer	[s.d.]	ISBN : 950-863-003-5	Ubicación física : S2CG122515	Pagina : 313 Idioma : castellano

46.	Amo a tí	Irigaray, Luce	Buenos Aires	Ediciones de la Flor	1994		Ubicación: 10389 0	BCNA
47.	Dialéctica feminista de la Ilustración	Molina Petit, Cristina, 1944-	Barcelona	Anthropos	1994		Ubicación: 11744 7	BCNA
48.	Discriminación de género: un obstáculo para un desarrollo sostenible	Jacobson, Jodi	Bilbao	Bakeaz	1994	ISBN : 84- 8894 9-01- 4	Ubicación física : S2AG184174	BNRA Edición : 1a ed Pagina : 71 Idioma : castellano
49.	El muro interior: las relaciones de género en el Ecuador de fines del siglo XX	Cuvi Sánchez, María; Martínez Flores, Alexandra	Quito	Centro de Planificació n y Estudios Sociales	1994	ISBN : 9978- 93- 016-7	Ubicación física : S2AJ464123	BNRA Pagina : 156 Idioma : castellano
50.	Elites discriminadas	García de León, María Antonia	Barcelona	Anthropos	1994		Ubicación: 11746 1	BCNA
51.	Hacia una escuela no sexista	Fainholc, Beatriz	Buenos Aires	Aique	1994 1997		Ubicación: 10313 2 Ubicación: 10313 2/3a	BCNA

52.	Hijas, esposas y amantes	Bermúdez Q., Suzy	Santafé de Bogotá	Ediciones Uniandes	1994		Ubicación: 10008 7	BCNA
53.	La mujer en la educación y la cultura	Fainholc, Beatriz	Buenos Aires	Librería del Colegio	1994		Ubicación: 10206 6	BCNA
54.	La valoración de las mujeres	Tavris, Carol	Buenos Aires	Planeta	1994		Ubicación: 10380 1	BCNA
55.	Las coacciones del deseo: antropología del sexo y el género en la antigua Grecia	Winkler, John J.	Buenos Aires	Manantial	1994	ISBN : 950-9515-85-X	Ubicación física : S2AF024331 Ubicación: 11007 3	BNRA Pagina : 307 Idioma : castellano BCNA
56.	Los roles de género en la crisis	Geldstein, Rosa Noemí	Buenos Aires	Centro de Estudios de Población	1994		Ubicación: 10309 6	BCNA
57.	Mujercitas ¿eran las de antes? y otros escritos	Cabal, Graciela Beatriz, 1939-2004	Buenos Aires	Libros del Quirquincho Sudamericana	1994 1998		Ubicación: S.I.J. B 362 Ubicación: S.I.J. 52656	BCNA BCNA

58.	Mujeres y filosofía: teoría filosófica de género	Santa Cruz, María Isabel ; Bach, Ana María ; Femenías, María Luisa ; Gianella, Alicia ; Roulet, Margarita	Buenos Aires	Centro Editor de América Latina	1994	ISBN : 950-25-2170-7 ISBN : 950-25-2171-4	Ubicación física : S2BN134648 Ubicación física : S2AE194595	BNRA Pagina : 117 Volumen : 1 Volumen : 2 Pagina : 246 Idioma : castellano
59.	Mujeres, trabajo y salud en la era tecnológica	Rodríguez Giles, Estela, 1945-	Buenos Aires	Grupo Editor Latinoamericano	1994		Ubicación: 110046	BCNA

60.	Mulher e relações de gênero	Brandão, Maria Luiza Ribeiro ; Corral, Thais ; Camargo, José Márcio ; Paes de Barros, Ricardo ; Valéry, Françoise Dominique	São Paulo	Loyola	1994	ISBN : 85-15-00883-1	Ubicación física : S2AJ464135	BNRA Pagina : 206 Idioma : português
61.	Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura	Hollanda, Heloisa Buarque de	Rio de Janeiro	Rocco	1994	ISBN : 85-325-0477-9	Ubicación física : S2AL042436	BNRA Pagina : 288 Idioma : português

62.	Construcciones sociales y psicológicas de mujer, hombre, femeneidad, masculinidad y género en diversos grupos poblacionales	Raguz, María	Lima	Pontificia Universidad Católica de Perú	1995		Ubicación física : S2AJ273334	BNRA Pagina : 276 Idioma : castellano
63.	Educación física de las niñas: un enfoque feminista	Scraton, Sheila	Madrid	Morata	1995	ISBN : 84-7112-399-1	Ubicación física : S2AK391311	BNRA Pagina : 151 Idioma : castellano
64.	Espacios de género	Bravo, María Celia; Fernández, María Estela ; Landaburu, Alejandra	Rosario [Prov. de Santa Fe]	Centro Rosarino de Estudio Interdisciplinario sobre las Mujeres	1995		Ubicación física : S2AJ384157	BNRA Pagina : 18 Idioma : castellano
65.	Género, cultura y etnia en la escuela	Woods, Peter	Barcelona	Paidós	1995		Ubicación: 109431	BCNA

66.	Imágenes de género y conducta reproductiva en la adolescencia	Pantelides, Edith Alejandra, 1944-	Buenos Aires	CENEP	1995		Ubicación: 106629	BCNA
67.	La MUJER hoy	Delgado, Cristina G. de ; Scala, Jorge ; Siebert, Marta ; Pascual, Lorenzo ; Bergonzo de Arcagni, Silvia	Rosario,	J.C. Ediciones	1995		Ubicación: 108674	BCNA
68.	La nueva mujer en la escritura de autoras hispánicas	Arancibia, Juana Alcira, 1927-	Westminster, California	Instituto Literario y Cultural Hispánico	1995		Ubicación: 105132	BCNA
69.	La recepción internacional del Cid: argumento recurrente - contexto - género	Rodiek, Christoph	Madrid	Gredos	1995	ISBN : 84-249-1686-9	Ubicación física : S2AK431502	BNRA Pagina : 464 Idioma : castellano

70.	Los riesgos del feminismo: el regreso de la gran madre arcaica	Bar, Liliane	Buenos Aires	Topía	1995	ISBN : 987-9558 2-0-0	Ubicación física : S2AJ333352	BNRA Pagina : 158 Idioma : castellano
71.	Psicología de la mujer	Hyde, Janet Shibley	Madrid	Ediciones Morata	1995		Ubicación: 10919 3	BCNA
72.	El contrato sexual	Pateman, Carole	Barcelona	Anthropos	1995.		Ubicación: 20988	BCNA
73.	Ciencia y feminismo	Harding, Sandra - Manzano, Pablo,	Madrid :	Morata	1996	ISBN : 84-7112-414-9	Ubicación física : S2AL204535	BNRA Pagina : 239 Idioma : castellano
74.	Controversias entre las pedagogías: discursos críticos y feministas como regímenes de verdad	Gore, Jennifer M.	Madrid; La Coruña	Morata : Fundación Paideia	1996	ISBN : 84-7112-405-X	Ubicación física : S2AK464625	BNRA Edición : 1a ed., Pagina : 199 Idioma : castellano
75.	Educación: ¿una profesión de mujeres?	Yannoulas, Silvia C.	Buenos Aires	Kapelusz	1996		Ubicación: 11072 7	BCNA

76.	Género y discurso	Tannen, Deborah	Barcelona	Paidós	1996	ISBN : 84-493-0292-7	Ubicación física : S2BM015322	BNRA Edición : 1a ed., Pagina : 237 Idioma : castellano
77.	Género, psicoanálisis, subjetividad	Burin, Mabel; Dio Bleichmar, Emilce	Buenos Aires; Barcelona; México Buenos Aires	Paidós Paidós,	1996 1996	ISBN : 950-12-4192-0	Ubicación física : S2AJ393124 Ubicación: 107618	BNRA Pagina : 361 1a ed. Idioma : castellano BCNA
78.	Inferioridad y exclusión	Femenías, María Luisa	Buenos Aires	Nuevohacer	1996		Ubicación: 108419	BCNA
79.	La diferencia de los sexos	Fraisse, Geneviève, 1948-	Buenos Aires	Manantial	1996		Ubicación: 119734	BCNA

80.	Los lazos de amor: psicoanálisis, feminismo y el problema de la dominación	Benjamín, Jéssica	Buenos Aires	México; Barcelona : Paidós Paidós	1996 1996	ISBN : 950-12-4194-7	Ubicación física : S2AJ375525 Ubicación: 108700	BNRA Edición : 1a ed.; Pagina : 354 Volumen : 4 Idioma : castellano BCNA
81.	Perspectivas feministas en teoría política	Castells, Carme	Barcelona, Buenos Aires	Paidós	1996		Ubicación: 117477	BCNA
82.	Sistema sexo - género: unidad didáctica	Bastida, Anna ; Cascon, Paco ; González, Montse ; Grasa, Rafael ; Iglesias, Calo	Madrid	Los Libros de la Catarata	1996	ISBN : 84-8198-139-7	Ubicación física : S2AK541614	BNRA Pagina : 155 Idioma : castellano
83.	Desprivatizando lo privado	Lipszyc, Cecilia	Buenos Aires	Catálogos Editora	1996.		Ubicación: 109599	BCNA

84.	La "imbecilidad fisiológica" de la mujer	Estamatti, Mirta Raquel	Buenos Aires,	Nuevohacer	1996.		Ubicación: 10863 4	BCNA
85.	La mujer light.	Itkin, Silvia, 1958-	Buenos Aires,	Sudamericana	1996.		Ubicación: 10768 6	BCNA
86.	Derecho y pornografía	MacKinnon, Catharine A., 1946-	Santafé de Bogotá,	Siglo del Hombre Editores	1997		Ubicación: 11747 5	BCNA
87.	El desafío de ser mujer	Tapia, María Nieves	Buenos Aires	Ediciones Paulinas	1997		Ubicación: B. 21219	BCNA
88.	Fenia: feminista, socialista, un personaje histórico apasionante	Escliar, Myriam	Buenos Aires	Acervo Cultural	1997	ISBN : 987-9627-7-3-3	Ubicación física : S2AK425139 Ubicación: 11025 6	BNRA Pagina : 118 Idioma : castellano BCNA
89.	La obra de Ana María Fagundo: una poética femenino-feminista	Rolle, Silvia	Madrid	Fundamentos,	1997	ISBN : 84-245-0742-8	Ubicación física : S2BL134129	BNRA Edición : 1a ed. Pagina : 285 Idioma : castellano

90.	Mujeres jefas de hogar	Geldstein, Rosa Noemí	Buenos Aires	UNICEF, Oficina de Argentina	1997		Ubicación: O.I. NU 3472 (3)	BCNA
91.	SCUM	Solanas, Valerie, 1936-1988	Buenos Aires	Perfil	1997		Ubicación: B. 21369	BCNA
92.	Censos agropecuarios y género	Pedrero, Mercedes	Roma	Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación	1998		Ubicación: 119545	BCNA
93.	Fábulas del género: sexo y escrituras en América Latina	Domínguez, Nora ; Perilli, Carmen	Rosario [Prov. de Santa Fe]	Beatriz Viterbo	1998	ISBN : 950-845-065-7	Ubicación física : S2AL023430 Ubicación: 117229	BNRA Edición : 1a ed., Pagina : 223 Idioma : castellano BCNA

94.	Género y familia: poder, amor y sexualidad en la construcción de la subjetividad	Burin, Mabel; Meler, Irene	Buenos Aires	Paidós	1998		Ubicación: 114047	BCNA
					1998	ISBN : 950-12-	Ubicación física : S2AJ502217	BNRA Edición : 1a ed.,
					1999	4215-3	Ubicación física : S2AK273537	Pagina : 437
					2001		Ubicación física : S2AL094422	Idioma : castellano
95.	Género y poder	Rauber, Isabel	Buenos Aires	UMA	1998	ISBN : 987-95193-3-7	Ubicación física : S2AK453503	BNRA Pagina : 253 Idioma : castellano
96.	Migraciones, género e islam: mujeres marroquíes en España	Ramírez, Angeles	Madrid	Agencia Española de Cooperación Internacional	1998	ISBN : 84-7232-791-4	Ubicación física : S2BL035529	BNRA Pagina : 380 Idioma : castellano
97.	Mujeres, trabajo y vida cotidiana	Bethencourt G., Luisa	Caracas	CENDES	1998		Ubicación: 119819	BCNA
98.	¿Existe la mujer?	Verhaeghe, Paul	Buenos Aires	Paidós	1999		Ubicación: 114765	BCNA

99.	¿Iguales o diferentes?	Lomas, Carlos, 1956-	Barcelona, Buenos Aires	Paidós	1999		Ubicación: 117708	BCNA
100.	¿Qué son los estudios de mujeres?	Navarro, Marysa	Buenos Aires	Fondo de Cultura Económica	1999		Ubicación: 114596	BCNA
101.	Gender in the worlds bank's poverty assessments	Whitehead, Ann	Geneva	United Nations Research Institute for Social Development (UNRISD)	1999		Ubicación: O.I. NU 3129 (99)	BCNA
102.	Género en el desarrollo rural agrícola		Roma	Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación	1999		Ubicación: O.I. FAO 178	BCNA

103.	Género, pobreza y empleo en los países del cono sur	Marinakis, Andrés E.	Ginebra	Oficina Internacional del Trabajo. Equipo Técnico Multidisciplinario para Argentina, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay	1999		Ubicación: O.I. OIT 937 (112)	BCNA
104.	Historia y género: seis estudios sobre la condición femenina	Villar, Daniel ; Di Liscia, María Herminia ; Caviglia, María Jorgelina	Buenos Aires	Biblos	1999	ISBN : 950-786-220-X	Ubicación física : S2AJ494410 Ubicación: 115466	BNRA Edición : 1a ed., Pagina : 168 Idioma : castellano BCNA

105.	Las estadísticas relacionadas con el género	Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación. Departamento Económico y Social. Dirección de Estadística	Roma	Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación	1999		Ubicación: O.I. FAO 929	BCNA
106.	Las marcas del género: configuraciones de la diferencia en la cultura	Forastelli, Fabricio; Triquell, Ximena	Córdoba [Prov. de Córdoba]	Universidad Nacional de Córdoba. Centro de Estudios Avanzados	1999	ISBN : 950-33-0212-9	Ubicación física : S2AK272344 Ubicación: 114997	BNRA Edición : 1a ed., Pagina : 256 Idioma : castellano BCNA

107.	Las mujeres en un enfoque alternativo de prevención	Di Marco, Graciela	Buenos Aires	Centro de Documentación en Políticas Sociales	1999		Ubicación: B. 25125 (21)	BCNA
108.	Las relaciones de género en la Argentina: un panorama sectorial	Correia, María	Buenos Aires	Banco Mundial	1999	ISBN : 987-9805 7-0-4	Ubicación física : S2AK244408	BNRA Pagina : 31 Idioma : castellano
109.	Lo público y lo privado	Rosa M. Lavecchia; Nadia Leila Aissaoui; Sergio Sinay; Cecilia Lipszyc; Graciela Di Marco; Alicia Prego	Buenos Aires	Centro de Documentación en Políticas Sociales	1999		Ubicación: B. 25125 (22)	BCNA
110.	Mujeres, regulación de conflictos sociales y cultura de la paz		Valencia	Institut Universitari d'Estudis de la Dona, Universitat de València	1999		Ubicación: 12002 1	BCNA

111.	Seguridad alimentaria de la familia y género	Fondo Internacional de Desarrollo Agrícola. División de Asesoramiento Técnico	Roma	FIDE	1999		Ubicación: O.I. FIDA 16	BCNA
112.	Sexualidad, género y roles sexuales	Navarro, Marysa ; Stimpson, Catherine R.	México	Fondo de Cultura Económica	1999	ISBN : 950-557-339-1	Ubicación física : S2AK541212	BNRA Edición : 1a ed., Pagina : 262 Idioma : castellano
			Buenos Aires	Fondo de Cultura Económica	1999		Ubicación: 115370	BCNA
113.	Trabajo de campo con pequeños productores: enfoque de sistemas de producción y género	Proyecto de Desarrollo Rural de las Provincias del Noreste Argentino	Buenos Aires	Proyecto de Desarrollo Rural de las Provincias del Noreste Argentino	1999	ISBN : 987-9184-08-4	Ubicación física : S2AK274514	BNRA Pagina : 150 Idioma : castellano

114.	Trabajo social feminista	Dominelli, Lena	Madrid	Cátedra	1999		Ubicación: 11686 5	BCNA
115.	The conditions and consequences of choice	Kabeer, Naila	Geneva	United Nations Research Institute for Social Development	1999.		Ubicación: O.I. NU 3129 (108)	BCNA

* Possíveis erros de grafia na escrita dos títulos e nomes são justificados pela reprodução da referência tal qual o registro no catálogo.

8.2 APÊNDICE B

Pesquisa realizada na Fundação Biblioteca Nacional (1960-1999)*

Busca pelas palavras: feminismo, feminismos, feminista, feministas, estudos de gênero, *estudios de género*, gênero e *gênero*

	Título	Autor(a)	Local	Editor(a)	Ano	ISBN	Localização	Informações
1.	Ano internacional da mulher	Zanolla, Renato	Porto Alegre	Serpal; Vozes	1975		Localização: II-26,5,35	Catálogo: catalogo corrente
2.	Feminismo e arte: um estudo sobre Virginia Woolf	Marder, Herbert	Belo Horizonte	Interlivros	1975		Localização: VI-263,4,28	Catálogo: catalogo antigo
3.	A dialética do sexo, um manifesto da revolução feminista	Firestone, Shulamith	Rio de Janeiro	Editorial Labor do Brasil	1976		Localização: V-370,1,23	Catálogo: catalogo antigo
4.	A afirmação da mulher	Phelps, Stanlee	Belo Horizonte	Interlivros	1977		Localização: III-56,7,49	Catálogo: catalogo antigo

5.	El tiempo de la mujer	Arboleda, Cuevas Esmeralda	Bogotá [Colômbia]	Instituto Colombiano de Cultura Subdirección de Comunicaciones Culturales	1978		Localização: VI-312,2,20	Catálogo: catalogo corrente
6.	Lily Lages, médica, feminista, deputada, literata, biografia	Lages, Solange	Maceió		1978		Localização: III-207,2,34n.2	Catálogo: catalogo antigo
7.	Mujeres en la literatura	Miller, Beth Kurti	México	Fleischer	1978		Localização: VI-285,6,46	Catálogo: catalogo corrente
8.	Perspectivas para a emancipação da mulher	Soares, Orlando	Rio [de Janeiro]	Liber Juris	1978		Localização: III-400,7,41	Catálogo: catalogo corrente
9.	Ce que je crois	Giroud, Françoise	Paris	B. Grasset	1978	ISBN: VI-221,5,56		Catálogo: catalogo antigo
10.	A libertação da mulher	Arias, María	Rio de Janeiro	Ed. Salvat	1979		Localização: VI-232,4,37	Catálogo: catalogo antigo

11.	O rosto materno de Deus ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas	Boff, Leonardo	Petrópolis	Vozes	1979		Localização: VI-395,3,3	Catálogo: catalogo antigo
12.	A Ave-Maria o feminino e o Espírito Santo	Boff, Leonardo	Petrópolis	Vozes	1980		Localização: VI-389,2,51	Catálogo: catalogo antigo
13.	Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil	Alves, Branca Moreira	Petrópolis	Vozes	1980	ISBN: VI-389,2,17	Localização: VI-389,2,17	Edição catalogo antigo
14.	A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937	Hahner, June E.	São Paulo	Brasiliense	1981		Localização: VI-383,2,37	Catálogo: catalogo corrente
15.	Alem dos fragmentos: o feminismo e a construção do socialismo	Rowbotham, Sheila.	São Paulo	Brasiliense	1981		Localização: VI-361,4,32	Catálogo: catalogo corrente

16.	Mulher sociedade, transição: como o feminismo a liberação sexual e procura de auto-realização alteraram as nossas vidas	Bardwick, Judith M.	São Paulo	Difel	1981		Localização: VI-399,5,19	Catálogo: catalogo antigo
17.	O que é feminismo	Alves, Branca Moreira	São Paulo	Brasiliense Brasiliense Brasiliense Brasiliense Abril Cultural; Brasiliense Brasiliense	981 1982 1983 1984 1985 1985		Localização: VI-400,1,78 Localização: ANEXO II-923,2,01,n.32 Localização: VI-381,1,107 Localização: VI-212,1,37 Localização: VI-317,2,5 Localização: VI-317,2,18	Catálogo: catalogo corrente
18.	Ser ou não ser feminista	Fonseca, Lucia Garcia da; Montenegro, Ana	Recife	Ed. Guararapes	1981		Localização: VI-284,3,10	Catálogo: catalogo corrente

19.	A Metodologia de estudos sobre a mulher	Capeller, Wanda Maria de Lemos	Rio de Janeiro	EDIPUC	1982		Localização: VI-310,7,51	Catálogo: catalogo corrente
20.	Mulher sociedade e Estado no Brasil	Barroso, Carmen	São Paulo; Brasília	Brasiliense ; UNICEF	1982		Localização: VI-313,3,3	Catálogo: catalogo corrente
21.	O feminismo: uma abordagem histórica	Michel, André	Rio de Janeiro	Zahar	1982		Localização: VI-295,1,21	Catálogo: catalogo corrente
22.	Palavra de mulher	Leclerc, Annie	São Paulo	Brasiliense	1982	Localização: VI-406,3,41		Catálogo: catalogo corrente
23.	Para uma ciência da libertação da mulher	Larguia, Isabel	São Paulo	Global Ed.	1982		Localização: VI-361,5,41	Catálogo: catalogo corrente
24.	Perspectivas e tendências do feminismo	Juillard, Joelle	Rio de Janeiro	EDIPUC	1982		Localização: V-301,7,33,n.8	Catálogo: catalogo corrente
25.	A conscientização da mulher no mundo do homem	Rowbotham, Sheila	Porto Alegre	Globo	1983		Localização: VI-336,4,15	Catálogo: catalogo corrente
26.	A segunda etapa	Friedan, Betty	Rio de Janeiro	F. Alves	1983		Localização: VI-345,3,13	Catálogo: catalogo corrente

27.	Autoritarismo e participação política da mulher	Tabak, Fanny	Rio de Janeiro	Graal	1983		Localização: VI-252,4,36	Catálogo: catalogo corrente
28.	El feminismo	Michel, André	México D.F. [México]	Fondo de Cultura Económica CREA	1983	ISBN: 96816157 6X (broch.)	Localização: IV-123,5,18	Catálogo: catalogo corrente
29.	A ideologia feminista do Partido dos Trabalhadores	Silva, Iara Maria Ilgenfritz da	[S.l.]	s.n.	1984		Localização: VI-259,7,1	Catálogo: catalogo corrente
30.	As Mulheres em movimento	Projeto- Mulher do Instituto de Ação Cultural	Rio de Janeiro	IDAC; Marco Zero	1984		Localização: VI-283,3,31	Catálogo: catalogo corrente
31.	Martha de Hollanda: feminismo e feminilidade (ensaio)	Inojosa, Cristina	Recife	Assessoria Editorial do Nordeste	1984		Localização: I-112,5,26,n.5	Catálogo: catalogo corrente
32.	O privilégio de ser mulher	Blaquiere, Georgette	São Paulo	Edições Paulinas	1984	ISBN: 85-05- 00036-6 (broch.)	Localização: VI-302,2,7	Catálogo: catalogo corrente

33.	Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura	Leite, Miriam Moreira	São Paulo	Atica	1984		Localização: VI-249,6,18	Catálogo: catalogo corrente
34.	Se me deixam falar: depoimento de uma mineira boliviana	Barrios de Chungara, Domitila	São Paulo	Global Ed.	1984 1986		Localização: VI-298,2,37 Localização: VI-346,2,59	Catálogo: catalogo corrente
35.	A militante feminista e a militante feminina da periferia: estudo psicossocial das diferenças entre as visões de participação política da mulher	Porto, Dora Nogueira	[São Paulo	[s.n.]	1985		Localização: VI-166,1,3	Catálogo: catalogo corrente
36.	A mulher como signo em crise: (um ensaio sobre feminismo)	Saporiti, Elisabeth	São Paulo	[s.n.]	1985		Localização: ANEXO II-D 138,3,29	Catálogo: catalogo corrente

37.	Mulheres em movimento: o balanço da década da mulher do ponto de vista do feminismo das religiões e da política	Moraes, Maria Lygia Quartim de	São Paulo	Liv. Nobel; Conselho Estadual da Condição Feminina	1985	ISBN: 85-213-0309-2 (broch.).	Localização: VI-239,4,50	Catálogo: catalogo corrente
38.	O feminismo e um humanismo: o sentido libertário da luta da mulher	Gutierrez, Rachel	Rio de Janeiro; São Paulo	Antares ; Liv. Nobel	1985	ISBN: 85-213-0299-1 (broch.).	Localização: VI-395,2,72	Catálogo: catalogo corrente
39.	8 de marco Dia Internacional da Mulher	Conselho Estadual da Condição Feminina	[São Paulo]	O Conselho	1986		Localização: I-74,7,31	Catálogo: catalogo corrente
40.	As idéias feministas no Brasil (1918-1932)	Lino, Sonia Cristina da Fonseca Machado	Curitiba	[s.n.]	1986		Localização: VI-175,5,4	Catálogo: catalogo corrente
41.	E agora mulher?	Chaves, Anesia Pacheco e	Rio de Janeiro	Ed. Guanabara	1986	ISBN: 85-7030-228-2 (broch.).	Localização: VI-267,2,59	Catálogo: catalogo corrente

42.	Estereótipos de gênero e identidade social: uma análise em termos de estrutura e conteúdo	Costa, Antonio Carlos Silva	São Paulo	[s.n.]	1986		Localização: VI-172 3 5	Catálogo: catalogo corrente
43.	Feminismo: o ponto de vista marxista	Alambert, Zuleika	São Paulo	Nobel	1986	ISBN: 85-213-0375-0 (broch.)	Localização: VI-341,2,61	Catálogo: catalogo corrente
44.	A sagrada família: a questão do gênero em famílias católicas	Lisboa, Maria Regina Azevedo	Florianópolis	[s.n.]	1987		Localização: VI-163 1 7	Catálogo: catalogo corrente
45.	Brasília-mulher: movimento social das mulheres	Montoro, Tania Siqueira	Brasília	UnB Dep. de Serviço Social	1987		Localização: I-68,7,15,n.4	Catálogo: catalogo corrente
46.	Elas por eles: os significados do discurso da igualdade de gênero	Franca, Silvia Marina Ramos	São Paulo	[s.n.]	1987		Localização: ANEXO II-D 135 2 35	Catálogo: catalogo corrente
47.	Elvira Komel: uma estrela riscou o céu	Gama, Lelia Vidal Gomes da	Belo Horizonte	Secretaria de Estado da Cultura	1987		Localização: I-56,1,11	Catálogo: catalogo corrente

48.	Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante	Goldberg, Anette	Rio de Janeiro	[s.n.]	1987		Localização: VI-175,5,29	Catálogo: catalogo corrente
49.	Gordura e uma questão feminista	Orbach, Susie	Rio de Janeiro	Record	1987		Localização: I-65,4,7	Catálogo: catalogo corrente
50.	La sexualidad del feminismo biologia o cultura?	Tellez, Freddy	Bogotá Colômbia	C. Valencia	1987	ISBN: 958-9044-30-1 (broch.).	Localização: VI-63,6,31	Catálogo: catalogo corrente
51.	Mulher e política: as relações de gênero no PMDB de Santa Catarina	Martins, Clitia Helena Backx			1987		Localização: VI-174 4 15	Catálogo: catalogo corrente
52.	Mulher ela mesma	Quere, France	São Paulo	Edições Paulinas	1987	ISBN: 85-05-00749-2 (broch.).	Localização: V-392,2,18	Catálogo: catalogo corrente
53.	Mulheres em movimento: homens perplexos	Gutierrez, Rachel	Rio de Janeiro	Madana Ed.	1987		Localização: I-70,3,6	Catálogo: catalogo corrente

54.	O espelho de Cristina	Christine de Pisan	Lisboa [Portugal]	Biblioteca Nacional	1987		Localização: V-211,7,16	Catálogo: catalogo corrente
55.	A Associação de Escolas Superiores de Formação de Profissionais de Ensino: uma experiência de associativismo no ensino superior	Genero, Alcides	Porto Alegre	[s.n.]	1988		Localização: VI-134 3 1	Catálogo: catalogo corrente
56.	A condição feminina	Fonseca, Romi Medeiros; Carvalho, Nanci Valadares de	São Paulo	Vertice; R. dos Tribunais	1988	ISBN: 85-85068-89-2 (broch.).	Localização: VI-175,4,16	Catálogo: catalogo corrente
57.	Como trabalhar com mulheres	Regia, Mara	Petrópolis RJ	Vozes	1988		Localização: IV-146,6,23,n.2	Catálogo: catalogo corrente
58.	Feminismo: teoria e pratica	Astelarra, Judith	Rio de Janeiro	PUC Núcleo de Estudos sobre a Mulher	1988		Localização: V-380,6,13,n.5	Catálogo: catalogo corrente
59.	Feminismo autoritarismo democracia	Astelarra, Judith	[Rio de Janeiro]	PUC Núcleo de Estudos sobre a Mulher	1988		Localização: V-414,2,36	Catálogo: catalogo corrente

60.	Mulheres de ontem? Rio de Janeiro-século XIX	Bernardes, Maria Thereza Caiuby Crescenti	São Paulo	T. A. Queiroz	1988	ISBN: 85-85008-76-8 (broch.).	Localização: III-10,4,28	Catálogo: catalogo corrente
61.	Quero voltar pra casa	Collange, Christiane	São Paulo	Circulo do Livro	1988		Localização: IV-237,5,34	Catálogo: catalogo corrente
62.	Todo dia ela faz tudo sempre igual? Feminismo e cotidiano: discurso e organização de mulheres na periferia de Fortaleza	Herculano, Ana Maria Xavier	Fortaleza	[s.n.]	1988		Localização: ANEXO II-D 136,4,23	Catálogo: catalogo corrente
63.	A identidade social, as relações intra e intergrupais e influencia social de feministas no Rio de Janeiro	Jurberg, Marise Bezerra	São Paulo	[s.n.]	1989		Localização: VI-75,4,11	Catálogo: catalogo corrente

64.	A Transgressão do feminino; ensaios sobre o imaginário e as representações da figura feminina	Küner, Maria Helena	Rio de Janeiro	IDAC Projeto Mulher	1989	ISBN: 8588621029 (broch.)	Localização: V-216,6,36	Catálogo: catalogo corrente
65.	Como os homens sentem: suas reações às exigências das mulheres por igualdade e poder	Astrachan, Anthony	Rio de Janeiro	Imago	1989	ISBN: 85-312-0076-8 (broch.).	Localização: III-343,6,25	Catálogo: catalogo corrente
66.	Direitos das mulheres e injustiça dos homens	Floresta, Nisia	São Paulo	Cortez	1989	ISBN: 8524901888 (broch.)	Localização: I-67,5,44	Catálogo: catalogo corrente
67.	Feminism in two of Shaw's plays	Viswanathan Uma			1989		Localização: VI-76,5,26	Catálogo: catalogo corrente
68.	Feminista ou feminina?	Pereira, Dulce Rodrigues	São Paulo	Ateniense	1989		Localização: IV-260,4,18,n.2	Catálogo: catalogo corrente
69.	Grupos instituições associações-de mulheres	Conselho Nacional dos Direitos da Mulher	Brasília	O Conselho	1989		Localização: ANEXO II-641,5,7	Catálogo: catalogo corrente

70.	Marge Piercy's female protagonists beyond the stereotype of passivity?	Cavalcanti, Ildney			1989	ISBN: (enc.)	Localização: VI-77,3,22	Catálogo: catalogo corrente
71.	O problema não esta na mulher	Viezzler, Moema	São Paulo	Cortez	1989	ISBN: 85-249-0174-6 (broch.).	Localização: V-363,3,41	Catálogo: catalogo corrente
72.	Opusculo humanitario	Floresta, Nisia	São Paulo; [Brasília]	Cortez ; INEP	1989	ISBN: 85-249-0165-9 (broch.).	Localização: IV-316,3,17	Catálogo: catalogo corrente
73.	Philosophie de la modernité la femme la ville l'individualisme	Simmel, Georg	[Paris França]	Payot,	1989	ISBN: 2228881007 (broch.)	Localização: I-138,5,1	Catálogo: catalogo corrente
74.	Rebeldia e submissão: estudos sobre condição feminina	Costa, Albertina de Oliveira; Bruschini, Cristina	São Paulo	Fundação Carlos Chagas; Vertice	1989	ISBN: 8571150370 (broch.)	Localização: III-17,4,31	Catálogo: catalogo corrente

75.	Ser mulher	Grant, Toni	Rio de Janeiro	Campus	1989	ISBN: 85-7001- 559-3 (broch.).	Localização: IV-286,6,17	Catálogo: catalogo corrente
76.	Teólogos da libertação falam sobre a mulher	Boff, Leonardo	São Paulo	Loyola	1989	ISBN: 85-15- 00064-4 (broch.).	Localização: III-96,2,36	Catálogo: catalogo corrente
77.	A experiência feminista dos anos setenta	Moraes, Maria Lygia Quartim de	Araraquara SP	UNESP Dep. de Sociologia	1990		Localização: III-78,2,56	Catálogo: catalogo corrente
78.	A libertação da mulher: o anuncio de vida para o mundo que vem do feminino	Haughton, Rosemary	Petrópolis RJ	Vozes	1990	ISBN: 85-326- 0162-6 (broch.).	Localização: III-98,2,38	Catálogo: catalogo corrente
79.	Adeus Bela Adormecida: a revisão do papel da mulher nos dias de hoje	Kolbenschlag, Madonna	São Paulo	Saraiva	1990 1991	ISBN: 85-02- 00790-4 (broch.). ISBN: 85-02- 00790-4 (broch.).	Localização: III-361,3,27 Localização: IV-356,7,30	Catálogo: catalogo corrente Catálogo: catalogo corrente
80.	An unwritten Woolf : fragments of a map	Azeredo, Genilda Alves de			1990		Localização: VI-65,2,5	Catálogo: catalogo corrente

81.	Beth's missing desire a feminist approach to Harold Pinter's Landscape	Farias, Melania Pereira de			1990		Localização: VI-62,1,63	Catálogo: catalogo corrente
82.	Diferenças de gênero no julgamento moral	Koller, Silvia Helena			1990		Localização: VI-64 2 33	Catálogo: catalogo corrente
83.	Gênero de conto		São Paulo	Atual	1990	ISBN: 85705630 6X (broch.)	Localização: VI-116 2 38	Catálogo: catalogo corrente
84.	O Rosto feminino da teologia	Bingemer, Maria Clara Lucchetti	Aparecida, SP	Santuário	1990	ISBN: 85-7200-022-4 (broch.).	Localização: III-314,2,35	Catálogo: catalogo corrente

85.	Os seis meses em que fui homem	Muraro, Rose Marie	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1990	ISBN: 85-85363-02-9 (broch.).	Localização: III-381,2,54	Catálogo: catalogo corrente
			Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos			Localização: I-159,3,40	
			Rio de Janeiro	Rosa dos Ventos	1991	ISBN: 85-85363-02-9 (broch.).	Localização: IV-384,3,39	
			Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1991	ISBN: 85-85363-02-9 (broch.).	Localização: VI-3,5,48	
			São Paulo	Circulo do Livro	1993	ISBN: 85-85363-02-9 (broch.).	Localização: VI-11,3,23	
			Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1993	ISBN: 85-85363-02-9 (broch.).	Localização: III-444,2,19	
					1996	ISBN: 85-332-0248-2 (enc.).		
						ISBN: 85-01-64701-2 (broch.).		

86.	Feminismo como crítica da modernidade	Benhabib, Sheyla; Cornell, Drucilla	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1991	ISBN: 85-85363-19-3 (broch.).	Localização: IV-356,7,34	Catálogo: catalogo corrente
87.	Mulher e ciência		Maceió	EDUFAL	1991		Localização: VI-444 4 7	Catálogo: catalogo corrente
88.	O início do serviço social no Brasil: um feminismo cristão	Lima, Vera Lucia Alvarenga Freire Moreira			1991		Localização: VI-70,5,10	Catálogo: catalogo corrente
89.	O que é uma mulher?: um debate	Thomas, M.	Rio de Janeiro	Nova Fronteira	1991	ISBN: 85-209-0260-X (broch.).	Localização: VI-187,3,25	Catálogo: catalogo corrente
90.	Representações sociais e relações de gênero no universo do trabalho	Castilho, Regina Vitoria Lima			1991		Localização: VI-78 2 10	Catálogo: catalogo corrente
91.	Reproduzindo relações de poder de gênero e de classe no ensino de enfermagem	Meyer, Dagmar Estermann			1991		Localização: VI-99 4 44	Catálogo: catalogo corrente

92.	A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil	Toscano, Moema	Rio de Janeiro	Revan	1992	ISBN: 85-7106-043-6 (broch.).	Localização: III-444,1,64	Catálogo: catalogo corrente
93.	Elogio da diferença: o feminino emergente	Oliveira, Rosiska Darcy de	São Paulo	Brasiliense	1992 1993	ISBN: 8511160175 (broch.) ISBN: 85-11-16017-5 (broch.).	Localização: VI-194,5,80 Localização: VI-26,3,13	Catálogo: catalogo corrente Catálogo: catalogo corrente
94.	Feminismo	Carvalho, Andre	Belo Horizonte	Le	1992		Localização: III-423,1,19	Catálogo: catalogo corrente
95.	Identidade de gênero: uma categoria da pratica	Lavinas, Lena	Rio de Janeiro	UFRJ Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos	1992		Localização: VI-6,7,6,n.3	Catálogo: catalogo corrente
96.	La societe des femmes		[Bruxelles Belgique]	Complexe	1992	ISBN: 2-87027-454-8 (broch.).	Localização: I-7,1,59	Catálogo: catalogo corrente
97.	Mulher & saúde		[Maceió]	EDUFAL	1992		Localização: VI-442 4 50 n.7	Catálogo: catalogo corrente

98.	Mulher e teologia	Lunem-Chenu, Marie-Thérèse van; Gibellini, Rosino	São Paulo	Loyola	1992	ISBN: 85-15-00470-4 (broch.)	Localização: VI-202,3,42	Catálogo: catalogo corrente
99.	O que esta mulher está fazendo aqui?	Hüfner, Bárbara; Monteiro, Simeí	São Bernardo do Campo, SP	Editeo	1992		Localização: ANEXO II-807,6,37	Catálogo: catalogo corrente
100.	Outras palavras outras imagens movimentos feministas na cidade de São Paulo nos anos 70/80	Bastos, Maria Bueno			1992		Localização: VI-98,1,28	Catálogo: catalogo corrente
101.	Uma questão de gênero	Costa, Albertina de Oliveira; Bruschini, Cristina	Rio de Janeiro; São Paulo	Rosa dos Tempos ; Fundação Carlos Chagas	1992	ISBN: 85853634 28 (broch.)	Localização: VI-199,1,29	Catálogo: catalogo corrente

102.	A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas	Woolger, Jennifer Barker	São Paulo	Circulo do Livro; Cultrix	1993 1997	ISBN: 85-332-0171-0 (enc.). ISBN: 8531600510 (broch.).	Localização: VI-9,3,26 Localização: I-15,5,26	Catálogo: catalogo corrente Catálogo: catalogo corrente
103.	A modernidade vienense e as crises de identidade	Le Rider, Jacques	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	1993	ISBN: 85-200-0113-0 (broch.).	Localização: VI-11 4 57	Catálogo: catalogo corrente
104.	Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle	Showalter, Elaine	Rio de Janeiro	Rocco	1993	ISBN: 85-325-0420-5 (broch.).	Localização: VI-19,4,54	Catálogo: catalogo corrente
105.	Breve historia do feminismo no Brasil	Teles, Maria Amelia de Almeida	São Paulo	Brasiliense	1993	ISBN: 85-11-02145-0 (broch.).	Localização: VI-1,1,39	Catálogo: catalogo corrente
106.	Die Geschichte der Frauenbewegung in Deutschland	Nave-Herz, Rosemarie	Hannover [Alemanha Ocidental]	Niedersachsichen Landeszentrale fur politische Bildung	1993		Localização: VI-31,3,52	Catálogo: catalogo corrente
107.	O contrato sexual	Pateman, Carole	Rio de Janeiro	Paz e Terra	1993	ISBN: 85-219-0009-0 (broch.).	Localização: VI-9,4,40	Catálogo: catalogo corrente

108.	O mito da masculinidade	Nolasco, Socrates	Rio de Janeiro	Rocco	1993	ISBN: 85-325-0412-4 (broch.).	Localização: VI-19 2 39	Catálogo: catalogo corrente
109.	O Pensamento feminista e a estrutura do conhecimento	Gerge, Maary McCanney	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos : Ed. UnB	1993	ISBN: 85-85363-43-6 (broch.).	Localização: VI-9,1,12	Catálogo: catalogo corrente
110.	Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista	Ruether, Rosemary Radford	São Leopoldo, RS	Sinodal	1993	ISBN: 85-233-0306-5 (broch.).	Localização: VI-37,4,28	Catálogo: catalogo corrente
111.	Flexíveis e plurais: identidade casamento e família em circunstâncias pós-modernas	Vaitsman, Jeni	Rio de Janeiro	Rocco	1994	ISBN: 85-325-0467-1 (broch.).	Localização: VI-61 5 39	Catálogo: catalogo corrente
112.	La mujer fragmentada: historias de um signo	Guerra-Cunningham, Lucia	Ciudad de la Habana Cuba [Bogotá Colômbia]	Casa de las Americas ; Colcultura	1994	ISBN: 959-04-0028-0 (broch.).	Localização: VI-72,6,42	Catálogo: catalogo corrente
113.	Mulher e homem: uma aliança de futuro	Hebrard, Monique	São Paulo	Paulinas	1994	ISBN: 85-7311-123-2 (broch.).	Localização: VI-62,3,57	Catálogo: catalogo corrente

114.	Mulher e relações de gênero	Brandão, Margarida Luiza Ribeiro; Bingemer, Maria Clara Luchetti	São Paulo	Loyola	1994	ISBN: 85-15-00883-1 (broch.)	Localização: VI-61,5,37	Catálogo: catalogo corrente
115.	O lugar do diafragma como método anticoncepcional no Brasil	Araújo, Maria José de Oliveira	São Paulo	Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde	1994		Localização: ANEXO II-864,5,06,n.06	Catálogo: catalogo corrente
116.	O que é ONG	Montenegro, Thereza	São Paulo	Brasiliense	1994	ISBN: 85-11-01295-8 (broch.).	Localização: VI-35,1,63	Catálogo: catalogo corrente
117.	Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares	Rocha-Coutinho, Maria Lucia	Rio de Janeiro	Rocco	1994	ISBN: 85-325-0460-4 (broch.).	Localização: VI-46 5 23	Catálogo: catalogo corrente
118.	Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura	Holanda, Heloisa Buarque de	Rio de Janeiro	Rocco	1994	ISBN: 85-325-0477-9 (broch.).	Localização: VI-47,1,34	Catálogo: catalogo corrente

119.	Trilogia do assombro: a literatura no feminino	Schwantes, Cíntia Carla Moreira	Pelotas RS	UFPEL Ed. Universitária	1994	ISBN: 8571920389 (broch)	Localização: I-425,1,2	Catálogo: catalogo corrente
120.	A Desconstrução do masculino	Nolasco, Socrates	Rio de Janeiro	Rocco	1995	ISBN: 85-325-0566-X (broch.).	Localização: III-433 163	Catálogo: catalogo corrente
121.	A força das coisas	Beauvoir, Simone de	Rio de Janeiro	Nova Fronteira	1995	ISBN: 8520906494 (broch.	Localização: ANEXO II-913,4,18	Catálogo: catalogo corrente
122.	A mulher e o cinema: os dois lados da câmera	Kaplan, E. Ann,	Rio de Janeiro	Rocco	1995	ISBN: 85-325-0565-1 (broch.).	Localização: VI-68,7,25	Catálogo: catalogo corrente
123.	As mulheres tomam a palavra	Nunes, Maria Jose Rosado	São Paulo	Loyola	1995	ISBN: 85-15-00910-2 (broch.)	Localização: VI-61,2,49	Catálogo: catalogo corrente
124.	Aquela que é	Johnson, Elisabeth A.	Petrópolis, RJ	Vozes	1995	ISBN: 8532614663 (broch.)	Localização: VI-43,5,51	Catálogo: catalogo corrente
125.	Bruxas e heróis: uma abordagem feminista na terapia junguiana de casais	Young-Eisendrath, Polly	São Paulo	Summus	1995	ISBN: 8532305415 (broch.)	Localização: I-80,2,14	Catálogo: catalogo corrente

126.	Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista critica da libertação	Fiorenza, Elizabeth Schussler	Petrópolis, RJ	Vozes	1995	ISBN: 8532614914 (broch.)	Localização: VI-74,4,24	Catálogo: catalogo corrente
127.	Fazer estilo criando gênero: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro	Birman, Patricia	Rio de Janeiro	Ed. UERJ : Relume-Dumará	1995	ISBN: 85-7316-043-8 (broch.).	Localização: III-434 1 32	Catálogo: catalogo corrente
128.	Fora do jardim: mulheres escrevem sobre a Bíblia	Büchmann, Cristina; Spiegel, Celina	Rio de Janeiro	Imago	1995	ISBN: 853120464X (broch.)	Localização: I-416,5,24	Catálogo: catalogo corrente
129.	Gênero e desenvolvimento institucional em ONGs		Rio de Janeiro Madrid [Espanha]	IBAM Núcleo de Estudos Mulher e Políticas Públicas Instituto de la Mujer	1995		Localização: I-161 6 30	Catálogo: catalogo corrente

130.	Género y desarrollo institucional en ONGs		Rio de Janeiro [Madri Espanha]	IBAM Núcleo de Estudios Mujer y Políticas Públicas Instituto de la Mujer	1995		Localização: I-151 5 44	Catálogo: catalogo corrente
131.	Gramática Femenina	López, García Ángel	Madrid [Espanha]	Cátedra	1995	ISBN: 84376103 38 (broch.)	Localização: Biblioteca de Acesso Livre	Catálogo: catalogo corrente
132.	Literatura y diferencia: escritoras colombianas del siglo XX		Santafé de Bogotá D.C. [Colômbia] Medellín [Colômbia]	Ediciones Uniandes ; Editorial Universidad de Antioquia	1995	ISBN: 95865520 04 (obra completa)	Localização: VI-133,5,2-3	Catálogo: catalogo corrente
133.	Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista	Schottroff, Luise	São Paulo	Paulinas	1995	ISBN: 85731117 04 (broch.)	Localização: VI-68,5,56	Catálogo: catalogo corrente
134.	Teoria feminista e as filosofias do homem	Nye, Andréa,	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1995	ISBN: 85010434 94 (broch.)	Localização: VI-39,4,56	Catálogo: catalogo corrente

135.	Violença de gênero: poder e impotência	Saffiotti, Heleith Lara Bongiovani	Rio de Janeiro	Revinter	1995	ISBN: 85-7309-044-8 (broch.)	Localização: VI-222,3,42	Catálogo: catalogo corrente
136.	A confissão de Marta : leitura a partir de uma ótica de gênero	Lopes, Mercedes	São Paulo	Paulinas	1996	ISBN: 8573116722 (broch.).	Localização: I-8,1,35	Catálogo: catalogo corrente
137.	A face do amor: a questão da beleza e a libertação da mulher	Lambert, Ellen Zetzel	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1996	ISBN: 8501046345 (broch.)	Localização: III-433,1,57	Catálogo: catalogo corrente
138.	A Igreja em crise: questões pendentes para seu terceiro milênio	Pérez, Aguirre, Luis	São Paulo	Ática	1996	ISBN: 8508060017 (broch.).	Localização: I-22,4,8	Catálogo: catalogo corrente
139.	A mulher que eles chamavam fatal : textos e imagens da misoginia fin-de-siècle	Dottin-Orsini, Mireille	Rio de Janeiro	Rocco	1996	ISBN: 85-325-0603-8 (broch.).	Localização: VI-266 2 48	Catálogo: catalogo corrente
140.	A voz embargada: imagem da mulher em romances ingleses e brasileiros do século XIX	Wanderley, Márcia Cavendish.	São Paulo	Edusp	1996	ISBN: 8531402158 (broch.)	Localização: I-26,2,25	Catálogo: catalogo corrente

141.	Estudos de gênero		Goiânia	Ed. da UCG	1996	ISBN: 85710305 45 (broch.)	Localização: I-425,1,64	Catálogo: catalogo corrente
142.	Fogo com fogo: o novo poder feminino e como o século XXI será afetado por ele	Wolf, Naomi	Rio de Janeiro	Rocco	1996	ISBN: 85325066 15 (broch.)	Localização: I-13,2,38	Catálogo: catalogo corrente
143.	Guia dos direitos da mulher	Centro Feminista de Estudos e Assessoria	Rio de Janeiro	O Centro	1996	ISBN: 85010448 81 (broch.)	Localização: I-423,2,24	Catálogo: catalogo corrente
144.	Mães, esposas, concubinas e prostitutas	Almeida, Angela Mendes de	Seropédica, RJ	EDUR	1996	ISBN: 85857200 77 (broch.)	Localização: I-422,1,7	Catálogo: catalogo corrente
145.	Machado de Assis and feminism re-reading the heart of the companion	Lisboa, Maria Manuel	Lewiston [Estados Unidos]	The Edwin Mellen Press	1996	ISBN: 0-7734-8828-6 (enc.)	Localização: IV-18,4,17	Catálogo: catalogo corrente

146.	Masculino/feminino: tensão insolúvel: sociedade brasileira e organização de subjetividade	Almeida, Maria Isabel Mendes de	Rio de Janeiro	Rocco	1996	ISBN: 85-325-0600-3 (broch.).	Localização: III-433 1 34	Catálogo: catalogo corrente
147.	Mulher e cidadania na nova ordem social	Fonseca, RosaMaria Godoy Serpada	São Paulo	Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero; Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo	1996	ISBN: 8586041017 (broch.)	Localização: I-83,4,25	Catálogo: catalogo corrente
148.	Nosso clamor pela vida: teologia latino-americana a partir da perspectiva da mulher	Aquino, Maria Pilar	São Paulo	Paulinas	1996	ISBN: 8573114959 (broch.)	Localização: I-1,1,62	Catálogo: catalogo corrente
149.	O feminino da Igreja e o conflito	Bucker, Bárbara P.	Petrópolis, RJ	Voze	1996	ISBN: 8532615406 (broch.)	Localização: I-119,3,31	Catálogo: catalogo corrente

150.	O prazer sagrado: sexo mito e a política do corpo	Eisler, Riane Tennenhaus	Rio de Janeiro	Rocco	1996	ISBN: 85325066 90 (broch.).	Localização: VI-82 3 7	Catálogo: catalogo corrente
151.	O que e que ha com nossos maridos? A nova guerra dos sexos	Serrurier, Catherine	São Paulo	Summus	1996	ISBN: 85-323-0553-9 (broch.).	Localização: IV-61,1,8	Catálogo: catalogo corrente
152.	Os grandes mitos da feminilidade	Blasi Iwonka Maria Wasilewska	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1996	ISBN: 85010475 62 (broch.).	Localização: VI-481,3,45	Catálogo: catalogo corrente
153.	Virando as páginas revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964	Bassanezi, Carla S. B.	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	1996	ISBN: 85200041 56 (broch.).	Localização: I-26,8,45	Catálogo: catalogo corrente
154.	A donzela-guerreira: um estudo de gênero	Galvão, Walnice Nogueira	São Paulo	Ed. SENAC	1997	ISBN: 85735904 32 (broch.).	Localização: I-79,6,4	Catálogo: catalogo corrente
155.	A mulher na história	Lemieszek, Dionysia Bonow	Porto Alegre	Sagra-D.C. Luzzatto	1997	ISBN: 85241050 89 (broch.).	Localização: I-42,4,36	Catálogo: catalogo corrente

156.	A teologia, a igreja e a mulher na América Latina	Aquino, Maria Pilar	São Paulo	Paulinas	1997	ISBN: 8573116226 (broch.).	Localização: I-18,6,60	Catálogo: catalogo corrente
157.	As Idéias e os números do gênero: Argentina, Brasil e Chile no século XIX	Samara, Eni de Mesquita	São Paulo	Hucitec : USP, Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina	1997	ISBN: 8527104121 (broch.).	Localização: I-31,2,42	Catálogo: catalogo corrente
158.	Brasil, gênero e raça: todos unidos pela igualdade de oportunidades : teoria e prática		Brasília	[s.n.] Ministério do Trabalho Assessoria Internacional	1997 1998		Localização: VI-136 4 50 n.3 Localização: VI-110 5 52 n.2	Catálogo: catalogo corrente Catálogo: catalogo corrente
159.	Crítica literária e estratégias de gênero	Queiroz, Vera	Niterói, RJ	EDUFF	1997	ISBN: 8522802025 (broch.).	Localização: I-13,1,17	Catálogo: catalogo corrente
160.	Desafios de identidade: espaço tempo de mulher	Álvares, Maria Luiza Miranda; Santos, Eunice Ferreira dos	Belém	Ed. Cejup; GEPEM	1997	ISBN: 8533803907 (broch.)	Localização: II-201,5,19	Catálogo: catalogo corrente

161.	Dicionário de teologia feminista	Gossmann, Elisabeth; Wendel, Elisabeth Moltmann	Petrópolis, RJ	Vozes	1997	ISBN: 8532615678 (enc.)	Localização: Referência	Catálogo: catalogo corrente
162.	Docência memória e gênero: estudos sobre formação	Catani, Denice Barbara	São Paulo	Escrituras	1997	ISBN: 8586303119 (broch.).	Localização: I-34 2 24	Catálogo: catalogo corrente
163.	Fetichismo: moda sexo & poder	Steele, Valerie	Rio de Janeiro	Rocco	1997	ISBN: 8532507425 (broch.).	Localização: I-14 3 1	Catálogo: catalogo corrente
164.	Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista	Louro, Guacira Lopes	Petrópolis RJ	Vozes	1997	ISBN: 8532618626 (broch.).	Localização: I-12 6 2	Catálogo: catalogo corrente
165.	Gênero corpo conhecimento	Jaggar, Alison M.	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1997	ISBN: 8501043451 (broch.).	Localização: I-33,4,33	Catálogo: catalogo corrente
166.	Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres	Aguiar, Neuma	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1997	ISBN: 8501049506 (broch.).	Localização: I-25,4,14	Catálogo: catalogo corrente

167.	Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres	Aguiar, Neuma	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1997	ISBN: 8501049506 (broch.).	Localização: I-25 4 14	Catálogo: catalogo corrente
168.	Gênero e desigualdade	Faria, Nalu	São Paulo	SOF	1997	ISBN: 8586548014 (broch.).	Localização: I-167,2,61,n.2	Catálogo: catalogo corrente
169.	Gênero e meio ambiente	Castro, Mary Garcia	São Paulo; Brasília/DF	Cortez UNESCO :UNICEF	1997	ISBN: 8524906707 (broch.).	Localização: VI-129 1 23	Catálogo: catalogo corrente
170.	Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea	Matos, Maria Izilda S.; Soler, Maria Angélica	São Paulo	EDUC	1997	ISBN: 8528301052 (broch.).	Localização: VI-405 1 78	Catálogo: catalogo corrente
171.	Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero	Schpun, Mônica Raísa	Florianópolis	Mulheres	1997	ISBN: 8586501042 (broch.).	Localização: I-25,4,4	Catálogo: catalogo corrente

172.	Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista	Louro, Guacira Lopes	Petrópolis RJ	Vozes Vozes ; CNTE Vozes	1997 1998 1999	ISBN: 85326186 26 (broch.). ISBN: 85326186 26 (broch.) ISBN: 85326186 26 (broch.)	Localização: I-12,6,2 Localização: ANEXO II- 817,3,36 Localização: I-430,3,27	Catálogo: catalogo corrente Catálogo: catalogo corrente Catálogo: catalogo corrente
173.	Kew gardens ; O status intelectual da mulher ; Um toque feminino na ficção ; Profissões para mulheres	Woolf, Virginia	São Paulo	Paz e Terra	1997	ISBN: 82219025 14 (broch.)	Localização: I-169,4,28,n.1	Catálogo: catalogo corrente
174.	Memórias da transgressão: momentos da história da mulher do século XX	Steinem, Gloria	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1997	ISBN: 85010465 58 (broch.).	Localização: I-36,2,5	Catálogo: catalogo corrente

175.	Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher	Brennan, Teresa	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1997	ISBN: 8501048593 (broch.).	Localização: I-20,6,16	Catálogo: catalogo corrente
176.	Pecado & graça na teologia feminista	Scherzberg, Lucia,	Petrópolis, RJ	Vozes	1997	ISBN: 8532616135 (broch.).	Localização: I-82,4,20	Catálogo: catalogo corrente
177.	Théroigne de Méricourt: uma mulher melancólica durante a revolução	Roudinesco, Elisabeth	Rio de Janeiro	Rocco	1997	ISBN: 8532507220 (broch.).	Localização: I-7,2,24	Catálogo: catalogo corrente
178.	Trabalho docente classe social e relações de gênero	Hypolito, Álvaro Moreira	Campinas SP	Papirus	1997	ISBN: 8530804430 (broch.).	Localização: I-31 2 18	Catálogo: catalogo corrente
179.	Um olhar de gênero nas temáticas sociais	Sousa, Valquíria Alencar de	João Pessoa	Idéia	1997		Localização: I-28 5 40	Catálogo: catalogo corrente
180.	A mulher e seu corpo	Ribeiro, Zilda Fernandes	Aparecida SP	Santuário	1998	ISBN: 8572005536 (broch.).	Localização: I-53,2,31	Catálogo: catalogo corrente

181.	Engendrando um novo feminismo: mulheres líderes de base	Abramovay, Miriam	Brasília [Rio de Janeiro]	Unesco ; CEPIA	1998		Localização: VI-155,4,14	Catálogo: catalogo corrente
182.	Gênero e agricultura familiar	Nobre, Miria	São Paulo	SOF	1998	ISBN: 8586548030 (broch.)	Localização: I-153,7,40,n.2	Catálogo: catalogo corrente
183.	Gênero e trabalho na sociologia latino-americana	Abramo, Lais	São Paulo	ALAST	1998	ISBN: 8587161032 (broch.)	Localização: I-168 3 21	Catálogo: catalogo corrente
184.	Masculino feminino plural: gênero na interdisciplinaridade	Pedro, Joana Maria; Grossi, Miriam Pillar	Florianópolis	Mulheres	1998	ISBN: 8586501050 (broch.).	Localização: I-39,6,25	Catálogo: catalogo corrente
185.	Metamorfoses: gênero na perspectiva interdisciplinar	Passos, E.; Alves, I.; Macedo, M.	Salvador	UFBA Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher	1998		Localização: I-151,5,46	Catálogo: catalogo corrente
186.	Mulher: da luta e dos direitos	Monteiro, Angélica	Brasília	Instituto Teotônio Vilela	1998		Localização: I-79,4,46,n.5	Catálogo: catalogo corrente

187.	Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores	Borba, Ângela; Faria, Nalu; Godinho, Tatau	São Paulo	Ed. Fundação Perseu Abramo	1998	ISBN: 8586469076 (broch.)	Localização: I-120,3,16	Catálogo: catalogo corrente
188.	O despertar de Minerva: um estudo sobre a criatividade das mulheres	Firestone, Linda.	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1998	ISBN: 8501051780 (broch.)	Localização: I-85,3,1	Catálogo: catalogo corrente
189.	O Imaginário em debate: gênero música pintura boêmia	Matos, Maria Izilda S.	São Paulo	Olho d'Água	1998	ISBN: 8585428406 (broch.)	Localização: I-180,1,49	Catálogo: catalogo corrente
190.	O valor da alma para o movimento feminista	Bootz, Everton Ricardo	São Leopoldo RS	IEPG	1998		Localização: I-146,6,37,n.5	Catálogo: catalogo corrente
191.	Onde o silêncio fala: feminismo teoria social e religião	Erickson, Victoria Lee	São Paulo	Paulinas	1998	ISBN: 8573116102 (broch.)	Localização: I-130,1,12	Catálogo: catalogo corrente
192.	Saúde das trabalhadoras	Barreto, Margarida	São Paulo	SOF; Sindicato Químicos Plásticos	1998	ISBN: 8586548022 (broch.)	Localização: I-161,1,40	Catálogo: catalogo corrente

193.	Sexualidade e gênero: uma abordagem feminista	Faria, Nalu	São Paulo	SOF	1998	ISBN: 8586548049 (broch.)	Localização: I-145,1,57,n.4	Catálogo: catalogo corrente
194.	Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião	Gebara, Ivone	São Paulo	Olho d'Água	1998	ISBN: 8585428333 (broch.).	Localização: I-40,2,41	Catálogo: catalogo corrente
195.	A incorporação de gênero nas políticas públicas: perspectivas e desafios	Machado, Leda Maria Vieira	São Paulo	Annablume	1999	ISBN: 8574190934 (broch.)	Localização: VI-214 2 20	Catálogo: catalogo corrente
196.	A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça	Cruz, Teresa Benedita da	Bauru SP	EDUSC	1999	ISBN: 8586259721 (broch.)	Localização: I-130,1,13	Catálogo: catalogo corrente
197.	As Mulheres e os direitos civis		Rio de Janeiro	CEPIA	1999		Localização: VI-214 1 38	Catálogo: catalogo corrente
198.	Cântico dos Cânticos: a partir de uma leitura de gênero	Barsted, Leila Linhares; Hermann, Jaqueline	São Paulo	Paulinas	1999	ISBN: 8535606068 (broch.)	Localização: VI-104,5,45	Catálogo: catalogo corrente

199.	Criminologia e feminismo	Campos, Carmem Heinde	Porto Alegre	Sulina	1999	ISBN: 8520502180 (broch.)	Localização: II-3,5,23	Catálogo: catalogo corrente
200.	Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores	Warner, Marina	São Paulo	Companhia das Letras	1999	ISBN: 8571648956 (broch.)	Localização: I-411,5,28	Catálogo: catalogo corrente
201.	De Êxodo a Deuteronômio: a partir de uma leitura de gênero	Holanda, Athalya Brenner	São Paulo	Paulinas	1999	ISBN: 8535606076 (broch.)	Localização: I-177,1,71	Catálogo: catalogo corrente
202.	Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia anos 70/80	Barbosa, Adriana Maria de Abreu; Cunha, Helena Parente	Rio de Janeiro	Tempo Brasileiro	1999	ISBN: 8528201031 (broch.)	Localização: VI-139,1,11	Catálogo: catalogo corrente
203.	Falas de gênero: teorias análises leituras	Lago, Mara Coelho de Souza; Ramos, Tânia Regina Oliveira; Silva, Alcione Leite da	Florianópolis	Mulheres	1999	ISBN: 8586501166 (broch.)	Localização: I-157,6,13	Catálogo: catalogo corrente

204.	Gênero e educação	Faria, Nalu	São Paulo	SOF	1999	ISBN: 85865480 57 (broch.)	Localização: I-166,5,42,n.3	Catálogo: catalogo corrente
205.	Gênero e poder na vida religiosa	Anjos, Márcio Fabridos	Rio de Janeiro São Paulo	CRB Loyola	1999	ISBN: 85150199 81 (broch.)	Localização: I-140 5 60 n.2	Catálogo: catalogo corrente
206.	Gênero e saúde reprodutiva	Minella, Luzinete Simões	Florianópolis	UFSC Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política	1999		Localização: VI-257 7 11 n.5	Catálogo: catalogo corrente
207.	Idéias e dinâmicas para trabalhar com gênero	Portella, Ana Paula	Recife	SOS Corpo	1999		Localização: V-265,6,3	Catálogo: catalogo corrente
208.	Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas	Ramalho, Christna	Rio de Janeiro	Elo	1999	ISBN: 85850841 62 (broch.)	Localização: I-151,1,44	Catálogo: catalogo corrente
209.	Memórias de uma mulher impossível	Muraro, Rose Marie,	Rio de Janeiro	Rosa dos Tempos	1999	ISBN: 85010573 12 (broch.)	Localização: I-148,7,7	Catálogo: catalogo corrente

210.	Mulher e literatura 2	Reis, Livia de Freitas; Vianna, Lúcia Helena; Porto, Maria Bernadete	Niterói RJ	EdUFF	1999	ISBN: 85228029 04 (broch.)	Localização: I-180,2,35	Catálogo: catalogo corrente
211.	O Trabalho das mulheres: tendências contraditórias	Faria, Nalu; Nobre, Miriam	São Paulo	SOF	1999	ISBN: 85865480 65 (broch.)	Localização: I- 151,5,54	Catálogo: catalogo corrente
212.	Política dos sexos	Agacinski, Sylviane	Rio de Janeiro	Nova Fronteira	1999	ISBN: 85209097 79 (broch.)	Localização: I-173,2,47	Catálogo: catalogo corrente
213.	Por toda a minha vida	Portinho, Carmen	Rio de Janeiro	EDUERJ	1999	ISBN: 85858818 36 (broch.)	Localização: Iconografia	Catálogo: catalogo corrente
214.	Relações de gênero e diversidades culturais nas Américas	Holanda, Heloisa Buarque de; Capelato, Maria Helena Rolim	Rio de Janeiro São Paulo	Expressão e Cultura Edusp	1999	ISBN: 85208018 38 (broch.)	Localização: VI-134 5 15	Catálogo: catalogo corrente
215.	Relações de gênero no meio rural	Centro de Estudos do Trabalho	Fortaleza	CETRA	1999		Localização: VI-213,1,9,n.2	Catálogo: catalogo corrente

216.	Submundos do sexo no iluminismo	Rousseau, G.S.; Porter, Roy	Rio de Janeiro	Rocco	1999	ISBN: 8532509665 (broch.)	Localização: I-172 1 51	Catálogo: catalogo corrente
217.	Violência gênero e crime no Distrito Federal	Suárez, Mireya; Bandeira, Lourdes	Brasília	Ed. UnB :Paralelo 15	1999	ISBN: 8586315230 (broch.)	Localização: I-131 2 33	Catálogo: catalogo corrente
218.	Violência e ideologia feminista na obra de Clarice Lispector	Bedasee, Raimunda.	Salvador	EDUFBA	1999	ISBN: 8523201920 (broch.)	Localização: I-157,1,69	Catálogo: catalogo corrente

* Possíveis erros de grafia na escrita dos títulos e nomes são justificados pela reprodução da referência tal qual o registro no catálogo da Fundação Biblioteca Nacional

8.3 APÊNDICE C

Livros da busca realizada na Biblioteca Nacional do Brasil sem o registro do ano de publicação *

	Título	Autor(a)	Local	Editor(a)	Ano	ISBN	Observações sobre a pesquisa
1.	A afirmação da mulher	Phelps, Stanlee				ISBN: III-56,7,49	Obra inclusa na pesquisa, considerada uma tradução estadunidense (1977, Belo Horizonte: Interlivros).
2.	A Ave-Maria: o feminismo e o Espírito Santo	Boff, Leonardo				ISBN: VI-389,2,51	A obra foi inclusa na pesquisa por pertencer ao recorte (1980, Petrópolis: Vozes).
3.	A dialética do sexo, um manifesto da revolução feminista	Firestone, Shulamith				ISBN: V-370,1,23	Livro incluso na pesquisa por pertencer ao recorte (1976, Rio de Janeiro: Editora Labor do Brasil); considerado uma tradução canadense.

4.	A libertação da mulher. Personalidade entrevistada: Gloria Steinem	Arias, Maria				ISBN: VI-232,4,37	Embora a edição da Biblioteca Nacional não possua nenhuma referência indicando ser uma tradução, foi encontrada através de uma busca pela Internet uma edição, também da Editora Salvat, da localidade de Barcelona, ano de 1979. Sendo assim, o texto foi considerado uma tradução da Espanha (Rio de Janeiro: Ed. Salvat).
5.	As Mulheres tomam a palavra		São Paulo	Loyola	0000	ISBN: 85-15-00910-2 (broch.).	Texto incluso na pesquisa, pois pertence ao recorte (1995, São Paulo: Loyola). Embora seja possível encontrar uma edição em espanhol da obra, a autora, Maria Jose Rosado Nunes, é professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

6.	Das Geochlecht der Hautwmoeter praktisch Regeln und Ubungen 3. Aufl.	Berlik.M.D.				ISBN: III-47,4,31-n.3	Texto excluído por não pertencer ao recorte da pesquisa (1904, Berlin: Siegfried Cronbach).
7.	Educação das mães de famílias; ou A civilização do gênero humano pelas mulheres	Martin, Louis Aimé				ISBN: I-219 2 10-11	Obra excluída da pesquisa por não pertencer ao recorte temporal (1870, 1965, Porto: Tip. Da Liv. Nacional).
8.	Feminismo e arte: um estudo sobre Virginia Woolf	Marder, Herbert				ISBN: VI-263,4,28	Obra incluída na pesquisa, considerada uma tradução estadunidense (1975, Belo Horizonte: Interlivros)
9.	Grafia e gênero de usucapião	Vaz, Nelson				ISBN: II-180 5 7n.3	Publicação excluída por não pertencer ao recorte da pesquisa (1958, Rio de Janeiro: Graf. Universidade do Brasil).
10.	Justiça, alegria, felicidade (os novos rumos do feminismo brasileiro)	Bastos, Elisabeth				ISBN: 396/B327j	A obra foi retirada da pesquisa por não pertencer ao recorte temporal (1935, Rio de Janeiro: Liv. Jacinto).
11.	Le voto de la ferme en Portugal, une setence favorable	Associação de propaganda feminista, Lisboa				ISBN: III-207,2,34n.2	Publicação excluída, por não pertencer ao recorte (1911, Lisbonne: L. da Silva).

12.	Lily Lages, médica, feminista, deputada, literata, biografia	Lages, Solange				ISBN: III-56,6,27	Livro incluso na pesquisa (1978, Maceió, sem editora).
13.	Machado de Assis and feminism re-reading the heart of the companion	Lisboa, Maria Manuel	Lewiston [Estados Unidos]	The Edwin Mellen Press	0000	ISBN: 0-7734-8828-6 (enc.)	Obra inclusa na pesquisa por pertencer ao período estudado (1996).
14.	Mulher e relações de gênero		São Paulo	Loyola	0000	ISBN: 85-15-00883-1 (broch.).	O texto foi incluso na pesquisa por pertencer ao recorte temporal (1994, São Paulo: Loyola). As organizadoras da obra são Margarida Luiza Ribeiro Brandão e Maria Clara Luchetti Bingemer.
15.	Mulher e teologia		São Paulo	Loyola	0000	ISBN: 85-15-00470-4 (broch.)	Obra inclusa na pesquisa por pertencer ao recorte (1992, São Paulo: Loyola). O livro é escrito por Marie-Thérèse van Lunem-Chenu (francesa) e Rosino Gibellini (italiano). Nesse sentido, como o título original da obra está na língua italiana, a mesma foi considerada uma tradução desse país.

16.	Mulher sociedade transição: como o feminismo a liberação sexual e procura de auto-realização alteraram as nossas vidas	Bardwick Judith M.				ISBN: VI-399,5,19	A obra foi incluída na pesquisa, pois pertence ao recorte temporal (1981 - São Paulo: Difel) e foi considerada uma tradução estadunidense devido à localidade de atuação profissional da autora.
17.	O feminismo na indústria portuguesa	Pereira, João Manuel Esteves				ISBN: ANEXO II-637,1,16,n.7	Obra excluída da pesquisa por não pertencer ao recorte temporal (1897, Lisboa: Comp. Nacional Ed.).
18.	O primeiro Congresso Feminista e de Educação	Brasão, Arnaldo				ISBN: IV-155,1,14	Obra excluída da pesquisa por não pertencer ao recorte temporal (1925, Lisboa: Ed. Spartacus).
19.	O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas	Boff, Leonardo				ISBN: VI-395,3,3	A obra foi incluída na pesquisa por pertencer ao recorte temporal (1979, Petrópolis: Vozes).

20.	Oriente vermelho (visão panorâmica da China contemporânea) Costumesfeminismoch ristianismopedagogia maltusianismo – comunismo etc.	Thompson T. H.				ISBN: 335.4/T477o7	A obra foi excluída da pesquisa por não pertencer ao recorte (1934, Rio de Janeiro: Calvino Filho).
21.	Os vencedores da fome	De Kruif, Paul Henry				ISBN: 920/D329h7	Obra excluída da pesquisa por não pertencer ao recorte (1944, Porto Alegre: Li. do Globo).
22.	Perfil da mulher brasileira (esboço acerca do feminismo no Brasil)	Austregesilo, Antonio				ISBN: 396/A938p/19 38	Livro excluído da pesquisa por não pertencer ao recorte (1923 e 1938).
23.	Sobre feminismo...	Vaz, Ferreira Carlos				ISBN: II- 268,2,23	A obra foi excluída da pesquisa por não pertencer ao recorte (1957, Montevideo: Imp. Uruguaya).
24.	Tudo que você precisa saber sobre feminismo para nunca passar vergonha	Leoff , Constance	Rio de Janeiro	Ediouro	0000	ISBN: 85-00- 42360-9 (broch.).	Obra excluída da pesquisa por não pertencer ao tema. Série Manual do blefador – categoria sátira (1992, Rio de Janeiro: Ediouro).

25.	Violência de gênero: poder e impotência	Saffioti , Heleieth; Iara, Bongiovani	Rio de Janeiro	Revinter	0000	ISBN: 85- 7309-044-8 (broch.).	Livro incluso na pesquisa por pertencer ao recorte temporal (1995, Rio de Janeiro: Revinter).
-----	--	---	-------------------	----------	------	--------------------------------------	--

* Possíveis erros de grafia na escrita dos títulos e nomes são justificados pela reprodução da referência tal qual o registro no catálogo da Fundação Biblioteca Nacional.

8.4 APÊNDICE D

Textos de Autoras/es argentinas/os publicados na revista Mora

	Título	Autora	Exemplar
1.	La educación de la mujer (o acerca de cómo cocinar y cambiar los pañales de su bebé de manera científica)	Marcela Nari	Mora N° 1, agosto de 1995
2.	El botín del cronista. Cuerpos de mujeres en las crónicas de conquista del Río de la Plata	Cristina Iglesia	Mora N° 1, agosto de 1995
3.	Anarquismo, teosofía y sexualidad: Salvadora Medina Onrubia	Sylvia Saítta	Mora N° 1, agosto de 1995
4.	Estereotipos e identidad femenina en Pánico o peligro de María Luisa Puga	María Susana Zanetti	Mora N° 1, agosto de 1995
5.	Notas sobre la contradictoria relación entre la nueva sociología de la educación y el género	Graciela Morgade	Mora N° 1, agosto de 1995
6.	Los relatos de la vida de las mujeres. Un aporte al conocimiento de la identidad social femenina	Mirta Ana Barbieri	Mora N° 1, agosto de 1995
7.	Razones internas y la discusión acerca del aborto	Florencia Luna	Mora N° 1, agosto de 1995
8.	Una problemática de género a comienzos de la modernidad: las brujas	Fernanda Gil Lozano	Mora N° 1, agosto de 1995
9.	Diamela Eltit: una cierta escritura más punzante	Sandra Lorenzano	Mora N° 1, agosto de 1995
10.	Acerca de Mora	Celina Manzoni	Mora N° 2, noviembre de 1996
11.	La respuesta y sus vestidos: tipos discursivos y redes de poder en la Respuesta a Sor Filotea	Beatriz Colombi	Mora N° 2, noviembre de 1996
12.	Cuán violenta la fuerza de un deseo (Voz femenina y tradición en la poesía de Sor Juana Inés de la Cruz)	Gabriela Mogillansky	Mora N° 2, noviembre de 1996

13.	Territorios del cuerpo. Las heliografías de Graciela Sacco	Andrea Giunta	Mora N° 2, noviembre de 1996
14.	La Mujer, la Virgen. La iconografía mariana como testimonio	Adriana de Pietro, Victoria del Carril	Mora N° 2, noviembre de 1996
15.	Victoria Ocampo, una ínsula para Fani	Julio Schwartzman	Mora N° 2, noviembre de 1996
16.	Colectivismo versus universalismo: Voces e imágenes de mujer en la literatura de este fin de siglo	Susana Reisz	Mora N° 2, noviembre de 1996
17.	Una mujer es una mujer. Notas para una semiótica de lo femenino en los medios	Leonor Arfuch	Mora N° 2, noviembre de 1996
18.	Mujeres de Nuestra Tribuna: el difícil oficio de la diferencia	Dora Barrancos	Mora N° 2, noviembre de 1996
19.	Lujos y límites de la diversidad	Matilde Sánchez	Mora N° 2, noviembre de 1996
20.	Mujeres académicas latinoamericanas en el Foro de ONG's	Diana Helena Maffia	Mora N° 2, noviembre de 1996
21.	Igualdad, Paz y desarrollo. Un hito en la lucha por la inclusión social	Cecilia Lipszyc	Mora N° 2, noviembre de 1996
22.	Las preguntas de Beijing 95	Martha Inés Rosenberg	Mora N° 2, noviembre de 1996
23.	Algunos aportes al debate sobre la racionalidad femenina	Alicia Nudler	Mora N° 3, agosto de 1997
24.	El estilo democrático: último grito de la moda	Cristina Iglesia, Liliana Zucotti	Mora N° 3, agosto de 1997

25.	Género (M/F) y massmediación: nuevos objetos discursivos	July Chaneton	Mora N° 3, agosto de 1997
26.	Desde la otra orilla: las trabajadoras marplatenses. Formas y condiciones del trabajo femenino en una sociedad en transformación	Irene Delfina Molinari	Mora N° 3, agosto de 1997
27.	Protocolos de lectura: el género en reclusión	Raúl Antelo	Mora N° 4, octubre de 1998
28.	Silvina Ocampo: El pretexto del Silencio	Marisa Macchi	Mora N° 4, octubre de 1998
29.	El ver en la nodriza de la Medea de Eurípides: acerca de algunas reificaciones y animalizaciones	Elsa Rodríguez Cidre	Mora N° 4, octubre de 1998
30.	Estudios de Género e Historia: situaciones y perspectivas	Valeria Silvana Pita	Mora N° 4, octubre de 1998
31.	Un archivo de señales en la exposición infantil: derecho consuetudinario e imaginario popular	Gabriela Dalla-Corte Caballero	Mora N° 4, octubre de 1998
32.	Las organizaciones, las escuelas, las mujeres ¿Poder o no poder?	Graciela Morgade	Mora N° 4, octubre de 1998
33.	Piedra libre: la crítica terminal de Tamara Kamenszain	Jorge Panesi	Mora N° 4, octubre de 1998
34.	El tratado de la divinanca de Lope de Barrientos y el surgimiento del estereotipo demonizado de la bruja en la España tardo medieval	Fabián Alejandro Campaigne	Mora N° 5, octubre de 1999
35.	Los métodos en debate. La marca de los dualismos en la geografía feminista	Silvina Quintero	Mora N° 5, octubre de 1999
36.	Bioética, herencia y descendencia. Algunas reflexiones acerca del asesoramiento genético	Susana E. Sommer	Mora N° 5, octubre de 1999
37.	Políticas médicas de la histeria: mujeres, salud y representación en el Buenos Aires del fin de siglo	Gabriela Nouzeilles	Mora N° 5, octubre de 1999
38.	Subjetividad, discurso y género: una propuesta metodológica	Sara Pérez, Julia Zullo	Mora N° 5, octubre de 1999

8.5 APÊNDICE E

Textos de Autoras/es argentinas/os publicados na revista Feminaria

	Título	Autora	Exemplar	Nacionalidade/autor
1.	Nosotras y la amistad	Alicia Genzano	Feminaria Ano I, N° 1, julio 1988	Argentina (Vive em Roma/Itália)
2.	El mito del cazador “cazado” em los discursos de la violación sexual	Silvia Chejter	Feminaria Ano I, N° 1, julio 1988	Argentina
3.	El sexismo lingüístico y su uso acerca de la mujer	Lea Fletcher	Feminaria Ano I, N° 1, julio 1988	EUA (Residente na Argentina)
4.	La mujer em la sociedade argentina de los años ochenta	Juan Manuel Villar	Feminaria Ano I, N° 2, nov. 1988	Argentina
5.	La mujer en la política: una estrategia del feminismo	Jutta Marx	Feminaria Ano I, N° 2, nov. 1988	Alemanha (Formação acadêmica e atuação profissional na Argentina)
6.	Nuevas tecnologías reproductivas	Susana E. Sommer, Adriana de Choch de Schiffrin	Feminaria Ano I, N° 2, nov. 1988	Argentina, Argentina
7.	Piel de mujer, máscaras de hombre	Teresa Leonardi Herran	Feminaria Ano I, N° 2, nov. 1988	Argentina
8.	Mujeres humoristas: hacia una sonrisa sin sexismo	Silvia Itkin	Feminaria Ano I, N° 2, nov. 1988	Argentina
9.	Reflexiones sobre la política feminista	Nené Reynoso	Feminaria Ano II, N° 3, abr. 1989	Argentina

10.	El varón frente al feminismo	Mempo Giardinelli	Feminaria Año II, Nº 3, abr. 1989	Argentina
11.	Um paradigma de poder llamado “feminino” (? Ilusion enganosa?)	Clara Coria	Feminaria Año II, Nº 3, abr. 1989	Argentina
12.	Lucidex o sacrificio	Liliana Mizrahi	Feminaria Año II, Nº 3, abr. 1989	Argentina
13.	Palavra tomada	Lea Fletcher	Feminaria Año II, Nº 3, abr. 1989	EUA (Residente na Argentina)
14.	La diferencia viva	Diana Bellesi	Feminaria Año II, Nº 3, abr. 1989	Argentina
15.	Atravesar el espejo	Tununa Mercado	Feminaria Año II, Nº 3, abr. 1989	Argentina
16.	La mujer y el árbol [introducción al poema de Susan Griffin "Cómo debería ser el bosque"]	Lea Fletcher	Feminaria Año II, Nº 4, nov. 1989	EUA (Residente na Argentina)
17.	Psicoterapia psicoanalítica con orientación feminista	Alicia Lombardi	Feminaria Año II, Nº 4, nov. 1989	Argentina
18.	Acerca del poder, dominación y violencia	Jutta Marx	Feminaria Año III, Nº 5, abr. 1990	Alemanha (Formação acadêmica e atuação profissional na Argentina)
19.	Psicoanálisis y mujer. Buscando la palabra perdida	Isabel Monzón	Feminaria Año III, Nº 5, abr. 1990	Argentina

20.	Mujeres y psicofármacos	Mabel Burin, Esther Moncarz, Susana Velásquez	Feminaria Año III, N° 5, abr. 1990	Argentina, Argentina, Argentina
21.	Acerca de las relaciones de poder entre el lesbianismo y el feminismo	Safina Newbery	Feminaria Año III, N° 5, abr. 1990	Argentina
22.	(Introducción)	Marta Merkin	Feminaria Año III, N° 5, abr. 1990	Argentina
23.	Bajo sospecha	Graciela Maglie	Feminaria Año III, N° 5, abr. 1990	Argentina
24.	Cauces de participación en la crisis	Norma Sanchís	Feminaria Año III, N° 5, abr. 1990	Argentina
25.	Un protagonismo negativo	María Cristina García	Feminaria Año III, N° 5, abr. 1990	Argentina
26.	Estrategias de sobrevivencia de las mujeres pobres urbanas en América Latina	Mabel Bellucci	Feminaria Año III, N° 5, abr. 1990	Argentina
27.	Feministas vistas por feministas: Primer Encuentro Feminista en la Argentina	Mabel Bellucci, Evangelina Dorola	Feminaria Año III, N° 5, abr. 1990	Argentina, Argentina
28.	Imágenes de Nelly Casas	María Moreno	Feminaria Año III, N° 5, abr. 1990	Argentina
29.	Eduarda Mansilla de García en el recuerdo	Lily Sosa de Newton	Feminaria Año III, N° 5, abr. 1990	Argentina
30.	Contra una retórica feminista	Diana Bellessi	Feminaria Año III, N° 6, nov. 1990	Argentina

31.	A mí me pasa lo mismo que a usted	Hilda Rais	Feminaria Año III, Nº 6, nov. 1990	Argentina
32.	El tiempo de una poética feminista	Tununa Mercado	Feminaria Año III, Nº 6, nov. 1990	Argentina
33.	El temor del decir	Lea Fletcher	Feminaria Año III, Nº 6, nov. 1990	EUA (Residente na Argentina)
34.	La voz tutelada: violación y voyeurismo. El dispositivo jurídico de la violación	Silvia Chejter	Feminaria Año III, Nº 6, nov. 1990	Argentina
35.	(Introdução)	J. M. (Acredito que seja Juta Marx)		Alemanha (Formação acadêmica e atuação profissional na Argentina)
36.	El neoconservadorismo y la sociedad civil: los desafíos para los feminismos	Mabel Bellucci	Feminaria Año V, Nº 8, abr. 1992	Argentina
37.	La cosmovisión feminista	Leonor Calvera	Feminaria Año V, Nº 8, abr. 1992	Argentina
38.	La telaraña neoconservadora y las demandas de las mujeres	Zita C. Montes de Oca	Feminaria Año V, Nº 8, abr. 1992	Argentina
39.	Ley del cupo: una prioridad del movimiento feminista	Nené Reynoso	Feminaria Año V, Nº 8, abr. 1992	Argentina
40.	La justicia social y las mujeres	Ana Sampaolesi	Feminaria Año V, Nº 8, abr. 1992	Argentina
41.	Feminismo y movimiento social de mujeres: historia de un malentendido	July Cháneton	Feminaria Año V, Nº 8, abr. 1992	Uruguaya nacionalizada argentina

42.	Mujeres y participación política: hacia una igualdad basada en el reconocimiento de la diversidad	Jutta Marx	Feminaria Ano V, N° 8, abr. 1992	Alemanha (Formação acadêmica e atuação profissional na Argentina)
43.	La mujer y el lenguaje: no a la violencia, sí al poder	Lea Fletcher	Feminaria Ano V, N° 8, abr. 1992	EUA (Residente na Argentina)
44.	Temma Kaplan: los movimientos sociales de mujeres y el feminismo	L. F.	Feminaria Ano V, N° 8, abr. 1992	EUA (Residente na Argentina)
45.	Fiorella Di Carantonio: hacia la comunicación interna del movimiento global de mujeres	L. F.	Feminaria Ano V, N° 8, abr. 1992	EUA (Residente na Argentina)
46.	Conferencia “Mujer, Procreación y Medio Ambiente”	Susana Sommer	Feminaria Ano V, N° 8, abr. 1992	Argentina
47.	Mujer y obediencia	Eva Giberti	Feminaria Ano V, N° 9, nov. 1992	Argentina
48.	Teoría de género y filosofía	María Isabel Santa Cruz, Alicia Gianella, Ana María Bach, Margarita Roulet, María Luisa Femenías	Feminaria Ano V, N° 9, nov. 1992	Integrantes da Asociación Argentina de Mujeres em Filosofia
49.	Feminismo y epistemología: ¿Tiene sexo el sujeto de la ciencia?	Diana Maffía	Feminaria Ano VI, N° 10, abr 1993	Argentina
50.	Algunos aportes al debate feminismo– posmodernismo	Mabel Burin	Feminaria Ano VI, N° 10, abr 1993	Argentina

51.	(Introdução)	L.F.	Feminaria Ano VI, Nº 10, abr 1993	EUA (Residente na Argentina)
52.	¿Las mujeres al poder? La igualdad por decreto presidencial	Jutta Marx, Mónica Nosetto	Feminaria Ano VI, Nº 10, abr 1993	Alemanha (Formação acadêmica e atuação profissional na Argentina), Argentina
53.	Desvelos en el quehacer político	Ana Sampaolesi	Feminaria Ano VI, Nº 11, nov 1993	Argentina
54.	Las mujeres y el poder ¿Podemos las mujeres transformar el sistema de poder?	Cecilia Lipszyc	Feminaria Ano VI, Nº 11, nov 1993	Argentina
55.	Elecciones internas bajo el cupo: la primera aplicación de la Ley de Cuotas en la Capital Federal	Jutta Marx, Ana Sampaolesi	Feminaria Ano VI, Nº 11, nov 1993	Alemanha (Formação acadêmica e atuação profissional na Argentina), Argentina
56.	Lógica, sexualidad y política,	Diana Maffía	Feminaria Ano VII, Nº 12, may 1994	Argentina
57.	Feminismo como semioclastia	July Cháneton	Feminaria Ano VII, Nº 12, may 1994	Uruguai nacionalizada argentina
58.	Relaciones peligrosas: Universidad y Estudios de la Mujer	Marcela M. A. Nari	Feminaria Ano VII, Nº 12, may 1994	Argentina
59.	Mujer y cáncer	Dra. Dora C. Pérez	Feminaria Ano VII, Nº 12, may 1994	Argentina
60.	Aborto legal: un largo camino por recorrer	Mabel Bellucci	Feminaria Ano VII, Nº 12, may 1994	Argentina

61.	VI Encuentro Latinoamericano y del Caribe—El Salvador	Norma Sanchís	Feminaria Ano VII, N° 12, may 1994	Argentina
62.	(introdução)	L. F.	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994	EUA (Residente na Argentina)
63.	Decidir sobre el propio cuerpo es un derecho ciudadano	Mabel Bellucci	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994	Argentina
64.	El aborto no es un tema ético	Clara Kuschnir	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994	Argentina
65.	Cómo resistimos en la Convención?	Cecilia Lipszyc	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994	Argentina
66.	Moderada fórmula contra el aborto	Marcelo Helfgot	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994	Argentina
67.	El aborto y ministerio público, últimas peleas	Marcelo Helfgot	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994	Argentina
68.	Habla una cocinera	Calderita Barcarola (Hilda Rais)	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994	Argentina
69.	Debate sobre el aborto en Italia. Reportaje a Giovanni Berlinguer	Julio Santucho	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994	Argentina (formação na Itália)
70.	Red de Mujeres Académicas de América Latina y el Caribe	Diana Maffia	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994	Argentina
71.	Mujeres y política en la Argentina de fin de siglo	Patricia Gómez	Feminaria Ano VIII, N° 14, jun 1995	Argentina

72.	¿Hacemos tabla rasa de la historia de las mujeres?	Marcela M.A. Nari	Feminaria Año VIII, Nº 14, jun 1995	Argentina
73.	Feminismos en tensión. Ordenando/desordenándonos,	Teresa Azcárate, María Elena Bartís, Carolina Córdoba, Silvia Werthein	Feminaria Año VIII, Nº 15, nov 1995	Argentina, Argentina, Argentina, Argentina
74.	Sobre la necesidad de una discusión metodológica al interior del movimiento de mujeres	Mónica G. Sladogna	Feminaria Año VIII, Nº 15, nov 1995	Argentina
75.	(Introdução)	J.M. (Acredito que seja Juta Marx)	Feminaria Año VIII, Nº 15, nov 1995	Alemanha (Formação acadêmica e atuação profissional na Argentina)
76.	La maternidad como coartada	Cristina Ravazzola	Feminaria Año VIII, Nº 15, nov 1995	Argentina
77.	El caso Daniela o los síntomas de retroceso	Silvia Hass	Feminaria Año VIII, Nº 15, nov 1995	Argentina
78.	En busca del alma de la Virgen de Hierro	Diana Helen Maffía	Feminaria Año IX, Nº 16, may1996	Argentina
79.	La teoría cautiva	Marcela Castro, Silvia Jurovietzky	Feminaria Año IX, Nº 16, may1996	Argentina, Argentina
80.	La resistencia contra la represión	Eva Giberti	Feminaria Año IX, Nº 17/18, nov1996	Argentina
81.	"Abrir los ojos, abrir la cabeza": el feminismo en la Argentina de los años '70	Marcela María Alejandra Nari	Feminaria Año IX, Nº 17/18, nov1996	Argentina

82.	De porteña histórica a feminista romana	Alicia Genzano	Feminaria Ano IX, Nº 17/18, nov1996	Argentina (Vive em Roma/Itália)
83.	De mujeres y discursos: veinte años es mucho	Claudia Laudano	Feminaria Ano IX, Nº 17/18, nov1996	Argentina
84.	Figuras de la memoria	Ana Amado	Feminaria Ano IX, Nº 17/18, nov1996	Argentina
85.	La voz de las Madres	Diana Bellessi, Amalia Carrozzi	Feminaria Ano IX, Nº 17/18, nov1996	Argentina, Argentina
86.	La Rara Argentina declarada	L. F.	Feminaria Ano IX, Nº 17/18, nov1996	EUA (Residente na Argentina)
87.	Manual de estrategia "Pagliachi" o cómo triunfar en la tele	María Moreno	Feminaria Ano X, Nº 19, jun1997	Argentina
88.	VII Encuentro Feminista Latinoamericano y del Caribe	Diana Bellessi	Feminaria Ano X, Nº 19, jun1997	Argentina
89.	VII Encuentro Feminista Latinoamericano y del Caribe	Magui Bellotti	Feminaria Ano X, Nº 19, jun1997	Argentina
90.	VII Encuentro Feminista Latinoamericano y del Caribe	Haydée Birgin	Feminaria Ano X, Nº 19, jun1997	Argentina
91.	VII Encuentro Feminista Latinoamericano y del Caribe	Lea Fletcher	Feminaria Ano X, Nº 19, jun1997	EUA (Residente na Argentina)
92.	VII Encuentro Feminista Latinoamericano y del Caribe	Patricia Kolesnicof	Feminaria Ano X, Nº 19, jun1997	Atuação profissional na Argentina

93.	VII Encuentro Feminista Latinoamericano y del Caribe	Diana Maffía	Feminaria Año X, Nº 19, jun1997	Argentina
94.	VII Encuentro Feminista Latinoamericano y del Caribe	Mónica Tarducci	Feminaria Año X, Nº 19, jun1997	Argentina
95.		Susana Sommer	Feminaria Año X, Nº 19, jun1997	Argentina
96.		Mónica Cameo	Feminaria Año X, Nº 19, jun1997	Argentina
97.		Francisca Porro de Somenzi	Feminaria Año X, Nº 19, jun1997	Argentina
98.		Silvia Dunayevich	Feminaria Año X, Nº 19, jun1997	Argentina
99.		Leonor Vain	Feminaria Año X, Nº 19, jun1997	Argentina
100		Graciela Guilis	Feminaria Año X, Nº 19, jun1997	Argentina
101		Evangelina Dorola	Feminaria Año X, Nº 19, jun1997	Argentina
102		Florencia Luna	Feminaria Año X, Nº 19, jun1997	Argentina
103	Espejo roto: Mujeres en televisión	Eva Gibert	Feminaria Año X, Nº 20, oct 1997	Leciona na UNBA e Universidad Nacional de San Martin

104	En busca de un pasado: revistas, feminismo y memoria. Una historia de las revistas feministas, 1982–1997	Marcela M. A. Nari	Feminaria Año X, N° 20, oct 1997	Argentina
105	Espejo roto: de las relaciones entre mujeres y medios de comunicación	Florencia Enghel	Feminaria Año X, N° 20, oct 1997	Argentina
106	Espejo roto: Talk shows: entre la visualidad de la violencia y la invisibilización de la subordinación	Claudia Laudano	Feminaria Año XI, N° 21, jun 1998	Argentina
107	Premio a publicidad no sexista	L.F.	Feminaria Año XI, N° 21, jun 1998	EUA (Residente na Argentina)
108	El sexo, la madre, la ciencia, la muerte, la puta	Laura Klein	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	Argentina
109	Mejor acompañadas que solas... Una apuesta política por la conquista del aborto libre	Mabel Bellucci	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	Argentina
110	Prostitución: ¿violencia o libertad?	Marta Vassallo	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	Argentina
111	¿Qué pasa con el ejercicio de la prostitución en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires?	Cecilia Lipszyc	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	Argentina
112	Memoria de un retroceso: el Art.71 del Código de Convivencia	Dora Barrancos	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	Argentina

113	Síntesis textual de la acción declarativa de inconstitucionalidad promovida por la Defensora del Pueblo	Preparada por Patricia Laura Gómez con la colaboración de María Aluminé Moreno	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	Argentina, Argentina
114	Los derechos de las mujeres desde una perspectiva de género	Julia Levy	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	Argentina
115	De eso no se habla (¿Una ética feminista?)	Mabel Campagnoli	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	Argentina
116	Mujeres desalojadas del edén de lo humano. (A propósito de un ¿lapsus? de Gregorio Klimovsky)	Diana Maffía	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	Argentina
117	Recogidas al azar: algunas equivocaciones llamativas	Lea Fletcher	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	EUA (Residente na Argentina)
118	La primera novelista uruguaya: Marcelina Almeida	Lea Fletcher	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	EUA (Residente na Argentina)

8.6 APÊNDICE F

Textos de Autoras/es estrangeiras/os publicados na *Mora*

	Título	Autora	Exemplar	Tradutor a	Nacionalidade/a utor
1.	Praxis de la diferencia. Notas sobre lo trágico del sujeto	Francoise Collin	Mora N° 1, agosto de 1995	Marís Isabel Santa Cruz	Bélgica (Radicada na França)
2.	Edipo y Clío. Algunas consideraciones sobre subjetividad e historia	Paola Di Cori	Mora N° 1, agosto de 1995	María Cristina Daviolo	Itália
3.	La tecnología del género	Teresa de Lauretis	Mora N° 2, noviembre de 1996	Ana María Bach y Magarita Roulet	EUA (Italiana radicada no país)
4.	Naturaleza, yo y género: Feminismo, filosofía del medio ambiente y crítica del racionalismo	Val Plumwood	Mora N° 2, noviembre de 1996	Yamila Pedrana	Austrália
5.	Religión, radicalismo y fantasía	Bárbara Taylor	Mora N° 3, agosto de 1997	María Luisa Femenías	Inglaterra
6.	Presencia con una Diferencia: la subjetividad según budistas feministas	Anne C. Klein	Mora N° 3, agosto de 1997	Yamila Pedrana	EUA
7.	Tráfico de género: mujeres, cultura y política de identidad en esta era neoliberal	Francine Masiello	Mora N° 3, agosto de 1997		EUA

8.	La poética caníbal de Clarice Lispector: del sauce de Rober a la sangre bruta	Ana Luisa Andrade	Mora N° 3, agosto de 1997		Brasil
9.	Sexo y género en El segundo sexo de Simone de Bauvoir	Judith Butler	Mora N° 4, octubre de 1998	María Luisa Femenías (Selección , traducción y notas)	EUA
10.	El primer libro de Judit Butler: los problemas de género	Judith Butler	Mora N° 4, octubre de 1998	María Luisa Femenías (Selección , traducción y notas)	EUA
11.	¿Qué es ser mujer? Butler y Beauvoir sobre los fundamentos de la diferencia sexual	Sara Heinämaa	Mora N° 4, octubre de 1998	María Luisa Femenías	Finlândia
12.	Diferencia sexual, incardinamiento y devenir	Rosi Braidotti	Mora N° 5, octubre de 1999	María Luisa Femenías	Australia (Nascida na Itália)
13.	La doxa de la diferencia	Rita Felski	Mora N° 5, octubre de 1999	Elena Susana Infantino	EUA
14.	Merlau Ponty y la teoría feminista sobre la experiencia	Linda Martin Alcoff	Mora N° 5, octubre de 1999	Larissa Zadorojny	EUA

8.7 APÊNDICE G

Textos de Autoras/es estrangeiras/os norte-americanas/os e europeias/eus publicados na *Feminaria*

	Título	Autora	Exemplar	Tradutor a	Nacionalidade/autor
1.	La amistad entre mujeres es um escândalo	Rossana Rossanda	Feminaria Ano I, N° 1, julio 1988	Alicia Genzano	Itália
2.	“La página em blanco” y las formas de la creatividad feminina	Susan Gubar	Feminaria Ano I, N° 1, julio 1988	Paula Brudny	EUA
3.	?!Las mujeres al poder!?. Sobre la política del intervencionismo para cambiar la política	Birgit Meyer	Feminaria Ano I, N° 1, julio 1988	Jutta Marx	Alemanha (Professora da Universidade Bonn)
4.	Guardapolvo de laboratório: ¿manto de inocência o membro del clan?	Ruth Bleier	Feminaria Ano I, N° 1, julio 1988	Susana Sommer e Noemi Diez	EUA (Professora da University of Wiscosin)
5.	¿Por qué no nos podemos enojar com nuestras mejores amigas?	Jaqueline Swartz	Feminaria Ano I, N° 2, nov. 1988		Canadá (Vive em Toronto)
6.	La política, el sufrimiento de uma pasión	Regina Michalik	Feminaria Ano I, N° 2, nov. 1988	Silvia Maldonado e Julia Marx	Alemanha
7.	Memoria: holograma del deseo	Nicole Brossard	Feminaria Ano II, N° 3, abr. 1989	Marcela Solá	Canadá
8.	Rituales de escritura	Nicole Brossard	Feminaria Ano II, N° 3, abr. 1989	Maroa Inés Van Messen	Canadá

9.	? Son más pacíficas las mujeres?	Barbara Sichterman	Feminaria Ano II, N° 3, abr. 1989	Silvia Maldonado e Jutta Marx	Alemanha
10	Feminismo cultural versus posestructuralismo: la crisis de la identidad en la teoría feminista	Linda Alcoff	Feminaria Ano II, N° 4, nov. 1989	Paula Brudny	EUA
11	La venida a la escritura	Hélène Cixous	Feminaria Ano II, N° 4, nov. 1989	Lila Goldsman	França (Nascida na Argélia)
12	Posmodernismo y relaciones de género em la teoría feminista	Jane Flax	Feminaria Ano III, N° 5, abr. 1990	Beatriz Olivier	EUA
13	Una relación dificultosa: el caso del feminismo y la antropología	Marilyn Strathern	Feminaria Ano III, N° 6, nov. 1990	Vivian Schelnsohn	Inglaterra
14	El discurso de la diferencia. Implicaciones y problemas para el análisis feminista	Raquel Osborne	Feminaria Ano III, N° 6, nov. 1990		Espanha
15	Nosotras, los objetos, objetamos: la pornografía y el movimiento de mujeres	Eileen Manion	Feminaria Ano IV, N° 7, ago. 1991	Patricia Kolesnicov	Canadá
16	La emergencia del carácter femenino. Una lectura del Génesis	Mieke Bal	Feminaria Ano IV, N° 7, ago. 1991	Silvia Chejter	Holanda
17	Sobre la cultura femenina	Rossana Rossanda	Feminaria Ano V, N° 9, nov. 1992	Adriana Postinghel	Itália

18	Estructuras de la dominación. Acerca del racismo y el sexismo	Miriam Lang	Feminaria Ano V, N° 9, nov. 1992		Berlin, Alemanha
19	Volver a pensar el cine mujeres: Estética y teoría feminista	Teresa de Lauretis	Feminaria Ano VI, N° 10, abr 1993	Beatriz Olivier	EUA (Italiana radicada no país)
20	Para un monitoreo feminista de la cultura	M.– Pierrette Malczynski	Feminaria Ano VI, N° 10, abr 1993		Doutorou-se no Canadá e foi professora na Polônia
21	Borderline. Por una ética de los límites	Françoise Collin	Feminaria Ano VI, N° 11, nov 1993	Celia Amorós, Alicia H. Puleo	França
22	Hongos hobbesianos, setas venenosas	Celia Amorós	Feminaria Ano VII, N° 12, may 1994		Espanha
23	La crítica poscolonial	Gayatri Chakravorty Spivak	Feminaria Ano VII, N° 12, may 1994	Márgara Averbach	EUA
24	Deconstruir Igualdad-versus-Diferencia: usos de la teoría posestructuralista para el feminismo	Joan W. Scott	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994	Márgara Averbach	EUA
25	Feminismo e individualismo liberal	Robert K. Fullinwider	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994		EUA
26	La perspectiva conservadora	Bonnie Kent	Feminaria Ano VII, N° 13, nov 1994		EUA

27	¿Hay un punto intermedio?	Judith Lichtenberg	Feminaria Año VII, N° 13, nov 1994		EUA
28	Igualdad de oportunidades: críticas conservadora, radical y liberal	Ian Forbes	Feminaria Año VIII, N° 14, jun 1995	Jutta Borner, Mónica Nosetto	Reino Unido
29	Orientaciones futuras en la historia de género latinoamericana	Donna Guy	Feminaria Año VIII, N° 14, jun 1995	Marcela M. A. Nari	EUA
30	Feminismo y posmodernidad: una difícil alianza	Seyla Benhabib	Feminaria Año VIII, N° 14, jun 1995	Pedro Francés Gómez	EUA
31	Ética maternalista: una evaluación feminista	Sabina Lovibond	Feminaria Año VIII, N° 15, nov 1995	Márgara Averbach	Reino Unido
32	Repensar la ciencia de la economía con una mirada feminista	Myra H. Strober	Feminaria Año VIII, N° 15, nov 1995	Márgara Averbach	EUA
33	Abyección y escritura: del yo a la no-identidad del cyborg	Giulia Colaizzi	Feminaria Año IX, N° 16, may 1996		Espanha
34	Sujetos de sexo/género/deseo	Judith Butler	Feminaria Año X, N° 19, jun 1997	Adolfo Campoy Cubillo	EUA
35	Hacia una solidaridad feminista	Diane Elam	Feminaria Año X, N° 20, oct 1997		EUA
36	Las feministas teorizan lo político	Judith Butler, Joan W. Scott	Feminaria Año X, N° 20, oct 1997		EUA, EUA

37	Introducción (a Argumentos feministas. Un intercambio filosófico)	Linda Nicholson	Feminaria Año XI, N° 21, jun 1998	Márgara Averbach	EUA
38	Hacia un feminismo agonístico: Hannah Arendt y las políticas de identidad	B. Honig	Feminaria Año XI, N° 21, jun 1998	Márgara Averbach	EUA
39	Sujetos, poder y conocimiento: descripción y prescripción en las filosofías feministas de la ciencia	Helen E. Longino	Feminaria Año XI, N° 21, jun 1998	Diana Maffia	EUA
40	Ciberfeminismo: género y tecnología	Verónica Engler	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999		Inglaterra
41	La vida psíquica del poder. Teorías de la sujeción. Introducción	Judith Butler	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	Márgara Averbach	EUA
42	La cuestión del aborto y la muerte del hombre	Mary Poovey	Feminaria Año XII, N° 22/23, jul 1999	Alicia Ferreira	EUA

8.8 APÊNDICE H

Textos de Autoras/es estrangeiras/os do Eixo-Sul publicados na *Feminaria*

	Título	Autora	Exemplar	Tradutor a	Nacionalidade/autor
1.	Redescubriendo o el significado del poder	Marena Briones Velastegui	Feminaria Ano IV, No. 7, ago. 1991		Equador
2.	Desarrollo, ecología y mujer	Vandana Shiva	Feminaria Ano IV, No. 7, ago. 1991	Alicia Genzano	Índia
3.	Radio Terra	Eliana Ortega	Feminaria Ano IV, No. 7, ago. 1991		Chile
4.	Alternativas ideológicas del feminismo latoniamericano	Lúcia Guerra Cunningham	Feminaria Ano V, No. 8, abr. 1992		Chile
5.	Diva, divina, dividida	Guadalupe Santa Cruz	Feminaria Ano X, No. 19, jun. 1997		Atuação profissional Chile (nascida nos EUA)

8.9 APÊNDICE I

Textos de Autoras/es brasileiras/os publicados na *Revista Estudos Feministas*

	Título	Autora		Exemplar
1.	De mulheres e de deuses	Maria José Fontelas Rosado Nunes	Artigos	REF Volume 0, 1992
2.	Alquimia de categorias sociais na produção de sujeitos políticos	Mary Garcia Castro	Artigos	REF Volume 0, 1992
3.	A roupa de Rachel	Heloisa Buarque de Hollanda	Artigos	REF Volume 0, 1992
4.	Reminiscências, releituras, reconceituações	Heleieth Saffioti	Artigos	REF Volume 0, 1992
5.	Legalização e descriminalização do aborto no Brasil: 10 anos de luta feminista	Leila de Andrade Linhares Barsted	Artigos	REF Volume 0, 1992
6.	Memórias do Planeta Fêmea	Rosiska Darcy de Oliveira	Dossiê Mulher e meio ambiente	REF Volume 0, 1992
7.	O feminismo como metáfora da natureza	Bila Sorj	Dossiê Mulher e meio ambiente	REF Volume 0, 1992
8.	Ecos femininos na ECO 92	Naumi A. de Vasconcellos	Dossiê Mulher e meio ambiente	REF Volume 0, 1992
9.	Mulheres trabalhadoras e meio ambiente: um olhar feminista no sindicalismo	Maria Berenice G. Delgado, Maria Margareth Lopes	Dossiê Mulher e meio ambiente	REF Volume 0, 1992
10.	Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente	Sandra Mara Garcia	Dossiê Mulher e meio ambiente	REF Volume 0, 1992

11.	Legalization and Decriminalization of Abortion in Brazil: Ten Years of Feminist Struggle	Leila de Andrade Linhares Barsted	Encarte	REF Volume 0, 1992
12.	Rachel's Gown	Heloisa Buarque de Hollanda	Encarte	REF Volume 0, 1992
13.	Feminismo e Utopia	Susana Bornéo Funck	Artigos	REF Volume 1, No.1, 1993
14.	Gênero e Hierarquia. A Costela de Adão Revisitada	Maria Luiza Heilborn	Artigos	REF Volume 1, No.1, 1993
15.	Fontes Históricas e Estilo Acadêmico	Miriam L. Moreira Leite	Artigos	REF Volume 1, No.1, 1993
16.	Cegonhas Indesejadas – aborto provocado	Rebeca de Souza e Silva	Artigos	REF Volume 1, No.1, 1993
17.	Mulher de Bandido: crônica de uma cidade menos musical	Alba Zaluar	Dossiê Mulher e violência	REF Volume 1, No.1, 1993
18.	As Desventuras do Vitimismo	Maria Filomena Gregori	Dossiê Mulher e violência	REF Volume 1, No.1, 1993
19.	Um Estudo Americano sobre a Violência no Brasil	Jacqueline Pitanguy	Dossiê Mulher e violência	REF Volume 1, No.1, 1993
20.	A Desonra de uma Sociedade Patriarcal	Valéria Lamego	Dossiê Mulher e violência	REF Volume 1, No.1, 1993
21.	Violência Conjugal durante a Gravidez	Eleonora Menicucci de Oliveira; Lucila Amaral Carneiro Vianna	Dossiê Mulher e violência	REF Volume 1, No.1, 1993
22.	De Ângela Diniz a Daniela Perez: a trajetória da impunidade	Miriam Pillar Grossi	Dossiê Mulher e violência	REF Volume 1, No.1, 1993
23.	Proposta de Lei contra a Violência Familiar	Sílvia Pimentel; Maria Inês Valente Pierro	Dossiê Mulher e violência	REF Volume 1, No.1, 1993
24.	Woman of Gangsters: chronicle of a lesbian-musical city	Alba Zaluar	Encarte	REF Volume 1, No.1, 1993

25.	As Desventuras do Vitimismo	Maria Filomena Gregori	Encarte	REF Volume 1, No.1, 1993
26.	Ousadia Feminina e Ordem Burguesa	Maria Lúcia G. Pallares-Burke	Artigos	REF Volume 1, No.2, 1993
27.	Trabalho e Qualificação na Indústria de Confecção	Alice Rangel de Paiva Abreu	Artigos	REF Volume 1, No.2, 1993
28.	Rigoberta Menchú, a História de um Depoimento	Claudia de Lima Costa	Artigos	REF Volume 1, No.2, 1993
29.	Lugar no Governo: Álibi ou Conquista?	Maria Aparecida Schumacher; Elisabeth Vargas	Ponto de Vista	REF Volume 1, No.2, 1993
30.	Brasil, um Caso Exemplar – Anticoncepção e Parto Cirúrgico – à espera de uma ação exemplar	Elza Berquó	Dossiê Mulher e direitos reprodutivos	REF Volume 1, No.2, 1993
31.	Modernidade e Cidadania Reprodutiva	Maria Betânia Ávila	Dossiê Mulher e direitos reprodutivos	REF Volume 1, No.2, 1993
32.	Dilemas do Debate Populacional	Thaís Corral	Dossiê Mulher e direitos reprodutivos	REF Volume 1, No.2, 1993
33.	Direitos Reprodutivos e Políticas Descartáveis	Mariska Ribeiro	Dossiê Mulher e direitos reprodutivos	REF Volume 1, No.2, 1993
34.	A Experiência Brasileira com o Cytotec	Regina Maria Barbosa; Margareth Arilha	Dossiê Mulher e direitos reprodutivos	REF Volume 1, No.2, 1993

35.	AIDS, Gênero e Reprodução	Regina Helena Simões Barbosa	Dossiê Mulher e direitos reprodutivos	REF Volume 1, No.2, 1993
36.	Aborto Legal no Hospital do Jabaquara	Maria José de Oliveira Araújo	Dossiê Mulher e direitos reprodutivos	REF Volume 1, No.2, 1993
37.	Projeto de Lei sobre o Aborto	Eva Blay	Dossiê Mulher e direitos reprodutivos	REF Volume 1, No.2, 1993
38.	A Place in Government: Alibi or Conquest?	Maria Aparecida Schumacher; Elisabeth Vargas	Encarte	REF Volume 1, No.2, 1993
39.	Contraception and Caesareans in Brazil: an example of bad reproductive health practice in need of exemplary action	Elza Berquó	Encarte	REF Volume 1, No.2, 1993
40.	Donas-de-casa, mães, feministas, batalhadoras: mulheres nas eleições de 1994 no Brasil	Céli Regina Jardim Pinto	Artigos	REF Volume 2, No.2, 1994
41.	De sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica	Cecilia M.B Sardenberg	Artigos	REF Volume 2, No.2, 1994
42.	Uma Walkyria entra em cena em 1934	Ana Arruda Callado	Artigos	REF Volume 2, No.2, 1994
43.	Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças	Maria Odila Leite da Silva Dias	Artigos	REF Volume 2, No.2, 1994

44.	Lélia fala de Lélia - Homenagem a Lélia Gonzales	Carlos Alberto M. Pereira; Heloisa Buarque de Holanda	Artigos	REF Volume 2, No.2, 1994
45.	Leila Diniz: A arte de ser sem esconder o ser	Mirian Goldenberg	Dossiê Leila Diniz	REF Volume 2, No.2, 1994
46.	Retorno às origens	Eli Diniz	Dossiê Leila Diniz	REF Volume 2, No.2, 1994
47.	A linguagem de Leila	Ana Maria Magalhães	Dossiê Leila Diniz	REF Volume 2, No.2, 1994
48.	Leila Diniz e a antecipação de temas feminista	Jaqueline Pitanguy, Eli Diniz	Dossiê Leila Diniz	REF Volume 2, No.2, 1994
49.	Leila Diniz, liberdade e subjetividade	José Américo Pessanha	Dossiê Leila Diniz	REF Volume 2, No.2, 1994
50.	Leila Diniz em várias versões	Maria Lygia Quartim de Moraes	Dossiê Leila Diniz	REF Volume 2, No.2, 1994
51.	A entrevista de toda uma geração	Sérgio Cabral	Dossiê Leila Diniz	REF Volume 2, No.2, 1994
52.	Housewives, mothers, feminist, fighters: Women in the 1994 Brazil elections	Céli Regina Jardim Pinto	Encarte	REF Volume 2, No.2, 1994
53.	Feminism in Brazil today	Angela Borba, Hildete Pereira, Jacqueline Pitanguy, Wania Sant' Anna	Encarte	REF Volume 2, No.2, 1994
54.	Trabalho Feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o futuro	Cristina Bruschini	Artigos	REF Volume 2, No.3, 1994
55.	Gênero e Envelhecimento	Guita Grin Debert	Artigos	REF Volume 2, No.3, 1994
56.	Mme. Durocher, Modista e Parteira	Maria Lúcia de Barros Mott	Artigos	REF Volume 2, No.3, 1994

57.	Women and the Labor in Brazil: the history of an issue and prospects for the future	Cristina Bruschini	Encarte	REF Volume 2, No.3, 1994
58.	Movimento feminista. Paradigma e desafios	Vera Soares	Movimen to de Mulheres e Feminism o: Evolução e Novas Tendênci as	REF Volume 2, No.especial, 1994
59.	Em busca do tempo perdido: Mulher e políticas públicas no Brasil 1983-1993	Leila de Andrade Linhares Barsted	Movimen to de Mulheres e Feminism o: Evolução e Novas Tendênci as	REF Volume 2, No.especial, 1994
60.	Norplant nos anos 90, peças que faltaram	Sonia Corrêa	Saúde e Controle da Produção	REF Volume 2, No.especial, 1994
61.	O território ambíguo da historiografia	Heloísa Buarque de Hollanda	Literatura e Produção Cultural	REF Volume 2, No.especial, 1994
62.	Leitura da fotografia	Miriam Lifchitz Moreira Leite	Literatura e Produção Cultural	REF Volume 2, No.especial, 1994
63.	Desigualdade de gênero e raça: O informal no Brasil em 1990	Alice Rangel de Paiva Abreu, Angela Filgueiras Jorge, Bila Sorj	Mercado de Trabalho e Discriminação Sexista	REF Volume 2, No.especial, 1994

64.	O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes	Cristina Bruschini	Mercado de Trabalho e Discriminação Sexista	REF Volume 2, No.especial, 1994
65.	Teorizando sobre gênero e relações raciais	Sandra Azerêdo	Relações Sociais de Gênero, Raça e Relações Interétnicas	REF Volume 2, No.especial, 1994
66.	Beleza mulata e beleza negra	Sonia Maria Giacomini	Relações Sociais de Gênero, Raça e Relações Interétnicas	REF Volume 2, No.especial, 1994
67.	Mulher e Política no Brasil. Os impasse do feminimos, enquanto movimento social, face às regras do jogo da democracia representativa	Céli Regina Jardim Pinto	Estratégias Feministas e Representações Políticas	REF Volume 2, No.especial, 1994
68.	Viver o sindicalismo no feminino	Paola Cappellin	Estratégias Feministas e Representações Políticas	REF Volume 2, No.especial, 1994

69.	Retratos de família em tempos de crise	Ana Maria Goldani	Família ou Famílias? Individualização das Mulheres e Evolução da Família como Instituição	REF Volume 2, No.especial, 1994
70.	Teoria e Práxis feminista na academia: Os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras	Ana Alice Alcantra Costa, Cecília Maria Bacellar Sardenberg	A Institucionalização dos Estudos Feministas dentro das Universidades	REF Volume 2, No.especial, 1994
71.	Os estudos da mulher no Brasil ou a estratégia da corda bamba	Albertina de Oliveira Costa	A Institucionalização dos Estudos Feministas dentro das Universidades	REF Volume 2, No.especial, 1994
72.	Violência de gênero no Brasil atual	Heleieth I. B. Saffioti	Violência e Assédio Sexual	REF Volume 2, No.especial, 1994
73.	Novas/ Velhas violências contra a mulher no Brasil	Miriam Pillar Grossi	Violência e Assédio Sexual	REF Volume 2, No.especial, 1994
74.	Maria Isabel Baltar da Rocha Rodrigues: fazendo da ciência uma política	Luzinete Simões Minella	Homenagem	REF Volume 2, No.especial, 1994
75.	Corpo e Moralidade Sexual em Grupos Religiosos	Maria das Dores Campos Machado	Artigos	REF Volume 3, No. 1, 1995

76.	Gênero e Poder no Espaço Sindical	Mary Garcia Castro	Artigos	REF Volume 3, No. 1, 1995
77.	Da Cor do Pecado	Edith Piza	Artigos	REF Volume 3, No. 1, 1995
78.	Recontextualizando o Embrião	Simone Novaes, Tania Salem	Artigos	REF Volume 3, No. 1, 1995
79.	A Longa Espera	Miriam Moreira Leite	Artigos	REF Volume 3, No. 1, 1995
80.	Dois Olhares sobre Heleieth Saffioti/ Two Views about Heleieth Saffioti	Bila Sorj	Artigos	REF Volume 3, No. 1, 1995
81.	O Nascimento de uma Obra	Maria Aparecida Moraes Silva	Artigos	REF Volume 3, No. 1, 1995
82.	O Contraditório e Ambíguo Caminho para Beijing	Vera Soares	Dossiê A 4ª. Conferência Mundial da Mulher	REF Volume 3, No. 1, 1995
83.	O Direito Internacional e o Movimento de Mulheres	Leila Linhares	Dossiê A 4ª. Conferência Mundial da Mulher	REF Volume 3, No. 1, 1995
84.	Enfim Sós: Brasil rumo a Pequim	Heleieth Saffioti	Dossiê A 4ª. Conferência Mundial da Mulher	REF Volume 3, No. 1, 1995
85.	Igualdade, Desenvolvimento e Paz	Rosiska Darcy de Oliveira	Dossiê A 4ª. Conferência Mundial da Mulher	REF Volume 3, No. 1, 1995

86.	Uma Conferência entre Colchetes	Miriam Abramovay	Dossiê A 4ª Conferência Mundial da Mulher	REF Volume 3, No. 1, 1995
87.	The Body and Sexual Morality in Religious Groups	Maria das Dores Campos Machado	Encarte	REF Volume 3, No. 1, 1995
88.	Por uma Bioética Não-Sexista, Anti-Racista e Libertária	Fátima Oliveira	Artigos	REF Volume 3, No. 2, 1995
89.	Admitimos Mulheres para Trabalhos Leves	Lorena Holzmann da Silva	Artigos	REF Volume 3, No. 2, 1995
90.	Trabalho Domiciliar Masculino	Cristina Bruschini, Sandra Ridenti	Artigos	REF Volume 3, No. 2, 1995
91.	Confrontos Políticos e Desafios Intelectuais	Lia Zanotta Machado	Ponto de Vista: Beijing em Balanço	REF Volume 3, No. 2, 1995
92.	América Latina mais Integrada	Maria Aparecida Schumacher	Ponto de Vista: Beijing em Balanço	REF Volume 3, No. 2, 1995
93.	Apresentação	Matilde Ribeiro	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995
94.	Iyámi, IYá, Agbás: dinâmica da espiritualidade feminina em templos afro-baianos	Lourdes Siqueira	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995
95.	Mulheres Negras Brasileiras: de Bertioxa a Beijing	Matilde Ribeiro	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995
96.	Nossos Feminismos Revisitados	Luiza Bairos	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995
97.	A Mulher Negra no Mercado de Trabalho	Maria Aparecida Silva Bento	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995

98.	Trajétoria Educacional e Realização Sócio-Econômica da Mulheres Negras	Márcia Lima	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995
99.	Direitos Reprodutivos e Racismo no Brasil	Edna Roland	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995
100.	O Rap da Meninas	Maria Aparecida da Silva	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995
101.	Gênero, Raça e Ascensão Social	Sueli Carneiro	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995
102.	A Dupla Carreira da Mulher Prostituta	Claudia Fonseca	Artigos	REF Volume 4, No. 1, 1996
103.	A Família Brasileira no Limiar do ano 2000	Maria Coleta Oliveira	Artigos	REF Volume 4, No. 1, 1996
104.	Feminismo do Sagrado: uma reencenação romântica da diferença	Fabíola Rohden	Artigos	REF Volume 4, No. 1, 1996
105.	Guerra dos Gêneros & Guerra aos Gêneros	Suely Rolnik	Ponto de Vista	REF Volume 4, No. 1, 1996
106.	Apresentação	Lena Lavinias	Dossiê Ações Afirmativas	REF Volume 4, No. 1, 1996
107.	Novos Paradigmas nas Esferas de Poder	Marta Suplicy	Dossiê Ações Afirmativas	REF Volume 4, No. 1, 1996
108.	Mais Mulheres na Direção da CUT	Maria Berenice Godinho Delgado	Dossiê Ações Afirmativas	REF Volume 4, No. 1, 1996
109.	Ação Afirmativa no Partido dos Trabalhadores	Tatau Godinho	Dossiê Ações Afirmativas	REF Volume 4, No. 1, 1996
110.	A Valorização do Trabalho Feminino: contextualizando as Ações Positivas	Paola Cappellin	Dossiê Ações Afirmativas	REF Volume 4, No. 1, 1996

111.	Aumentando a Competitividade das Mulheres no Mercado de Trabalho	Lena Lavinas	Dossiê Ações Afirmativas	REF Volume 4, No. 1, 1996
112.	Diferenças entre Discriminação Racial e por Gênero e o Desenho de Políticas Anti-Discriminatórias	Ricardo Paes de Barros; Rosane Silva Pinto Mendonça	Dossiê Ações Afirmativas	REF Volume 4, No. 1, 1996
113.	Ação Afirmativa e Desigualdade Racial no Brasil	Sérgio da Silva Martins	Dossiê Ações Afirmativas	REF Volume 4, No. 1, 1996
114.	O Movimento Negro e a Questão da Ação Afirmativa	Marcia Contins; Luiz Carlos Sant'ana	Dossiê Ações Afirmativas	REF Volume 4, No. 1, 1996
115.	A Relevância de uma Pergunta Inaugural	Ilana Strozenberg	Dossiê Ações Afirmativas	REF Volume 4, No. 1, 1996
116.	“Mais Merece!”: o estigma da infecção sexual pelo HIV/AIDS	Carmen Dora Guimarães	Artigos	REF Volume 4, No. 2, 1996
117.	Maternidade e Vínculo Social	Maria Lúcia Miranda Afonso; Cristina Almeida Cunha Filgueiras	Artigos	REF Volume 4, No. 2, 1996
118.	Esposa de Agricultor na França	Maria José Carneiro	Artigos	REF Volume 4, No. 2, 1996
119.	A questão do Aborto no Brasil: o debate no Congresso	Maria Isabel Baltar da Rocha	Artigos	REF Volume 4, No. 2, 1996
120.	Apresentação	Lena Lavinas	Dossiê Políticas Públicas e Pobreza	REF Volume 4, No. 2, 1996
121.	Um Novo Conceito de Proteção Social	Virgínia Botelho	Dossiê Políticas Públicas e Pobreza	REF Volume 4, No. 2, 1996

122.	Gênero, Trabalho e Legislação Trabalhista no Brasil	Leila de Andrade Linhares Barsted	Dossiê Políticas Públicas e Pobreza	REF Volume 4, No. 2, 1996
123.	As Mulheres no Universo da Pobreza: o caso brasileiro	Lena Lavinias	Dossiê Políticas Públicas e Pobreza	REF Volume 4, No. 2, 1996
124.	Projeto de Geração de Renda para Mulheres de Baixa Renda	Alice Rangel Paiva de Abreu; Angela Jorge; Bila Sorj	Dossiê Políticas Públicas e Pobreza	REF Volume 4, No. 2, 1996
125.	The Abortion issue in Brazil: a study of the debate in Congress	Maria Isabel Baltar da Rocha	Encarte	REF Volume 4, No. 2, 1996
126.	Violência Simbólica. Saberes Masculinos e Representações Femininas	Rachel Soihet	Artigos	REF Volume 5, No. 1, 1997
127.	Se Eu Pudesse Não Ser Caixa de Supermercado...	Angelo Soares	Artigos	REF Volume 5, No. 1, 1997
128.	Apresentação	Alda Britto da Motta	Dossiê Gênero e Velhice	REF Volume 5, No. 1, 1997
129.	Características Sócio-Demográficas da População Idosa Brasileira	Kaizô Iwakami Beltrão; Ana Amélia Camarano	Dossiê Gênero e Velhice	REF Volume 5, No. 1, 1997
130.	Envelhecimento e Curso da Vida	Guita Grin Debert	Dossiê Gênero e Velhice	REF Volume 5, No. 1, 1997
131.	Palavras e Convivência – idosos hoje	Alda Britto da Motta	Dossiê Gênero e Velhice	REF Volume 5, No. 1, 1997
132.	Densidade da Memória, Trajetória e Projeto de Vida	Myriam Moraes Lins de Barros	Dossiê Gênero e Velhice	REF Volume 5, No. 1, 1997
133.	Histórias de Mais de 60 Anos	Clarice Ehlers Peixoto	Dossiê Gênero e Velhice	REF Volume 5, No. 1, 1997
134.	A Vida Começa Todo Dia	Benedita E. S. Lima Cabral	Dossiê Gênero e Velhice	REF Volume 5, No. 1, 1997

135.	Solidariedade Intergeracional e Reforma da Previdência	Júlio Assis Simões	Dossiê Gênero e Velhice	REF Volume 5, No. 1, 1997
136.	A Saudade em Festa e a Ética da Lembrança	Cornelia Eckert	Dossiê Gênero e Velhice	REF Volume 5, No. 1, 1997
137.	Symbolic Violence: male lore and female representations	Rachel Soihet	Encarte	REF Volume 5, No. 1, 1997
138.	A Diferença não é Mais Aquela	Angela Arruda	Artigos	REF Volume 5, No. 2, 1997
139.	A Intuição Feminista do Agit-prop no Teatro Brasileiro em Fins do Século XIX	Valéria Andadre Souto-Maior	Artigos	REF Volume 5, No. 2, 1997
140.	O Vírus Procurado e o Vírus Adquirido	Daniela Riva Knauth	Artigos	REF Volume 5, No. 2, 1997
141.	Pluralidade de Mundos entre Mulheres Urbanas de Baixa Renda	Jeni Vaitsman	Artigos	REF Volume 5, No. 2, 1997
142.	Mulheres & Militantes	Miriam Goldenberg	Artigos	REF Volume 5, No. 2, 1997
143.	A Sem-Terra Sem Roupa	Céli Pinto	Ponto de Vista	REF Volume 5, No. 2, 1997
144.	Apresentação	Ana Arruda Callado	Dossiê Aborto	REF Volume 5, No. 2, 1997
145.	O Lugar do Íntimo na Cidadania de Corpo Inteiro	Danielle Ardaillon	Dossiê Aborto	REF Volume 5, No. 2, 1997
146.	Atualizando os Dados sobre a Interrupção Voluntária da Gravidez no Brasil	Sonia Corrêa, Angela Freitas	Dossiê Aborto	REF Volume 5, No. 2, 1997
147.	O Movimento Feminista e a Descriminalização do Aborto	Leila Linhares	Dossiê Aborto	REF Volume 5, No. 2, 1997
148.	A Visita do Vaticano ao Brasil	Jacqueline Pitanguy	Dossiê Aborto	REF Volume 5, No. 2, 1997
149.	A Polêmica do Aborto na Imprensa	Jacira Melo	Dossiê Aborto	REF Volume 5, No. 2, 1997
150.	O Tratamento do Aborto pela Igreja Católica	Maria José Rosado Nunes	Dossiê Aborto	REF Volume 5, No. 2, 1997

151.	Carta Aberta por Ocasião da Visita do Papa ao Brasil	Católicas pelo Direito de Decidir	Dossiê Aborto	REF Volume 5, No. 2, 1997
152.	The Feminist Intuition in Late 19th- Century Brazilian Agitprop Theater	Valéria Andrade Souto-Maior	Encarte	REF Volume 5, No. 2, 1997
153.	A Mulher Trabalhadora na Dinâmica da Manutenção e da Chefia Domiciliar	Luiza M. S. Santos Carvalho	Artigos	REF Volume 6, No. 1, 1998
154.	Posições de Sujeito, Atuações de Gênero...	Karla Adriana M. Bessa	Artigos	REF Volume 6, No. 1, 1998
155.	Mulheres e Representação Política: a experiência das cotas no Brasil	Clara M. Araújo	Artigos	REF Volume 6, No. 1, 1998
156.	Discursos sobre a Masculinidade	Paulo de Oliveira	Artigos	REF Volume 6, No. 1, 1998
157.	Novas Tecnologias Reprodutivas: bem-vindas reflexões feministas	Marilena Villela Corrêa	Dossiê Novas Tecnologias Reprodutivas	REF Volume 6, No. 1, 1998
158.	Os Desafios para o Feminismo como Crítica da Cultura no 3º Milênio	Alejandra Ana Rotania	Dossiê Novas Tecnologias Reprodutivas	REF Volume 6, No. 1, 1998
159.	Working Women and the Dynamics of Maintaining and Heading Households	Luiza M. S. Santos Carvalho	Encarte	REF Volume 6, No. 1, 1998
160.	Entre a Melancolia e o Luto – mulher e trabalho	Isabel de Andrade Fortes	Artigos	REF Volume 6, No. 2, 1998
161.	Nas Fronteiras do Natural: gênero e parentesco	Adriana Piscitelli	Artigos	REF Volume 6, No. 2, 1998
162.	De Criadas a Trabalhadoras	Hildete Pereira de Melo	Artigos	REF Volume 6, No. 2, 1998

163.	Em Cena, os Homens...	Maria Luiza Heilborn, Sérgio Carrara	Dossiê Masculinidades	REF Volume 6, No. 2, 1998
164.	Cultura Reprodutiva e Sexualidade	Ondina Fachel Leal	Dossiê Masculinidades	REF Volume 6, No. 2, 1998
165.	A Primeira Vez Nunca se Esquece	Maria Luiza Heilborn	Dossiê Masculinidades	REF Volume 6, No. 2, 1998
166.	Vozes Masculinas numa Profissão Feminina	Marília Pinto de Carvalho	Dossiê Masculinidades	REF Volume 6, No. 2, 1998
167.	Reproductive Culture and Sexuality	Ondina Fachel Leal	Encarte	REF Volume 6, No. 2, 1998
168.	Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras de prestígio	Cristina Bruschini, Maria Rosa Lombardi	Artigos	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999
169.	A parteira ignorante: um erro de diagnóstico médico?	Maria Lúcia de Barros Mott	Artigos	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999
170.	Roberta Close e M. Butterfly: transgênero, testemunho e ficção	Maria Consuelo Cunha Campos	Artigos	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999
171.	Aids e a proteção: a visão de jovens de um bairro popular	Simone Monteiro	Artigos	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999
172.	A figueira do inferno: os reverses da identidade feminina	Eliane Portes Vargas	Artigos	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999
173.	Mulheres Indígenas: representações	Cristiane Lasmar	Dossiê Mulheres Indígenas	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999
174.	O surgimento das armas de fogo: alteridade e feminilidade entre os Javaé	Patrícia Mendonça Rodrigues	Dossiê Mulheres Indígenas	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999
175.	A dominação masculina. Formas (in)sustentáveis de ser homem e mulher	Tânia Mara Fonseca	Ensaio	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999
176.	Olhar a família a partir das relações de gênero	Yonissa Marmitt Wadi	Ensaio	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999

177.	Legalization and decriminalization of abortion in Brazil: Ten years of feminist struggle	Leila de Andrade Linhares Barsted	Sexuality and Reproductive Rights	REF Volume 7, si, 1999
178.	Contraception and Caesareans in Brazil: an example of bad reproductive health practice in need of exemplary action	Elza Berquó	Sexuality and Reproductive Rights	REF Volume 7, si, 1999
179.	The Body and sexual Morality in religious groups	Maria das Dores Campos Machado	Sexuality and Reproductive Rights	REF Volume 7, si, 1999
180.	The abortion issue in Brazil: A study of the debate in congress	Maria Isabel Baltar da Rocha	Sexuality and Reproductive Rights	REF Volume 7, si, 1999
181.	Reproductive Culture and Sexuality	Odina Fachel Leal	Sexuality and Reproductive Rights	REF Volume 7, si, 1999
182.	Rachel's Gown	Heloísa Buarque de Hollanda	Culture	REF Volume 7, si, 1999
183.	The feminist intuition in late 19th-century Brazilian agitprop	Valéria Andrade Souto-Maior	Culture	REF Volume 7, si, 1999
184.	Women of Gangsters: chronicle of a less-than-musical city	Alba Zaluar	Violence	REF Volume 7, si, 1999
185.	The Misfortune of Victimism	Maria Filomena Greogori	Violence	REF Volume 7, si, 1999
186.	Symbolic violence: Male lore and female representations	Rachel Soihet	Violence	REF Volume 7, si, 1999
187.	A Place in Government: alibi or conquest?	Maria Aparecida Schumacher, Elisabeth Vargas	Feminism	REF Volume 7, si, 1999

188.	Housewives, Mothers, Feminist, Fighters: women in the 1994 Brazilian elections	Céli Regina Jardim Pinto	Feminism	REF Volume 7, si, 1999
189.	Feminism in Brazil Today	Angela Borba, Hildete Pereira, Jacqueline Pitanguy, Wania Sant'Anna	Feminism	REF Volume 7, si, 1999
190.	Women and Labor in Brazil: the history of an issue and prospects for the future	Cristina Bruschini	Work	REF Volume 7, si, 1999
191.	Working women and the dynamics of maintaining and heading households	Luiza M. S. Santos Carvalho	Work	REF Volume 7, si, 1999

8.10 APÊNDICE J

Textos de Autoras/es que possuem conexões com o Brasil publicados na *Revista Estudos Feministas*

	Título	Autora	Exemplar	Nacionalidade/autor
1.	“O Dito e o Não-Dito”: reflexões sobre narrativas que as famílias não contam	E. Jean Langdon	REF Volume 1, No.1, 1993	EUA (vive no Brasil)
2.	Contracepção, controle demográfico e desigualdades sociais: análise comparativa franco-brasileira	Lucila Scavone; Hélène Bretin; Annie Thébaud-Mony	REF Volume 2, No.2, 1994	Brasil, França, França
3.	A beleza sensual de Leila e a vitalidade de matisse	Fayga Ostrower, Eli Diniz	REF Volume 2, No.2, 1994	Nascida na Polônia radicada no Brasil, Brasil
4.	A Classe Operária tem Dois Sexos	Helena Hirata Daniele Kergoat	REF Volume 2, No.3, 1994	Brasil (atuação profissional/radicada na França), França
5.	Iguais Mas Não Idênticas	Silvia Cristina Yannoulas	REF Volume 2, No.3, 1994	Argentina (Atuação profissional no Brasil)
6.	As Aventuras e o Consenso do Movimento Feminista no Caminho para o Cairo	Sônia Correa; Marisa Matamala; Nancy Palomino; Silvina Ramos	REF Volume 2, No.3, 1994	Brasil, Chile, Peru, Argentina
7.	Entre a Saudade da Terra e a América: mulheres imigrantes	Bela Feldman-Bianco; Donna Huse	REF Volume 3, No. 1, 1995	Brasil, EUA
8.	Mulheres entre os Kuikúro	Bruna Franchetto	REF Volume 4, No. 1, 1996	Itália (Atuação profissional no Brasil)

9.	Women among the Kuikúro	Bruna Franchetto	REF Volume 4, No. 1, 1996	Itália (Atuação profissional no Brasil)
10.	Resgatando Métis. O Que foi Feito desse Saber?	Adelina Pinheiro Santos; Lucía Tosi	REF Volume 4, No. 2, 1996	Brasil, Argentina (Atuação profissional no Brasil)
11.	Cambio Tecnológico y el Trabajo de las Mujeres	Laís Abramo; Marianela Armijo	REF Volume 5, No. 1, 1997	Brasil, Chile
12.	Bioética Feminista: a emergência da diferença	Debora Diniz; Ana Cristina González Vélez	REF Volume 6, No. 2, 1998	Brasil, Colômbia
13.	Homens e Reprodução	Karen Giffin; Cristina Cavalcanti	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999	Canadá (Atuação profissional do Brasil), Brasil
14.	Apresentação	Bruna Franchetto	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999	Itália (Atuação profissional no Brasil)
15.	Aquisição de gênero e habilidades produtivas: o caso Kaxinawa	Cecília McCallum	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999	Inglaterra (Atuação profissional no Brasil)
16.	Desnaturalizando gênero na sociedade Mebengôkre	Vanessa Rosemary Lea	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999	Inglaterra (Atuação profissional no Brasil)
17.	Women Among the Kuikúro	Bruna Franchetto	REF Volume 7, si, 1999	Itália (Atuação profissional no Brasil)

8.11 APÊNDICE K

Textos de Autoras/es brasileiras/os publicados em *Cadernos Pagu*

	Título	Autora		Exemplar
1.	Apresentação	Adriana Piscitelli		PAGU 1993, Volume 1
2.	A Propósito de Pagu	Mariza Corrêa	Artigos	PAGU 1993, Volume 1
3.	Categorias analítica e empírica: gênero e mulher; disjunções, conjunções e mediações	Suely Kofes	Artigos	PAGU 1993, Volume 1
4.	Imagens da prostituição na Belle Époque paulistana	Luiza Margareth Rago	Artigos	PAGU 1993, Volume 1
5.	A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e a concessão de Dotes	Leila Mezan Algranti	Artigos	PAGU 1993, Volume 1
6.	As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação	Ana Maria Goldani	Artigos	PAGU 1993, Volume 1
7.	Revistas femininas e o ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964)	Carla Bassanezi	Artigos	PAGU 1993, Volume 1
8.	Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico	Adriana Piscitelli	Artigos	PAGU 1993, Volume 1
9.	Apresentação	Mariza Corrêa		PAGU 1994, Volume 2

10.	A tradição honrada	Carlos Alberto Dória	Artigos	PAGU 1994, Volume 2
11.	Imagens de Safo	Joaquim Brasil Fontes	Artigos	PAGU 1994, Volume 2
12.	O Leito de Procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas	Claudia Lima Costa	Artigos	PAGU 1994, Volume 2
13.	O crime de sedução e as relações de gênero	Karla Adriana Martins Bessa	Artigos	PAGU 1994, Volume 2
14.	Apresentação	Carla Bassanezi		PAGU 1994, Volume 3
15.	Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites.	Suely Kofes	Artigos	PAGU 1994, Volume 3
16.	Histórias de (des)amores no "namoro no rádio": afetos e narrativas	Adriane de Mello Boff	Artigos	PAGU 1994, Volume 3
17.	Memória política: versões de gênero	Maria Noemi C. Brito	Artigos	PAGU 1994, Volume 3
18.	Apresentação	Leila Mezan Algranti		PAGU 1995, Volume 4
19.	Entrevista com Michelle Perrot	Sheila Schvarzman	Dossiê: "História das Mulheres no Ocidente"	PAGU 1995, Volume 4
20.	Melusinas, sereias e mulheres-serpentes na literatura sacra do século XVII	Mary Lucy Del Priore	Artigos	PAGU 1995, Volume 4
21.	Do público para o privado: redefinindo espaços e atividades femininas	Maria Izilda Santos de Matos	Artigos	PAGU 1995, Volume 4

22.	Entre a casa e a rua... memória feminina das festas açorianas no sul do Brasil	Maria Bernadete Ramos Flores	Artigos	PAGU 1995, Volume 4
23.	Apresentação	Susana Maria Moreira		PAGU 1995, Volume 5
24.	Quem pode falar, onde e como? Uma conversa "não-inocente" com Donna Haraway	Maria Cecília Mac Dowel dos Santos	Artigos	PAGU 1995, Volume 5
25.	Feminismo, luta anti-racista e bioética	Fátima Oliveira	Artigos	PAGU 1995, Volume 5
26.	A natureza imaginária do gênero na história da antropologia	Mariza Corrêa	Artigos	PAGU 1995, Volume 5
27.	Alguns aspectos da construção do gênero entre os Javaé da Ilha do Bananal	Patrícia de Mendonça Rodrigues	Artigos	PAGU 1995, Volume 5
28.	"On the rocks": corpo e gênero entre os escaladores do Paraná	Roberto Lima	Artigos	PAGU 1995, Volume 5
29.	Romanas por elas mesmas	Pedro Paulo Abreu Funari	Artigos	PAGU 1995, Volume 5
30.	Apresentação	Suely Kofes		PAGU 1996, Volume 6/7
31.	"Sexo tropical": comentários sobre gênero e "raça" em alguns textos da mídia brasileira	Adriana Piscitelli	Artigos	PAGU 1996, Volume 6/7
32.	Sobre a invenção da mulata	Mariza Corrêa	Artigos	PAGU 1996, Volume 6/7

33.	As mulatas que não estão no mapa	Antonio Jonas Dias Filho	Artigos	PAGU 1996, Volume 6/7
34.	Educação, raça e gênero, relações imersas na alteridade	Nilma Lino Gomes	Artigos	PAGU 1996, Volume 6/7
35.	Brasileiros e brasileiras: gênero, raça e espaço para a construção da nacionalidade em Cassiano Ricardo e Alfredo Ellis Jr.	Candice Vidal e Souza	Artigos	PAGU 1996, Volume 6/7
36.	Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro	Marcos Alves de Souza	Artigos	PAGU 1996, Volume 6/7
37.	Mediação feminina e identidades pentecostais	Patrícia Birman	Artigos	PAGU 1996, Volume 6/7
38.	Gênero e raça em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil	Aroldo Macedo, Mariza Corrêa, Otávio Ianni, Roberto Melo, Suely Kofes, Valter Roberto Silvério	Debate	PAGU 1996, Volume 6/7
39.	Comentar a revista Raça Brasil não é uma tarefa fácil	Suely Kofes	Comentários	PAGU 1996, Volume 6/7
40.	Comentário sobre a revista Raça Brasil	Adriana Piscitelli	Comentários	PAGU 1996, Volume 6/7
41.	Comentários sobre a revista Raça Brasil	Antonio Jonas Dias Filho	Comentários	PAGU 1996, Volume 6/7
42.	Apresentação	Adriana Piscitelli		PAGU 1997, Volume 8/9

43.	Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente	Fabíola Rohden	Artigos	PAGU 1997, Volume 8/9
44.	Histórias da Ivanilde no Alto Rio Juruá	Mariana Pantoja Franco	Artigos	PAGU 1997, Volume 8/9
45.	O império das paixões: uma leitura dos romances-folhetins de Nelson Rodrigues	Berta Waldman	Artigos	PAGU 1997, Volume 8/9
46.	O amor na literatura. Um exercício de compreensão histórica	Mônica Raisal Schpun	Artigos	PAGU 1997, Volume 8/9
47.	Práticas femininas da memória paulista: uma leitura da correspondência dos Pacheco e Chaves	Rosana Catelli	Artigos	PAGU 1997, Volume 8/9
48.	A liberdade entre a utopia e a história: Luce Fabbri e o anarquismo na América do Sul	Margareth Rago	Artigos	PAGU 1997, Volume 8/9
49.	O gênero na militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política	Marco Aurélio Garcia	Artigos	PAGU 1997, Volume 8/9
50.	Memórias de "Histórias femininas, memórias e experiências"	Suely Kofes, Adriana Piscitelli	Artigos	PAGU 1997, Volume 8/9
51.	Apresentação e agradecimentos	Elisabeth Bortolaia Silva		PAGU 1998, Volume 10

52.	Des-construindo gênero em ciência e tecnologia	Elisabeth Bortolaia Silva	Introdução	PAGU 1998, Volume 10
53.	Tecnologia e vida doméstica nos lares	Elisabeth Bortolaia Silva	Tecnologias do Lar	PAGU 1998, Volume 10
54.	Biotecnologias de procriação e bioética	Fátima Oliveira	Tecnologias de Reprodução	PAGU 1998, Volume 10
55.	Tecnologias reprodutivas: novas escolhas, antigos conflitos	Lucila Scavone	Tecnologias de Reprodução	PAGU 1998, Volume 10
56.	Automação, (des)qualificação e emoção nos paraísos do consumo	Angelo Soares	Tecnologias de Informática e Serviços	PAGU 1998, Volume 10
57.	Relações de Gênero no trabalho bancário informatizado	Liliana Rolfsen Petrilli Segnini	Tecnologias de Informática e Serviços	PAGU 1998, Volume 10
58.	Informática: domínio masculino?	Clevi Elena Rapkiewicz	Tecnologias de Informática e Serviços	PAGU 1998, Volume 10
59.	No brilho do verniz, a corrosão das operárias	Maria Amália A. Cunha	Tecnologias de Produção	PAGU 1998, Volume 10
60.	Dimensões e representações do trabalho fabril feminino	Cibele Saliba Rizek, Márcia de Paula Leite	Tecnologias de Produção	PAGU 1998, Volume 10
61.	"Aventureiras" nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil	Maria Margareth Lopes	Ciência	PAGU 1998, Volume 10
62.	Apresentação	Karla Adriana Martins Bessa		PAGU 1998, Volume 11
63.	Carta convite da organizadora	Karla Adriana Martins Bessa	Debate: Gênero, trajetórias e perspectivas	PAGU 1998, Volume 11
64.	"Uma pequena voz pessoal"	Mariza Corrêa	Debate: Gênero, trajetórias e perspectivas	PAGU 1998, Volume 11

65.	Gênero e a diferença que ele faz na pesquisa em psicologia	Sandra Azerêdo	Debate: Gênero, trajetórias e perspectivas	PAGU 1998, Volume 11
66.	Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea	Maria Izilda Santos de Matos	Debate: Gênero, trajetórias e perspectivas	PAGU 1998, Volume 11
67.	História das mulheres e história de gênero - um depoimento	Rachel Soihet	Debate: Gênero, trajetórias e perspectivas	PAGU 1998, Volume 11
68.	Descobrimo historicamente o gênero	Margareth Rago	Debate: Gênero, trajetórias e perspectivas	PAGU 1998, Volume 11
69.	Usos e limites da categoria gênero	Maria Lygia Quartim de Moraes	Debate: Gênero, trajetórias e perspectivas	PAGU 1998, Volume 11
70.	Gênero, um novo paradigma?	Lia Zanotta Machado	Debate: Gênero, trajetórias e perspectivas	PAGU 1998, Volume 11
71.	O tráfico do gênero	Cláudia de Lima Costa	Debate: Gênero, trajetórias e perspectivas	PAGU 1998, Volume 11
72.	Gênero em perspectiva	Adriana Piscitelli	Debate: Gênero, trajetórias e perspectivas	PAGU 1998, Volume 11
73.	De clonagens e de paternidades: as encruzilhadas do gênero	Rosely Gomes Costa	Masculinidades...	PAGU 1998, Volume 11
74.	"Flores do colonialismo". Masculinidades numa perspectiva antropológica (Entrevista com Miguel Vale de Almeida)	Mariza Corrêa; Adriana Piscitelli	Masculinidades...	PAGU 1998, Volume 11
75.	Masculinidade, sexualidade e estupro. As construções da virilidade	Lia Zanotta Machado	Dossiê Brasa 97 (I) (Peggy Sharpe, Mônica Raisa Schpun orgs.)	PAGU 1998, Volume 11

76.	Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de Aids - Notas de uma pesquisa	Maria das Dolores Campos Machado	Dossiê Brasa 97 (I) (Peggy Sharpe, Mônica Raisa Schpun orgs.)	PAGU 1998, Volume 11
77.	Anasbaco - Janelas da alma: olhar o amado e o olhar do amado em Baco e Anas Brasileiras de Yeda Schmalztz	Maria Angélica Guimarães Lopes	Dossiê Brasa 97 (I) (Peggy Sharpe, Mônica Raisa Schpun orgs.)	PAGU 1998, Volume 11
78.	Chorar, verbo intransitivo	Maria José Somelarte Barbosa	Dossiê Brasa 97 (I) (Peggy Sharpe, Mônica Raisa Schpun orgs.)	PAGU 1998, Volume 11
79.	A figura do poder na Fedra senequiana	Joaquim Brasil Fontes	Poder, Patrimônio, Memória	PAGU 1998, Volume 11
80.	Arras, dote e herança: a mulher aristocrata e o patrimônio familiar na Provença (final do século X - início do século XII)	Eliana Magnani Soares Christen	Poder, Patrimônio, Memória	PAGU 1998, Volume 11
81.	Uma narrativa testemunhal: as memórias de Anna Ribeiro	Nancy Rita Vieira Fontes	Poder, Patrimônio, Memória	PAGU 1998, Volume 11
82.	Apresentação	Mariza Corrêa		PAGU 1999, Volume 12
83.	A vida como obra	Beth Lobo	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12
84.	Meu encontro com a escritora	Lygia Fagundes Telles	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12
85.	Três facetas de uma escritora	Walnice Nogueira Galvão	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12

86.	De como uma moça bem comportada se torna Simone de Beauvoir	Cláudia T. G. Lemos	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12
87.	Simone de Beauvoir e a política	Marco Aurélio Garcia	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12
88.	Simone de Beauvoir e o amor americano	Maria Lygia Quartim de Moraes	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12
89.	Uma amizade apaixonada? Um episódio na carreira amorosa de Simone de Beauvoir	Maria Luiza Heilborn	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12
90.	Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão	Tania Navarro Swain	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12
91.	Notas sobre a "subversão da identidade": Em homenagem a Simone de Beauvoir, nos 50 anos d'O Segundo Sexo	Sandra Azerêdo	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12
92.	Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho	Marlise Miriam de Matos Almeida	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12
93.	Primórdios do conceito de gênero	Heleieth I. B. Saffioti	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12
94.	O "feminismo possível" de Júlia Lopes de Almeida	Leonora De Luca	Artigos	PAGU 1999, Volume 12
95.	Entre feminino e masculino: a identidade política de Carlota Pereira de Queiroz	Mônica Raisa Schpun	Artigos	PAGU 1999, Volume 12
96.	Um palacete todo seu	Norma Telles	Artigos	PAGU 1999, Volume 12

97.	Apresentação	Guita Grin Debert		PAGU 1999, Volume 13
98.	Bate-papo intergeracional na internet. Sexo, agressão e realidade virtual	Myrian Moraes Lins de Barros; Sara Nigri Goldman	Dossiê: Curso da Vida Adulta e Gerações	PAGU 1999, Volume 13
99.	Conflitos de geração e competição no mundo do trabalho	Roberto Grün	Dossiê: Curso da Vida Adulta e Gerações	PAGU 1999, Volume 13
100.	Duas abordagens aos asilos de velhos: da clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice	Daniel Groisman	Dossiê: Curso da Vida Adulta e Gerações	PAGU 1999, Volume 13
101.	As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento	Alda Britto da Motta	Dossiê: Curso da Vida Adulta e Gerações	PAGU 1999, Volume 13
102.	A noção de excepcionalidade na história das mulheres: o caso da geração de Flora Tristan	Moema Rezende Vergara	Artigos	PAGU 1999, Volume 13
103.	Memória, trabalho e identidade	Andréa Ferreira Delgado	Artigos	PAGU 1999, Volume 13
104.	Reverendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920)	Maria Lúcia Mott	Artigos	PAGU 1999, Volume 13

8.12 APÊNDICE L

Textos de Autoras/es que possuem conexões com o Brasil publicados no *Cadernos Pagu*

	Título	Autora	Exemplar	Nacionalidade/autor
1.	Gênero feminino mebengokre (kayapó): desvelando representações desgastadas	Vanessa Lea	PAGU 1994, Volume 3	Inglaterra (Atuação profissional no Brasil)
2.	Mulheres brancas no fim do período colonial	Maria Beatriz Nizza da Silva	PAGU 1995, Volume 4	Portugal (Atuação profissional Brasil)
3.	Mulher e Ciência: A revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna	Lucía Tosi	PAGU 1998, Volume 10	Argentina (Atuação profissional no Brasil)
4.	A construção social da produção científica por mulheres	Léa Velho; Elena León	PAGU 1998, Volume 10	Brasil, Colômbia (atuação profissional no Brasil)
5.	Satisfação de vida de homens e mulheres idosos no Brasil e na Alemanha	Johannes Doll	PAGU 1999, Volume 13	Alemanha (atuação profissional no Brasil)
6.	Carolina Muzilli ou a costureira que não deu o "mau passo"	Norberto Osvaldo Ferreras	PAGU 1999, Volume 13	Argentina (Atuação profissional no Brasil)

8.13 APÊNDICE M

Textos de Autoras/es estrangeiras/os publicados na *Revista Estudos Feministas*

	Título	Autora		Exemplar	Nacionalidade/autor
1.	Para além da irmandade	Elizabeth Fox-Genovese	Artigos	REF Volume 0, 1992	EUA
2.	A Instabilidade e das Categorias Analíticas na Teoria Feminista	Sandra Harding	Artigos	REF Volume 1, No.1, 1993	EUA
3.	Através do Espelho: mulher, cinema e linguagem	Teresa de Lauretis	Artigos	REF Volume 1, No.1, 1993	Itália (Radicada nos EUA)
4.	O Humano numa Paisagem Pós-humanista	Donna Haraway	Artigos	REF Volume 1, No.2, 1993	EUA
5.	Classe, Gênero e Soberania na Nicarágua	Norma Stoltz Chinchilla	Artigos	REF Volume 1, No.2, 1993	EUA
6.	Novas Tecnologias da Reprodução : risco ou liberdade para as mulheres?	Françoise Laborie	Dossiê Mulher e direitos reprodutivos	REF Volume 1, No.2, 1993	França

7.	Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo	Nancy Saporta Sternabch, Marysa Navarro-Aranguren, Patricia Chuchryk, Sonia E. Alvarez	Artigos	REF Volume 2, No.2, 1994	EUA, EUA, Canadá, Cuba (Atuação profissional nos EUA)
8.	Desigualdades de gênero: lésbicas, gays e teoria legal feminista	Elvia R. Arriola	Artigos	REF Volume 2, No.2, 1994	EUA
9.	Educação e Ideologia: profissionais liberais na América Latina no Século XIX	June E. Hahner	Artigos	REF Volume 2, No.3, 1994	EUA
10.	Imagens Negativas – para uma crítica cultural feminista negra	Michele Wallace	Artigos	REF Volume 2, No.3, 1994	EUA
11.	Mulheres e Direitos Humanos	Elizabeth Jelin	Artigos	REF Volume 2, No.3, 1994	Argentina
12.	Vamos Falar a Verdade sobre o Feminismo (Depoimento à revista Ms.)	bell hooks; Gloria Steinem; Urvashi Vaid; Naomi Woolf	Dossiê O feminismo hoje	REF Volume 2, No.3, 1994	EUA, EUA, Índia (radicada nos EUA), EUA
13.	Posadskaya Fala das Mulheres na Rússia	Maxine Molineux	Dossiê O feminismo hoje	REF Volume 2, No.3, 1994	Paquistão (radicada na Inglaterra)

14.	Feminismo e Reconstrução da Esquerda	Christine Delphy	Dossiê O feminismo hoje	REF Volume 2, No.3, 1994	França
15.	Sobre o movimento das mulheres na França	Françoise Picq	Movimento de Mulheres e Feminismo: Evolução e Novas Tendências	REF Volume 2, No.especial, 1994	França
16.	Negociar o impossível: As condições atuais de luta das mulheres no Quebec e no Canadá	Nicole Laurin	Movimento de Mulheres e Feminismo: Evolução e Novas Tendências	REF Volume 2, No.especial, 1994	Canadá
17.	A contribuição das mulheres à produção de palavras e sabores	Francine Descarries	Metodologia e Epistemologia da Pesquisa e do Ensino Feminista	REF Volume 2, No.especial, 1994	Canadá
18.	Do poder político e poético: Esquema de um raciocínio	Hélène le Doaré	Metodologia e Epistemologia da Pesquisa e do Ensino Feminista	REF Volume 2, No.especial, 1994	França
19.	A questão dos direitos reprodutivos na França	Michèle Ferrand	Saúde e Controle da Produção	REF Volume 2, No.especial, 1994	França
20.	Textualidade e da liberação: Liberdade do texto	Francoise Collin	Literatura e Produção Cultural	REF Volume 2, No.especial, 1994	Belgica (Radicada na França)

21.	``Enquanto tivermos mulheres para nos darem filhos`` A respeito da raça e do sexo	Colette Guillaumin	Relações Sociais de Gênero, Raça e Relações Interétnicas	REF Volume 2, No.especial, 1994	França
22.	Uma parceria feminista de pesquisa: A mulheres indígenas em meio urbano	Marie France Labrecque	Relações Sociais de Gênero, Raça e Relações Interétnicas	REF Volume 2, No.especial, 1994	Canadá
23.	A democracia representativa na ausência das mulheres	Michèle Riot-Sarcey	Estratégias Feministas e Representações Políticas	REF Volume 2, No.especial, 1994	França
24.	A representação política das mulheres do Quebec: Do campo escolar à ação do movimento das mulheres	Chantal Maillé	Estratégias Feministas e Representações Políticas	REF Volume 2, No.especial, 1994	Canadá
25.	Forma de família e socialização novos desafios	Dominique Fougeyrollas-Schwebel	Família ou Famílias? Individualização das Mulheres e Evolução da Família como Instituição	REF Volume 2, No.especial, 1994	França

26.	A administração escolar do regime misto na escola primária	Claude Zaidman	Educação e Formação	REF Volume 2, No.especial, 1994	França
27.	A exclusão das mulheres da prática das ciências: Uma manifestação sutil da dominação masculina	Michèle Ferrand	Educação e Formação	REF Volume 2, No.especial, 1994	França
28.	O êxito escolar das meninas em Quebec: O Surgimento de uma nova ideologia de sexo ou discurso da usurpação	Pierrette Bouchard	Educação e Formação	REF Volume 2, No.especial, 1994	Canadá
29.	Institucionalização dos estudos feministas na França	Claude Zaidman	A Institucionalização dos Estudos Feministas dentro das Universidades	REF Volume 2, No.especial, 1994	França
30.	As relações sociais de sexo novas pesquisas ou renovação da pesquisa?	Dominique Fougeyrollas-Schwebel	A Institucionalização dos Estudos Feministas dentro das Universidades	REF Volume 2, No.especial, 1994	França

31.	Estratégia de implantação de estudos feministas na universidade de Quebec em Montreal (UQAM) e perspectivas para o futuro	Francine Descarries	A Institucionalização dos Estudos Feministas dentro das Universidades	REF Volume 2, No. especial, 1994	Canadá
32.	A institucionalização dos estudos feministas na universidade de Quebec	Huguette Dagenais	A Institucionalização dos Estudos Feministas dentro das Universidades	REF Volume 2, No. especial, 1994	Canadá
33.	Violência e assédio sexual	Colette Gendron	Violência e Assédio Sexual	REF Volume 2, No. especial, 1994	Canadá
34.	Amor, Sexualidade e Relações Sociais de Sexo na França Contemporânea	Michel Bozon	Artigos	REF Volume 3, No. 1, 1995	França
35.	Las Mujeres en la Democratización Social	Beatriz Schmukler	Artigos	REF Volume 3, No. 1, 1995	Argentina
36.	Entre Igualdade e Liberdade	Geneviève Fraisse	Ponto de Vista	REF Volume 3, No. 1, 1995	França

37.	Uma Mirada del Proceso Hacia Beijing	Virginia Vargas	Dossiê A 4ª. Conferência Mundial da Mulher	REF Volume 3, No. 1, 1995	Peru (atuação profissional na Holanda)
38.	O que Pequim Significa para as Mulheres do Mundo	Noelleen Heyzer	Dossiê A 4ª. Conferência Mundial da Mulher	REF Volume 3, No. 1, 1995	Singapura
39.	Necessidade de Pais, Necessidade de Mães	Marilyn Strathern	Artigos	REF Volume 3, No. 2, 1995	Inglaterra
40.	Familia y Género: notas para el debate	Elizabeth Jelin	Artigos	REF Volume 3, No. 2, 1995	Argentina
41.	Intelectuais Negras	bell hooks	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995	EUA
42.	Mulher Negra Brasileira: um retrato	Rebecca Reichmann	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995	EUA
43.	Negociando a Subjetividade de de Mulata no Brasil	Angela Gilliam; Onik'a Gilliam	Dossiê Mulheres Negras	REF Volume 3, No. 2, 1995	EUA, EUA
44.	Refundar ou Reacomodar a Democracia ? Reflexões críticas acerca da paridade entre os sexos	Eleni Varikas	Artigos	REF Volume 4, No. 1, 1996	Grécia (Atuação profissional na França)

45.	Início no Brasil e Fim nos EUA?	Edward Telles	Dossiê Ações Afirmativas	REF Volume 4, No. 1, 1996	EUA
46.	Máscaras y Posdatas – estrategia femenina en la rebelión indígena de Chiapas	Marisa Belausteguigoitia Rius	Ponto de Vista	REF Volume 4, No. 2, 1996	México
47.	Família, Maternidad e e Profissão Militar	Helena Carreiras	Artigos	REF Volume 5, No. 1, 1997	Portugal
48.	As Relações entre os Sexos no Esporite	Eric Dunning; Joseph Maguire	Artigos	REF Volume 5, No. 2, 1997	Reino Unido, Reino Unido
49.	¿Primerio... las Damas? La situación de la mujer frente a propuesta del ingreso ciudadano	Laura C. Pautassi	Artigos	REF Volume 6, No. 1, 1998	Argentina
50.	El Sexo de la Biotecnología	Verena Stolke	Dossiê Novas Tecnologias Reprodutivas	REF Volume 6, No. 1, 1998	Alemanha (trajetória profissional da Espanha)
51.	Verde: notas sobre as implicações atuais da reprodução assistida	Paola Mieli	Dossiê Novas Tecnologias Reprodutivas	REF Volume 6, No. 1, 1998	EUA
52.	Feminismos Latinoamericanos	Sonia E. Alvarez	Artigos	REF Volume 6, No. 2, 1998	Cuba (Atuação profissional nos EUA)

53.	As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea	Michèle Barret	Artigos	REF Volume 7, No. 1 e 2, 1999	Inglaterra
-----	---	----------------	---------	----------------------------------	------------

8.14 APÊNDICE N

Textos de Autoras/es estrangeiras/os publicados na *Cadernos Pagu*

	Título	Autora		Exemplar	Nacionalidade/autor
1.	Narrativas de Don Juan: a linguagem da sedução na literatura e na sociedade hispânica do século dezesete	Patricia Seed	Artigos	PAGU 1994, Volume 2	EUA
2.	Mães para uma nova pátria européia	Verena Stolke	Artigos	PAGU 1994, Volume 2	Alemanha (trajetória profissional da Espanha)
3.	O senhor nos libertou: gênero, família e fundamentalismo	Mónica Tarducci	Artigos	PAGU 1994, Volume 3	Argentina
4.	Prefácio à Gender and Politics of History	Joan Wallach Scott	Debate	PAGU 1994, Volume 3	EUA
5.	Gênero, história das mulheres e história social	Louise A. Tilly	Debate	PAGU 1994, Volume 3	EUA

6.	Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott	Eleni Varikas	Debate	PAGU 1994, Volume 3	Grécia (Atuação profissional na França)
7.	Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência	Michelle Perrot	Dossiê: "História das Mulheres no Ocidente"	PAGU 1995, Volume 4	França
8.	Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)	Roger Chartier	Dossiê: "História das Mulheres no Ocidente"	PAGU 1995, Volume 4	França
9.	As mulheres trabalhadoras em São Paulo: de operárias não-qualificadas às esposas profissionais	Bárbara Weinstein	Artigos	PAGU 1995, Volume 4	EUA
10.	As mulheres e a construção do sentimento nacional Palestino	Sônia Dayan-Herzbrun	Artigos	PAGU 1995, Volume 4	França

11.	Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher	Alejandro Cervantes Carson	Artigos	PAGU 1995, Volume 4	México (Atuação profissional EUA)
12.	Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial	Donna Haraway	Artigos	PAGU 1995, Volume 5	EUA
13.	Fronteiras do masculino e do feminino ou a androginia como expressão	Mára Lucia Faury	Artigos	PAGU 1995, Volume 5	França
14.	Os desencontros da tradição em Cidade das Mulheres: raça e gênero na etnografia de Ruth Landes	Mark Healey	Artigos	PAGU 1996, Volume 6/7	Alemanha (Atuação profissional nos EUA)
15.	A ideologia do crossover e sua relação com o gênero	Angela Gilliam	Artigos	PAGU 1996, Volume 6/7	EUA

16.	Raça Brasil: por quem, para quem	Angela Gilliam, Onik'a Gilliam	Comentários	PAGU 1996, Volume 6/7	EUA, EUA
17.	Entre uma melanesiana e uma feminista	Marilyn Strathern	Artigos	PAGU 1997, Volume 8/9	Inglaterra
18.	Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário	Philippe Lejeune	Artigos	PAGU 1997, Volume 8/9	França
19.	Estratégias de casamento, história de mulheres e experiência de mulheres entre famílias de usineiros em Paraíba, Brasil	Margo L. Matwyck	Artigos	PAGU 1997, Volume 8/9	Canadá
20.	Tecnologia de produção: fazendo um trabalho de gênero	Judy Wajcman	Tecnologias de Produção	PAGU 1998, Volume 10	Austrália (atuação profissional na Inglaterra)
21.	Os homens e a geração de mudanças	Cynthia Cockburn	Conclusão	PAGU 1998, Volume 10	Reino Unido

22.	Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo"	Judith Butler	"Feminismo(s) Contemporâneo(s)"	PAGU 1998, Volume 11	EUA
23.	Do bom uso do mau gênero	Eleni Varikas	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12	Grécia (Atuação profissional na França)
24.	Auê sobre O Segundo Sexo	Sylvie Chaperon	Dossiê Simone de Beauvoir	PAGU 1999, Volume 12	França
25.	Criação de humanos e/ou de conceitos. A questão da maternidade n' O Segundo Sexo	Teresa Joaquim	Artigos	PAGU 1999, Volume 12	Portugal
26.	Feminismos viajantes: da mulher/corpo à cidadania de gênero	Millie Thayer	Artigos	PAGU 1999, Volume 12	EUA
27.	Construcción de las identidades femeninas colectivas	Sara Poggio	Artigos	PAGU 1999, Volume 12	EUA
28.	A performance da masculinidade portenha no churrasco	Jeffrey Tobin	Artigos	PAGU 1999, Volume 12	EUA

29.	Novas imagens do envelhecimento e a construção social do Curso da Vida	Tamara K. Hareven	Dossiê: Curso da Vida Adulta e Gerações	PAGU 1999, Volume 13	Romênia (Atuação profissional nos EUA)
-----	--	-------------------	---	----------------------	--